



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

VALERY LARBAUD E OS ANJOS DA LITERATURA:
um estudo crítico de suas cartas

Josina Nunes Magalhães Roncisvalle



Brasília - 2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**VALERY LARBAUD E OS ANJOS DA LITERATURA:
um estudo crítico de suas cartas**

Josina Nunes Magalhães Roncisvalle

Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Professora Doutora Germana Henriques Pereira

Coorientador: Professor Doutor Eclair Antonio Almeida Filho

Brasília, 2014

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

RONCISVALLE, Josina Nunes Magalhães. **Valery Larbaud e os anjos da literatura: um estudo crítico de suas cartas**. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2009, 164 f. Dissertação de mestrado.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

	Roncisvalle, Josina Nunes Magalhães.
R769v	Valery Larbaud e os anjos da literatura : um estudo crítico de suas cartas / Josina Nunes Magalhães Roncisvalle. - - 2014. x i, 164 f.; 30 cm.
	Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2014.
	Inclui bibliografia.
	Orientação: Germana Henriques Pereira de Sousa; Coorientação: Eclair Antonio Almeida Filho.
	1. Larbaud, Valery, 1881-1957 - Crítica, interpretação, etc.. 2. Tradução e interpretação. 3. Literatura francesa - História e crítica. I. Sousa, Germana Henriques Pereira de. II. Almeida Filho, Eclair Antonio. III. Título.
	CDU 840. 09

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -UnB

**INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

**VALERY LARBAUD E OS ANJOS DA LITERATURA
UM ESTUDO CRITICO DE SUAS CARTAS**

JOSINA NUNES MAGALHÃES RONCISVALLE

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.**

APROVADA POR:

Germana Henriques Pereira de Sousa, Doutora (Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - UnB)

(Orientador)

Piero Luis Zanetti Eyben, Doutor (Departamento de Teoria Literária - UnB)

(Coorientador e/ou Examinador Interno)

Marcelo Jacques de Moraes, Doutor (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

(Examinador Externo)

Brasília/DF, 19 de março de 2014.

DEDICATÓRIA

Ao maior de todos, a Hermes, deus daqueles que procuram. (*Ésquilo, As Suplicantes*)

À memória de Valery Larbaud.

À minha família, incluídos aqui Miguel Roncisvalle, meu marido e companheiro; meus filhos Dinah, Pedro, Flora e Bruno; meu genro Antonio Guaritá; meus netos Ítalo, Enzo e Mariana; meus pais, Zé João e Maria Nunes; meus irmãos e amigos.

AGRADECIMENTOS

Mais la maison de Jérôme Le Romain, où la trouverons-nous dans Rome, si nous voulons quelque jour remercier sa mémoire des dons qu'il nous a faits, et près de lui, chez lui, songer à ce qu'il fut, à ce qu'il est pour nous, et demander, peut-être, que par ses prières il éloigne de nous la paresse, le découragement, les contresens et les perniciox conseils des dictionnaires bilingues? (LARBAUD, 1997, p. 19).¹

A todos que me precederam nesta jornada, anônimos ou reconhecidos, para quem todo agradecimento será insuficiente.

Agradeço a compreensão e o estímulo de minha família.

Especialmente, agradeço à Professora Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa, minha orientadora, entusiasmada, generosa e exigente; ao Professor Dr. Eclair Antonio Almeida Filho, meu coorientador, pródigo em compartilhar livros e informações, sempre presente; ao POSTRAD, na pessoa de sua Coordenadora, Professora Dra. Válmi Hatje-Faggion, e suas secretárias; a Rodrigo D'Avila Braga Silva, que fez nossa capa e organizou as cartas contidas neste trabalho; a empenhado revisor Alexandre Vascoellos de Melo; e a todos os professores, que muito bem me receberam na Universidade, perceberam meus talentos e compreenderam minhas dificuldades.

Agradeço às contribuições recebidas dos professores Dr. Piero Luis Zanetti Eyben, do Departamento de Teoria Literária e Literatura da UnB; Dr. Marcelo Jacques de Moraes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Dra. Sabine Gorovitz, do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da UnB, participantes da banca de defesa.

À CAPES, que proveu enorme parte da bibliografia e outros recursos, para além do apoio meramente material.

¹ “Mas a morada de Jerônimo o Romano, onde a encontraremos em Roma, se quisermos algum dia agradecer a sua memória os dons que nos trouxe, e junto dele, em sua casa, meditar sobre o que ele foi, sobre o que ele é para nós, e pedir, talvez, que por suas súplicas ele afaste de nós a preguiça, o desânimo, os contrassensos e os conselhos perniciosos dos dicionários bilíngues.”

RESUMO

Esta dissertação propõe uma leitura dentro do pensamento de Valery Larbaud das marcas de seu “patriotismo cosmopolita”, exercitado principalmente através da literatura e de suas constantes viagens ao estrangeiro. Tendo vivido sob a divisa da literatura, Larbaud utilizou-se de múltiplas atividades nesse campo, notadamente a crítica literária e a tradução, tendo ainda se tornado reconhecido romancista e poeta. Sua correspondência com escritores e editores também compõe parte considerável de seus escritos. Realizou relevantes trabalhos como tradutor, prefaciador e pensador da tradução. Como crítico, deixou também importantes trabalhos publicados, que redundaram na descoberta de grandes escritores na França e até estrangeiros em seus países. Sua vasta correspondência é um documento vivo dos acontecimentos literários em seu meio e de seu tempo. A este estudo, portanto, interessa mergulhar um pouco nesse universo larbaudiano e pôr em relevo esse forte chamado que o levou a se constituir nessa personagem de fronteiras, por ele consideradas mais literárias que geográficas.

Palavras-chave: Valery Larbaud; tradução literária; literatura francesa; história da literatura.

ABSTRACT

This project proposes a reading into the thought of Valery Larbaud brands of his “cosmopolitan patriotism”, exercised mainly through literature and his frequent trips abroad. Having lived under the motto Literature Larbaud had acted in multiple activities in this field, notably literary criticism and translation, having also become recognized as a novelist and a poet. His correspondence with writers and publishers also composed a considerable part of his writings. He had conducted a relevant work as a translator, preface writer and thinker of the translation. As a critic, he also had his works published, that which resulted in the discovery of great writers in France and even foreigners in their countries. His vast correspondence is a living document of literary events in his environment and his time. In this study, therefore, our interest is diving a bit in the larbaldian universe and emphasizing this strong calling that led him to be a character that had passed beyond the boundaries, which were considered by him more literary than geographical.

Keywords: Valery Larbaud; literary translation; French literature; history of literature.

La composition de l'index est un travail aisé et reposant, un jeu plutôt, qui se place commodément après la correction des dernières épreuves; quelque chose comme faire le compte des as et des atouts qu'on a gagnés ou sauvegardés au cours de la partie
(LARBAUD, 1997, p. 303).²

² “A composição do índice é um trabalho fácil e repousante, mais para um jogo, que se segue comodamente à correção das últimas provas; algo como contar ases e trunfos que ganhamos ou resguardamos durante a partida.”

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	3
AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 VALERY LARBAUD, SUA VIDA SUA OBRA, SUA OBRA	
SUA VIDA	19
1.1 Valery Larbaud, dados bi(bli)ográficos.....	20
1.2 Larbaud sob a invocação de São Jerônimo	33
1.2.1 “Valery Larbaud, tradutor zeloso, teórico diletante”?	37
1.2.2. “Et qui, en 1946, connaissait Tytler”?	43
1.2.3. De Paris, da hospitalidade e da tradução	46
1.2.3.2 Uma dupla perspectiva da tradução.....	49
1.2.3.3 Uma dupla perspectiva da hospitalidade.....	51
CAPÍTULO 2 AS CARTAS	55
CAPÍTULO 3 DAS CARTAS	122
3.1 Estudo das cartas	123
3.1.1. Das cartas a Jacques Rivière e o “Romance de Aventura”	123
3.1.2 Das cartas a Édouard Dujardin e do monólogo interior.....	129
3.1.2.1 Édouard Dujardin.....	132
3.1.3. Das cartas a Paul Claudel e suas traduções	136
3.1.3.1 Aproximação pela tradução.....	136
3.1.3.2. Comentários pertinentes às traduções	140
3.1.4. Das cartas a Emmanuel Lochac e da poesia	143
3.1.5. Das cartas a Charles Du Bos e o prefácio aos <i>Sonetos</i>	150
3.2 Sobre a tradução das cartas	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163
APÊNDICE	167

INTRODUÇÃO

*En attendant je passerai cette nuit avec mon passé,
Près de mon passé vu par un trou
Comme dans les dioramas des foires (LARBAUD, 1966, p. 30).³*

³“Entrementes, passarei esta noite com meu passado,/Junto a meu passado visto por um buraco/ Como nos dioramas das feiras.”

Para bem começar este trabalho, que se pretende tecer em torno de Valery Larbaud, literatura e tradução, e a um só tempo fugir do impasse que o primeiro parágrafo de um texto suscita, apropriadamente me coloco à sombra de São Jerônimo, com esperança, nas palavras de Larbaud, de que “ainsi, à partir de l’instant ou Il est nommé jusqu’au point final, il n’y a pas un mot qui ne soit de lui-même”(LARBAUD, 1997, p. 52).⁴ Não obstante, também me resguardo de uma possessão, da exorbitação, encontrando justamente no mesmo ensaio larbaldiano um anteparo, um argumento que me manterá a segura distância do mito, talvez fora do alcance do efeito devastador da *hybris*. Atendendo a isso, recorto aqui todo um parágrafo de Larbaud, motivada ainda por sua beleza plástica e também por apresentar-se como um registro antecipador do caráter cosmopolita de nosso autor:

Il n’y a pas de foule. Un silence et une lumière paisibles, de bibliothèque, – coelestis Bibliothecae cultor; – des fresques sombres, riches, de tout repos. Luxe sans éclat, royal et monacal, de marbres et de boiseries. Saint-Roch, quelques portes plus loin dans Ripetta, est beaucoup plus fréquenté, et il a des fleurs de verre éclairées électriquement, et une chapelle de Notre-Dame-de-Lourdes qui ressemble à un grand aquarium à sec, avec une Sainte-Vierge et une Bernadette qui ont tout l’air d’être en papier découpé collé sur du carton. Roch est un saint populaire, et doit se laisser traiter familièrement. Jérôme, non. (“Prier saint Jérôme?” m’a dit un jour une jeune fille; “qui l’oserait? C’est comme saint Augustin: ils sont trop savants!”) Très eglise de quartier, Saint-Roch, et le mouvement du quartier y circule. À Saint-Jérôme, au contraire, on peu demeurer longtemps, dans une solitude aristocratique ou dans une tranquillité de bonne compagnie, assis sur les bancs de bois épais, bien vernis, aux dossiers hauts, tandis qu’une rêverie paisible fait repasser devant nous les souvenirs de nos voyages dans la cité hiéronymienne (LARBAUD, 1997, p. 20).⁵

Pois é sob essa luz difusa de São Jerônimo que penso em me mover labirinticamente entre os escritos de Larbaud, e as obras sobre Larbaud, para alcançar alguma ideia que corresponda a um justo trabalho sobre ele.

⁴ Salvo notação em contrário, todas as traduções deste trabalho são nossas. “Assim, a partir do instante em que ele é chamado até o ponto final, não há uma palavra que não seja dele.”

⁵ “Não há ajuntamento. Um silêncio e uma luminosidade branda, de biblioteca – *coelestis Bibliothecae cultor* –; afrescos soturnos, ricos, em pleno repouso. Luxo sem esplendor, real e monacal, de mármore e revestimentos de madeira. São Roque, algumas portas mais adiante na Ripetta, é muito mais frequentado, e há flores de vidro acesas eletricamente, e uma capela de Nossa Senhora de Lourdes que parece um grande aquário sem água, com uma Santa Virgem e uma Bernadete que parecem ser de papel recortado e colado em papelão. Roque é santo popular, e se deixa tratar familiarmente. Jerônimo, não. (‘Pedir a São Jerônimo’, disse-me um dia uma jovem; ‘quem o ousaria? É como Santo Agostinho: eles são eruditos demais!’) Bem paróquia de bairro, São Roque, e o movimento do bairro aí circula. Em São Jerônimo, ao contrário, pode-se ficar longo tempo, numa solidão aristocrática ou numa tranquilidade de boa companhia, sentado nos bancos de madeira pesada, bem envernizados, de encostos altos, enquanto um devaneio agradável desfia diante de nós as lembranças de nossas viagens à cidade hieronímica.”

Seguindo esse fio, falo do primeiro texto que adquiri de Valery Larbaud em francês, quando pensei em me aventurar neste estudo como tema de dissertação, *Lettres d'un retiré* [*Cartas de um retirado*], uma reunião de cartas suas, selecionadas por Michel Bulteau,⁶ cujos dedos sensíveis escolheram os versos do poema “Nuit dans le port”, tomados também aqui como epígrafe. E digo que me sinto como quase coautora deles, na medida em que com exatidão expressam o sentimento que me acompanhou no curso dos meses em que me dediquei às leituras da vida e da obra de Larbaud e à escritura deste trabalho. Mas, devo dizer que antes, muito antes de todos, conheci *Sob a invocação de São Jerônimo* (2001), em tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo, que adquiri quando ainda não pensava em fazer um curso de tradução, guiada talvez apenas por seu evocativo título. E foi a partir dele, dessas sincronicidades tão significativas, e da leitura paralela de um livro de Rafael López-Pedraza, *Hermes e seus filhos* (1999), que elaborei, em 2012, o primeiro projeto de mestrado, submetido à aprovação neste Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, deste Instituto de Letras.

Depois, outros livros, outras cartas, muitas outras fontes, outros versos, vieram se pôr à borda de minha mesa de estudos ou de cabeceira. E, todos, a cada vez que os abria, me pareciam exatamente com esses mecanismos de feira, chamados dioramas, poetizados por Larbaud, que me permitiam olhar como por um buraco algumas paisagens ou cenas que se sucediam em sequência ou velocidade meio descontínuas, simulando uma realidade, uma perspectiva desejava de profundidade e movimento.

Portanto, é sob a incidência dessas luzes intermitentes que busco investigar alguns aspectos do imenso e variado quadro que é Valery Larbaud. Para isso, ainda parafraseando seus versos, posso dizer que passei muitas noites com o seu passado e, junto com esse passado, em meio a ele, se puseram essencialmente as questões da tradução e da crítica, e, de forma absoluta, da literatura pairando sobre tudo. Mais uma vez me associo à sua feliz ideia do diorama, na medida em que todo ato de leitura que tenho feito pôs em andamento quadros revelados de uma obra, de uma escrita, ela própria também atingida pela ideia do diorama, a provocar novas leituras, traduções, interpretações sempre novas, em incessante processo.

Nesse ponto, é preciso reconhecer a incompletude deste trabalho, sua exiguidade, frente ao vasto material publicado sobre Larbaud e frente a sua obra, sua fortuna crítica. E esse reconhecimento, longe de se acompanhar de um sentimento de fracasso, mune-se da certeza de que abordar a vida de um homem tão múltiplo quanto Larbaud só se pode fazê-lo

⁶ Michel Bulteau, poeta, ensaísta e cineasta francês, nasceu em 8 de outubro de 1949.

por partes, por dioramas, a completude vista apenas como utopia, quando se trata de abraçar todas as suas atividades no campo literário, de um autor-crítico-tradutor, que recusava expressamente as fronteiras estabelecidas pelos gêneros e pelas práticas literárias, que tinha mesmo como propósito profundo diluir fronteiras. Por isso, parecem muito apropriadas aqui as palavras de Ortega y Gasset (1883-1955), filosofando sobre o humano de uma maneira geral e a tradução em particular, em seu antológico texto “Miseria y esplendor de la traducción” (1961), que ricamente põe em contiguidade destino e tradução. Preferirei antes a citação a qualquer tentativa de paráfrase, para melhor constatar a densa espessura da maturidade que, sem dúvida, resulta da sabedoria destilada de uma vida:

El destino el privilegio y el honor del hombre es no lograr nunca lo que se propone y ser pura pretensión, viviente utopía. Parte siempre hacia el fracaso, y antes de entrar en la pelea lleva ya herida la sien. Así acontece en esta modesta ocupación que es traducir. En el orden intelectual no cabe faena más humilde (ORTEGA Y GASSET, 1961, p. 433-452).⁷

Invoco, pois, aqui, ninguém menos que Ortega y Gasset para dizer que as dificuldades e limitações funcionam até como motor de estímulo.

Ao mesmo tempo, e não por acaso, beneficio-me duplamente, pois, partindo de Ortega y Gasset, já se antecipa aqui alguma modalidade de discussão sobre a tradução, precipitação pertinente e que solicita um delineamento claro dos passos a seguir neste trabalho, uma vez que a obra de um tradutor, de um pensador da tradução, de um literato pleno como Valery Larbaud, se apresenta como uma floresta densa e de uma extensão que extrapola uma dissertação de mestrado. De forma radical, está-se no cerne de um campo denominado tradução, em suas vastas concepções. Portanto, como prenuncia Ortega y Gasset, é certo que não lograrei tudo aquilo que anuncio, mas não é cabível renunciar à utopia.

Considera-se ainda que um outro projeto mais extenso poderia acolher também o autor Valery Larbaud, nem um pouco menos importante que o tradutor e o crítico. Mas tal amplitude foge ao escopo deste nosso trabalho, pelo menos no momento. E, por tal razão, será apenas mencionado em alguns comentários, além de sua bibliografia ao final. Importante dizer que essa é uma cena recorrente, Valery Larbaud ser visto amiúde mais pela perspectiva do tradutor/crítico em desvantagem do escritor. Esse fato reflete, em certa medida, o lugar que Larbaud destinou a suas criações literárias e à tradução em sua vida, e que, em sua época, já

⁷“O destino, o privilégio e a honra do homem é não lograr nunca o que se propõe e ser pura pretensão, vivente utopia. Parte sempre rumo ao fracasso, e, antes de entrar na peleja, leva já ferida a fonte. Assim acontece nesta modesta ocupação que é traduzir. Na ordem intelectual não cabe faina mais humilde.”

fora objeto de comentários dirigidos pessoalmente a ele por amigos próximos, Marcel Ray e André Gide. Em carta ao autor, Gide, em fevereiro de 1918, escreve palavras elogiosas à obra *Enfantines*, do amigo. Junto a elas, o conselho:

Vos exquisés Enfantines me plongent dans un enchantement sans mélange. Je les lis et relis chacune. [...] Cher ami il ne faut pas que les traductions vous accaparent. Vous nous devez d'autres joies que Fermina, que Barnabooth, que celles enfin que voici (GIDE, 1989, p. 178).⁸*

Seu amigo de longa data e de sua mais extensa correspondência, Marcel Ray, mais de dez anos após André Gide, em carta de 3 de agosto de 1928, volta à mesma questão, o que comprova que Larbaud, nesse particular, não observava bem o que lhe diziam os amigos próximos. À época da carta de André Gide, Larbaud estava atarefado com suas traduções dos livros de Samuel Butler e compunha, ao mesmo tempo, a novela *Beauté, mon beau souci* [*Beleza, minha bela inquietação*], que traz provisoriamente o título de *Martre*. Já em 1928, em sua carta, Ray, além de abordar o assunto da relação de Larbaud com as suas atividades de escritor e tradutor, alude diretamente ao desgaste de saúde causado ao amigo pelo envolvimento na tradução do *Ulisses* de Joyce, evento que, em si só, contém material para compêndios, sem dúvida, um momento histórico da tradução na França. Assim se expressa Marcel Ray:

Votre grignoteur de Coleridge me paraît divertissant, et je me réjouis que vous soyez de nouveau en plein travail; ajouterai-je que je me méfie toujours de cette "révision" de Joyce, qui une fois déjà vous a conduit à une sorte de "collapse"? Une fois pour toutes j'ai décidé que j'aimais mieux en vous l'artiste que le bénédictin, et que je m'inquiéterais toutes les fois que le second ferait tort au premier (LARBAUD, 1980c, p. 120).⁹

Ray responde, aqui, à carta de Larbaud, escrita poucos dias antes, em 30 de julho de 1928, da Itália, em que é mencionada justamente a revisão do *Ulisses*. Quanto à referência a Coleridge, Larbaud havia se referido, na mesma ocasião, de modo entusiasmado, à descoberta de um “prodigieux bouquin” (LARBAUD, 1980, p. 120) sobre as fontes distantes das palavras usadas pelo poeta inglês em *The Rhyme of the Ancient Mariner* [*A balada do velho*

⁸ “Suas delicadas *Enfantines* me mergulham em um puro encantamento. Eu as li e reli cada uma... [...] Caro amigo, não é preciso que as traduções o açambarquem. Você nos deve outras alegrias além de *Fermina*, de *Barnabooth*, destas aqui, enfim.”

⁹ “Seu mastigador de Coleridge me parece divertido, e me alegra que você esteja novamente em pleno trabalho; será acrescento que desconfio sempre desta ‘revisão’ de Joyce, que uma vez já levou você a uma espécie de ‘colapso’? De uma vez por todas, decidi que eu amava mais em você o artista que o beneditino, e que me inquietaria todas as vezes que o segundo prejudicasse o primeiro.”

marinheiro], que Larbaud houvera traduzido em 1911, com dedicação a seu amigo Marcel Ray.

De fato, os anos envolvidos pelas revisões de *Ulisses*, em conjunto com Joyce, haviam depauperado ainda mais a sempre frágil saúde de Larbaud, que trabalhava paralelamente em diversos projetos. Françoise Lioure, em sua Introdução às correspondências Larbaud-Gide, nota:

Larbaud est embarqué de 1925 à 1929 dans l'épuisante et interminable révision de la traduction de l' Ulysse de Joyce, se dépense en "campagnes littéraires" pour des auteurs étrangers ou français, travaille, avec une fièvre que l'on dirait suscitée par un obscur pressentiment, aux articles critiques qui formeront ses recueils de Sous l'invocation de saint Jérôme et de Ce vice impuni, la lecture (GIDE, 1989, p. 13).¹⁰

Tudo isso faz pensar que esse comportamento de Larbaud seja uma opção pessoal e consciente pela tradução, que ele tenha dado, presumivelmente, mais relevo a esta em sua vida, pelo menos em muitos momentos, dotando-a de uma importância maior entre suas atividades literárias. Há inúmeros documentos que o comprovam, que serão retomados no em nosso primeiro capítulo, expressamente dedicado ao tradutor Larbaud.

Contudo, em *Notes pour servir à ma biographie* (2006), ele discorre sobre a importância de suas atividades literárias, muito embora suas colocações aí se posicionem muito mais em termos de liberdade e de criatividade. Mas, no que pesem as razões das controvérsias, é preciso enfatizar a incontestável importância de Larbaud como autor, já perfeitamente reconhecido em seu tempo. A esse título, mais uma vez André Gide é uma perfeita testemunha:

Rien à vous dire sinon mon épatement et mon admiration devant le Barnabooth dont je viens de lire d'un coup la quatrième et la cinquième parties. Il y a là-dedans une inquiétude, une angoisse, extraordinaires; et rien n'est moins aisé à définir – car vraiment c'est un des livres les plus modernes que j'ai lus. Bravo! J'ai plaisir à me sentir votre ami (GIDE, 1989, p. 144).¹¹

O prestígio de Valery Larbaud e sua obra podem ser medidos pelo volume de

¹⁰ “Larbaud embarcou, de 1925 a 1929, numa extenuante e interminável revisão da tradução do *Ulisses* de Joyce, consome-se em ‘campanhas literárias’ por autores estrangeiros ou franceses, trabalha, com uma febre que diríamos suscitada por um obscuro pressentimento, nos artigos críticos que formarão suas coletâneas de *Sob a invocação de São Jerônimo* e de *Ce vice impuni, la lecture*.”

¹¹ “Nada a lhe dizer a não ser minha estupefação e minha admiração diante de *Barnabooth* do qual acabo de ler de um golpe a quarta e a quinta partes. Há dentro dele uma inquietude, uma angústia extraordinárias; e nada é menos fácil de definir – pois realmente é um dos livros mais *modernos* que li. Bravo! Tenho prazer em me sentir seu amigo.”

trabalhos publicados hoje sobre ele, na França e fora dela, e por outras iniciativas ligadas a seu nome, como o Prêmio Valery Larbaud, instituído em 1967 pela Associação Internacional dos Amigos de Valery Larbaud e pela cidade de Vichy, que conta entre seus premiados ilustres Le Clézio, Jacques Réda, Emmanuel Carrère e Jean Rolin.

Esta dissertação – que tem como foco algumas leituras do posicionamento de Larbaud frente à tradução, acrescido de dados sobre sua prática como crítico literário e de suas traduções, função que ele exerceu durante toda sua vida ativa –, pretende, a partir deste inventário, demonstrar como o destino do autor esteve em estreita relação com a literatura.

As obras principais tomadas como fontes para este trabalho são os livros *Sous l'invocation de saint Jérôme* (1997), as correspondências de Larbaud com figuras do meio literário francês, dentre elas o escritor André Gide (1989), o crítico, tradutor e amigo Marcel Ray (1980a,b, c); ao amigo e biógrafo G.-Jean Aubry (1971); as livreiras e editoras Adrienne Monnier e Sylvia Beach (1991); e o escritor e editor Jean Paulhan (2010). Ainda entre suas correspondências, o já citado *Lettres d'un retiré* (1992), com cartas reunidas e prefaciadas por Michel Bulteau, trocadas com vários escritores, entre eles Paul Claudel, Édouard Dujardin e Emmanuel Lochac. Incluídos ainda os livros *Ce vice impuni, la lecture (Domaine Anglais) suivi de Pages retrouvées* (1998) e *Ce vice impuni, la lecture (Domaine français)* (1968); *Journal* (2009); e *Notes pour servir à ma Biographie* (2006). Das obras exclusivas sobre Larbaud, foram fontes preciosas duas biografias, *Valery Larbaud* (1998), de Béatrice Mousli, e *Valery Larbaud, sa vie et son œuvre – la jeunesse (1881-1920)* (1949), de G.-Jean Aubry. Organizado ainda por Béatrice Mousli, *Valery Larbaud, le vagabond sédentaire* (2003).

Outras obras sobre o autor vieram agregar-se, na medida de suas descobertas – todas devidamente mencionadas. Além disso, visitamos alguns autores em que a presença de Larbaud traz um apoio importante para nossa pesquisa, como Michel Ballard, Pascale Casanova e Antoine Berman, e alguns *sites* descobertos na Internet, que foram julgados como portadores de importantes dados, todos devidamente constantes da Bibliografia.

Da obra de Larbaud, para o capítulo sobre Larbaud tradutor, alguns tópicos de seu *saint Jérôme* foram desdobrados em ensaios. Das demais leituras, feitas a título de esclarecimentos ou enriquecimento dos assuntos abordados nas cartas, boa parte de sua obra foi visitada, não só da que ele denominava obra de imaginação, romances e poesias (constantes de nossa bibliografia), mas também de sua obra crítica, *Ce vice impuni, la lecture (Domaine Anglais e Domaine Français)*, donde extraímos passagens de apoio à finalidade deste trabalho.

O *corpus* propriamente, contudo, são cartas traduzidas de *Lettres d'un retiré*. Esse livro compõe-se de 56 cartas ao todo, todas escritas por Larbaud entre os anos 1905 e 1932, endereçadas a vários destinatários, que incluem desde sua mãe até Tristan Tzara, enviadas a partir dos muitos lugares em que o autor se estabelecia por algum tempo (Londres, Chelsea, Roma, Barcelona), de residências mais permanentes (Paris, Valbois, Vichy e Saint-Yorre) ou mesmo de passagens mais curtas, como Marselha, Málaga, Paul, que não cobrem, nem de longe, os trânsitos de Larbaud, mas que exemplificam sua vocação para uma existência cosmopolita e, em muitos aspectos, solitária. Quanto a esse seu reconhecido gosto pelo retraimento, nessas cartas ele se exemplifica por sua localização mais frequente em *La Thébaïde*, sua famosa biblioteca de Vichy, isolada em meio aos vastos jardins de sua residência, onde ele se confinava frequentemente para estudar e trabalhar. Portanto, uma boa autodefinição que Larbaud soube dar-se, como um solitário recolhido, apesar de sua às vezes aparente mundanidade. Onde o título do livro organizado por Michel Bulteau, *Lettres d'un retiré*.

O centramento nas correspondências, que veio a gerar todo o terceiro capítulo, se justifica pela constante presença das discussões literárias ou teóricas, bem como sobre a tradução, nessas cartas de Larbaud. Conforme dito, de toda a correspondência acessada, citada em bibliografia, optou-se mais sistematicamente por uma seleção dentro de *Lettres d'un Retiré*, de Michel Bulteau, por entendermos que ela já é ricamente demonstrativa dos muitos aspectos do trabalho de Larbaud, prevalecendo dentre esses critérios as cartas em que o objeto de pesquisa está mais delimitado, sejam a tradução e a crítica, mais fartamente focado.

Assim, a composição deste trabalho compreende, além desta Introdução, o capítulo primeiro, que é destinado à apresentação do autor, sua vida e sua obra e a alguns textos construídos em torno das atividades de Larbaud como tradutor e pensador da tradução, com três tópicos escritos a partir de suas ideias sobre a tradução: “Valery Larbaud, tradutor zeloso, teórico diletante”, “Qui, en 1946, connaissait Tytler?” e “De Paris, da hospitalidade e da tradução”.

O segundo capítulo é composto pelas cartas escolhidas e suas traduções, acompanhadas das notas feitas por Michel Bulteau e respectivas traduções, e algumas informações sobre o caráter dessas correspondências.

O terceiro capítulo e as Considerações Finais traz comentários sobre a tradução das cartas, contempla algumas exposições sobre seu conteúdo: as endereçadas a Jacques Rivière, que tratam da discussão sobre o romance de aventura na França; as cartas para Dujardin,

sobre alguns eventos envolvendo a questão do monólogo interior; as cartas para Paul Claudel, que tratam de algumas traduções do autor de partes das obras dos autores ingleses Coventry Patmore e G. K. Chesterton, nas duas primeiras décadas dos anos de 1900; as cartas ao poeta Emmanuel Lochac, nas quais Larbaud trata mais precisamente de temas da literatura; e, finalmente, as cartas a Charles Du Bos, sobre a tradução dos sonetos de Shakespeare na França, por Émile Le Brun, prefaciadas por Larbaud. Ademais, o fechamento é composto, além das Considerações Finais, pelas Referências Bibliográficas e um Apêndice com a lista das obras de Valery Larbaud, as traduções que fizemos do ensaio “Les Anges de la Littérature” (1904) e do texto “La rosa nômada”, de Rafael Argullol.

As cartas selecionadas, em número de 18, traduzidas por mim e revisadas por meu coorientador, professor Eclair Antonio Almeida Filho, serão comentadas oportunamente, quando de sua apresentação. Por ordem de inclusão neste trabalho, estão assim distribuídas, com seus destinatários, abreviaturas para referências, datas e assunto como retranscreva.

Destinatário	Referência	Data	Assunto
Jacques Rivière	JR01	7.7.1913	“Roman d’Aventure” [Romance de Aventura]
	JR02	15.7.1913	“Roman d’Aventure” [Romance de Aventura]
Édouard Dujardin	ED01	11.8.1923	<i>Les lauriers sont coupés</i> [Os loureiros estão cortados]
	ED02	24.7.1930	<i>Les lauriers sont coupés</i> [Os loureiros estão cortados]
	ED03	8.8.1930	<i>O monólogo interior</i>
	ED04	13.8.1930	<i>O monólogo interior</i>
Paul Claudel	PC01	25.3.1910	Tradução de G. K. Chesterton
	PC02	27.5.11	Tradução de Coventry Patmore
	PC03	22.6.1911	G. K. Chesterton
	PC04	14.7.1911	Coventry Patmore

Emmanuel Lochac	EL01	15.12.1929	Sobre a poesia de Lochac e crítica
	EL02	3.7.1930	Recepção da obra de Lochac
	EL03	14.9.1930	Sobre escritores e poetas
Charles Du Bos	CD01	11.1.1926	Prefácio aos <i>Sonetos</i> de Shakespeare; pensamento de Samuel Butler sobre o assunto.
	CD02	25.11.1926	<i>Sonetos</i> de Shakespeare
	CD03	7.2.1927	Introdução à tradução de Émile Le Brun dos <i>Sonetos</i> de Shakespeare
	CD04	8.2.1927	Prefácio à tradução de Émile Le Brun dos <i>Sonetos</i> de Shakespeare
	CD05	11.2.1927	Prefácio à tradução de Émile Le Brun dos <i>Sonetos</i> de Shakespeare

CAPÍTULO 1

VALERY LARBAUD, SUA VIDA SUA OBRA, SUA OBRA SUA VIDA

Je suis un grand patriote cosmopolite! (LARBAUD, 1951, p. 1145)¹²

Pour sauvegarder et protéger mon travail j'ai évité même de lui donner une justification, aux yeux des gens de mon entourage, en "faisant" ouvertement et pour ainsi dire officiellement, "de la littérature" (LARBAUD, 2006, p. 62-63).¹³

¹² "Sou um grande patriota cosmopolita".

¹³ "Para salvaguardar e proteger meu trabalho, evitei até lhe dar uma justificação aos olhos das pessoas próximas, 'fazendo' abertamente e, por assim dizer, oficialmente 'literatura'."

1.1. Valery Larbaud, dados bi(bli)ográficos

O psicanalista e filósofo J. B. Pontalis¹⁴ foi o recebedor do Prêmio Valery Larbaud¹⁵ do ano 2004, com a obra *Traversée des ombres*. Na ocasião, foi saudado pelo escritor Michel Déon,¹⁶ presidente de honra do Juri do Prêmio, que teceu brilhantes considerações sobre a questão da sombra, reportando-se em seu discurso à temática do livro de Pontalis. Como suas reflexões vêm perfeitamente ao encontro do empenho que buscamos imprimir no desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos a elas reconhecidamente. Déon assim se dirige ao psicanalista:

Chacun de nous a son ombre que vous appelez la “métaphore de l’inconscient”. Valery Larbaud, qui nous reçoit ce soir, avait son ombre, et même ses ombres. Il les tenait secrètes, la plus importante étant, peut-être, sa conversion au catholicisme qu’il tenait pour un territoire réservé. Sans doute, cet homme de tant de pudeur, avait-il d’autres ombres que, parfois, nous devinons dans son œuvre enchantée (DÉON, 2005, p. 149-151).¹⁷

Nesse único parágrafo, Michel Déon define essencialmente Valery Larbaud, na medida em que referencia dois traços característicos seus, unanimidade entre os registros encontrados sobre o autor: a reserva e crença no poder revelador da obra. No que toca à primeira questão, sobre o episódio da conversão de Larbaud ao catolicismo, ele que descendia de uma família huguenote (sua mãe, uma “protestante agnostique”), conforme Mousli (1998, p. 30), encontramos, em correspondência com Gide, indicações de que apenas um grupo muito restrito, muito próximo, tinha conhecimento do fato, entre essas pessoas, poucos amigos do círculo literário, como Paul Claudel, Francis James, muito católicos, e o próprio André Gide. Sua mãe, Isabelle des Étivaux, que procurava manter estrito controle da vida do filho, ao que tudo indica, não tinha conhecimento de sua conversão ou, se o tinha, julgava-a fruto de más influências de amigos e livros. Em carta a Gide, datada de março de 1912,

¹⁴ Jean-Bertrand Pontalis (1924-2013), psicanalista, filósofo e escritor francês.

¹⁵ O prêmio Valery Larbaud (Le prix Valery-Larbaud) foi criado em 1967, aos dez anos de morte de Larbaud, pela Association internationale des amis de Valery Larbaud, em Vichy, para premiar obras literárias “qu’auraient aimée Larbaud, ou dont l’esprit, le sens et la pensée rejoignent celle de Larbaud” [que Valery Larbaud teria amado, ou cujo espírito, sentido e pensamento se unem aos de Larbaud]. Fonte: Wikipédia.

¹⁶ Michel Déon (Édouard Michel – 4 de agosto de 1919), romancista e dramaturgo francês.

¹⁷ “Cada um de nós tem sua sombra que o senhor chama a ‘metáfora do inconsciente’. Valery Larbaud, que nos recebe esta noite, tinha sua sombra, e mesmo suas sombras. Ele as guardava secretas, a mais importante sendo, talvez, sua conversão ao catolicismo, que ele tinha por um território reservado. Provavelmente, esse homem de tanto pudor, tinha outras sombras que, por vezes, adivinhamos em sua obra encantada.”

Larbaud escreve ao amigo: “Je veux, vous comprenez bien, me défendre [...] contre trois explications fausses: influences d’amis, influences de *livres ou de mode*, influences immorales [...]. My going over to Rome has been quite independant from externals, il a lieu *hors du temps*.”¹⁸

Sobre as possibilidades de revelação da obra sobre o autor, é certo que Larbaud acreditava que toda obra é, em sua essência, autobiográfica, não com referência a dados biográficos aí presentes, mas pelo próprio do autor que é destilado sobre sua escritura. Larbaud, apesar de aceitar algumas iniciativas em favor de ser biografado, acreditava mesmo nisso, que a grande e profunda revelação sobre o autor encontra-se disseminada em sua obra, talvez pairando como uma grande sombra fugidia a percepções pouco apuradas de qualquer biógrafo ou curioso de plantão. Jean-Philippe Segonds, em sua apresentação a “Deux lettres à Jean Paulhan”, mesmo considerando Larbaud como um dos grandes epistológrafos de seu século, expressa: “Journaux intimes, correspondances, biographies: Larbaud éprouvait une grande méfiance pour ces œuvres qui gravitent autour de l’*Œuvre* et qu’il juge ‘étrangères à la littérature’. C’est qu’il appelle le ‘pipi-au-lit’ des grands hommes” (LARBAUD, 1992c, p. 292).¹⁹ Banalidades? Apenas intimidades fisiológicas, laváveis, insignificantes?

Em conformidade com o pensamento de Michel Déon, acreditamos que resta um traço indesculpável na invasão da vida do autor, mesmo sob as melhores das intenções, e vemos pertinência quando ele diz que

tout homme a besoin d’ombres. L’acharnement avec lequel les biographes dissèquent la vie d’un écrivain disparu qui espérait voir ses ombres enterrées avec lui, dit, un peu, la curiosité portée aux quelques mystères de son œuvre et de sa personne (DÉON, 2005, p. 150).²⁰

O eco de suas palavras gera um certo pudor em avançar sobre a vida desse Outro e, por ter que fazê-lo, só resta que o faça com o sentido de reverência e incompletude.

De início, deve-se dizer que Valery Larbaud enfrentou grandes obstáculos em sua caminhada pela via da literatura, muito na ordem da saúde, talvez os mais difíceis, bem como

¹⁸ “Quero, você compreende bem, defender-me [...] contra três explicações falsas: influências de amigos, influência de *livros ou de moda*, influências imorais [...]. Minha passagem por Roma foi totalmente independente de fatores externos, aconteceu *fora do tempo*.”

¹⁹ “Diários íntimos, correspondências, biografias: Larbaud sentia uma grande desconfiança dessas obras que gravitam em torno da *Obra* e que ele julga ‘estranhas à literatura’. É o que ele chama o ‘xixi-na-cama’ dos grandes homens.”

²⁰ “Todo homem tem necessidade de sombras. O encarnecimento com que os biógrafos dissecam a vida de um escritor desaparecido, que esperava ver suas sombras com ele, diz um pouco da curiosidade voltada para alguns mistérios de sua obra e de sua pessoa.”

os de cunho familiar e social, não menos condicionantes, como poderemos constatar em seus dados biográficos, como filho único e herdeiro de grande fortuna, destinado pela família a uma vida para a qual ele não nutria a mínima inclinação. Ver-se-á também com que firmeza ele arrostou essas limitações e produziu uma robusta obra literária, como romancista, poeta, crítico e tradutor.

Valery Larbaud nasceu em Vichy, França, em 29 de agosto de 1881, onde também veio a falecer em 2 de fevereiro de 1957. Filho único de Nicolas Larbaud e Isabelle Bureau des Étivaux, órfão de pai aos 8 anos de idade, foi criado pela mãe Isabelle e sua irmã gêmea Jane. Menino de saúde frágil, teve a vida escolar marcada por interrupções, professores particulares, alguns internatos, entre colégios provincianos e parisienses, monitorado pela onipresente mãe, que se empenhava em manejar todas as suas relações, chegando mesmo a interferir na disciplina das escolas, onde, por todos os meios, principalmente pelos econômicos, buscava cumplicidade junto aos dirigentes. Segundo Béatrice Mousli, para se ter uma ideia,

Les deux sœurs approvisionnent le collège en denrées diverses, de la pastille de Vichy pour tous aux poulets et produits de la ferme de Valbois pour la table du directeur, table à laquelle Valery est souvent convié. Même à distance, donc, le clan Bureaux des Étivaux-Larbaud-Saint-Yorre veille activement sur son rejeton (MOUSLI, 1998, p. 35).²¹

Larbaud vivia, portanto, entre essas duas mulheres, de cuja teia de atenções excessivas ocupava o centro e a cuja expectativa, até certa idade, ao que parece, fazia muito para corresponder. Mas, ao contrário do caráter autoritário e senhorial da mãe Isabelle, a tia Jane parecia mais suave e estabelecia com o sobrinho uma relação mais amena, principalmente quando das estadias dele na propriedade de Valbois, onde ela morava. Segundo registro de Mousli, “[...] surtout Valbois. [...] Moments de bonheur sans aucune doute, que complètent des heures de complicité avec la tante Jane qui, à la nuit tombée, entretient son neveu d’histoires de fées et l’initie aux légendes de son terroir”(MOUSLI, 1998, p. 36).²²

Contudo, ao atingir os 18 anos, Larbaud, que parecia acomodado a essa disciplina familiar, começa a reivindicar autonomia. Fracassa diante do pulso forte da senhora Larbaud,

²¹ “As duas irmãs abastecem o colégio com provisões diversas, da pastilha de Vichy para todos aos frangos e produtos da fazenda de Valbois para a mesa do diretor, mesa para a qual Valery é convidado frequentemente. Mesmo a distância, portanto, o clã Bureaux des Étivaux-Larbaud-Saint-Yorre vela ativamente por seu rebento.”

²² “[...] sobretudo Valbois. [...] Moments de felicidade sem nenhuma dúvida, que são completados pelas horas de cumplicidade com a tia Jane, que, caída a noite, entretém seu sobrinho com histórias de fadas e o inicia nas lendas de sua terra.”

e as relações entre os dois se tornam mais e mais tensas, culminando com uma demanda judicial do rapaz pela herança paterna ao completar sua maioridade aos 21 anos. Desta vez, o êxito foi ainda parcial. Sua mãe alegou incapacidade do filho para gerir a própria vida financeira, argüindo os riscos a que ele fora submetido em tentativas de emprestadores agiotas, de olho em sua fortuna, assédios ocorridos em mais de uma ocasião. Pactuada uma quantia mensal para suas despesas, Larbaud se volta para seus estudos e viagens, estas, cada vez mais frequentes.

Essas são linhas mínimas para o desenho do quadro dos primeiros anos de vida de Larbaud, que certamente tiveram importantes influências em suas escolhas. É provável que, em decorrência das restrições impostas por uma saúde oscilante, desde cedo, se sobressai nele o amor pela literatura. Naturalmente, um solo fértil já próprio de seu caráter e condições materiais propícias não são aqui desprezados. Fato é que, principalmente em seus anos escolares, Larbaud, impedido de exercitar-se em todas as atividades nos colégios e recolhido periodicamente a suas enfermarias, aprendeu a cultivar a leitura e a reflexão em sua precoce solidão. Fosse nas classes escolares que frequentou na Burbônia, sua região, ou no liceu em Paris, em cujas saídas aproveitava largamente para comprar livros, conforme relata Mousli: “Valery se les procure lors de ses jours de sortie [...] Il se rend chez les bouquinises parisiens, à la recherche d’éditions rares ou de recueils aux tirages confidentiels de ces Parnassiens qui lui inspireront ses premiers vers”) (MOUSLI, 1998, p. 33-34);²³ fosse na prolongada correspondência que trocava com o amigo de adolescência, Marcel Ray, o culto pela literatura, nacional e estrangeira, é uma constância, que resultará na aquisição de uma erudição autêntica, nutrida pela leitura e pelo estudo de línguas, que vão alimentar sua vocação de escritor e sua devoção pela tradução, pelo trabalho literário.

Sua opção pela literatura se afirma com sua entrada para a Sorbonne, em 1902, no curso de licenciatura em Letras, opção letras inglesas. Ainda vive sob a tutela da mãe. Mas seus propósitos se definem claramente: considera-se um anglicista, devotado, principalmente, às literaturas inglesa e norte-americana. Encomenda dos Estados Unidos as obras completas de Henri Thoreau e Nathaniel Hawthorne. Descobre Walt Whitman, que irá influenciar sua obra poética. Estuda a língua inglesa e seus autores febrilmente. Contudo, não negligencia a leitura dos clássicos franceses. Nessas alturas, o arcabouço da literatura francesa já está praticamente dominado para ele: os autores dos séculos XV, XVI e XVII, por quem ele tinha

²³ “Valery os adquire quando de seus dias de saída [...] Ele se dirige para os antiquários parisienses, em busca de edições raras ou de recolhas de edições confidenciais daqueles parnasianos que lhe inspirarão seus primeiros versos.”

predileção especial; simbolistas; a literatura moderna e contemporânea – todas as aquisições de seus anos escolares, em que enfrentou alguns momentos de leituras desorientadas, que, depois – se mostrarão importantes. De passo com seus estudos na universidade, Larbaud praticava um caminho próprio. Mais tarde admitirá que “Les vrais études sont faites en dehors des programmes” (MOUSLI, 1998, p. 33-34).²⁴

Cedo, sabedor dessa verdade, Larbaud fez incessantes aquisições de livros, para atender sua bússola interior, que o direcionava a uma formação particular. Com isso, constituiu sua fabulosa *Thébaïde*, biblioteca e refúgio, lugar consagrado ao trabalho intelectual em Vichy, posteriormente, Valbois. *Tebaida* se reporta à região do Egito para onde se retiravam os famosos eremitas dos primeiros séculos do Cristianismo, os “Padres do Deserto”. Mas, segundo sua biógrafa Béatrice Mousli, Larbaud prestou aqui uma homenagem a Huysmans, com sua personagem “Des Esseintes”, de *À Rebours* [*Às avessas*], “qui ‘rêvait à une thébaïde raffinée, à un désert confortable, à une arche immobile et tiède où il se réfugierait loin de l’incessant déluge de la sottise humaine” (MOUSLI, 1998, p. 90).²⁵

Entretanto, no que pese todo o ardor devotado à leitura e ao reconhecimento da importância dela em sua formação, Larbaud não perde de vista que só ela não é suficiente. Ou mesmo, essencial. Sabe que, em uma vida, outros fatores, alguns imponderáveis, comparecem de modo muito mais decisivo. E, com sua costumeira lucidez, a um conselho dado por Emerson (em “À moins que ce ne soit H. D. Thoreau”) de que ler sempre, qualquer coisa que seja, nos torna sábios, ele não contemporiza:

Nous savons bien que nous ne deviendrons pas savants à force de lire n’importe quoi, – mais nous avons un espoir, assez confus, de devenir, à force de lire, plus sages et plus heureux. Ce n’est peut-être qu’une mauvaise excuse: un nombre immense d’hommes qui ont été parfaitement sages et heureux, et un certain nombre de saints, ne savaient pas lire (LARBAUD, 1949, p. 30).²⁶

Quanto aos estudos, por fim, Larbaud não chegará a concluir o curso de Letras. Por provável pressão de sua mãe, que não se conformava com sua paixão pela literatura, e

²⁴ “Que sonhava com uma tebaïda refinada, com um deserto confortável, com uma arca imóvel e tépida onde ele se refugiaria longe do incessante dilúvio da tolice humana.”

²⁵ “Des Esseintes” de *Às Avessas*, que sonhava com uma tebaïda refinada, um deserto confortável, uma arca imóvel e tépida onde se refugiaria longe do incessante dilúvio da estupidez humana.

²⁶ “Sabemos bem que não nos tornaremos sábios de tanto ler qualquer coisa –, mas temos uma esperança, bastante confusa, de nos tornarmos, de tanto ler, mais sábios e mais felizes. Isso é talvez apenas uma má desculpa: um número imenso de homens que foram perfeitamente sábios e felizes, e um certo número de santos, que não sabiam ler.”

obtendo aval de seu médico para permanecer longo período em Paris, ele começa paralelamente um curso de Direito. Uma ocorrência em seu estado de saúde, com forte prostração, entretanto, vai fazê-lo abandonar de vez os esforços que fazia para se manter regularmente como aluno. Após esse episódio, em 1908, Valery Larbaud se decide em definitivo pela carreira literária. A partir de então, ele se consagra ao ofício de sua vida: a literatura.

Com seu reconhecido rigor, ele tem consciência do quanto as circunstâncias especiais de sua vida foram decisivas para suas escolhas, e reitera isso sempre que se apresenta uma oportunidade. Por exemplo, nos anos de 1930, em resposta à questão “J’aimerais connaître en détail une de vos journées de travail”, feita pelo editor da revista *Nouvelles Littéraires*, Maurice Martin du Gard, com o propósito de escrever uma sua biografia, Larbaud, repetindo palavras de um de seus personagens de *Amants, heureux amants* [*Amantes, felizes amantes*] (LARBAUD, 1986, p. 152) – “*Vivre pour travailler*” –, entre outras coisas, não deixa fugir sua clareza e demonstra sua dimensão profundamente humana ao reconhecer modestamente :

Je ne dois cependant pas me faire un mérite de m’être volontairement sacrifié au travail. Ma mauvaise santé (chronologiquement: paludisme, une hernie, des troubles nerveux, une pneumonie double) m’a dès l’enfance mis pour ainsi dire “à part”, ou en marge de la vie d’action (ARBAUD, 2006, p. 65).²⁷

Estabelecer cronologicamente os fatos mais importantes da vida de Larbaud, tanto do ponto de vista da vida pessoal quanto literária, permitirá que se tenha uma ideia mais abrangente de suas vivências, tão cheias de interrupções, de altos e baixos, de deslocamentos e crises de saúde.

Ainda na infância, Larbaud faz frequentes viagens a Paris para cuidados médicos, em companhia da mãe. Na adolescência, além desses tratamentos em diversas estações de cura, começam as viagens de recreio, em companhia da mãe e da tia, algumas vezes. Viaja pela França e países vizinhos. Em 1895, aos 13 anos, vai com as duas passar o carnaval em Nice e visita a Riviera italiana. Aí, pela primeira vez, ele registra a sensação de estar em um país estrangeiro, ouvindo uma língua diferente da sua.

O ano seguinte, 1896, marcará, mesmo que timidamente, sua carreira literária. Naquela data, aos 15 anos de idade, ele publica *Portiques*, coletânea de poemas, com uma

²⁷ “Não devo, entretanto, me conceder o mérito de me ter voluntariamente sacrificado ao trabalho. Minha saúde ruim (cronologicamente: paludismo, uma hérnia, distúrbios nervosos, uma pneumonia dupla) me colocou desde a infância, por assim dizer, ‘à parte’, ou à margem da vida de ação.”

tiragem de 100 exemplares, por Simon Fumoux, em Cusset, à custa de sua mãe, que, segundo G.-Jean Aubry, “avait voulu montrer aux amis de la famille que, malgré ses insuccès scolaires, le jeune homme n’était pas tout à fait un illettré” (AUBRY, 1949, p. 38).²⁸

No ano próximo, 1897, Larbaud e a mãe viajam à Espanha. No subseqüente, 1898, ele torna à Espanha e viaja à Itália. Nesse mesmo ano, como prêmio por seu sucesso escolar, ganha uma viagem de três meses pela Europa, em companhia de seu tutor, Senhor Louis Valdoire (1856-1935), homem de confiança de Nicholas Larbaud, seu pai, e visita Liège, Colônia, Berlim, São Petersburgo, Moscou, Kharkov, Constantinopla, Sofia, Belgrado e Viena.

Viaja novamente à Itália, com a mãe, em 1899: visita Gênova, Florença, Veneza, Milão e Turim. Mais uma vez, em 1900, Larbaud volta à Itália (Roma, Nápoles, Florença, San Martin, Veneza, Milão e Turim), desta vez em companhia do amigo Jean-José Frappa, que também será escritor. Nesse ano, acontece sua segunda aventura literária: sob o pseudônimo de L. Hagiosy, publica *Les Archontes ou la Liberté religieuse* (1900), em Cusset. Sabe-se que essa comédia, dada como uma tradução do grego, era, na verdade, um texto autoral de Larbaud, inspirado em Aristófanes.

Em 1901, Larbaud viaja com o amigo Marcel Ray à Holanda e à Bélgica. Na ocasião, traduz *The Rhyme of the Ancient Mariner*, de Coleridge, publicado por Léon Vanier (1901), mais uma vez a expensas de sua mãe, tradução de que ele fará uma nova publicação dez anos mais tarde, revisada e mais uma vez à sua custa, conforme G.- Jean Aubry, “sous l’impulsion du désir qu’il eut ‘de faire des excuses à Coleridge et à soi-même’” (AUBRY, 1949, p. 62).²⁹ Com esse trabalho, segundo seu biógrafo,

Valery Larbaud faisait ainsi son entrée dans l’édition parisienne avec une traduction parfois malhabile, mais honorable, précédée d’une Notice de vingt-quatre pages qui témoigne d’études sérieuses et de soigneuses habitudes, et où l’on rencontre déjà ce mélange d’érudition et d’impressions vivantes qui caractérisera par la suite ses ouvrages critiques (AUBRY, 1949, p. 61).³⁰

Também naquele ano, exatamente no dia de seu aniversário de 20 anos, em 28 de

²⁸ “quisera mostrar aos amigos da família que, apesar dos insucessos escolares, o rapaz não era completamente um iletrado”.

²⁹ “Sob o impulso que ele teve de ‘desculpar-se com Coleridge e consigo mesmo’.”.

³⁰ “Valery Larbaud fazia assim sua entrada na edição parisiense com uma tradução às vezes inábil, mas honorável, precedida de uma Nota de vinte e quatro páginas que testemunha estudos sérios e cuidadosos hábitos, e onde já se encontra essa mistura de erudição e vivas impressões que caracterizará mais tarde suas obras críticas.

agosto de 1901, a revista *La Plume* publica suas traduções de algumas baladas irlandesas e escocesas.

Em 1902, ele viaja a Munique, onde está morando Marcel Ray, em companhia da tia Jeanne Bureau des Étivaux, depois à Inglaterra, em companhia de sua mãe e do amigo Paul Colombier. Aparentemente influenciado pela vida de dissipação material desse amigo, começa a trabalhar nas obras de *A. O. Barnabooth*.

O ano de 1903 é marcado por deslocamentos constantes. Em companhia de uma namorada de nome não divulgado, Larbaud viaja novamente à Itália; meses depois vai a Atenas com a mãe; passa o inverno em Toulouse.

Em 1904, publica o artigo “Ange de la littérature”, na revista *L'Œuvre d'Art International*, e começa a colaborar regularmente na revista *La Phalange*; e, em 1905, encarregado por sua mãe dos negócios de Saint-Yorre-Vichy, viaja à Argélia. Depois, visita Túnis e Hipona. No mesmo ano, com uma outra jovem, viaja pela Escandinávia e, mais uma vez, pela Espanha.

A segunda metade da década será marcada novamente por muitos deslocamentos. Em 1906 e 1907, passa o inverno em Montpellier, onde se refugiava por conveniências de saúde. Ainda em 1907, vai à Inglaterra e permanece algum tempo em Londres. Em 1908, visita Barcelona, Marselha e Nice; publica *Barnabooth, Poèmes par un riche amateur*, pela editora Messein, e concorre com eles ao prêmio Goncourt. *Barnabooth* receberá, de imediato, grande consagração. André Gide não cessará de fazer campanha para que Larbaud se faça publicar pela *NRF*. Com efusividade, escreve a Larbaud:

Pourquoi ne donneriez-vous pas ce Journal d'un homme libre que vous me faites déjà désirer, à La Nouvelle Revue Française qui sera heureuse de vous compter parmi ses collaborateurs, et dans le second N° de laquelle je me suis laissé aller à dire quelque bien de Barnabooth, ce qui amorcera le lecteur (GIDE, 1989, p. 36-37).³¹

Essa versão primeira de *Barnabooth* se tornaria, em pouco tempo, um exemplar raro.

No verão de 1909, instala-se em San Remo, depois em Montpellier. Nesse ano, no enterro de Charles-Louis Philippe, conhece Léon-Paul Fargue, de quem se tornará grande amigo. Vai à Inglaterra: Londres, Warwick. Percorre todo aquele país e começa um estudo sobre Walter Savage Landor, que também o levará com muita frequência à Itália, onde Landor passou parte de sua vida.

³¹ “Por que você não daria esse *Journal d'un homme libre* que já me fez desejar, a *La Nouvelle Revue Française* que ficará feliz de contar com você entre seus colaboradores, e no segundo N° da qual me permiti até dizer um tanto de *Barnabooth*, o que iniciará o leitor.”

Em 1910, vai à Suíça. Faz uma excursão pela França com Léon-Paul Fargue. Por essa época, Larbaud se converte ao catolicismo, e em 24 de dezembro, recebe o batismo, sem o conhecimento de sua mãe, descendente fervorosa de uma tradicional família huguenote. Apenas alguns amigos, como Gide e Claudel, têm conhecimento do fato. Seu livro *Fermina Márquez* começa a ser publicado na *Nouvelle Revue Française* e, em *La Phalange*, sai *Un Hommage à Charles-Louis Philippe* e *Le Couperet* (1910).

Em 1911, em Béarn, encontra Francis Jammes e Alexis Léger (Saint-John Perse), e, em Londres, encontra André Gide. *Fermina Márquez* é publicado por Fasquelle e *Charles-Louis Philippe*, por Georges Bodat, em Cérilly. Esse ano de 1911 será de grande afirmação para Larbaud dentro de seus planos de uma carreira literária. Esse fato se reveste de uma enorme importância para ele, para consolidação de sua carreira literária. Até aí, conforme depoimento em *Notes pour servir à ma biographie*, em um momento em que fala sobre seu trabalho, Larbaud confessa abertamente a enorme pressão familiar e social que sofria para que se tornasse um administrador de sua fortuna pessoal ou mesmo se engajasse em alguma profissão burguesa. É tocante sua confissão e sua avassaladora solidão:

*Ainsi jusqu'à la publication de Fermina Márquez chez Fasquelle, en 1911, – donc pendant 10 ans, de ma majorité (1901) à cette date de 1911, – j'ai passé, aux yeux de ma famille (ma mère, ma tante, et leurs vieux amis) pour un "propre à rien", incapable non seulement de suivre une carrière quelconque, mais même d'administrer sa "fortune" (LARBAUD, 2006, p. 61-62).*³²

Em 1912, Larbaud passa a maior parte do ano em Florença, onde conhece Benjamin Crémieux e Louis Chadourne. No mesmo ano, recebe Gide em Vichy e reencontra-se com ele em Florença. O ano de 1913, ele passa entre Paris e Inglaterra. Viaja a Mônaco. Esse é o ano da publicação consagrada de *A. O. Barnabooth, ses œuvres complètes, c'est-à-dire un Conte, ses Poésies et son Journal intime*, pela *Nouvelle Revue Française*.

O ano de 1914 foi o ano da declaração de guerra. Larbaud passa o inverno entre Montpellier e Sète, para fugir ao clima frio de sua região ou de Paris. Em maio desse mesmo ano, vai à Inglaterra. Dispensado do serviço militar, por motivos de saúde, trabalha como enfermeiro voluntário no hotel Parc de Vichy, de propriedade de sua família, requisitado pelo governo francês para servir de hospital de guerra, até 1916. De 1916 a 1918, Larbaud se

³² “Assim, até a publicação de *Fermina Márquez* por Fasquelle, em 1911 –, portanto durante 10 anos, de minha maioridade (1901) àquela data de 1911 –, passei, aos olhos de minha família (minha mãe, minha tia, e seus velhos amigos) por um ‘bom para nada’, incapaz não apenas de seguir uma carreira qualquer, mas mesmo de administrar sua ‘fortuna’.”

instala em Alicante, na Espanha, em missão jornalística, como correspondente do jornal *Le Figaro*. Aí, conhecerá o autor Ramón Gómez de la Serna, de quem será o tradutor na França. De volta a seu país, em 1918, Larbaud mora em Paris. Publica, pela *NRF*, o livro *Enfantines*. O ano de 1919 é vivido entre viagens e estadias entre Paris, Alicante, Londres e Valbois.

Os anos de 1920 serão profundamente envolvidos por trabalhos de tradução. Logo, 1920 será o ano do grande encontro com James Joyce, que se dá na famosa Shakespeare and Company, livraria da americana Sylvia Beach, editora de Joyce na França. A Gallimard publica sua tradução de Samuel Butler, *Erewhon ou de l'autre côté des montagnes*, que, segundo consta, tradução sugerida pelo próprio Gaston Gallimard. Em 1921, sai também pela mesma editora a tradução de outro Butler, *Ainsi va toute chair*. Larbaud vai a Genebra e Londres. No ano seguinte, 1922, mais uma publicação de Butler, *La vie et l'habitude*. Larbaud viaja mais uma vez à Itália: Bordighera, Roma, Gênova, onde conhecerá Maria Angela Nebbia, que se tornará sua companheira até o fim de sua vida.

O intervalo que compreende os anos de 1923 a 1925 será um tempo extremamente agitado, de muito trabalho e evidência para Larbaud, com muitas viagens. Ele fará conferências em vários países da Europa; publicará os livros *Amants, heureux amants* [*Amantes, felizes amantes*], *Beauté, mon beau souci* [*Beleza, minha bela inquietação*] e *Mon plus secret conseil* [*Meu mais secreto conselho*],³³ todos em 1923, pela Gallimard, e ainda trabalha nas traduções de Joyce, com Auguste Morel. Começa também uma colaboração com o jornal argentino *La Nación*, sobre literatura francesa, escritos que integrarão, mais tarde, *Ce vice impuni la lecture (Domaine français)*. Em 1924, será publicada mais uma tradução de Samuel Butler pela Gallimard, *Nouveaux voyages en Erewhon*, e, na revista *Commerce*, é publicado o primeiro fragmento traduzido de *Ulisses*, de Joyce. Em 1925, pela editora Messein, sai *Ce vice impuni, la lecture (Domaine anglais)*.

Em 1926, Larbaud realiza um grande sonho: viaja a Portugal, onde faz conferências sobre autores franceses. Mas, de lá, voltará às pressas, por causa do falecimento da tia, Jane Bureau des Étivaux. Dessa viagem, ele escreve os famosos textos “Lettres de Lisbonne à un groupe d’amis”, “Divertissements Philologiques” e “Écrit dans une cabine du Sud-Express”, que serão incluídos no volume *Jaune, Bleu, Blanc*, publicados no ano seguinte, também pela Gallimard. Nesse ano, ainda será publicado *Allen*, pelas Edições “Aux Aldes”, cuja publicação definitiva sairá pela Gallimard em 1929. Larbaud vai também a Luxemburgo, Bélgica e Holanda, em companhia de Maria Nebbia.

³³ Publicados em volume único pela editora Guanabara, 1986, trad. Tiziana Giorgini.

Finalmente, em 1929, a tradução de *Ulisses* é publicada por La Maison des Amis des Livres, de Adrienne Monnier, “traduit de l’anglais par M. Auguste Morel, assisté par M. Stuart Gilbert. Traduction entièrement revue par M. Valery Larbaud, avec la collaboration de l’auteur”. Larbaud passa por um profundo período de estresse, pela enorme pressão do trabalho excessivo com essa tradução.

Em 11 de outubro de 1930, falece sua mãe, Isabelle des Étivaux. Nesse período, começa a publicar sobre tradução, o que virá a ser o terceiro capítulo de *Sous l’invocation: Techniques [Técnicas]*. Viaja em 1933 com Maria Nebbia à Suíça e a Liechtenstein, em busca de cura. Seu estado de saúde se debilita cada vez mais. Vai à Inglaterra e visita lugares em Londres onde viveu Samuel Butler. Transita entre suas quatro moradas, Paris, Vichy, Vabois e Saint-Yorre. Ainda visita a Bélgica.

O ano de 1935 será o ano fatídico, em que Larbaud será abatido por um acidente cerebral, que o deixará semiparalítico e afásico. Antes, porém, no mesmo ano, vai ao encontro de seu amigo de adolescência, Marcel Ray, em Tirana, Albânia, onde Ray trabalhava como diplomata francês. Na volta, ainda passa por Trieste e Veneza. Em agosto desse mesmo ano, chega a Paris muito doente e, aí, sua saúde se compromete em definitivo. Dessa data em diante, flutua entre períodos de melhoras e retrocessos, em que consegue ler, se comunicar com dificuldade e realizar apenas pequenos trânsitos entre suas residências.

De suas obras, em 1939, é publicado *Aux couleurs de Rome*; em 1946, *Sous l’invocation de saint Jérôme*; de 1940-1956, *La Paix et Le salut; Ce Vice impuni, la lecture (Domaine Français)* e, de 1950 a 1955, les *Œuvres complètes* em 10 volumes, todos pela Gallimard. Antes, em 1949, as Éditions Ides et Calendes publicam *Gwenny-toute-Seule*; e em 1952 é publicado *Gaston d’Ercoule* pelas Éditions Virille.

Em dois de fevereiro de 1957, Valery Larbaud morre em Vichy, onde está sepultado.

De toda sua vida, são marcantes em Larbaud o amor pela leitura (sua biblioteca particular, negociada com a prefeitura de Vichy, conta com algumas dezenas de milhares de livros), a criação literária e a crítica. Todo o seu trabalho é permeado pelo esforço, tanto em divulgar novos talentos como em resgatar autores do passado, pela importância que ele atribui ao contato com o estrangeiro, e, acima de todas as suas atividades, destaca-se a tradução, como meio de troca e de renovação. Como homem de recursos, pôde dedicar sua vida inteiramente à literatura, nem sempre em circunstâncias favoráveis, bem ao contrário, com tempos de intensos contingenciamentos por parte de sua mãe, em sua juventude; no fim da vida, foi preciso desfazer-se sucessivamente de suas propriedades, pois não tinha condições

de torná-las rentáveis. Contou a seu favor com um espaço privilegiado, literariamente falando, Paris, reconhecida já à época como a República Mundial das Letras, e um momento especial da Europa, no entreguerras, que oferecia oportunidades e eventos marcantes a um jovem talentoso como ele.

Assim, a literatura lhe chegava por muitas portas, pelos eventos mais inesperados, nem sempre felizes, mas que iam decantando em seu espírito sua verdadeira vocação, acenando-lhe com o caminho a seguir. Consta, por exemplo, que em 1896, quando tinha 14 anos, estudante em Paris no liceu Henri-IV, um fato vem marcá-lo bem de perto: o enterro de Verlaine em Saint-Étienne-du-Mont. Foi narrado assim por Béatrice Mousli:

Mais ce début de l'année 1896 est soudainement bouleversé par un événement qui restera pour toujours gravé dans la mémoire de Valery Larbaud: le 8 janvier, Paul Verlaine, le prince des poètes, l'incarnation même du génie poétique aux yeux de la nouvelle génération, s'éteint rue Descartes. Le 10 janvier, le cortège funèbre passe le long des murs d'Henri IV, et Valery est à la fenêtre pour rendre un dernier hommage muet à celui qui fut à l'origine de quelques-uns de ses premiers émois poétiques. Les figures illustres qu'il reconnaît derrière le cercueil qui s'avance vers Saint-Étienne-du-Mont lui donnent pour la première fois l'idée de ce que peut être la gloire littéraire (MOUSLI, 1998, p. 51-52).³⁴

Ao lado disso, muitos estudiosos têm sido incisivos e veementes quanto à vocação de Larbaud para as línguas estrangeiras, seu cosmopolitismo e sua reconhecida rejeição pelos nacionalismos estreitos e pelo provincianismo. Segundo Michel Pierssens,

Il y a chez Larbaud [...] une passion à la fois grave et joueuse pour les mots, pour les langues, une logophilie galopante qui l'apparente plus à Joyce – dont il fut le propagandiste – ou à Pound qu'aux écrivains platoniquement cosmopolites de sa génération en France. [...] il reste que Larbaud, même s'il y a transporté les manies d'époque, a su dans ses textes, mieux qu'aucun autre en français, franchir des frontières linguistiques difficiles (PIERSEN, 1988, [s.p]).³⁵

³⁴ “Mas esse começo do ano 1896 foi subitamente perturbado por um acontecimento que ficará gravado para sempre na memória de Valery Larbaud: 8 de janeiro, Paul Verlaine, o príncipe dos poetas, a encarnação mesma do gênio aos olhos da nova geração, se extingue na rua Descartes. 10 de janeiro, o cortejo fúnebre passa aolongo dos muros de Henri IV, e Larbaud está à janela para prestar uma última homenagem muda àquele que foi a origem de alguns de suas primeiras emoções poéticas. As figuras ilustres que ele reconhecia atrás do féretro que avança para Saint-Étienne-du-Mont lhe causam pela primeira vez a ideia daquilo que pode ser a glória literária.”

³⁵ “Há em Larbaud [...] uma paixão a uma só vez grave e brincalhona pelas palavras, pelas línguas, um logófilo galopante que o aparenta mais a Joyce – de quem ele foi o propagandista – ou a Pound que aos escritores platonicamente cosmopolitas de sua geração na França. [...] No entanto, Larbaud, mesmo que ele haja transportado as manias da época, soube em seus textos, melhor que qualquer outro em francês, cruzar fronteiras linguísticas difíceis.”

Essa opinião é reiterada por Anne Chevalier, em seu ensaio *L'écriture sans frontière*:

Haïssant le régionalisme, il repousse également l'idée d'une littérature "hexagonale" et, s'il a choisi la langue française comme sa langue littéraire élue, il pratique l'anglais, puis l'espagnol et enfin l'italien pour l'usage privé ou pour les journaux; il adore glisser des mots étrangers dans son français (ce qu'il appelle "glottai" d'un nom grec) et tente parfois des métissages [...] (CHEVALIER, [s.d.], p. 1-2).³⁶

Neste breve esboço sobre Valery Larbaud, procuramos não tropeçar, tanto nos pequenos fatos, ou no “pipi-au-lit”, como ele diz. Ao mesmo tempo, reconhecemos que entramos em algumas searas, talvez extremamente pessoais, não sem vacilações. Entretanto, se o fizemos, foi em benefício de tecer um jogo de luz e sombra para lhe compor um retrato carregado de vitalidade, sem fugir a seus traços.

Constata-se, enfim, e é o que importa mais aqui, que há uma abundância de matérias, de testemunhas que dão conta da entrega de Valery Larbaud à prática literária, com suas inevitáveis associações: o amor pelas viagens, que, para ele, expandem os verdadeiros contornos de sua República das Letras, alimentado por uma genuína abertura para outras literaturas; as vastas leituras, que o levam sempre à descoberta de novos talentos e sua militância em favor dessa amplitude; sua própria obra; seu trabalho como crítico literário; e, muito, sempre muito presente, o envolvimento profundo com a tradução.

1.2. Larbaud sob a invocação de São Jerônimo

Ainsi notre métier de traducteurs est un commerce intime et constant avec la Vie, une vie que nous ne contentons pas d'absorber et d'assimiler comme nous le faisons dans la lecture, mais que nous possédons au point de l'attirer hors d'elle-même pour la revêtir peu à peu, cellule par cellule, d'un nouveau corps qui est l'œuvre de nos mains (LARBAUD, 1997, p. 78-79).³⁷

A atividade de tradutor de Valery Larbaud parece uma natural decorrência de sua vocação profunda de leitor e de sua aptidão linguística. Em seus primeiros anos de adolescência na escola já demonstrara inegável pendor pelo estudo, tanto do francês quanto

³⁶. “Detestando o regionalismo, ele repele igualmente a ideia de uma literatura ‘hexagonal’ e, se ele escolheu a língua francesa como sua língua literária eleita, ele pratica o inglês, depois o espanhol e, enfim, o italiano para uso privado ou para os diários; ele adora deslizar palavras estrangeiras em seu francês (aquilo que ele chama ‘glottai’ com um nome grego) e experimenta por vezes mestiçagens [...]”

³⁷ “Assim nossa profissão de tradutores é um trato íntimo e constante com a Vida, uma vida que não nos contentamos em absorver e assimilar como o fazemos na leitura, mas que nós possuímos ao ponto de nos atrair para fora dela mesma para revesti-la pouco a pouco, célula por célula, de um novo corpo que é a obra de nossas mãos.”

das línguas estrangeiras, incluindo aí o latim e, mais tarde, também o grego. De acordo com sua biógrafa Béatrice Mousli, no colégio, “Il est séduit par la musicalité de ces phrases latines, et par leur puissance: ‘c’est peut-être cela qui m’a fait comprendre pour la première fois ce qu’on pouvait faire avec des mots’, écrit-il trente ans plus tard en se souvenant des derniers mots de l’*Ave Maria*” (MOUSLI, 1998, p. 32).³⁸ Essa é uma das memórias de Larbaud do internato no Colégio Sainte-Barbe, onde ele passa três anos a partir de 1891, para ele os melhores anos de sua infância, notados principalmente pela presença de alunos de diversos países estrangeiros, dentre esses, muitos sul-americanos, que lhe causa viva impressão e com quem ele aprende suas primeiras palavras em espanhol. Do aprendizado das línguas à literatura estrangeira, desta à tradução, eis um percurso para Larbaud, muito natural, substancializado por sua devoção à literatura.

Bem caberiam aqui os versos de Fernando Pessoa: “Todo começo é involuntário./ Deus é o agente./ O herói a si assiste, vário/ E inconsciente” (PESSOA, 2006, p. 46). Porque, ao lado de começar a traduzir muito precocemente, o interesse declarado de Larbaud pela tradução estava relacionado ao aprendizado da língua, no caso a língua inglesa, pelo menos inicialmente, e depois, com a escritura. A tradução como um caminho eficaz para o aprimoramento de um estilo. Para ele, traduzir era escrever. Os desdobramentos que o conduziram à longa estrada da tradução, se estavam anunciados, ainda eram imperceptíveis.

Seu começo demarcado ocorreu em 1901, quando sua mãe financia a publicação de uma tradução sua do poema de Samuel Taylor Coleridge, “La complainte du vieux marin”, precedido de um ensaio, seu primeiro ensaio, com uma análise da vida literária do autor, sua influência sobre poetas franceses e críticas à recepção da literatura inglesa na França contemporânea, onde ele também condenava o provincialismo do meio intelectual francês. Nesse particular, o cuidado que Larbaud dispensa à apresentação do autor traduzido, com foco mais incisivo sobre a formação do autor, leituras e outros elementos que tenham contribuído para a sua obra, e a crítica se tornarão uma marca da estética larbaudiana. Essa tradução de Coleridge será revista e republicada anos depois, em 1911, como “Chanson du vieux marin”.

Naquele mesmo ano de 1901, no próprio dia de seu aniversário de 20 anos, em 29 de agosto, circula o número da revista *La Plume* com uma tradução para “Ballads and songs”, assinada por Valery Larbaud, com canções populares da Escócia e da Irlanda. É sua estreia pública como tradutor. *La Plume* era uma revista de cunho simbolista, que se dizia

³⁸ “Ele é seduzido pela musicalidade daquelas frases latinas, e por sua força: ‘talvez tenha sido isso que me fez compreender pela primeira vez o que se pode fazer com as palavras’, escreveu ele trinta anos mais tarde lembrando-se das últimas palavras da *Ave Maria*.”

independente, apostava em novos talentos, bem como em traduções dos clássicos. O entusiasmo de Larbaud é revelado em carta a Marcel Ray, em 2 de setembro daquele ano, em que menciona a publicação de suas baladas e comenta com o amigo uma nova incumbência que lhe passou o diretor da revista: “Comme le rédacteur m’a demandé encore quelque chose pour les prochains numéros, je vais faire, une fois rentré à Vichy, une étude assez longue où je résumerai l’œuvre poétique de mon cher W. Whitman” (LARBAUD, 1979, p. 59).³⁹

Esse estudo sobre Whitman, que está incluído em *Ce vice impuni, la lecture (Domaine anglais)*, só será publicado anos mais tarde, em outras circunstâncias, em outra revista: encabeçando uma antologia de traduções coletivas do poeta norte-americano, pela NRF, sob direção de André Gide, em 1914, por solicitação deste, conforme atestam correspondências da época. Afinal, ainda por convencimento de Gide, o projeto terminará por passar definitivamente às mãos de Larbaud:

Je pense avec Copeau et Gallimard que le mieux serait que vous preniez la direction de l’affaire, vous êtes mieux qualifié qu’aucun de nous pour l’assumer. Si vous y consentez, ainsi que je l’espère, je vous enverrai la collection des traductions, que j’ai recueillie. Il y a de quoi former un assez épais volume, qu’ouvrira fort ingénieusement votre préface (GIDE, 1989, p. 159-160).⁴⁰

Nos anos que se seguiram, Larbaud produziu ativamente críticas sobre textos traduzidos na França, prefaciou bastante, afirmou-se com sucesso como poeta e romancista, mas restringiu suas traduções pessoais a trabalhos de pequena extensão. Até que estourou a guerra, em 1914, e o campo intelectual e editorial, como tudo o mais, passou por uma desorganização, com a convocação de uns e o exílio de outros. As atividades das revistas literárias foram reduzidas. Nos primeiros tempos, Valery trabalhou em enfermagem para atendimento de feridos da guerra, em Vichy, no hotel de sua família, requisitado e transformado em hospital. Com seu estado de saúde agravado, mudou-se para a Espanha, estabeleceu-se em Alicante e ressentia-se do isolamento imposto pelo contexto político. Dedicou-se, então, à tradução da obra do inglês Samuel Butler, já iniciada na França, por sugestão de Gaston Gallimard, trabalho a que se dedicou por cinco anos. De acordo com

³⁹ “Como o redator me pediu ainda alguma coisa para os próximos números, vou fazê-lo, uma vez chegado em Vichy, um estudo bastante longo em que resumirei a obra poética de meu caro W. Whitman.”

⁴⁰ “Penso, com Copeau e Gallimard, que o melhor seria você tomar a direção do negócio, você é mais bem qualificado que qualquer um de nós para assumi-lo. Se consenti-lo, como assim espero, enviar-lhe-ei a coletânea das traduções, que recolhi. Há aqui material com que formar um volume bastante grosso, aberto muito engenhosamente por seu prefácio.”

Béatrice Mousli,

aucune période de la vie de Larbaud ne saurait être aussi bien placée sous l'invocation de Saint-Jérôme que ces cinq années dont il passe la majeure partie en Espagne [...] Il y consacre le plus clair de son temps à traduire, avec fidélité et acharnement, l'œuvre de Samuel Butler, qu'il a découverte au début de la guerre. Jusqu'ici, il s'était contenté – si l'on peut dire – de traduire des poèmes ou de courts textes, dans le but d'introduire les lecteurs français à l'art de tel ou tel créateur anglais (MOUSLI, 1998, p. 235).⁴¹

Sua permanência espanhola lhe rendeu também amizades com artistas e escritores.

Destaque-se um dos fatos mais notáveis na vida do tradutor Larbaud, que foi sua aproximação com a obra de Joyce. Através de Sylvia Beach, dona da livraria Shakespeare and Company em Paris, da qual era assíduo frequentador, Larbaud tomou conhecimento de trechos de *Ulisses*, pelo qual se rendeu de admiração e devoção. Sylvia Beach era justamente a editora dessa obra na França. O passo seguinte foi estabelecer compromisso com Adrienne Monnier, da livraria Maison des Amis des Livres, companheira de Sylvia. Ficara decidida a tradução do romance para o francês, decisão seguida de muita resistência de Larbaud, tendo em vista o grande volume de atividades que este desempenhava entre várias revistas à época e as muitas conferências que dava em vários países, o que lhe acarretava também frequentes viagens. Mesmo assim, ele ainda traduziu algumas páginas e organizou sua leitura pública, com muita repercussão, na Maison des Amis des Livres. Foi então que ele conheceu o jovem tradutor Auguste Morel, segundo ele, de traduções excelentes, que ficou encarregado das traduções de *Ulisses*, deslocando-se, então, para a função de revisor, em conjunto com o próprio Joyce.

Esse extenso trabalho, que durou quase toda a década, de 1921 a 1929, acarretou profunda exaustão para Larbaud e a oposição de vários de seus amigos, por uma razão adicional: Larbaud, aparentemente, negligenciou muito de sua obra pessoal para honrar o compromisso com a obra joyceana. Fato é que essa tradução de Joyce na França tornou-se um dos fatos mais emblemáticos, por todas as circunstâncias envolvidas, seja em torno da pessoa mesmo do autor e de seu estilo tão extraordinário, seja pelos esforços que essa tradução significou. O envolvimento de Larbaud concorreu decisivamente para o sucesso da empresa. Desse fato relevante muito foi dito, e a tradução de *Ulisses* atingiu enorme repercussão,

⁴¹ “Nenhum período da vida de Larbaud seria tão bem colocado sob a invocação de São Jerônimo quanto esses cinco anos, dos quais ele passa a maior parte na Espanha [...] Aí ele consagra claramente a maior parte de seu tempo a traduzir, com fidelidade e obstinação, a obra de Samuel Butler, que ele descobriu no começo da guerra. Até aqui, ele se havia contentado – se se pode dizê-lo – em traduzir poemas ou curtos textos, com o fito de introduzir os leitores franceses na arte de tal ou tal criador inglês.”

dentro e fora da França, acompanhada de acirrados debates. Michel Pierssens, em um ensaio de 1988, comenta:

Tout Joyce – je ne pense pas avoir à le démontrer – est une protestation contre l'enfermement linguistique et l'on non peut s'étonner qu'il ait trouvé en Larbaud le publiciste rêvé et le traducteur supérieur que Ulysses exigeait (PIERSSENS, 1988, p. 2).⁴²

Um extenso cordão de fatos envolve as atividades de Valery Larbaud em seu incansável trabalho de tradução e crítica, sempre orientado para abolir as fronteiras entre as literaturas, no sentido de tornar conhecidas as estrangeiras na França e a francesa em países estrangeiros. Suas traduções de língua espanhola, além de Ramón Gómes de la Serna, incluem também o argentino Ricardo Güiraldes. Da língua portuguesa, chegou a ensaiar alguma tradução de Antero de Quental e prefaciou uma tradução de *A relíquia*, de Eça de Queiroz. Também traduziu do italiano, sua língua estrangeira do coração, com trabalho sobre a autora Gianna Manzini. Em seu afã de divulgar a literatura, Larbaud batalhou por tornar populares na França autores poucos conhecidos, enfrentando, para isso, muita resistência no mercado editorial, reticente por temores de fracasso de vendas. Na mão inversa, temo-lo empenhado também em divulgar autores obscuros em seu próprio meio, como foi o caso de Italo Svevo na Itália.

Em resposta aos amigos que reclamavam dele mais obras pessoais, já do alto de seu incontestável prestígio como literato, ele refletia, mais para si mesmo, sobre as virtudes da tradução:

[...] pensant reconnaître en moi une vocation d'écrivain, je me méfierai de l'œuvre personnelle qui peut si bien être, à mon insu, œuvre de vanité et inutile au monde, et je suivrai son exemple de traducteur, je ferai de mon art un métier, minutieux, malaisé, modeste – “le pavé bien balayé” – et l'art, s'il m'est donné par surcroît, s'appliquera d'abord à ce métier. Travaillant, j'aurai le droit de manger, et lorsque j'aurai progressé dans le métier de traducteur, je pourrai à mon tour faire profiter autrui de mon expérience (LARBAUD, 1997, p. 57).⁴³

⁴² “Todo Joyce – penso não ter que o demonstrar – é um protesto contra o enclausuramento linguístico e ninguém pode ficar espantado com que ele tenha encontrado em Larbaud o publicista sonhado e o tradutor superior que *Ulisses* exigia.”

⁴³ “Pensando reconhecer em mim uma vocação de escritor, desconfiarei da obra pessoal que pode muito bem ser, sem que eu o saiba, obra de vaidade e inútil ao mundo, e seguirei seu exemplo de tradutor, farei de minha arte uma profissão, minuciosa, penosa, modesta – ‘o chão bem varrido’ – e a arte, se me for dada por acréscimo, se aplicará antes a essa profissão. Trabalhando, terei o direito de comer, e quando eu tiver progredido na profissão de tradutor, poderei por minha vez levar proveito a outrem de minha experiência.”

No ensaio intitulado “Vocação”, Larbaud comenta justamente alguns aspectos pouco lisonjeiros da arte de escrever de seu querido São Jerônimo. Aqui também ele mostra seu desprendimento quanto a resultados financeiros de sua profissão de tradutor, contentando-se em “comer” do seu ofício.

E, enquanto traduzia, Larbaud também refletia sobre a tradução. Em diversos momentos de seu percurso, quando a ocasião exigia ou a oportunidade o favorecia, ele não se excusava de se manifestar sobre sua experiência de tradutor. Partindo de algumas ideias centrais suas sobre a tradução, desenvolvemos alguns textos, fazendo contraponto com o pensamento de outros autores, críticos da tradução, como forma de expandir e melhor ilustrar a contribuição do pensamento larbaudiano. Com esse trabalho, pretendemos evidenciar a importância de Larbaud como tradutor, crítico e pensador da tradução, seja através de textos teóricos ou mesmo de prefácios, grande prefaciador de traduções que ele foi.

1.2.1. “Valery Larbaud, tradutor zeloso, teórico diletante”? (BALLARD, 1999, p. 207)

Em *Depois de Babel*, George Steiner (2005, p. 260), ao estabelecer períodos dentro da história da teoria e da prática da tradução, considera que o segundo período, em que vigora mais destacadamente uma postura filosófica, é caracterizado por um retorno à abordagem hermenêutica. A metodologia de Steiner institui um primeiro período, limitado entre os anos 46 a.C., com Cícero e seu *Libellus de optimo genere oratorum*, e 1804, com Hölderlin e suas reflexões sobre suas traduções de *Antígona* e de *Édipo*, de Sófocles. Nesse intervalo, Steiner inclui São Jerônimo, Lutero, Du Bellay, Dryden e outros. Já o que Steiner denomina segundo período, ou “período de teorização e definição poético-filosófica” (STEINER, 2005, p. 260), é balizado pelo pensamento de Friedrich Schleiermacher, com *Über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*, datado de 1813, e, na outra ponta, Steiner coloca “o inspirado mas assistemático *Sous l’invocation de Saint Jérôme*, de Valery Larbaud (1946)” (STEINER, 2005, p. 260). Para o autor, essa fase é orientada por uma historiografia da tradução e, além de Schleiermacher e Larbaud, o autor elenca outros luminares, como A. W. Schlegel, Humboldt, Goethe, Schopenhauer, Paul Valéry, Walter Benjamin, Ezra Pound e Ortega y Gasset, entre outros.

Um terceiro tempo do pensamento da tradução, a que Steiner chama de “contexto moderno”, começa no final da década de 1940, e é marcado pela teoria linguística e pela aplicação da estatística à tradução, com a concorrência de estudiosos oriundos do Formalismo

Russo, principalmente. Um forte elemento presente nesse período é a tradução automática. Para Steiner, “sob muitos aspectos, estamos ainda nessa terceira fase” (STEINER, 2005, p. 261).

Em linhas muito gerais, está aí o lugar a que destina Steiner para Larbaud em seu mapa do pensamento da tradução, lembrando que a primeira edição de *Sous l’invocation de saint Jérôme* saiu em 1946, pela Gallimard, quando a doença já havia atingido Larbaud há mais de dez anos.

Trazendo também Valery Larbaud à cena de uma história do pensamento da tradução, Henri Meschonnic, em sua *Poética do traduzir* (2010), pelo menos em um ponto se harmoniza com o pensamento de Steiner, quando fala do destaque que é dado para a relação entre as línguas na tradução em um dado tempo:

De Cícero a Valery Larbaud, é um ponto de vista organizado em função do efeito a produzir, no quadro da língua. A tradução é concebida como a passagem de uma língua a uma outra língua. Está ligada também à noção de estilo individual. Estilo – escolha na língua (MESCHONNIC, 2010, p. XXII).

Para Meschonnic, esse trabalho já não é mais o que ele chama de “empírico”, mas empirista. E isso ele explica mais extensamente, novamente dentro desse espectro que vai de Cícero a Larbaud, nestes termos:

Há primeiro uma empiria da tradução, de Cícero a Valery Larbaud, emblematicamente: os discursos da prática. Ecléticos, mas não dogmáticos. Nisto, toma-se a atitude não empírica, mas empirista dos profissionais da tradução [...] Eles se satisfazem com os conceitos da língua e da estilística. [...] (MESCHONNIC, 2010, p. 6).

Em *A poética*, apesar de advogar uma teoria crítica, que contrasta com o que ele considera a prática larbaudiana, Meschonnic não o exclui, e a outros mais, do que ele define como os grandes tradutores, que, segundo ele, “não são grandes somente pela importância dos textos que traduziram” (MESCHONNIC, 2010, p. LXI), mas que podem sê-lo por diversas razões e “a grandeza não é assunto de dimensão. Mas de intensidade” (MESCHONNIC, 2010, p. 6). Entre tais, ele inclui o nome de Larbaud, ao lado de Étienne Dolet e Walter Benjamin, que deixaram também escritas suas ideias sobre o traduzir.

Michel Ballard, no ensaio que dá título a este tópico (BALLARD, 1999, p. 6), transformado por nós em uma interrogação, fala da vida de Larbaud consagrada à literatura e da onipresença da tradução em suas atividades, trazendo grande contribuição para este trabalho, que pretende aclarar alguns aspectos relevantes nessa direção. Sobre isso, muito

concorda com Larbaud, como vimos até aqui, Ballard afirma que

*la curiosité de Larbaud pour l'œuvre des autres lui a fait, aux yeux de certains, accomplir les prophéties de Du Bellay et Montesquieu: la traduction l'aurait empêché de mener à bien son œuvre personnelle. Mas ce serait sans doute avoir une vue bien traditionnelle et méprisante de la traduction que de ne pas considérer qu'elle est un acte qui a sa place dans la "république des lettres" et que, dans le cas de Larbaud, elle constitue véritablement une œuvre (BALLARD,1999, p. 210-211).*⁴⁴

Quanto à concepção larbaldiana sobre a tradução propriamente, Ballard, notadamente quando se refere à *Sous l'invocation*, considera que ela se aproxima das “Belas Infieis”, quando afirma trabalhar o texto para torná-lo “mais francês”, e sob alguns aspectos, caracteriza a tradução larbaldiana de *The Way of All Flesh [Ainsi va toute chair]*, de Samuel Butler, como “idiomática”. Ao mesmo tempo que consideramos algumas das “deficiências” que Ballard elenca nessa tradução, pensamos nas tendências deformadoras definidas por Antoine Berman. A propósito, Michel Ballard opõe Larbaud a Antoine Berman, em suas traduções, mesmo reconhecendo que Larbaud também pratica a tradução literal quando esta lhe parece a melhor.

Para todos os efeitos, gostaríamos de salientar o fato, que soa significativo, de Michel Ballard “abrir” seu *De Cicerón à Benjamin – traducteurs, traductions, réflexions* com uma epígrafe retirada de *Sous l'invocation de saint Jérôme*:

*Assurément, l'énumération de tous les théoriciens de la Traduction serait el cuento de nunca acabar, et seul un catalogue-dictionnaire en viendrait à bout. Mais il serait intéressant, – et ce serait une tâche qui, si j'étais éditeur, me tenterait, – d'extraire de leurs ouvrages, assez peu connus pour la plupart, une série d'anthologies qui prépareraient les voies à des rééditions des meilleurs ou des plus agréables d'entre eux (BALLARD, 2007, [s.p.]).*⁴⁵

Quanto a Berman, um pouco na direção de Steiner e Meschonnic, ele avalia que no século XIX, com Chateaubriand e Mallarmé, por exemplo, ocorreu um forte movimento de reflexão sobre a tradução, de uma maneira geral. Na sequência, a um período em que ele

⁴⁴ “A curiosidade de Larbaud pela obra de outros lhe fez, aos olhos de alguns, cumprir as profecias de Du Bellay e Montesquieu: a tradução o impedira de levar a bom termo sua obra pessoal. Mas seria ter, sem dúvida, uma visão muito tradicional e desprezível da tradução não considerar que ela é um ato que tem seu lugar na ‘república das letras’ e que, no caso de Larbaud, ela constitui verdadeiramente uma obra.”

⁴⁵ “Seguramente, a enumeração de todos os teóricos da Tradução seria *el cuento de nunca acabar*, e somente um catálogo-dicionário alcançaria isso. Mas seria interessante – e essa seria uma tarefa que, fosse eu editor, me tentaria, – extrair das obras deles, pouquíssimo conhecidas pela maioria, uma série de antologias que preparasse aberturas para as reedições das melhores ou das mais agradáveis dentre elas.”

inclui, entre tantos, Valery Larbaud, com *Sous l'invocation de saint Jérôme*, segue-se um terceiro, em que vigora, sobretudo, a tradução poética, no qual ele inclui Meschonnic, Bonnefoy, Leyris, Benjamin e Klossowski, além de outros.

Sobre Valery Larbaud e seu lugar como pensador da tradução, Berman se manifesta:

Il est temps, grand temps que les problèmes théoriques de la traduction cessent, en particulier à l'étranger, d'être considérés comme nec plus ultra de la pensée française de la traduction. Parce qu'il y a bien un "père symbolique" de la réflexion française sur la traduction, et c'est Valery Larbaud, avec Sous l'invocation de saint Jérôme. Il faut toute la prétention confuse et ignorante de Georges Steiner pour qualifier cet ouvrage de "dénué de rigueur"⁴⁶. [...] Sous l'invocation de saint Jérôme est un grand livre nourricier, séminal, qu'il faut lire et relire⁴⁷ (BERMAN, 1995, p. 247).⁴⁸

Mas, por que não trazer o próprio Larbaud para se autorretratar, com mais algumas passagens que podem demonstrar em que horizontes ele se mirava quando trabalhava em suas traduções? Toda a sua obra é eloquente sobre esse ponto. A propósito, em 1913, Larbaud escreve um primeiro texto “De la traduction”, desenvolvido em torno da tradução como obra de arte em si mesma e seu valor como vetor de aprendizagem para o poeta, ideia, aliás, já defendida em outros contextos. Entre outras coisas, contém uma afirmação em que reconhece seus limites e sua autonomia como tradutor: “Ma traduction ne veut être qu’interprétation personnelle. C’est ma traduction, non celle d’un autre, que je vous offre” (LARBAUD, 1992a, p. 234).⁴⁹ Em *Domaine anglais*, sobre sua tradução de Walter Savage Landor, de *High and low life in Italy* [*Hautes et basses classes en Italie*], confessa: “Ma traduction n’est pas sans défauts” (LARBAUD, 1992a, p. 379).⁵⁰

⁴⁶ Em *Après Babel*, Albin Michel, Paris, 1978, p. 225 (nota no original).

⁴⁷ “Meschonnic a su lui rendre hommage, en parlant à son propos d’un langage qui a son valeur d’*expérience*, malgré ses approximations esthétiques d’un autre temps (*Pour la poétique II*, Gallimard, coll. ‘Le chemin’, Paris, 1973, p. 352)”. Meschonnic soube homenageá-lo, falando a seu propósito de uma linguagem que tem seu valor de *experiência*, apesar de suas aproximações estéticas de um outro tempo.

⁴⁸ “É hora, ótima hora para que *Les problèmes théoriques de la traduction* deixem, em particular no estrangeiro, de ser considerados como *nec plus ultra* do pensamento francês da tradução. *Porque há bem um ‘pai simbólico’ da reflexão francesa sobre a tradução, e esse é Valery Larbaud, com Sob a invocação de São Jerônimo*. É necessária toda a pretensão confusa e ignorante de Georges Steiner para qualificar essa obra de ‘desprovida de rigor’. [...] *Sob a invocação de São Jerônimo* é um grande livro nutridor, seminal, que é preciso ler e reler.”

⁴⁹ “Minha tradução quer ser apenas uma interpretação pessoal. É a minha tradução, não aquela de um outro, que vos ofereço.”

⁵⁰ “Minha tradução não é sem defeitos.”

Em vários outros momentos, vamos presenciar Larbaud em defesa da integridade do autor, seja qual for o motivo que ponha em risco seu texto. Isso não apenas no contexto da tradução. Como veremos no Capítulo 3 deste trabalho, ele entabula longas discussões com o editor Charles Du Bos, a propósito da manutenção de alguns cometários seus à apresentação da tradução dos *Sonetos* de Shakespeare feita por Émile le Brun, que, segundo ele, por preconceito, deseja fazer algumas supressões no texto. Depois, em carta a Gide, em março de 1912, lamenta que, estando a preparar um estudo sobre o poeta místico inglês Digby Dolben (1848-1867), para a revista *La Phalange*, estudo incluído em *Domaine anglais* (LARBAUD, 1992a, p. 126-143), obrigue-se a fazê-lo para um público restrito, “c’est-à-dire en plus petit comité qu’à la NRF à cause surtout de cette accusation de sodomie portée par quelques crétins qui n’avaient pas lu ses vers [...]” (GIDE, 1989, p. 120).⁵¹ Fora do ambiente da tradução, não menos confirmador do zelo pela questão autoral, Larbaud faz uma dura intervenção junto a Gide para preservação de uma obra do escritor morto, amigo comum dos dois, Charles-Louis Philippe. Na ocasião, Larbaud interpela Gide nestes termos:

Justement plusieurs personnes m’avaient parlé de vos projets et j’aurais voulu vous demander des explications. Et d’abord; quelle est votre autorité pour donner à cet ouvrage une forme si différente de celle que Philippe lui-même lui avait donné? [...] Vous donnez au lecteur l’impression qu’il est en présence d’un livre fait de morceaux et de pièces mal cousus (GIDE, 1989, p. 81).⁵²

No caso, tratava-se, evidentemente, de uma edição póstuma, homenageando Charles-Louis Philippe, desaparecido em data recente, concebida por André Gide para publicação em *La Nouvelle Revue Française*. Diante da veemência de Larbaud, o projeto foi revisto por Gide. Mesmo considerando todos esses registros, ainda está longe de ser bem ilustrada a questão Larbaud tradutor e pensador da tradução, que não se destaca, em nenhum momento, do Larbaud literário. Vale lembrar, também, e acrescentar que ele saiu sempre generosa e intensamente em defesa dos tradutores, lutou pelo reconhecimento de sua dignidade e de seu trabalho, e lhes deu até um santo patrono, São Jerônimo. Em *Sous l’invocation*, livro que evidencia toda a sua refinada erudição, hoje um clássico indiscutível da literatura sobre tradução, já em sua primeira parte, “Le patron des traducteurs”, Larbaud desfia injustiças que

⁵¹ “Isto é, em menor círculo que o da NRF, por causa, sobretudo, daquela acusação de sodomia publicada por alguns cretinos que não leram seus versos.”

⁵² “Justamente várias pessoas me haviam falado de seus projetos e eu gostaria de ter pedido explicações a você. Primeiro: qual é sua autoridade para dar a essa obra uma forma tão diferente daquela que o próprio Philippe lhe deu? [...] Você dá ao leitor a impressão de que ele está em presença de um livro feito de pedaços e de peças mal cerzidos.”

são cometidas contra o tradutor:

Le traducteur est méconnu; Il est assis à la dernière place; il ne vit pour ainsi dire que d'aumônes; il accepte de remplir les plus infimes fonctions, les rôles les plus effacés [...] L'ignorer, lui refuser toute considération, ne le nommer, la plupart du temps, que pour l'accuser, bien souvent sans preuves, d'avoir trahi celui qu'il a voulu interpréter, le dédaigner même lorsque son ouvrage nous satisfait, c'est mépriser les qualités les plus précieuses et les vertus les plus rares [...] (LARBAUD, 1997, p. 9).⁵³

Dessa forma, nos tópicos que se seguirão, além de estendermos alguns aspectos das ideias de Larbaud sobre a tradução, tecendo paralelos entre suas posições e abordagens de outros autores posteriores a ele, situando-o dentro do quadro das discussões teóricas da tradução mais recentes, chamam também a atenção sobre sua preocupação com a figura do tradutor e os diversos contextos históricos da tradução, que virão confirmar a abrangência de suas reflexões sobre o tema.

1.2.2. “Et qui, en 1946, connaissait Tytler”? (BERMAN, 1995, p. 248)⁵⁴

Parece haver uma concordância sobre o fato de que *Sous l'invocation de saint Jérôme* não ostenta uma lógica meticulosa própria de um tratado sobre a tradução. Como tantos outros, para citar apenas dois contemporâneos seus, Walter Benjamin e Paul Valéry, por mais que adotem vieses diferentes entre si, Larbaud refletiu sobre a tradução a partir de sua experiência de tradutor. Talvez com a diferença de tê-lo feito por diversas vezes e em ocasiões também diversas, o que sugere um ar fragmentário. Não deixou um tratado “científico” sobre a tradutologia, nos moldes considerados na atualidade, porque não deixou uma teoria, dizendo das maneiras do proceder sistemático. Contudo, olhando para as teorias dos grandes pensadores da tradução atuais ou recentes, fica-se com a impressão de que, em meio às múltiplas divergências, quase restam essencialmente as mesmas questões ou eixos, muito em comum também com os objetos de ensaios de Larbaud. Em resumo, toda a massa de reflexões sobre a tradução ainda não encontrou, se é que o há, um denominador comum e, no que pese sua inegável importância para a tradução, muitas vezes são motivos de

⁵³. “O tradutor é desconhecido; ele está sentado no último lugar; vive, por assim dizer, apenas de esmolas; aceita preencher as mais ínfimas funções, os papéis mais apagados [...] Ignorá-lo, recusar-lhe toda consideração, não nomeá-lo, na maioria das vezes, apenas para acusá-lo, muito frequentemente, sem provas, de haver traído aquele que ele quis interpretar, desdenhá-lo mesmo quando sua obra nos satisfaz, é desprezar suas qualidades mais preciosas e suas virtudes mais raras [...]”

⁵⁴ “E quem, em 1946, conhecia Tytler?”

sectarismos. Basta que pensemos numa resposta para a pergunta elementar do que seja uma boa tradução.

Ressalte-se que Valery Larbaud começou a traduzir aos 20 anos de idade, isto é, exatamente no começo do século passado, em 1901. À época, quando publicou sua primeira tradução, “La Complainte du vieux marin”, de S. T. Coleridge, segundo Béatrice Mousli, uma tradução mais para a prosa, em que a preocupação mais forte era preservar algo do ritmo e da cadência do texto, ele já fazia sua autocrítica: “Mon ambition se borne, en somme, à donner l’envie de lire ce poème dans le texte, et, toute ironie à part, je pense que c’est déjà du mérite” (MOUSLI, 1998, p. 74).⁵⁵ Mesmo assim, não se pode, apenas a partir de passagens isoladas, inferir afirmações sobre como Larbaud traduzia. Ou como pensava a tradução. Pode-se, com alguma margem de segurança, afirmar que, para ele, o ato de traduzir tinha em si uma função antecipada, que era apresentar determinado texto ao leitor. Assim, muito simplesmente.

Seguindo ainda o rastro de seu pensamento, sabemos que, até as primeiras décadas do século XX, não havia ainda acontecido a farta publicação de obras sobre a tradução que se observou nos últimos cinquenta anos, incluindo aqui não apenas aquelas que são fruto da reflexão de tradutores em suas práticas, como de pensadores oriundos de outras áreas, como a psicanálise, a etnografia e outras tantas. Fica claro que uma ciência da tradução busca emergir e se descobre que é difícil uma única disciplina dar conta da atividade tentacular que se percebe ser a tradução, com a presença de extensas interfaces entre ela e outras práticas e pensares humanos. Talvez na parcialidade esteja a razão de tantas divergências, que se localizariam mais na antessala de todas essas teorias ou, melhor dizendo, algo semelhante à fábula do elefante e dos cegos. Certamente, não se invalidam, nem se desmerecem, os esforços daqueles que se deram ao trabalho de registrar suas reflexões.

Mas percebe-se que, permeando o discurso larbaudiano sobre a tradução, apresentam-se questões muito variadas, aquelas da ordem do contato entre as línguas, do convívio entre literaturas e da interpretação, por exemplo. Algumas dessas questões serão levantadas ainda no decorrer deste trabalho, na medida do possível, para demonstrar como Larbaud articulou sua prática com uma constante reflexão. Igualmente importante, e este passa a ser o foco no momento, é o empenho sistemático dele em direção a uma herança deixada pelos tradutores que o precederam. Seu título *Sous l’invocation de saint Jérôme* é autoexplicativo nesse sentido. E, por alguns capítulos desse livro, sente-se o extenso conhecimento que o autor tinha

⁵⁵. “Minha ambição limita-se, em suma, a provocar o desejo de ler esse poema no texto, e, toda ironia à parte, penso que isso já é um mérito.”

sobre seus antecessores, ao mesmo tempo que lamenta-lhes o esquecimento e lhes reivindica o justo lugar dentro das literaturas. Em seu primeiro “De la traduction”, encontra-se:

Il y a une œuvre de réparation et de florification à entreprendre, au moins pour nos grands traducteurs français. D’Amyot à Claudel, la lignée n’a pas été interrompue. Il est désagréable de penser que l’Angleterre réédite Florio tous les dix ans, alors que nous n’avons même pas de morceaux choisis de ce classique: Perrot D’Ablancourt (LARBAUB, 1997, p. 235).⁵⁶

Um dos subtítulos incluídos em *Sous l’invocation* é “A. Fraser Tytler”. E começa justamente dizendo que “À toutes les époques de l’histoire littéraire, il s’est trouvé un ou plusieurs lettrés qui ont traité par écrit “De la traduction”, (LARBAUB, 1997, p. 94).⁵⁷ Larbaud segue declinando teóricos da tradução dos séculos XVI, XVII e XVIII. Deste último, ele vai falar de A. Fraser Tytler, lord Woodhouselee.

Sua personagem, Alexander Fraser Tytler, nasceu em Edimburgo, em 15 de outubro de 1747. Jurista de profissão, foi na literatura que se immortalizou. Na tradução mais precisamente, com o trabalho *Essay on the Principles of Translation*, segundo Larbaud, “repleto de amável erudição”, rico em referências de autores daqueles séculos, ingleses e franceses. Nesse *Essay*, Tytler expõe seus três princípios fundamentais da tradução. Ainda de acordo com Larbaud, com uma

doctrine déjà “moderne” en ce sens que les libertés réclamées par Perrot d’Ablancourt sont jugées excessives, et que la bonne traduction est définie: “une parfaite transfusion du sens de l’original”, de telle sorte que le style de la traduction soit “du même genre que le style de l’original”, tout en ayant “toute l’aisance d’une composition originale”. Il ne s’agit déjà plus, comme pour Amyot et pour Perrot d’Ablancourt, et pour Florio, de donner à la France, à l’Angleterre, un Plutarque, un Tacite français, un Montaigne anglais: l’idéal, ce sont des traductions qui seraient aussi belles que celles-là tout en serrant le texte de plus près [...] (LARBAUB, 1997, p. 95).⁵⁸

⁵⁶ “Há uma obra de reparação e de florificação a empreender, pelo menos por nossos grandes tradutores franceses. De Amyot a Claudel, a linhagem não foi interrompida. É desagradável pensar que a Inglaterra reedita Florio a cada dez anos, enquanto que nós não temos sequer trechos escolhidos desse clássico: Perrot D’Ablancourt.”

⁵⁷ “Em todas as épocas da história literária, se encontra um ou vários letrados que trataram por escrito ‘Da tradução’.”

⁵⁸ “Doutrina já ‘moderna’ naquele sentido de que as liberdades reclamadas e tomadas por Perrot d’Ablancourt são julgadas excessivas, e que a boa tradução é definida: ‘uma perfeita transfusão do sentido do original’, de tal sorte que o estilo da tradução seja ‘do mesmo gênero que o estilo do original’, mesmo tendo ‘todo o desembaraço de uma composição original’. Já não se trata mais, como para Amyot e para Perrot d’Ablancourt, e para Florio, de dar à França, à Inglaterra, um Plutarco, um Tácito francês, um Montaigne inglês: o ideal são as traduções que seriam tão belas quanto aquelas e ao mesmo tempo coladas o mais próximo possível ao texto [...]”

Independentemente de quaisquer considerações possíveis sobre as ideias aqui expressas por Larbaud ou Tytler, o que chama a atenção e interessa mesmo é um elemento que articula mais extensamente essa corrente de pensadores da tradução, trazendo à discussão Antoine Berman, puxando a memória de Larbaud, de quem afirma:

De meilleur “père symbolique” pour la traduction française, on ne saurait rêver. Au surplus, sa connaissance de l’histoire de la traduction française, des théoriciens de la traduction française et étrangers est restée jusqu’à ce jour inégalée. Et qui, en 1946, connaissait Tytler? (BERMAN, 1995, p. 248).⁵⁹

Antoine Berman refere-se, aqui, ao ano de 1946, data de publicação de *Sous l’invocation de saint Jérôme*. Para quem não conhece o texto bermaniano em sua íntegra, é bom frisar que o autor tem em conta que Larbaud é um importante tradutor, com obras de clássicos como Whitman, Joyce e Samuel Butler em seu vasto currículo de tradutor, além de reconhecer seu destacado papel de intermediário entre a literatura francesa e as literaturas estrangeiras, numa época efervescente na França, principalmente no entreguerras. A seguir, justamente, será ampliado o olhar sobre essa militância de Larbaud.

1.2.3. De Paris, da hospitalidade e da tradução

Para este tópico, em que pensamos abordar a figura de Larbaud mais pelo lado da tradução e da hospitalidade, muito nos será útil a obra de Pascale Casanova, *A República Mundial das Letras*, do 1999, mas cuja edição brasileira foi atualizada em relação à edição francesa pela própria autora, conforme nota constante da publicação. Suas páginas trazem um considerável aporte de informações sobre nosso autor, dentro da perspectiva que trabalharemos aqui.

1.2.3.1. O espaço literário como espaço da tradução e da hospitalidade

[...] consagrando Joyce com sua tradução como um dos maiores escritores do século, Larbaud consegue arrancá-lo do provincianismo e da invisibilidade irlandeses e universalizá-lo [...] dar-lhe uma existência na esfera literária autônoma, mas também torná-lo visível, aceito e aceitável em seu espaço literário nacional (CASANOVA, 2002, p. 164).

Partindo dessa citação de Pascale Casanova, aventuramo-nos a traçar um desenho em

⁵⁹ “Com melhor ‘pai simbólico’ para a tradução francesa, não seria possível sonhar. Quanto ao mais, seu conhecimento da história da tradução francesa, dos teóricos da tradução francesa e estrangeiros permaneceu, até aqui, inigualado. E quem, em 1946, conhecia Tytler?”

torno de temas que suscitam uma proximidade apenas suspeitada a uma primeira vista: espaço literário, tradução, Valery Larbaud, cosmopolitismo, estrangeiro, Paris. Recorrentes em *A República Mundial das Letras*, esses termos serão tomados aqui como pano de fundo para entretecermos uma reflexão que se acerque do conceito de hospitalidade segundo Jacques Derrida, aparentemente dissociado do universo larbaldiano.

Uma tal multiplicidade de fios convida a um exercício concentrado para que se teça um entremeio capaz de sustentar as sinuosidades que este trabalho oferece. Tal “des-a-fio” evidencia com que destreza se devem afiar as palavras, sem que nos demos ao luxo de renunciar a nenhuma delas incontinentemente, e isso já nos remete de início a uma fala de Derrida, em que julgamos poder apoiar-nos, mesmo que como em um fino arrimo:

Jamais encontrei um conceito que coubesse numa palavra. Será preciso se espantar com isso? Terá algum dia havido conceito que seja verdadeiramente nomeável? Quero dizer, nomeável com um único nome ou com uma única palavra? O conceito exige sempre frases, discursos, trabalho e processo: texto, numa palavra (DERRIDA, 2004a, p. 269-270).

No livro de Casanova, de muitas personagens importantes, pode-se dizer que, nele, “Paris” é uma delas e desempenha aí um papel de primeira grandeza; Paris, o “meridiano de Greenwich” da literatura e das artes, o espaço literário, o lócus consagrador para onde afluem pessoas do mundo inteiro, a “Cidade Luz”, aquela que resgatava da “obscuridade”; Casanova no-la apresenta como um território de acolhimento, da hospitalidade quase ilimitada, mesmo que circunscrita a uma pátria dotada de um estatuto particular, a República Mundial das Letras. Nessa República, seria o estrangeiro acolhido como o outro? Inegável é que, por aí, historicamente transitaram os maiores nomes da literatura mundial e das artes em geral e todos eles deixaram, de uma forma ou de outra, um tributo em reconhecimento a Paris. Como faz notar Casanova, “Paris, de fato, tornou-se tão literária a ponto de entrar na própria literatura [...] ‘A cidade dos cem mil romances’, segundo expressão do próprio Balzac [...]” (CASANOVA, 2002, p. 43). Do ponto de vista do estrangeiro *aparisiado*, muito são os que explicitam a vocação da cidade para a hospitalidade, e esboçam até mesmo a ideia de uma Paris neles já anteriormente abrigada. Tais são as palavras do escritor iugoslavo Danilo Kis (1935-1989): “Não cheguei a Paris como estrangeiro, mas como alguém que vai em peregrinação às paisagens íntimas de seu próprio sonho, a uma Terra nostalgia [...]” (CASANOVA, 2002, p. 46). Mas, enfim, declinar todos os nomes seria escrever a literatura do Ocidente por várias décadas, uma vasta tarefa.

É preciso que se diga que, nesse espaço de acolhimento, todavia, nem tudo é

idealizado, naturalmente. Pode-se apenas com segurança dizer que, com esse movimento, se estabelece uma via de mão dupla, que também beneficiará em muito a França, na medida em que ela se torna um grande polo mundial de cultura e vê sua própria literatura nutrida por essa constelação de vozes. Leve-se em conta também que essa idealização muitas vezes esbarrou numa perigosa imagem que Casanova denomina *parisianização*, traduzida pelo risco constante da supressão das diferenças, uma negação da hospitalidade. A esse ponto voltaremos oportunamente quando retornarmos à dupla perspectiva da hospitalidade. Mas pode-se acrescentar desde já aqui a ideia que Valery Larbaud nutria a propósito da necessidade de uma renovação da literatura francesa, via literatura estrangeira, por obra da tradução.

Fato estabelecido é que, tanto da perspectiva do estrangeiro como da literatura e das artes, Paris ofereceu-se como uma grande matriz, a despeito do que se possa opor como argumento ao provável caráter condicionante da sua hospitalidade. Muitas razões históricas, políticas ou econômicas podem ter concorrido para o acontecimento desse extraordinário fenômeno. Contudo, queremos invocar aqui uma razão de outra ordem, que emana de uma particularidade que envolve todos os seus atores, estrangeiros e franceses, que se refere justamente a um poder “desnacionalizante” aí presente; uma força capaz de abolir fronteiras e ao mesmo tempo reconstituí-las, que se nutria e nutria a um só tempo, e que promovia em muitos desses atores, em terra estrangeira, a descoberta de sua própria nacionalidade. Quanto a isso, há incontáveis exemplos, muito ilustrativos da permeabilidade que favorecia o surgimento da alteridade naquele contexto. Um deles, para nos aproximarmos do que nos seja familiar, “O poeta brasileiro Oswald de Andrade, ‘do alto de um ateliê da Praça Clichy – umbigo do mundo –, descobriu maravilhado seu próprio país’” (CASANOVA, 2002, p. 46). A autora explicita mais ainda aquela realidade parisiense:

[...] A presença de um enorme número de comunidades estrangeiras instaladas em Paris entre 1830 e 1945 – poloneses, italianos, checos e eslovacos, tailandeses, alemães, armênios, africanos, latino-americanos, japoneses, russos, americanos..., refugiados políticos de todas as partes e artistas vindos do mundo inteiro para cotejar a poderosa vanguarda francesa –, e que esboçam com muita exatidão a improvável síntese do asilo político e da consagração artística, transforma efetivamente Paris em nova “Babel”, uma “Cosmópolis”, uma encruzilhada mundial do universo artístico (CASANOVA, 2002, p. 68).

Dessa cosmópolis, emanava uma verdadeira cultura voltada para o outro, um fluxo-refluxo que a todos nutria. Para aqueles que reconheciam e vivenciavam aquela realidade, Paris devia se comportar como aquela “tenda de Abraão”, com entradas e saídas

desimpedidas, não apenas o lugar de recepção, como também um ponto de partida e retorno subsequente, para o bem de uma comunidade universal do ponto de vista artístico e intelectual. Deixando aqui de lado a questão mais nuclear da hospitalidade, essa ponta do fio que será retomada mais adiante, ficamos com o manifesto de Valery Larbaud, bem representativo desse ideal parisiense cosmopolita,

[...] o parisiense cujo horizonte se estende bem além de sua cidade; que conhece o mundo e sua diversidade, que conhece pelo menos seu continente, as ilhas vizinhas [...], que não se contenta em ser de Paris [...]. E tudo isso para a maior glória de Paris, para que nada seja estrangeiro em Paris, para que Paris esteja em contato permanente com toda a atividade do mundo, e consciente desse contato, e para que se torne assim a capital – acima de todas as políticas “locais”, sentimentais e econômicas – de uma espécie de Internacional intelectual (CASANOVA, 2002, p. 48).

Dessa Paris cosmopolita das primeiras décadas do século XX, queremos, pois, trazer ao primeiro plano a figura de Valery Larbaud, propositalmente, por várias razões, no xadrez do espaço literário mundial. E Valery Larbaud encarnava exatamente esse homem cosmopolita, poliglota, tradutor, crítico literário, autor de muitas obras em prosa e poesia, que colocou seu talento, acima de tudo, a favor da literatura. Pascale Casanova o dimensiona muito bem como:

[...] um dos protagonistas mais eminentes do espaço literário francês e um dos grandes introdutores da literatura mundial em Paris, [...] Larbaud pode enunciar o artigo de fé constitutivo da crença literária nos grandes centros: “Qualquer escritor francês é internacional, é poeta, escritor para toda a Europa e, ainda, para parte da América [...]. Tudo o que é ‘nacional’ é tolo, arcaico, baixamente patriótico [...]” (CASANOVA, 2002, p. 115).

No entanto, se pensarmos a hospitalidade segundo Derrida e se formos buscar do pensamento de Larbaud a frase “[...] E tudo isso para a maior glória de Paris, para que nada seja estrangeiro em Paris [...]”, podemos indagar: na República das Letras, seria o estrangeiro acolhido como o outro? Qual o significado de “para que nada seja estrangeiro em Paris”? Uma negativa à hospitalidade? Aguardemos ainda.

Até aqui, compomos, mesmo que de forma breve, um quadro da Paris hospitaleira, da capital mundial da literatura e da arte, tributária de um contingente enorme de anfitriões e de estrangeiros, mediada pela tradução, local de uma indubitável hospitalidade, mesmo que contingenciada por algumas leis próprias ao espaço literário, aprioristicamente exigidas como uma condição a seus participantes. Dialoguemos um pouco agora com a tradução dentro desse espaço.

1.2.3.2. *Uma dupla perspectiva da tradução*

Recuperemos, aqui, os fios da tradução e da hospitalidade, para desdobrá-los como movimentos que se confirmam como intensamente participativos de um mesmo fenômeno, a constituição de uma cosmópolis, território de práticas universais e que também compartilham de comportamentos semelhantes, quando se trata de uma “mutualidade”. Para melhor entender e confirmar essa dupla perspectiva, no momento no que tange à tradução, será novamente em Jacques Derrida, tão próximo dessa discussão, que buscaremos um argumento, desta vez apresentado por Geoffrey Bennington, dando conta de que Derrida, “em um longo comentário do célebre texto de Benjamin sobre a tradução, descreve as relações de endividamento recíproco entre original e tradução” (BENNINGTON; DERRIDA, 1996, p. 119).

Queremos, aqui, introduzir a ideia de que essa mutualidade que se expressa no binômio original-tradução guarda uma estreita semelhança com o par, também indissociável, hóspede-anfitrião. Se pudermos dizer que o texto dito original já abriga, de início, suas traduções possíveis e igualmente afirmar que no texto traduzido habita o texto dito original, essa compreensão será estendida ao segundo binômio, com as mesmas qualidades, e admitimos que, seguramente, há também uma relação intrínseca e profunda entre hospitalidade e tradução que se funda na questão anterior mesma da linguagem. Feito isso, concluímos que os termos – espaço literário, tradução, hospitalidade, Valery Larbaud, cosmopolitismo, estrangeiro, Paris – funcionam como vasos comunicantes dentro de um mesmo sistema.

Assim, sem risco de extrapolar o desenho inicialmente esboçado, arriscamos dizer que tradução e hospitalidade privam duma mesma qualidade, a dualidade. Essa dupla perspectiva da tradução, seu *double bind*, repousa em sua exigência e sua impossibilidade simultâneas. De muitas maneiras esse fato tem sido ilustrado por muitos pensadores da tradução. Derrida, por exemplo, diz que “é verdade que o idioma resiste à tradução. Mas não a desencoraja necessariamente, ao contrário, muitas vezes a provoca” (DERRIDA, 2004a, p. 306). Na mesma vertente, Geoffrey Bennington, fazendo eco a Derrida, arremata que “todo texto reclama uma tradução que jamais será feita” (BENNINGTON; DERRIDA, 1996, p. 119-120).

Do seu lado, a hospitalidade se assenta em seu *double bind*, sob o duplo signo do hospedar, de definição improvável, difícil de contemplar, porque “um ponto flutuante”. Enfim, o que dizer dos argumentos aqui, aparentemente mal cerzidos, para abarcar tão vasta trama? Buscamos, nas cores variadas que se refletem nas franjas do pensamento derridiano e

que ele declina já na própria gênese do termo *hostis*, que remete tanto ao hóspede quanto ao inimigo, conforme nota de Dufourmantelle (2003, p. 6) e nas palavras de Larbaud, encontrar o território em que se realizam as im-prováveis potencialidades dos gestos do hospedar e do traduzir.

O *chiaroscuro* em que se enovela a tradução, a exemplo do que ocorre na hospitalidade, emerge diante do tradutor em condições que, a princípio, ameaçam paralisá-lo. Assim como o anfitrião em face das demandas da hospitalidade, o tradutor se vê obrigado também a transpor um limiar, no caso, cruzar a soleira do texto original, estranho à sua autoria. A princípio, aqui, o tradutor flutua entre as impossibilidades de ser fiel a si mesmo ou ao outro, interpretar a si ou ao estrangeiro, fazer uma tradução domesticadora ou estrangeirizante, ser fiel à letra ou ao sentido, num movimento antipodal, indagando-se ao infinito. Larbaud, em *Sous l'invocation de saint Jérôme*, pergunta, quando fala dos direitos e deveres do tradutor: “Que devra-t-il faire pour ne pas trahir, et pour éviter, d'une part le mot à mot insipide et infidèle à force de servile fidélité, et d'autre part la ‘traduction ornée?’” (LARBAUD, 1997, p. 58).⁶⁰

Diante dessas questões, o tradutor se coloca cada vez que se vê frente a um novo texto a traduzir, assim como o hospedeiro diante de um novo hóspede. Esse movimento é sempre renovado, leva sempre de volta à origem. E o tradutor está sempre desafiado a superar, a cada encontro, o conflito que lhe apresentam os “contrários”, que se excluem e têm como destino se harmonizarem, até a construção de um “outro”, o traduzido, que o original tomará por ele mesmo, pois já repousa desde sempre em sua trama. Dá-se aqui um *perpetuum mobile*, em que a lei da impossibilidade se torna eternamente violada. Larbaud pontua a questão magistralmente com estas palavras: “L'immobilité du texte imprime est une illusion d'optique” (LARBAUD, 1997, p. 78).⁶¹ Aqui, ele tonaliza a imprecisão. Consideramos, pois, que a possível atitude do tradutor é esse deambular entre mundos, conformar-se como um ser de fronteiras, ele mesmo um nacional e um estrangeiro, um nacionalizante e um estrangeirizante; uma lançadeira a compor a fina urdidura que oculta a relação entre hospitalidade e o ato tradutório.

1.2.3.3. Uma dupla perspectiva da hospitalidade

⁶⁰ “O que deverá ele fazer para não trair, e para evitar, por uma parte, o palavra-por-palavra insípido e infiel, à força da fidelidade servil, e, por outra, a ‘tradução enfeitada?’”

⁶¹ “A imobilidade do texto impresso é uma ilusão de ótica.”

Anne Dufourmantelle, visitando o filósofo tcheco Jan Patočka, traz à tona o conceito da palavra que “faz parte da ‘noite’, em oposição à palavra do “dia”, em que as sensibilidades não estão em jogo, mas a razão, como diz, “o totalitarismo do saber diurno” (DUFOURMANTELLE, 2003, p. 38), o que nos obseda, como um muro de contenção contra a vertigem do outro. Dufourmantelle fala do “noturno” como “a abertura para o que abala”, ou seja, pelo que é capaz de nos salvar da paralisação como “a questão”:

Quando uma palavra faz parte da “noite”, ela nos faz entender as palavras de outra maneira. Assim, falar “do próximo, do exilado, do estrangeiro, do visitante, do sentir-se em casa na casa do outro”, impede conceitos como “eu e o outro” ou “o sujeito e o objeto” de se apresentarem sob uma lei perpetuamente dual. O que Derrida nos faz compreender é que ao próximo não se opõe o algures, mas uma outra figura do próximo. E esta geografia conduz meu sentido, ao longo do seminário, à revelação da questão “onde?” como sendo a questão do homem (DUFOURMANTELLE, 2003, p. 38).

Encontramos aqui aquela faceta “noite” da palavra, que nos arrebatada de nós mesmos para aquilo que somos, que nos amedronta e que preferimos contemplar no “estrangeiro” outro, paradoxalmente o mesmo. Derrida resume que “a questão do estrangeiro como questão da hospitalidade articula-se com a questão do ser”. Esse pensamento deveria ser bastante forte para nos situar para além das dicotomias diante das quais nos debatemos como “eu” e “outro”. Mas isso é propriamente avançar sobre a noite. E a noite, entidade simbólica que, como tal, segundo Bachelard, serve de signo para a matéria (BACHELARD, 1994, p. 134), na figura mitológica Nix, é também a mãe da morte, do sono, do inconsciente, do medo, do não ser. Onde nossa recusa categórica em relação a ela. Esquecemos fácil que a ela se incorpora duração do tempo do dia como a sua metade; que ela encarna não apenas a promessa, mas a própria presença do dia, assegurando sempre o espaço do vir-a-ser. O poeta, visitante do segredo, sustenta que “o tempo da luz é mensurável; mas o império da Noite é sem tempo e sem espaço” (NOVALIS, 1998, p. 23). E nos interroga: “Não traz a cor da Noite tudo o que nos encanta?” (NOVALIS, 1998, p. 31).

O hóspede, o estranho, é, pois, aquele que surge da “noite”, e, o que a um só tempo, é o portador do medo e da Luz; ele, que aparentemente veio receber, é o condutor de uma riqueza que só compete a ele trazer na condição de albergado; ele, o enantiomórfico, que nos afasta do risco de um estado de entropia provocado pelo isolamento, de um colapso do diurno, do utilitarismo. Aqui, pensamos poder associar as palavras de Anne Dufourmantelle sobre o essencial e o inessencial, em que ela considera que “permitir que subsistam lugares abertos para a ‘inutilidade’ da palavra filosófica já é um gesto político que preserva simbolicamente

um espaço em que se pode dizer e deixar surgir o essencial” (DUFOURMANTELLE, 2003, p. 62-64).

Como não resgatar aqui as palavras de Larbaud? Ele, que viveu sob a divisa de “vivre pour travailler”, e, a um só tempo, paradoxalmente, falava de um trabalho “qui se poursuit au long des jours en apparence oisifs” (LARBAUD, 2006, p. 47).⁶² Larbaud confessa, em *Notes pour servir à ma Biographie* (2006), que foi considerado um “propre à rien”. E, justamente falando sobre a natureza de seu trabalho e da necessidade de se proteger para realizá-lo, diz que evitava dar uma justificação a esse trabalho, afinal, ele era, segundo o mesmo, o fundamento de sua vida. Para Larbaud, uma de suas estratégias de defesa era justamente a viagem, no que podia representar o outro, em sua língua diferente, em seus costumes, sua cultura própria, em contato pela tradução, mesmo a despeito da falta de reconhecimento, muitas vezes:

Mon oisiveté apparente, mes séjours sans utilité visible à l'étranger, mes voyages, étaient considérés comme des signes d'infériorité intellectuelle, comme des extravagances et des dissipations (LARBAUD, 2006, p. 62).⁶³

Larbaud viveu períodos fora da França: em Alicante, na Espanha, na Itália, na Inglaterra. Sentiu-se estrangeiro e acolhido fora, assim como estrangeiro em sua própria casa. Em uma de suas cartas ao amigo Marcel Ray, quando de sua primeira viagem à Riviera, quando escapou até San Remo, conta a forte sensação de ter-se sentido estrangeiro pela primeira vez, ao ouvir uma língua estranha e, no mesmo evento, dar-se conta da presença do outro.

Consideramos que, nessa altura, podemos retomar um fio que deixamos para trás quando tratamos do caráter pragmático da hospitalidade parisiense, dessa hospitalidade que poderíamos chamar de “diurna” e, ao lado dela, cerzir uma outra face sua, aquela que se tingem, muitas vezes, de um caráter (in)essencial, aquele algo da dimensão da “noite”, de contornos mais difusos, decantado no encontro do si-mesmo no outro. No caso Larbaud, um provável despertar para a tradução. Ou seja, em meio à confusa trama de um encontrar-se consigo diante do outro, parece que surge um fio luminoso, uma vocação, exposta em um flutuar meditativo entre-mundos, como um desafio, que só a tradução poderá conduzir a termo, uma tentativa de igual acolhimento e preservação, ao abrigo da destruição para as partes, num

⁶² “que se prossegue ao longo dos dias em aparência ociosos”.

⁶³ “Minha ociosidade aparente, minhas estadias sem utilidade visível no estrangeiro, minhas viagens, eram consideradas como sinais de inferioridade intelectual, como extravagâncias e dissipações.”

regime de riscos flutuante. Queremos lembrar aqui, para a tradução, as palavras de Derrida sobre a dupla lei da hospitalidade:

Para evitar os efeitos perversos de uma hospitalidade ilimitada [...] Calcular os riscos, sim, mas sem fechar a porta ao incalculável, ou seja, ao porvir e ao estrangeiro, eis a dupla lei da hospitalidade. Ela define o lugar instável da estratégia e da decisão (DERRIDA, 2004, p. 285).

Na verdade, sugerimos um paralelo entre as ideias em torno da hospitalidade e seus contingenciamentos e as possibilidades da tradução, considerando todos os seus pares de opostos, aparentemente irreconciliáveis. E, fechando o foco para o ponto de partida, considerando o histórico de Larbaud, que vimos abordando desde o início desta dissertação, parece-nos que a emissão de qualquer posição definitiva sobre a hospitalidade francesa ou parisiense estaria em falta com a verdade. Deixando de lado por momentos a fala de Larbaud sobre a Paris ideal, o que não embaça a imagem da cidade como “A República Mundial das Letras”, mas a confirma, optamos por acrescentar testemunhos do reconhecimento dessa hospitalidade, primeiro nas palavras de Gertrude Stein: “Em Paris, a língua da América encontrava sua medida exata de poesia e eloquência” (CASANOVA, 2002, p. 50); depois, amarramos ainda os fios a Derrida, quando este fala que Emmanuel Lévinas “amou [a França], por sua hospitalidade [...] esta França hospitaleira”.⁶⁴

Para Ballard, “la vie de Larbaud fut placée sous le signe du voyage, de l’ouverture à l’autre, et la générosité de son cosmopolitisme” (BALLARD, 1999, p. 207).⁶⁵ Sim, podemos invocar aqui suas palavras como mais um precioso fio para o acabamento da composição da figura de Larbaud, que propusemos no princípio, o tradutor cosmopolita *par excellence*, também ilustre e autêntico representante dessa França e da Paris de que fala Pascale Casanova, e, em todos os momentos, imbuído das responsabilidades do seu papel de tradutor. Suas cartas falam em favor disso.

⁶⁴ Citado por CASANOVA, 2002, p. 26.

⁶⁵ “A vida de Larbaud foi posta sob o signo da viagem, da abertura para o outro, e a generosidade de seu cosmopolitismo.”

CAPÍTULO 2

AS CARTAS

Valery Larbaud a été (jusqu'en 1935) un épistolier infatigable. Du fond de son Bourbonnais ou de ses retraites étrangères, il envoyait des lettres, des cartes postales (LARBAUD, 1992b, p. 25).⁶⁶

⁶⁶ “Valery Larbaud foi (até 1935) um epistoleiro infatigável. Do fundo de seu Burbônia ou de seus retiros estrangeiros, ele enviava cartas, cartões-postais.”

Lemos vários livros de cartas de Larbaud, muitas cartas, volumes de cartas trocadas com o amigo de adolescência Marcel Ray, correspondências com o amigo André Gide, com o amigo e biógrafo G.-Jean Aubry, com as editoras Adrienne Monnier e Sylvia Beach, com o amigo e editor Jean Paulhan, com o editor holandês A. M. M. Stols, e tantas outras esparsas, em muitos volumes que folheamos. E há os que estão esgotados nas editoras, como suas correspondências com o poeta Léon-Paul Fargue, o único que ele tratava por “tu”, além de sua mãe, Isabelle des Étivaux. E, pelo que se sabe, a Biblioteca Municipal Valery-Larbaud, em Vichy, não cessa de revelar e publicar novas correspondências suas. Larbaud tornou-se um grande missivista, pelo treino a que sua mãe Isabelle o submetera desde a infância, quando, aluno interno nos colégios, era obrigado a lhe escrever todos os dias. E por muitos anos de sua vida adulta.

Mas, o que se pode dizer, a partir do considerável repertório de cartas de Larbaud lidas, quantas vezes como se fizesse parte de tão vivos contextos, é o surpreendente fato de quase não se encontrar nelas quase nenhum registro de cunho confidencial. Atribuem-se a isso pelo menos dois fatores e uma única ação: Larbaud teria destruído toda correspondência de cunho afetivo que envolvesse mulheres, exceto, pelo que consta, da Princesa de Bassiano (Margherita Caetani), amiga e editora da revista literária francesa *Commerce*, da qual ele chegou a ser diretor, junto com Paul Valéry e Léon-Paul Fargue. Uma das razões, ao que parece, é que, à época, era costume destruir as cartas de amor ou consideradas íntimas. Verdade ou não, uma outra razão é incontestável: Larbaud era notoriamente uma pessoa reservada quanto a sua vida privada. Portanto, nada a estranhar que seu espólio epistolar seja, em sua quase totalidade, formado por correspondências trocadas dentro do meio literário. Isso também evidencia, sem dúvida, que tipo de assunto ou atividade ocupava seu maior tempo. As cartas eram também para ele elementos estranhos à obra, não obstante as suas não tratarem de nada além de literatura.

Mas, para melhor atender nossa finalidade, foi no universo das 56 cartas escritas por ele, integrantes do livro *Lettres d'un retiré*, organizado por Michel Bulteau em 1992, todas traduzidas durante o período de nossos estudos, que elegemos 18 delas, destinadas a cinco escritores – Jacques Rivière, Édouard Dujardin, Paul Claudel, Charles Du Bos e Emmanuel Lochac. Com esses cinco correspondentes, Larbaud tratou de traduções, de crítica literária, de poesia, de romance, de revisões, de publicações, de literatura, enfim. Não se pode dizer que elegê-las tenha sido uma tarefa fácil, pois a maioria das correspondências são monumentos coletivos da literatura francesa e europeia num intervalo de pelo menos trinta anos. Essas

cartas darão apenas uma pálida ideia da envergadura das atividades literárias de Larbaud. Do livro, excluindo cinco cartas escritas a sua mãe, todas as outras do conjunto geral têm como destinatários figuras de destaque do meio literário na França. Nossa escolha, portanto, foi guiada por um critério absoluto, a literatura.

Suas últimas cartas escritas de próprio punho datam de 1935, ano em que foi atingido por um acidente cerebral, ele, que desde a infância de saúde muito frágil, que ficou parcialmente inválido por 22 longos anos. Dessa fase, são tocantes as cartas de amigos, que sabiam que não obteriam respostas a elas, mas que não podiam deixá-lo no isolamento total.

Seguem-se, portanto, as cartas escolhidas, acompanhadas das respectivas traduções. Todas as notas de pé de página são notas constantes da publicação de Michel Bulteau, acompanhadas de nossas respectivas traduções.

LETTRES	CARTAS
À JACQUES RIVIÈRE	A JACQUES RIVIÈRE
JR01	JR01
Station Hôtel, Perth.	Station Hôtel, Perth
Lundi, le 7 juillet 1913.	Segunda-feira, 7 de julho de 1913.
Cher ami,	Caro amigo,
Je suis pour quelques jours seulement ici, mais mon adresse fixe est, pour une quinzaine au moins : Poste restante, Edimbourg.	Estou aqui apenas por alguns dias, mas o meu endereço fixo, pelo menos por uma quinzena, é: Posta restante, Édimbourg.
Avant de quitter Londres, j'ai reçu le n° de juillet de <i>La NRF</i> .	Antes de deixar Londres, recebi o n°. de julho da <i>NRF</i> .
J'ai vu que ma note sur le livre d'Édouard Dolléans n'y était pas, mais qu'elle était avantageusement remplacée par un article du même Dolléans.	Vi que minha nota sobre o livro de Édouard Dolléans não foi publicada, mas fora vantajosamente substituída por um artigo do próprio Dolléans.
Je suppose que lui-même ou Schlumberger l'aura trouvée inutile. ⁶⁷	Suponho que ele mesmo, ou Schlumberger, a tenha considerado desnecessária. ⁶⁸

⁶⁷ Note jamais retrouvée.

⁶⁸ Nota jamais encontrada.

En tout cas, j'ai envoyé à Copeau une "lettre anglaise" contenant trois traductions de poésies intéressantes. ⁶⁹	Em todo caso, enviei a Copeau uma "lettre anglaise" contendo três traduções de poesias interessantes. ⁷⁰
Pour les épreuves de ceci, les envoyer, si c'est avant le 15 juillet, à l'adresse d'Edimbourg; si c'est après, je vous écrirai de nouveau, vous saurez ma nouvelle adresse.	Quanto às provas dessas, se antes de 15 de julho, envie-as para o endereço de Édimbourg; se depois, escreverei novamente para você, informando-lhe meu novo endereço.
J'ai lu la fin de votre Essai sur le Roman d'Aventure. Je trouve que vous avez surtout bien défini pourquoi le roman selon la vieille formule nous ennuie tant.	Li o final de seu ensaio sobre o Romance de Aventura. Achei que você especialmente bem, principalmente por que o romance segundo a antiga fórmula nos entedia tanto.
Mais je trouve aussi que vous êtes dur pour le roman français.	Mas acho também que você foi duro com o romance francês.
Quelquefois chez les Goncourt, souvent chez A. Daudet, chez Jean de Tinan, chez Huysmans (<i>En rade</i>), dès l'origine chez Gide, on trouve une attitude, une orientation, une disposition, un entraînement vers le roman tel que vous le définissez.	Algumas vezes nos Goncourt, muitas outras em A. Daudet, em Jean de Tinan, em Huysmans (<i>En rade</i>), desde o início em Gide, percebe-se uma atitude, uma orientação, uma disposição, um treino para o romance tal como você o define.
Je ne dis rien pour Dostoïevsky que je connais mal; ⁷¹ mais pour Dickens, vraiment l'armature de ses livres est bien vieille, bien rouillée, si les étoffes dont il la revêt sont neuves et claires. Le procédé y est souvent trop visible.	Não digo nada sobre Dostoïevsky, que conheço mal; ⁷² mas sobre Dickens, realmente a armadura de seus livros é bem velha, bem enferrujada, ainda que os estofos com os quais ele a reveste sejam novos e claros. O procedimento é aí por demais visível.
Il y a du développement chez Uriah Heep ; mais Micawber, il me suffit de l'avoir vu une	Há desenvolvimento em Uriah Heep; mas quanto a Micawber, foi-me suficiente tê-lo

⁶⁹ Cf. "Lettres anglaises", *La NRF*, août 1913.

⁷⁰ Cf. "Lettres anglaises", *La NRF*, agosto de 1913.

⁷¹ Réagit-il en écrivant cela contre l'enthousiasme général de *La NRF* ?

⁷² Ele reage escrevendo isso contra o entusiasmo geral da NRF?

fois.	visto uma vez.
Mais tout cela est de la chicane.	Mas tudo isso é parte da discussão.
Vous avez dit pourquoi <i>La Guerre et la Paix</i> et les <i>Karamazov</i> nous attirent, et pourquoi <i>L'Étape</i> ne nous amuse pas.	Você disse por que <i>Guerra e Paz</i> e os <i>Karamazov</i> nos atraem, e por que <i>L'Étape</i> não nos diverte.
N'allez-vous pas faire la suite que vous m'aviez annoncée: la technique du "Roman d'Aventure"?	Você não vai escrever a continuação que me havia anunciado: a técnica do "Romance de Aventura"?
J'ai lu avec intérêt une partie du dernier numéro. Le Jules Renard est très bien.	Li com interesse uma parte do último número. O Jules Renard está muito bom.
L'article de J.Schlumberger contient une des plus amusantes coquilles que j'ai vues: "de naïfs péguisements!" ⁷³	O artigo de J. Schlumberger contém uma das mais divertidas gralhas que já vi: "naïfs péguisements!" ⁷⁴
Le passage d'un article où il est question de Maeterlinck m'a beaucoup amusé. Je le sais par cœur.	O trecho de um artigo que trata de Maeterlinck me agradou muito. Sei-a de cor.
Et les gens sont étonnés de m'entendre dire dans la rue: "Midi. Mme Georgette Leblanc a fermé à demi les yeux, pieusement sensuelle... Ces parfums... ces parfums sont comme les baisers des choses... et tant d'autres présences encore!... Cela est dit à voix basse, si basse."	E as pessoas ficam espantadas de me ouvirem dizer na rua: "Meio-dia. Madame Georgette Leblanc semicerrou os olhos, piedosamente sensual... Esses perfumes... esses perfumes são como os beijos das coisas... E tantas outras presenças mais!... Isso é dito em voz baixa, bem baixa."
En écrivant, donnez-moi des nouvelles de Fargue et de tous les amis.	Quando me escrever, dê notícias de Fargue e de todos os amigos.
V. Larbaud	V. Larbaud
JR02	JR02
15 juillet 1913.	15 de julho de 1913.
Cher ami,	Caro amigo,

⁷³ Larbaud n'est pas un admirateur de Péguy.

⁷⁴ Larbaud não era admirador de Péguy.

Je vous remercie de votre lettre.	Agradeço-lhe por sua carta.
Non, je ne veux rien recevoir pour les notes concernant Vathek. ⁷⁵	Não, eu não quero receber nada pelas notas que se referem a Vathek. ⁷⁶
Nous recommençons à tenir des comptes avec les notes que je vous ai envoyées sur Francis Thompson, Alice Meynell, etc.	Recomeçamos a ajustar contas com as notas que lhe envie sobre François Thompson, Alice Meynell, etc.
J'espère que les poèmes que je cite vous ont plu. Celui que je préfère est: <i>O Monde invisible...</i> L'autre ne serait pas très éloigné des Poèmes de L.-P. Fargue sans la fièvre qui le parcourt d'un bout à l'autre. ⁷⁷	Espero que os poemas que cito tenham lhe agradado. Meu preferido é <i>O monde invisible...</i> O outro não estaria muito distante dos poemas de L.-P Fargue sem a febre que o percorre de um extremo a outro. ⁷⁸
L'adresse de Mme Alice Meynell ⁷⁹ (pour Claudel) est: 28, Orchard Street, Oxford Street, Londres W. C.	O endereço de Alice Meinell ⁸⁰ (para Claudel) é: 28, Orchard Street, Oxford Street, Londres W. C.
Il est indispensable de mettre Oxford Street, parce qu'il y a deux Orchard Str.	É indispensável colocar Oxford Street, porque há duas Orchard Str.
Oui, envoyez-moi les épreuves à Edimbourg (poste restante).	Sim, envie-me as provas para Edimburgo (posta restante).
Je n'y serai pas avant le 20, et j'y serai alors jusqu'au 25. Ce sera sans doute le moment où elles arriveront. Merci pour la coupure.	Não estarei lá antes do dia 20, e ficarei até o dia 25. Esse será sem dúvida o momento em que elas chegarão. Obrigado pelo recorte.
Ce que vous me dites me flatte beaucoup: que c'est en pensant à <i>Barnabooth</i> que vous avez décrit certaines qualités du Roman d'Aventure.	O que me diz me lisonjeia muito: que foi pensando em <i>Barnabooth</i> que você descreveu algumas qualidades do Romance de Aventura.
Je suis d'accord avec vous sur tous les points,	Estou de acordo com você sobre todos os

⁷⁵ “Les Épisodes de Vathek”, *La NRF*, janvier 1913, et “Qui a écrit Vathek?”, *La NRF*, mai 1913.

⁷⁶ “Les Épisodes de Vatheke”, *La NRF*, janeiro de 1913, e “Qui a écrit Vathek?”, *La NRF*, maio de 1913.

⁷⁷ “O Monde invisible...”, premier vers du poème de Francis Thompson: *Le Royaume de Dieu*.

⁷⁸ “O Monde invisible...”, primeiro verso do poema de Francis Thompson e de Coventry Patmore.

⁷⁹ Amie de Thompson et de Coventry Patmore.

⁸⁰ Amiga de Thompson e de Coventry Patmore.

<p>sauf sur: je n'admets pas que le "Roman d'Aventure", tel que vous le décrivez (et je crois fermement que c'est bien la forme qu'il prend maintenant pour être d'accord avec l'époque – avec l'état de choses, et les gens à peindre et à faire parler), – je n'admets pas qu'il soit une importation de l'étranger.</p>	<p>pontos, porém não admito que o "Romance de Aventura", tal como você o descreveu (e acho realmente que essa forma que ele adquire agora para estar de acordo com a época – com o estado de coisas, e as pessoas a retratar e a fazer falar) –, não admito que seja uma importação do estrangeiro.</p>
<p>Je crois que depuis Stendhal – depuis Lesage! – il a été préparé chez nous – comme ailleurs, mais que les circonstances en ont retardé l'éclosion.</p>	<p>Creio que desde Stendhal – desde Lesage! – ele foi preparado – como em outros lugares, mas as circunstâncias retardaram sua eclosão.</p>
<p>Les écrivains de la génération précédente, je veux dire ceux que nous lisions en cachette au collège, ne me plaisent pas plus qu'à vous: comme les Goncourt écrivent mal!</p>	<p>Os escritores da geração precedente, quero dizer, aqueles que líamos às escondidas no colégio, não me agradam mais que a você: como os Goncourt escrevem mal!</p>
<p>Daudet est souvent aussi vulgaire qu'un homme du monde. Les affectations de Huysmans me donnent la chair de poule, comme l'accent américain.</p>	<p>Daudet é muitas vezes tão vulgar quanto um homem mundano. As afetações de Huysmans me causam arrepios, como o sotaque americano.</p>
<p>Chez tous, on sent la chose bâtie sur un plan de petit architecte provincial, le morceau choisi, le passage soigné, et quel manque d'aisance, quelle gaucherie dans leurs airs de tout casser: des gosses fumant leurs premières cigarettes.</p>	<p>Em todos eles, sente-se a coisa construída como em um projeto de um pequeno arquiteto provinciano, o trecho antológico, a passagem esmerada, e quanta falta de desenvoltura, quanta trapalhada com aquele ar de "botar pra quebrar": garotos fumando seus primeiros cigarros.</p>

Mais en y regardant de près, on sent chez eux, malgré tout, “le vieil esprit risque-tout d’aventure et d’invention” (Turelure). Et alors arrivent <i>Les Nourritures terrestres</i> et <i>Marie Donadieu</i> . ⁸¹	Mas quando os olhamos de perto, percebemos neles, apesar de tudo, “o velho espírito arrisca-tudo de aventura e de invenção” (Estribilho). E então chegam <i>Les Nourritures terrestres</i> [<i>Os frutos da terra</i>] e <i>Marie Donadieu</i> . ⁸²
Alors la littérature française s’eupéanise, mais tout en restant française; et de même que ce sont des provinciaux qui font la masse des Parisiens, de même ce sont des Anglais, des Russes, des Français, qui font les Européens. Il peut y avoir parenté d’allures entre eux, mais ils viennent de pays très différents.	Então a literatura francesa se europeíza, ao mesmo tempo que permanece francesa; e do mesmo modo que são provincianos que constituem a maioria dos parisienses, são ingleses, russos, franceses, que constituem os europeus. Aqui pode haver semelhança de feições entre eles, mas eles vêm de países muito diferentes.
Peut-être est-ce ce que vous pensiez ; mais la façon dont vous vous exprimez peut vous faire accuser de nier que le nouveau roman que vous annoncez soit français.	Talvez seja o que você pensa; mas da maneira como você se expressa, pode ser acusado de negar que o novo romance que anuncia seja francês.
Amitiés à Gaston Gallimard.	Lembranças a Gaston Gallimard.
Votre	Seu
V. Larbaud.	V. Larbaud.
À ÉDOUARD DUJARDIN	A ÉDOUARD DUJARDIN
ED01	ED01
Paris, le 11 août 1923.	Paris, 11 de agosto de 1923
Cher Monsieur,	Caro Senhor,
Depuis plusieurs mois je voulais vous écrire au sujet de mes articles de <i>La Nación</i> , ⁸³ mais	Há vários meses gostaria de escrever-lhe a propósito de meus artigos no <i>La Nación</i> , ⁸⁴

⁸¹ Roman de Charles-Louis Philippe publié en 1904.

⁸² Romance de Chrales-Louis Philippe publicado em 1904.

⁸³ Journal argentin auquel Larbaud collabora de 1923 à 1925.

⁸⁴ Jornal argentino para o qual Larbaud colabora de 1923 a 1925.

j'ai été assez sérieusement malade et le peu de temps que je pouvais donner au travail a été pris par des corrections d'épreuves.	mas estive muito doente e o pouco tempo que pude dedicar ao trabalho foi tomado pelas correções de provas.
Je réponds d'abord à votre question.	Respondo primeiro à sua pergunta.
Mes articles de <i>La Nación</i> sont écrits directement en espagnol, cela m'amuse et simplifie le travail du journal, le directeur n'ayant plus qu'à corriger les quelques fautes de grammaire qui m'échappent de temps en temps, surtout lorsque j'ai passé longtemps hors d'Espagne – parce que j'écris comme je parle et sans avoir la prétention de rivaliser avec mes confrères espagnols ou argentins.	Meus artigos publicados no <i>La Nación</i> são escritos diretamente em espanhol; isso me diverte e simplifica o trabalho do jornal, uma vez que o diretor tendo apenas que corrigir os poucos erros de gramática que me escapam de vez em quando, sobretudo quando passei muito tempo fora da Espanha – porque escrevo como falo e sem ter a pretensão de rivalizar com meus confrades espanhóis ou argentinos.
L'année prochaine, ces articles seront réunis en un volume ⁸⁵ avec index des noms et des ouvrages cités, et publiés à Buenos Aires. A ce moment, je pense qu'ils deviendront ma propriété absolue, et qu'on en pourra traduire des passages en français.	No próximo ano, esses artigos serão reunidos em um volume, ⁸⁶ com índice dos nomes e das obras citadas, e publicados em Buenos Aires. Nesse momento, penso que se tornarão minha propriedade absoluta, e que algumas de suas passagens poderão ser traduzidas em francês.
C'est un travail que je n'aimerais pas faire, mais je pourrai revoir les traductions.	É um trabalho que eu não gostaria de fazer, mas poderei rever as traduções.
J'ai en projet une quinzaine d'articles (neuf sont ou publiés, ou en route vers Buenos Aires), et comme je vous l'ai dit, un de ces quinze articles doit vous être consacré. ⁸⁷	Tenho em projeto uns quinze artigos (nove estão ou publicados, ou a caminho de Buenos Aires), e como lhe disse, um desses quinze artigos deve ser dedicado ao Senhor. ⁸⁸
Je connais encore imparfaitement votre œuvre, et n'ai jusqu'ici de tout à fait nets que les paragraphes consacrés à vos poésies, à	Conheço ainda imperfeitamente sua obra, e tenho, até aqui, perfeitamente claros apenas os parágrafos dedicados a suas poesias, a seu

⁸⁵ Le projet n'a jamais été réalisé.

⁸⁶ O projeto nunca foi realizado.

⁸⁷ “Figuras del simbolismo francés: Édouard Dujardin, *La Nación*, 15 mars 1925.

⁸⁸ “Figuras do simbolismo francês: Édouard Dujardin”, *La Nación*, 15 de março de 1925.

<p>votre petit livre sur les origines du vers libre,⁸⁹ et à <i>Les Lauriers sont coupés</i>.</p>	<p>pequeno livro sobre as origens do verso livre,⁹⁰ e a <i>Les Lauriers sont coupés</i> [<i>Os loureiros estão cortados</i>].</p>
<p>Pour ce dernier, c'est James Joyce qui me l'a signalé comme une des sources de son <i>Ulysses</i> et je l'ai lu tout récemment. Et j'ai bien vivement regretté de ne l'avoir connu plus tôt.</p>	<p>Quanto a este último, foi James Joyce que o assinalou para mim como uma das fontes do <i>Ulisses</i> dele e o li muito recentemente. E lamentei muito não tê-lo conhecido antes.</p>
<p>C'est non seulement le premier livre écrit en monologue intérieur – ce qui constitue une trouvaille littéraire d'une importance incalculable –, mais aussi un parfait chef-d'œuvre, à mettre auprès des plus grands romans de la littérature française!</p>	<p>É não apenas o primeiro livro escrito em monólogo interior – o que constitui um achado literário de uma importância incalculável –, mas também uma perfeita obra-prima, a ser posto ao lado dos grandes romances da literatura francesa!</p>
<p>Je suis stupéfait de penser que cela date de 1887 et qu'il a fallu attendre jusqu'à <i>Ulysses</i> pour que quelqu'un reprît la forme du monologue intérieur.</p>	<p>Fico estupefato ao pensar que tal feito data de 1887 e que foi preciso esperar até <i>Ulysses</i> [<i>Ulisses</i>] para que alguém retomasse a forma do monólogo interior.</p>
<p>Actuellement toute la littérature des États-Unis en est pleine; votre influence, à travers James Joyce, se fait sentir dans toute l'Amérique.</p>	<p>Atualmente toda a literatura dos Estados Unidos está repleta dele; a influência do Senhor, através de James Joyce, se faz sentir em toda a América.</p>
<p>Et moi-même j'ai écrit ce que j'ai cru être – jusqu'à ma première lecture de <i>Les Lauriers sont coupés</i> – les deux premiers monologues intérieurs de la littérature française.⁹¹</p>	<p>E eu mesmo escrevi o que acreditei ser – até minha primeira leitura de <i>Os loureiros estão cortados</i> – os dois primeiros monólogos interiores da literatura francesa.⁹²</p>
<p>Enfin j'ai vu que vous en étiez l'inventeur, et que le roman dans lequel vous avez appliqué cette invention était une œuvre capitale,</p>	<p>Enfim, vi que foi o Senhor que o inventou, e que o romance no qual aplicou essa invenção era uma obra capital, como perfeição poética</p>

⁸⁹ *Les premiers poètes du vers libre*, Mercure de France, 1923.

⁹⁰ *Les premiers poètes du vers libre*, Mercure de France, 1923.

⁹¹ *Amants, heureux amants... et Mon plus secret conseil...*

⁹² *Amantes, felizes amantes... e Meu mais secreto conselho...*

comme perfection poétique et comme source de tout un grand courant littéraire, qui va aller s'élargissant.	e como fonte de toda uma grande corrente literária, que irá se ampliando.
Il faut que cela soit dit et su partout, et je le dirai aux lecteurs de <i>La Nación</i> d'abord.	É preciso que isso seja dito e conhecido por toda parte, e o direi aos leitores de <i>La Nación</i> , primeiramente.
Ce qui me surprend, c'est que vous n'avez pas donné d'autres ouvrages, écrits dans cette forme qui se prête si merveilleusement à l'analyse racinienne du coeur humain.	O que me surpreende é que o Senhor não tenha outras obras, escritas nessa forma que se presta tão maravilhosamente à análise raciniana do coração humano.
Enfin, de même que vous avez dédié <i>Les Lauriers</i> à Racine, je vous demanderai la permission de vous dédier mon dernier monologue intérieur, encore inédit, mais qui doit paraître cet automne. Je vous soumettrai le texte de ma dédicace si vous voulez bien.	Enfim, assim como o Senhor dedicou <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>] a Racine, peço-lhe a permissão para lhe dedicar meu último monólogo interior, ainda inédito, mas que deve ser publicado neste outono. Submeterei o texto de minha dedicatória ao Senhor, se assim o aceitar.
Je vous avoue que j'ignore votre théâtre, et je serais heureux si vous vouliez bien m'en communiquer les volumes.	Confesso-lhe que ignoro o seu teatro, e ficaria muito feliz se o Senhor fizer a gentileza de informar os volumes.
Je serais heureux de posséder votre œuvre entière avec dédicaces. Mais c'est peut-être trop demander?	Ficaria feliz em possuir sua obra inteira com dedicatórias. Mas isso talvez seja pedir demais?
Où puis-je trouver quelques data biographiques sur vous ?	Onde posso encontrar alguns dados biográficos seus?
Je serais content de pouvoir envoyer mon article à Buenos Aires avant la fin de l'année.	Ficaria contente em poder enviar meu artigo a Buenos Aires antes do fim do ano.
Excusez cette longue lettre, mais je voulais vous exprimer tout le plaisir que m'a donné la lecture (et la relecture) des <i>Lauriers</i> .	Desculpe-me esta longa carta, mas eu queria lhe expressar todo o prazer que me proporcionou a leitura (e a releitura) de <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>].
J'en ai parlé à plusieurs personnes, et mon ami Léon Delamarche va leur consacrer un de	Falei do livro a várias pessoas, e meu amigo Léon Delamarche vai lhe dedicar um de seus

ses articles dans <i>L'Éclair</i> .	artigos no <i>L'Éclair</i> .
Nous sommes plusieurs qui sommes absolument emballés sur ce qui est pour nous une découverte.	Somos vários que a estar absolutamente empolgados por aquilo que é para nós uma descoberta.
Votre admirateur respectueux. V. Larbaud.	Seu admirador respeitoso. V. Larbaud.
ED02	ED02
Valbois par Saint-Pourçain-sur-Sioule.	Valbois por Saint-Pourçain-sur-Sioule.
24 juillet 1930.	24 de julho de 1930.
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
Je vous remercie de votre lettre.	Agradeço-lhe sua carta.
J'espère que vous êtes à présent tout à fait remis.	Espero que no momento você esteja completamente recuperado.
En ce qui me concerne, il n'y a rien de changé: impossibilité de m'éloigner de ma mère et manque de temps pour travailler comme je voudrais.	No que me diz respeito, não há nada de novo: impossibilidade de me distanciar de minha mãe e falta de tempo para trabalhar como gostaria.
Non, je ne me suis jamais aperçu que Jacques Rivière ait eu la moindre prévention contre vous ou contre vos ouvrages.	Não, nunca percebi que Jacques Rivière tivesse qualquer resistência contra você ou contra suas obras.
Je suis même certain qu'il n'était pas de ceux qui paraissaient surpris ou sceptiques, lorsque je faisais devant eux l'éloge des <i>Lauriers</i> .	Estou inclusive certo de que ele não estava entre aqueles que pareciam surpresos ou céticos quando diante deles eu elogiava <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>].
Il ne m'a du reste jamais demandé de changer quoi que ce fût dans les Notes que je lui donnais pour sa revue.	De resto, ele nunca me pediu para mudar o que quer que fosse nas Notas que eu lhe enviava para sua revista.
Il est possible, comme vous le pensez, que ma Note sur le manuel de René Lalou ⁹³ ait été	É possível, como você pensa, que minha Nota sobre o manual de René Lalou ⁹⁴ tenha sido

⁹³ *Histoire de la littérature française contemporaine (1870-1922)*, où *Les Lauriers sont coupés* ne sont pas cités. Dans *Les Écrivains chez eux* (ill. par Serge Czerefkow, 1925), René Lalou écrit sur Larbaud des choses étranges: "... Du bout du couloir, allusion. Dans un compartiment ce fut la disparition d'une étoffe, suivie d'une robe. 'J'ai jugé les fesses de trois femmes: *pugas auto ekrina*

écrite avant la conversation avec Joyce où il fut question des <i>Lauriers</i> .	escrita antes da conversa com Joyce, onde se falou de <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>].
Dans ce cas, je serais tout excusé de n'avoir pas pris la défense d'un auteur que je connaissais mal et d'un livre que j'ignorais complètement.	Nesse caso, eu teria a desculpa de não ter tomado a defesa de um autor que eu conhecia mal e de um livro que eu ignorava completamente.
Mais comme je n'avais certainement pas encore lu, à cette date, <i>Les Lauriers</i> , même si Joyce m'en avait parlé, je me sentirais également à l'abri de tout reproche.	Mas como certamente não tinha ainda lido, naquela data, <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>], mesmo que Joyce me houvesse falado dele, eu me sentiria igualmente ao abrigo de toda censura.
En effet, comment aurais-je pris la défense d'un livre que je n'avais pas lu? Parce que Joyce me l'avait recommandé?	Na verdade, como poderia eu tomar a defesa de um livro que não havia lido? Por que Joyce o havia recomendado?
Si grande que soit mon admiration pour l'œuvre de Joyce, elle ne va pourtant pas jusqu'à me faire parler avec éloges d'un livre que je n'ai pas lu. Et Joyce ne m'avait pas recommandé <i>Les Lauriers</i> . Il me les avait seulement signalés: "Read it."	Por maior que seja minha admiração pela obra de Joyce, ela, no entanto, não chega a me fazer elogiar um livro que não li. E Joyce não me havia recomendado <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>]. Ele apenas me havia assinalado o livro: "Read it."
Ce n'est qu'après avoir lu le livre que je pouvais en parler, le défendre, et, dans la mesure de mes moyens, le répandre.	Apenas após ter lido o livro eu poderia falar dele, defendê-lo, e, na proporção dos meus meios, difundi-lo.
Et c'est ce que j'ai fait dès que j'en ai eu l'occasion, à la fin de cette même année, en inscrivant en tête de <i>Mon plus secret conseil</i> la dédicace: À Édouard Dujardin,... auteur de	E foi o que fiz sempre que surgiu a oportunidade, como no fim daquele mesmo ano, ao escrever na abertura de <i>Mon plus secret conseil</i> [<i>Meu mais secreto conselho</i>] a

triôn.⁹⁴ D'où cela me revient-il, tandis que je m'approche ? Le train ronronne comme si le paysage libertin lui chatouillait le cou..."

⁹⁴ *Histoire de la littérature française contemporaine (1870-1922)*, em que *Os loureiros estão cortados* não são citados. Em *Les Écrivains chez eux* (il. Por Serge Czerefkow, 1925), René Lalou escreveu sobre Larbaud coisas estranhas: "... Do fundo do corredor, alusão. Em um compartimento ocorreu o desaparecimento de um tecido, seguido de um vestido. 'Julguei as nádegas de três mulheres: *pugas auto ekrina triôn*.' De onde aquilo me voltava, enquanto me aproximo? O trem ronrona como se a paisagem libertina lhe fizesse cócegas no pescoço..."

<i>Les Lauriers sont coupés</i> (1887), a quo...	dedicatória: A Édouard Dujardin, autor de <i>Les Lauriers sont coupés</i> [<i>Os loureiros estão cortados</i>] (1887), a quo...
Certainement, dans l’histoire du monologue intérieur en France, cette dédicace qui est de 1923 constitue le fait le plus important après la publication des <i>Lauriers</i> de 1887.	Certamente, na história do monólogo interior na França, esta dedicatória, que é de 1923, constitui o fato mais importante depois da publicação de <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>], de 1887.
C’est d’elle, de sa publication, que date ce qu’on peut appeler la “résurrection” des <i>Lauriers</i> et de la réintroduction du monologue intérieur dans la littérature française.	É dela, dessa publicação, que data aquilo que podemos chamar a “ressurreição” de <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>] e a reintrodução do monólogo interior na literatura francesa.
Après plus de trente ans de silence on en reparle, on le discute, et on commence à écrire sous cette forme (la nouvelle de L. Bopp). ⁹⁵	Depois de mais de trinta anos de silêncio, volta-se a falar dele; ele é discutido, e se começa a escrever sob essa forma (a novela de L. Bopp). ⁹⁶
Cette brusque extension de la renommée des <i>Lauriers</i> est précisément ce qui m’a permis de me faire une idée du succès de <i>Amants, heureux amants</i> .	Esse brusco aumento da fama de <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>] é precisamente o que me permitiu fazer uma ideia do sucesso de <i>Amants, heureux amants</i> [<i>Amantes, felizes amantes</i>].
Ce succès se poursuit, et chaque nouveau lecteur de mon livre peut voir, par la dédicace de <i>Mon plus secret conseil</i> , que je considère <i>Les Lauriers</i> comme le prototype de mon écrit. “A quo...”	Esse sucesso continua, e cada novo leitor de meu livro pode ver, pela dedicatória de <i>Mon plus secret conseil</i> [<i>Meu mais secreto conselho</i>], que considero <i>Les Lauriers</i> [<i>Os Loureiros</i>] como o protótipo de meu texto. “A quo...”
C’est clair ; et ceux des lecteurs qui ont pratiqué Horace ajoutent mentalement: “... ceu fonte perenni... .”	Isso é claro; e aqueles leitores que frequentaram Horácio acrescentam mentalmente: “... ceu fonte perenni... .”

⁹⁵ Jean Darien (Gallimard, 1924).

⁹⁶ Jean Darien (Gallimard, 1924).

<p>Je dois vous dire aussi que <i>Mon plus secret conseil</i> était presque entièrement composé sous sa forme définitive lorsque j’ai lu pour la première fois <i>Les Lauriers</i>.</p>	<p>Devo também lhe dizer que <i>Mon plus secret conseil</i> [<i>Meu mais secreto conselho</i>] estava quase inteiramente composto sob sua forma definitiva quando li pela primeira vez <i>Les Lauriers</i>.</p>
<p>Je l’avais composé alors que je voyais encore en James Joyce “the only begetter” du monologue intérieur.</p>	<p>Eu o havia escrito enquanto via ainda em James Joyce “the only begetter” do monólogo interior.</p>
<p>En rédigeant la dédicace à vous, j’ai voulu d’abord réparer l’erreur commise dans celle (d’<i>Amants, heureux amants</i>) à Joyce, et ensuite signaler à mes lecteurs un livre qui m’avait “emballé”.</p>	<p>Redigindo a dedicatória a você, eu quis primeiramente reparar o erro cometido naquela dedicatória (de <i>Amants, heureux amants</i> [<i>Amantes, felizes amantes</i>]) a Joyce, e também indicar a meus leitores um livro que me havia “empolgado”.</p>
<p>Les deux dédicaces rapprochées signifient: Quand j’ai écrit <i>Amants, heureux amants</i>, j’étais persuadé que Joyce était l’inventeur de la forme dans laquelle cette “nouvelle” était écrite, depuis, mieux informé, j’ai fait hommage de l’autre “nouvelle” (<i>Mon plus secret conseil</i>), au vrai inventeur et précurseur, É. Dujardin.</p>	<p>As duas dedicatórias comparadas significam: Quando escrevi <i>Amants, heureux amants</i> [<i>Amantes, felizes amantes</i>], eu estava convencido de que Joyce era o inventor da forma na qual essa “novela” fora escrita; depois, mais bem informado, homenageei, com a outra “novela” (<i>Mon plus secret conseil</i> [<i>Meu mais secreto conselho...</i>]), o verdadeiro inventor e precursor, É. Dujardin.</p>
<p>Et c’est pour cela que j’ai écrit la date, 1887, après le titre de votre livre.</p>	<p>E foi por isso que escrevi a data, 1887, depois do título de seu livro.</p>
<p>La “résurrection” des <i>Lauriers</i>, si bien commencée par ma dédicace, ma Préface pour la nouvelle édition des <i>Lauriers</i> l’a parachevée.</p>	<p>A “ressurreição” de <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>], tão bem iniciada por minha dedicatória, foi completada por meu Prefácio para a nova edição de <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>].</p>
<p>L’expression “monologue intérieur» est devenue presque “populaire” parmi les lettrés: j’ai écrit dans <i>Le Manuscrit autographe</i> que</p>	<p>A expressão “monólogo interior” tornou-se quase “popular” entre os letrados: escrevi em <i>Le Manuscrit autographe</i> que esse Prefácio</p>

cette Préface avait eu “un certain retentissement”.	tivera “uma certa repercussão”.
J’aurais pu dire : un grand retentissement. Des deux extrémités du monde littéraire français il m’en est venu des échos.	Eu poderia ter dito: uma grande repercussão. Das duas extremidades do mundo literário francês chegaram até mim ecos disso.
Extrême droite: article de M. Louis Gillet, sur <i>Ulysses</i> dans <i>La Revue des Deux Mondes</i> ⁹⁷ contenant un résumé de ma Préface aux <i>Lauriers</i> , résumé en somme favorable aux <i>Lauriers</i> .	Extrema direita: artigo de Louis Gillet sobre <i>Ulisses</i> na <i>Revue des Deux Mondes</i> ⁹⁸ que continha um resumo de meu Prefácio para <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>], resumo, em suma, favorável a <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>].
Extrême gauche: article d’un jeune critique dans une revue d’avant-garde, accusant M. Gillet de plagiat parce qu’il a résumé et cité ma Préface sans écrire une seule fois mon nom.	Extrema esquerda: artigo de um jovem crítico numa revista de vanguarda, que acusava Gillet de plágio porque ele resumiu e citou meu Prefácio sem escrever uma única vez meu nome.
Je vous fais juge: après un tel éclat, et comparée à un tel éclat, quelle importance, comme fait d’histoire littéraire, reste à cette absence de protestation contre l’omission de votre nom par R. Lalou, dans la Note; de <i>La NRF</i> .	Eu o faço juiz: depois de um tal estrondo, e comparada a um tamanho estrondo, que importância, como fato de história literária, tem essa ausência de protesto contra a omissão de seu nome por R. Lalou, na nota da <i>NRF</i> .
Des deux faits: absence de votre nom dans ma Note, et dédicace de <i>Mon plus secret conseil</i> dans <i>Amants, heureux amants</i> , lequel sera retenu par les historiens de la littérature française?	Dos dois fatos: ausência de seu nome em minha Nota e dedicatória de <i>Mon plus secret conseil</i> [<i>Meu mais secreto conselho</i>] em <i>Amants, heureux amants</i> [<i>Amantes, felizes amantes</i>], qual deles será privilegiado pelos historiadores da literatura francesa?

⁹⁷ “Du côté de chez Joyce”, 1^{er} août 1925.

⁹⁸ “Du côté de chez Joyce”, 1^o de agosto de 1923.

<p>(J'entends: ceux qui examineront cela de près.) S'ils examinent ma Note, ils concluront qu'au moment où je l'ai écrite, je ne connaissais pas, ou n'avais pas lu <i>Les Lauriers</i>.</p>	<p>(No meu entendimento: aqueles que examinarão isso de perto.) Se examinarem minha Nota, concluirão que no momento em que a escrevi, eu não conhecia, ou não havia lido <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>].</p>
<p>Tandis que de ma dédicace et ma Préface aux <i>Lauriers</i> ils diront que c'est par elles que <i>Les Laurier</i> sont été rendus, avec toute leur valeur et leur importance, à l'histoire du symbolisme.</p>	<p>Enquanto que de minha dedicatória e de meu Prefácio a <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>] dirão que foi por eles que <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>] foi restituída, com todo o seu valor e sua importância, à história do simbolismo.</p>
<p>J'admets, je suis persuadé que cette restitution aurait eu lieu tôt (1930?) ou tard (1960?) mais le fait est que cela a eu lieu en 1923, et que j'ai été l'artisan, comme l'indication de Joyce en a été le premier moteur.</p>	<p>Admito, estou persuadido de que essa restituição teria acontecido cedo (1930?) ou tarde (1960?), mas o fato é que isso ocorreu em 1923, e que eu fui o artesão, assim como a indicação de Joyce foi seu primeiro motor.</p>
<p>Je résume: 1887, publication des <i>Lauriers</i>, lettres de Mallarmé, Huysmans, etc. (celles dont vous m'avez envoyé des copies lorsque j'écrivais la préface pour l'édition Messein); 1922, le manuel de R. Lalou vous ignore; 1923, février, ma Note sur le manuel de R. Lalou, sans protestation contre l'omission qu'il a faite des <i>Lauriers</i>.</p>	<p>Resumo: 1887, publicação de <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>], cartas de Mallarmé, Huysmans, etc. (aquelas das quais você me enviou cópias quando eu escrevia o prefácio para a edição Messein); 1922, o manual de R. Lalou ignora você; 1923, fevereiro, minha Nota sobre o manual de R. Lalou, sem protesto contra a omissão que ele fez a <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>].</p>
<p>– Encore une fois, si a la rigueur l'omission de R. Lalou peut être considérée par les historiens comme une épreuve, une marque, de l'oubli où étaient tombés <i>Les Lauriers</i>, quelle importance peut avoir à leurs yeux le fait qu'au début de 1923 une Note de moi indique que je n'avais pas encore lu <i>Les Lauriers</i>?</p>	<p>– Ainda mais uma vez, se a rigor a omissão de R. Lalou pode ser considerada pelos historiadores como uma prova, uma marca, do esquecimento em que caiu <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>], que importância pode ter aos olhos deles o fato de que, no início de 1923, uma Nota minha indique que eu ainda não tinha lido <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>]?</p>

<p>Et quelle importance peut avoir la date, de la conversation. entre Joyce et moi, puisque la date importante est celle de la mise en vente d'<i>Amants, heureux amants</i>, date à partir de laquelle <i>Les Lauriers</i> sont remis devant les yeux des lettrés, comme le livre d'un grand précurseur – “a quo...”</p>	<p>E que importância pode ter a data da conversa entre Joyce e mim, visto que a data importante é aquela de quando d'<i>Amants, heureux amants</i> [<i>Amantes, felizes amantes</i>] foi posto à venda, data a partir da qual <i>Les Lauriers</i> [<i>Os loureiros</i>] são recolocados diante dos olhos dos letrados como o livro de um grande precursor – “a quo...”</p>
<p>Le parallélisme avec ce qui a été fait pour Italo Svevo est frappant: Joyce m'en parle; trois mois passent ; je reçois un livre de Svevo; deux mois passent; je lis ce livre⁹⁹ trois semaines après, j'en parle à B.Crémieux; six mois passent; me trouvant en Italie (été 1925 je crois) je parle de Svevo à quelques amis italiens; je leur donne même des exemplaires du livre, que j'achète pour cela; l'automne et l'hiver passent, enfin, au printemps, dix-huit mois au moins après ma lecture du livre de Svevo, un “complot” s'organise, c'est-à-dire une manifestation en faveur de Svevo: B. Crémieux et moi en donnant des extraits dans <i>Le Navire d'argent</i>; B. Crémieux une courte étude comme préface à ces extraits.</p>	<p>O paralelismo com aquilo que foi feito para Italo Svevo é surpreendente: Joyce fala comigo; três meses se passam; recebo um livro de Svevo; dois meses se passam; leio esse livro,¹⁰⁰ três semanas depois, falo dele a B. Crémieux; seis meses se passam; encontrando-me na Itália (verão de 1925, acho), falo de Svevo a alguns amigos italianos; dou-lhes inclusive exemplares do livro, que compro para isso; o outono e o inverno passam; enfim, na primavera, pelo menos dezoito meses depois de minha leitura do livro de Svevo, um “complô” se organiza, isto é, uma manifestação em favor de Svevo: enquanto B. Crémieux e eu publicávamos excertos em <i>Le Navire d'argent</i>; B. Crémieux, um curto estudo como prefácio àqueles excertos.</p>
<p>Scandale en Italie: de quoi se mêlent ces Français!!, etc. On nous insulte. Mais voici Svevo lancé!</p>	<p>Escândalo na Itália: em que se metem esses franceses!!, etc. Insultam-nos. Mas aí está Svevo lançado!</p>
<p>Je n'avais écrit à Svevo que lorsque la</p>	<p>Eu só escrevi a Svevo quando a manifestação</p>

⁹⁹ *La Conscience de Zeno.*

¹⁰⁰ *A consciência de Zeno.*

<p>manifestation en sa faveur avait été organisée, mise au point et que tout était prêt.</p>	<p>em seu favor havia sido organizada, ordenada, e tudo estava pronto.</p>
<p>Eh bien, au point de vue de l’histoire littéraire, quelle est la date importante dans cette affaire, celle que les historiens retiendront?</p>	<p>Pois bem, do ponto de vista da história literária, qual é a data importante nesse assunto, aquela que os historiadores registrarão?</p>
<p>Pour moi, cela ne fait pas de doute: c’est la date de la mise en vente du numéro du <i>Navire d’Argent</i>, et non pas celle à laquelle Joyce m’a parlé de Svevo, ni même celle à laquelle j’ai lu pour la première fois du Svevo.</p>	<p>Para mim, isso não gera dúvida: é a data da colocação à venda do número do <i>Navire d’Argent</i>, e não aquela em que Joyce me falou de Svevo, nem mesmo aquela em que li pela primeira vez Svevo.</p>
<p>Au mieux, on peut dire que ces dates-là ont une valeur purement anecdotique, puisqu’elles marquent seulement les étapes d’un progrès vers un fait décisif et public. À mon avis, leur donner de l’importance, c’est entrer dans l’anecdote et sortir de l’histoire.</p>	<p>Na melhor das hipóteses, podemos dizer que aquelas datas têm um valor puramente anedótico, visto que elas marcam somente as etapas de um progresso rumo a um fato decisivo e público. A meu ver, dar-lhes importância é entrar na anedota e sair da história.</p>
<p>Voilà, mon cher ami, une ample réponse à votre longue lettre et même à l’ensemble de tout ce que vous m’avez écrit durant ces derniers mois au sujet des dates de mes conversations avec James Joyce. J’espère que, cette fois-ci, vous serez satisfait.</p>	<p>Aí está, meu amigo, uma ampla resposta a sua longa carta e mesmo a tudo o que você escreveu durante esses últimos meses a respeito das datas de minhas conversas com James Joyce. Espero que, desta vez, você fique satisfeito.</p>
<p>Je peux ajouter – mais c’est de l’anecdote aussi, que mon projet de vous dédier <i>Mon plus secret conseil</i>, lorsque j’en ai parlé autour de moi, a rencontré quelques oppositions: remarques ironiques, hochements de tête, etc.</p>	<p>Posso acrescentar, mas isso é anedota também, que meu projeto de lhe dedicar <i>Mon plus secret conseil</i> [<i>Meu mais secreto conselho</i>], quando falei dele aos que me cercavam, encontrou algumas oposições: comentários irônicos, meneios de cabeça, etc.</p>

Puisque vous me le proposez, je lirai votre étude avant sa publication, et je vous enverrai mes observations, faites en toute franchise, sans retard. Je suis du reste curieux de connaître votre théorie.	Já que você me propôs, lerei seu estudo antes de sua publicação, e enviarei minhas observações a você, feitas com toda franqueza, sem demora. Estou de resto curioso para conhecer sua teoria.
Mon adresse est toujours: 38, avenue Victoria, Vichy.	Meu endereço continua sendo: 38, avenue Victoria, Vichy.
Bien amicalement à vous,	Com amizade,
V. Larbaud.	V. Larbaud.
ED03	ED03
38, avenue Victoria.	38, avenue Victoria.
Vichy, 8 août 1930.	Vichy, 8 de agosto de 1930.
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
Merci pour votre lettre.	Grato por sua carta.
Je suis content de vous savoir tranquille et au travail dans cette solitude que je connais, ayant passé les 21 jours d'une saison à l'Hôtel du Morvan, il y a bien longtemps (à Saint-Honoré, Nièvre).	Estou contente em sabê-lo tranquilo e no trabalho, nessa solidão que conheço, tendo passado 21 dias de uma temporada no Hotel de Morvan, há bastante tempo (em Saint-Honoré, Nièvre).
Rien de changé ici, et moi-même, je ne suis pas en très bonne santé (l'air natal ne me vaut rien).	Nada mudou aqui, e quanto a mim, não estou em muito boa saúde (o ar de casa não me salva).
Mais tout mon temps libre est consacré à votre Étude. ¹⁰¹ Je l'ai lue, et relue, et mon "examen" écrit en est assez avancé.	Mas todo o meu tempo livre é consagrado a seu Estudo. ¹⁰² Eu o li e reli, e meu "exame" escrito sobre ele está bastante avançado.
Il faut cependant que je vous demande un nouveau délai – lundi ou mardi – pour vous renvoyer complets votre manuscrit et mes notes.	É preciso, no entanto, que eu lhe peça um novo prazo – segunda ou terça – para enviar completos seu manuscrito e minhas notas.

¹⁰¹ *Le Monologue intérieur*, à paraître chez Messein en 1931.

¹⁰² *Le Monologue intérieur*, a ser publicado por Messein em 1931.

Je suis entré dans le plus grand détail et je crois que mes remarques vous seront utiles.	Entrei em maiores detalhes e creio que minhas observações lhe serão úteis.
Votre ouvrage est un lumineux, subtil et excellent témoignage; ce qu'on attendait de vous comme précurseur de la formule.	Sua obra é um luminoso, sutil e excelente testemunho; o que se esperava de você como precursor da fórmula.
Détails à part il n'y a que deux points qui prêtent à des attaques possibles et assez justifiées: en ce qui concerne R. Browning et dans la seconde partie, la confusion qui découle du fait que, par le mot "origines", nous n'entendons pas la même chose, le même ordre de faits.	Detalhes à parte, há apenas dois pontos que se prestam a ataques possíveis e bastante justificados: no que diz respeito a R. Browning e, na segunda parte, a confusão que decorre do fato de que, pela palavra "origens", não entendemos a mesma coisa, a mesma ordem dos fatos.
Le commentaire que j'écris en ce moment éclaircira, je crois, tout cela, et vous indique la façon d'y remédier.	Acredito que o comentário que escrevi neste momento esclarece tudo isso, e indica-lhe a maneira de remediá-lo.
Mes hommages à votre femme et bien amicalement à vous.	Minhas recomendações a sua mulher. Com amizade,
V. Larbaud.	Valery Larbaud.
ED04	ED04
38, avenue Victoria.	38, avenue Victoria.
Vichy, le 13 août 1930.	Vichy, 13 de agosto de 1930.
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
C'est entendu: je rédigerai un résumé de la question R. Browning et mon[ologue] dramatique, avec mon opinion sur ce sujet, – et vous l'enverrai dans le courant de la semaine prochaine.	Está combinado: redigirei um resumo da questão R. Browning e mon[ólogo] dramático, com minha opinião sobre o assunto –, e o enviarei a você no decorrer da próxima semana.
Mon Littré est chez moi, à Paris; ici je n'ai que le détestable Hatzfeld et Co.	Meu Littré está em minha casa, em Paris; aqui tenho apenas o detestável Hatzfeld e Co.
Mais je doute que les dictionnaires définissent "origines, pluriel" dans des phrases comme	Mas duvido que os dicionários definam "origens, plural" em frases como "as Origens

“les Origines de la Tragédie”. Je chercherai.	da Tragédia”. Procurarei.
Voici un autre exemple: je range parmi les origines du Mon. Int. le grand développement puis par les <i>a-parte</i> dans le théâtre romantique, parce qu’il indique qu’auteurs et public admettent une convention qui permet de montrer, à côté de ce qui est <i>dit</i> , ce qui est <i>pensé</i> .	Aqui está um outro exemplo: disponho, entre as origens do Mon. Int., o grande desenvolvimento; depois, pelos <i>a-parte</i> no teatro romântico, porque ele indica que autores e público admitem uma convenção que permite mostrar, ao lado daquilo que é <i>dito</i> , o que é <i>pensado</i> .
Cependant, l’ <i>a-parte</i> du théâtre romantique est si loin du Mon. Int. qu’il ne le fait même pas pressentir.	No entanto o <i>a-parte</i> do teatro romântico está tão longe do Mon. Int. que não faz sequer pressenti-lo.
C’est après coup, le Mon. Int. étant inventé, que nous voyons le lieu historique qui rattache Mon. Int. et développement de l’ <i>a-parte</i> .	É só depois de inventado o Mon. Int. que veremos o lugar histórico que liga Mon. Int. e desenvolvimento do <i>a-parte</i> .
“Origines historiques” d’une part, et “origine immédiate” me paraissent convenir assez bien; le lecteur sent la différence.	“Origens históricas” de uma parte, e “origem imediata” me parecem convir bastante bem; o leitor sente a diferença.
Mais je dirais: “Conditions dans lesquelles le Mon. Int. est né, a été créé”, plutôt qu’ “origine immédiate”.	Mas eu diria: “Condições nas quais o Mon. Int. nasceu, foi criado”, em vez de “origem imediata”.
Pour le Paul de Reul, parcourez au moins les pages que j’ai marquées avec des fiches blanches, et consultez l’index à votre nom, au mien, et à celui de W. S. Landor (ce qui vous permettra de mettre au point la note où vous en parlez).	Quanto a Paul de Reul, percorra pelo menos as páginas que marquei com fichas brancas, e consulte o índice em seu nome, no meu, e no de W.S. Landor (o que lhe permitirá atualizar a nota em que você fala disso).
Ensuite vous me le renverrez. Bon travail (et meilleur temps!) et bien amicalement à vous.	Em seguida, envie-me de volta. Bom trabalho (e melhor tempo!) e receba a minha amizade.
V. Larbaud.	V. Larbaud.
À PAUL CLAUDEL	A PAUL CLAUDEL

PC01	PC01
6, rue Eugène-Manuel, Paris.	6, rue Eugène-Manuel, Paris
25 mars 1910.	25 de março de 1910.
Monsieur,	Senhor,
M. Gide m'a demandé de rédiger une courte notice pour expliquer aux lecteurs de <i>La Nouvelle Revue française</i> ce qu'est G. K. Chesterton: cette notice serait placée en tête de votre belle traduction du chapitre VI de <i>Orthodoxy</i> .	O Senhor Gide encarregou-me de uma curta nota para explicar aos leitores de <i>La Nouvelle Revue Française</i> quem é G. K. Chesterton: essa nota seria colocado no início de sua bela tradução do capítulo VI de <i>Orthodoxy</i> [<i>Ortodoxia</i>].
M. Gide m'a dit, en quittant Paris, que cette notice devrait vous être soumise avant d'être acceptée par la rédaction de la revue.	Gide me disse, ao deixar Paris, que essa nota deveria ser submetida ao senhor antes de ser aceita pela redação da revista.
Je vous l'envoie. Je la crois trop longue; elle peut, aussi, ne pas correspondre à votre opinion personnelle sur G. K. Chesterton.	Estou enviando-a. Acho-a longa demais; também pode ser que ela não corresponda a sua opinião sobre G. K. Chesterton.
Faites-y donc tous les changements et toutes les corrections que vous jugerez utiles, sans craindre de froisser l'amour-propre du rédacteur.	Portanto, faça nela todas as alterações e todas as correções que julgar úteis, sem temer melindrar o amor-próprio do redator.
Si elle ne vous paraît pas suffisante, j'en ferai une autre que je vous enverrai aussitôt prête, car je crois que le temps presse. On pourrait peut-être supprimer ce qui a trait à la notoriété de G. K. Chesterton en Angleterre.	Se ela não lhe parecer suficiente, farei outra e lhe enviarei prontamente, pois o tempo urge. Podemos talvez suprimir o que se refere à notoriedade de G. K. Chesterton na Inglaterra.
Vous n'avez qu'à passer un trait au crayon sur ce qu'il faut supprimer.	O Senhor terá apenas que passar um traço de lápis sobre o que for preciso suprimir.
Il est convenu avec M. Gide que la notice sera signée de mes initiales seulement.	Ficou combinado com Gide que a nota será assinada somente com minhas iniciais.
J'ai lu votre traduction en la comparant au texte, que je connaissais déjà bien. (J'ai publié déjà trois articles, dans <i>La Phalange</i> , sur Chesterton, le premier en décembre 1908.)	Li sua tradução, comparando-a com o texto, que eu já conhecia bem. (Já publiquei três artigos, em <i>La Phalange</i> , sobre Chesterton, o primeiro em dezembro de 1908.)

À la page 149 de mon édition (John Lane, 1909), à la ligne 8, j'ai le mot <i>Mercia</i> , je crois que vous avez traduit par <i>Murcie</i> .	Na página 149 de minha edição (John Lane, 1909), na linha oito, temos a palavra <i>Mercia</i> , que, creio que o Senhor traduziu por <i>Murcie</i> .
Est-ce une faute d'impression de votre texte, ou bien avez-vous voulu seulement simplifier le texte?	Seria um erro de impressão de seu texto, ou o Senhor quis apenas simplificá-lo?
Le mot à mot est: "Si un homme trouve le Christianisme vrai à Birmingham, il a certainement de plus claires raisons de croire que s'il l'avait trouvé vrai dans la <i>Mercie</i> (l'ancienne province où est Birmingham – comme on opposerait Paris à Lutèce)."	Palavra por palavra temos: "Se um homem acha o Cristianismo verdadeiro em Birmingham, ele tem certamente razões mais claras para crer que se ele o tivesse achado verdadeiro em <i>Mercie</i> (a antiga província onde fica Birmingham – assim como se oporia Paris a Lutécia)."
Ainsi, la traduction serait tout à fait conforme au texte et l'intention de G. K. Chesterton.	Assim, a tradução estaria completamente em conformidade com o texto e a intenção de G. K. Chesterton.
Il faudrait alors modifier ainsi la fin de votre phrase: "Si un homme trouve le Christianisme vrai à Birmingham, il a de sa foi des raisons plus claires que s'il l'avait trouvé vrai autrefois dans la <i>Mercie</i> ."	Seria preciso, então, modificar o fim de sua frase: "Se um homem acha o Cristianismo verdadeiro em Birmingham, ele tem por sua fé razões mais claras que se o houvesse achado verdadeiro outrora em <i>Mercie</i> ."
Il oppose les complications de la vie moderne à la simplicité des premiers siècles du Christianisme. D'où la suite: "Plus compliquées sont les coïncidences."	Ele opõe as complicações da vida moderna à simplicidade dos primeiros séculos do Cristianismo. Donde se segue: "Mais complicadas são as coincidências."
Voulez-vous que je fasse ce petit changement, si vous croyez que cela vaille mieux ?	O Senhor quer que eu faça essa pequena mudança, caso ache que isso fique melhor?
En effet, je pense me charger de copier moi-même à la machine votre traduction afin d'en bien établir le texte pour les typographes de <i>La NRF</i> .	De fato, penso em me encarregar, eu mesmo, de copiar à máquina sua tradução, a fim de estabelecer melhor seu texto para os tipógrafos da <i>NRF</i> .
D'après ce que m'a dit M. Gide, vous auriez l'intention de ne signer cette traduction que de	Conforme me disse Gide, o Senhor teria a intenção de assinar essa tradução apenas com

vos initiales ?	suas iniciais?
Ce serait dommage, car elle est très belle et ajoute à la pensée de G. K. Chesterton toute la noblesse de notre langue.	Seria uma pena, pois ela está belíssima e acrescenta ao pensamento de G. K. Chesterton toda a nobreza de nossa língua.
J'étais, monsieur, un ami de Charles-Louis Philippe, et c'est lui qui m'a fait connaître vos ouvrages, entre autres <i>Partage de Midi</i> .	Fui amigo de Charles-Louis Philippe, e foi ele quem me fez conhecer suas obras, Senhor, entre outras <i>Partage de Midi</i> .
La place me manque ici pour vous exprimer mon admiration et ma gratitude. Elles sont l'une et l'autre très grandes et j'espère avoir l'occasion de vous en dire les raisons de vive voix.	Falta-me espaço aqui para exprimir minha admiração e minha gratidão. Elas são ambas muito grandes, e espero ter oportunidade do que as motiva lhe falar de suas razões de viva voz.
J'attends donc que vous me renvoyiez le manuscrit de cette notice pour la remettre à la rédaction de <i>La Nouvelle Revue française</i> , et pour commencer à recopier votre traduction.	Espero, então, que me reenvie o manuscrito desta nota para remetê-la à redação de <i>La Nouvelle Revue Française</i> , e para começar a recopiar sua tradução.
Veillez agréer, monsieur, l'assurance de mon respect.	Queira receber, Senhor, a garantia de meu respeito.
Valery Larbaud.	Valery Larbaud.
PC02	PC02
Mon adresse à Londres :	Meu endereço em Londres:
I Lawrence Mansions	1 Lawrence Mansions
Cheyne Walk	Cheyne Walk
Chelsea S. W.	Chelsea S.W.
Samedi 27 mai 1911.	Sábado, 27 de maio de 1911.
Cher monsieur,	Caro Senhor,
Je suis en train de rassembler les matériaux nécessaires pour écrire une étude sur Coventry Patmore. ¹⁰³	Estou reunindo os materiais necessários para escrever um estudo sobre Coventry Patmore. ¹⁰⁴

¹⁰³ Poète anglais (1823-1896), converti au catholicisme en 1864.

¹⁰⁴ Poeta inglês (1823-1896), convertido ao catolicismo em 1864.

C'est André Gide qui me l'a demandée; et elle paraîtrait dans le même numéro de <i>La Nouvelle Revue Française</i> où paraîtront vos traductions de ce poète.	Foi André Gide que o solicitou. E ele seria publicado no mesmo número da <i>Nouvelle Revue Française</i> em que seriam publicadas suas traduções desse poeta.
J'ai justement ici des amis qui ont beaucoup connu Patmore: surtout Alice Meynell qui fut la meilleure amie de ses dernières années et à qui il a légué les manuscrits de <i>The Angel in the House</i> et <i>The Unknown Eros</i> .	Precisamente, tenho amigos aqui que conheceram muito Patmore: especialmente Alice Meynell, que foi a melhor amiga dele em seus últimos anos e a quem ele legou os manuscritos de <i>The Angel in the House</i> e <i>The Unknown Eros</i> .
J'ai appris d'abord avec le plus grand plaisir que vous alliez traduire Patmore. Et ensuite quand j'ai vu vos traductions, j'ai été transporté de joie.	Antes, descobri com o maior prazer que o Senhor iria traduzir Patmore. E em seguida, quando vi suas traduções, fiquei cheio de alegria.
Vous Vous avez <i>ajouté</i> au texte de Patmore toute la dignité du langage français. ¹⁰⁵	O Senhor <i>acrescentou</i> ao texto de Patmore toda a dignidade da linguagem francesa. ¹⁰⁶
J'ai lu l'autre jour à Alice Meynell <i>Le Départ</i> . Elle a trouvé la traduction remarquable et digne du texte. Elle demande seulement que vous traduisiez <i>lash</i> exactement.	Li outro dia para Alice Meynell <i>Le Départ</i> . Ela achou a tradução notável e digna do texto. Pediu apenas que o Senhor traduzisse <i>lash</i> exatamente.
Mais les "cils pathétiques" ne valent rien où "pathétiques paupières" va si bien.	Mas os "cílios patéticos" não valem nada ali onde "patéticas pálpebras" cai tão bem.
Voulez-vous que je vous renvoie votre manuscrit pour revoir ce passage? ¹⁰⁷	O Senhor quer que eu lhe mande seu manuscrito para rever essa passagem? ¹⁰⁸

¹⁰⁵ Les poèmes de Coventry Patmore parurent en volume à *La NRF* en 1912, avec une introduction de Larbaud.

¹⁰⁶ Os poemas de Coventry Patmore foram publicados em volume pela *NRF* em 1912, com uma introdução de Larbaud.

¹⁰⁷ "Il est malheureusement impossible de traduire *lash* par *cil*: l'un est le cil qui se lève en dardant un éclair, l'autre est la frange qui se baisse, mot d'ombre et presque muet (cf. *ciller*). Le mot solennel de *paupière* vaut mieux, surtout avec l'allitération de *pathétique*" (réponse de Claudel, le 30 mai 1911).

¹⁰⁸ "Infelizmente é impossível traduzir *lash* por *cil*: um é o cílio que se ergue dardejando um raio, outro é a franja quedescce, palavra de sombra e quase muda (cf. *ciller*). A palavra solene *pálpebra* fica melhor, sobretudo com a aliteração de "patética" (resposta de Claudel, 3º de maio de 1911).

Vous allez recevoir de Mme Meynell un recueil de ses articles critiques où elle parle de Patmore.	O Senhor vai receber da Senhora Meynell uma coletânea de artigos críticos onde ela fala de Patmore.
Vous savez sans doute qu’Alice Meynell est la plus illustre des poétesses anglaises contemporaines?	O Senhor sabe certamente que Alice Meynell é a mais ilustre das poetisas inglesas contemporâneas?
Pour ma part, je vous demanderais de traduire encore deux poèmes de Coventry Patmore <i>Magna est Veritas</i> et <i>The Child’s Purchase</i> . Ou, si vous aimez mieux d’autres pages, de les traduire.	De minha parte, ainda lhe pediria para traduzir dois poemas de Coventry Patmore, <i>Magna est Veritas</i> e <i>The Child’s Purchase</i> . Ou, se o Senhor se preferir outros, traduza-os.
Car le manuscrit que Gide m’a confié n’est pas assez gros pour donner une idée complète du génie de Patmore.	Pois o manuscrito que Gide me confiou não é rico bastante para dar uma ideia completa do talento de Patmore.
Je vais m’efforcer de faire une bonne étude, qui ne soit pas indigne de vos splendides traductions.	Vou me esforçar para fazer um bom estudo, que não seja indigno de suas esplêndidas traduções.
Recevez, cher monsieur, mes respectueuses salutations.	Receba, caro Senhor, minhas respeitadas saudações.
Valery Larbaud.	Valery Larbaud.
Je vais voir G. K. Chesterton bientôt. J’ai traduit trois de ses essais.	Vou ver G. K. Chesterton em breve. Traduzi três de seus ensaios.
PC03	PC03
Peel, 22 juin 1911.	Peel, 22 de junho de 1911.
Cher monsieur,	Caro Senhor,
J’ai fui la foule et le bruit intolérables d’un couronnement et je suis venu passer cette semaine dans l’antique Mona qui est une des plus belles îles du monde.	Evitei a multidão e o barulho intoleráveis de uma coroação e vim passar esta semana na antiga Mona, que é uma das mais belas ilhas do mundo.
Peel, où je suis, et toute cette côte occidentale, sont restées jusqu’ici à l’abri des touristes et sont d’une extraordinaire sauvagerie.	Peel, onde estou, e toda esta costa ocidental, permaneceram até agora ao abrigo dos turistas e são de uma extraordinariamente

	selvagens.
J'ai attendu, pour vous écrire, d'avoir atteint ces régions de calme, et d'avoir revu Mrs. Meynell. Je lui ai lu la partie de votre lettre qui la concerne.	Esperei, para lhe escrever, chegar a essas regiões de calma e rever a senhora Meynell. Li para ela a parte de sua carta que lhe diz respeito.
Elle comprend et approuve votre traduction de <i>lash</i> par "paupière". Elle va lire <i>L'Arbre</i> qu'elle a demandé à son libraire de Paris. On se réunit chez elle le dimanche soir et on lit à haute voix des vers.	Ela compreende e aprova sua tradução de <i>lash</i> por "pálpebra". Ela vai ler <i>L'Arbre</i> , que pediu a seu livreiro de Paris. Reunimo-nos em sua casa domingo à noite e lemos versos em voz alta.
J'apporterai vos <i>Odes</i> , je suis sûr que l'auditoire sera attentif, et digne de vous.	Levarei suas <i>Odes</i> e estou certo de que o auditório ficará atento e será digno do Senhor.
Elle connaît – et tous les gens de lettres que je fréquente à Londres connaissent – Algar Thorold, mais je ne l'ai pas encore rencontré. G. K. Chesterton est revenu de Besançon le 1 ^{er} ou le 2 juin, et je suis allé le voir la semaine dernière.	Ela conhece – e todas as pessoas de letras que frequento em Londres conhecem – Algar Thorold, mas ainda não o encontrei. G. K. Chesterton voltou de Besançon em 1 ^o ou 2 de junho, e fui vê-lo na semana passada.
Il habite, depuis un an et demi, une villa neuve à Beaconsfield, à quarante minutes de Londres.	Ele mora, há um ano e meio, numa <i>villa</i> nova em Beaconsfield, a quarenta minutos de Londres.
Le village est un très vieux village anglais (Edmund Waller, le poète – ami de La Fontaine – est enterré dans l'église); mais tout autour de la gare du Great Western des spéculateurs ont bâti des villas et Beaconsfield est devenu une banlieue du Greater London.	O povoado é um povoado inglês muito antigo (Edmund Waller, o poeta – amigo de La Fontaine –, está enterrado na igreja); mas, em todo o derredor da estação do Great Western, especuladores construíram <i>villas</i> e Beaconsfield tornou-se um subúrbio da Greater London.
Je ne croyais pas que Chesterton s'était peint lui-même dans le personnage principal de son roman allégorique <i>The Man who was Thursday</i> ; c'est pourtant la vérité; au premier	Eu não acreditava que Chesterton retratasse a si mesmo no personagem principal de seu romance alegórico <i>The Man who was Thursday</i> [<i>O homem que foi quinta-feira</i>];

abord, il est repoussant; son obésité est une réelle infirmité et lui donne l'apparence d'un glouton et d'un crétin.	entretanto, é verdade; à primeira vista, ele é repulsivo; sua obesidade é uma enfermidade real e lhe dá uma aparência de um glutão e de um idiota.
Sa figure ressemble à la fraise la plus grosse et la plus difforme du panier.	Sua figura se assemelha ao morango, maior e mais disforme do cesto.
Les journalistes anglais qui n'ont vu que son ventre et sa masse le comparent au Dr Samuel Johnson ; en réalité, il a le front de Thackeray, mais avec trois couches de graisse superposées.	Os jornalistas ingleses, que viram apenas seu ventre e seu peso, comparam-no ao Dr. Samuel Johnson; na realidade, ele tem a testa de Thackeray, mas com três camadas de gordura superpostas.
Enfin, au fond de ces bourrelets et de ces cornes, on trouve deux bons yeux bleus intelligents et dès lors tout va bien.	Enfim, no fundo daquelas pregas de gordura e daqueles cornos, encontramos dois bons olhos azuis inteligentes e desde então tudo fica bem.
Je suis le seul de ses introducteurs en France qu'il ait encore vu.	Sou o único de seus introdutores na França que ele já conheceu.
Il m'a dit qu'il avait trouvé votre traduction admirable, "meilleure que son texte" (il le pensait, il est trop naïf pour faire le modeste).	Ele me disse que tinha achado sua tradução admirável, "melhor que seu texto" (ele achava, ele é ingênuo demais para se fazer de modesto).
Nous avons fait une promenade en voiture (visite à la première "Maison d'Amis des Quakers", rachetée par eux et restaurée récemment). Sa femme était avec nous.	Fizemos um passeio de carro (visita à primeira "Casa de Amigos dos Quakers", recentemente comprada por eles e restaurada). Sua mulher estava conosco.
Il parle tout le temps et parle <i>comme il écrit</i> : c'est du G. K. C... tout le temps. Pour parler il lutte contre une sorte d'essoufflement.	Ele fala o tempo todo e fala <i>como escreve</i> : é G. K. C... o tempo todo. Para falar ele luta contra uma espécie de ofegância.
Mais il rit de tout ce qu'il dit – même quand ce n'est pas tellement drôle, – paraît constamment satisfait de lui-même, et, parfois, comme beaucoup d'hommes de génie, semble complètement idiot et enfantin.	Mas ri de tudo o que diz – mesmo quando não é tão engraçado –, parece constantemente satisfeito consigo mesmo, e, às vezes, como muitos homens de gênio, parece completamente idiota e infantil.

<p>Seulement un mot çà et là montre qu'il est allé très loin dans une région qu'on lui croyait inconnue dix secondes auparavant. Il est plus que négligé dans sa tenue.</p>	<p>Apenas uma palavra aqui e ali mostra que ele foi muito longe numa região que se acreditava desconhecida para ele dez segundos antes. Ele é mais que negligente em seus trajés.</p>
<p>Je suis sûr qu'on l'habille; et je suis sûr qu'on devrait le faire manger comme un bébé, car, en prenant son thé, il inondait son gilet.</p>	<p>Estou certo de que alguém o veste; e estou certo de que alguém deve lhe fazer comer como a um bebê, pois, tomando seu chá, encharcou seu colete.</p>
<p>Ses cheveux blonds, très longs, paraissent n'être jamais peignés; il en tombe des allumettes quand il baisse la tête.</p>	<p>Seus cabelos louros, muito longos, parecem nunca estar penteados; deles caem cascas quando ele abaixa a cabeça.</p>
<p>Il porte constamment une vieille canne à épée et ne résiste pas à en montrer la lame à ses invités.</p>	<p>Ele usa constantemente uma velha bengala espada e não resiste a mostrar sua lâmina a convidados.</p>
<p>Il nous a tenus (un jeune prêtre anglican et moi) près d'une demi-heure dans la chambre de bain, avant le thé, pour nous dire de dix façons différentes que tout ce qu'il avait écrit lui paraissait mauvais, que ça ne vivrait pas, que parfois, bien sûr, il avait des mouvements d'enthousiasme où ses ouvrages lui paraissaient vraiment admirables et comparables aux plus grands livres de la littérature anglaise, mais qu'en somme, tout bien considéré et de sang-froid, cela ne valait pas grand-chose.</p>	<p>Ele nos manteve (a um jovem pastor anglicano e a mim) perto de uma hora e meia na sala de banhos, antes do chá, para nos dizer de dez maneiras diferentes que tudo o que ele havia escrito lhe parecia ruim, que aquilo não sobreviveria, que, às vezes, é claro, ele tinha movimentos entusiásticos em que suas obras lhe pareciam verdadeiramente admiráveis e comparáveis aos maiores livros da literatura inglesa, mas que, em suma, tudo bem considerado e a sangue frio, aquilo não valia grande coisa.</p>
<p>Je lui ai parlé de vous: je lui ai dit (ce que je pense) que vous êtes le meilleur de nos poètes et comparable seulement aux plus grands des autres nations; à Cervantès, à Dante et à Shakespeare. Mais il paraissait distrait, et je me demande même s'il a entendu.</p>	<p>Eu lhe falei do Senhor: disse-lhe (o que penso) que o Senhor é o melhor de nossos poetas, comparável apenas aos maiores das outras nações; a Cervantes, a Dante e a Shakespeare. Mas ele parecia distraído, e chego a me perguntar inclusive se ele ouviu.</p>

<p>Il lit le français et les quelques mots qu'il a dits devant moi étaient correctement prononcés; mais je crois qu'il ne parle français que lorsqu'il y est obligé, en France, où il va dès qu'il peut se donner quelques jours de vacance.</p>	<p>Ele lê em francês, e as poucas palavras que disse diante de mim foram corretamente pronunciadas; mas acredito que ele só fala francês quando é obrigado, na França, aonde ele vai sempre que pode se dar alguns dias de férias.</p>
<p>En somme j'ai l'impression que c'est un homme resté enfant – comme tous les hommes de génie – ou comme tous les poètes de génie, peut-être ? – et qui ne vit que pour sa pensée et pour l'expression de sa pensée comme un enfant ne vit que pour ses jouets. C'est pourquoi l'expression en est si forte et si belle.</p>	<p>Em suma, tenho a impressão de que este é um homem que permaneceu criança – como todos os homens de gênio – ou como todos os poetas de gênio, talvez? – e que vive tão somente para seu pensamento e para a expressão de seu pensamento, assim como uma criança vive apenas para seus brinquedos. É por isso que sua expressão é tão forte e tão bela.</p>
<p>Les autres journalistes de Londres l'imitent et tâchent de faire mieux, et croient faire mieux; mais ils le font en hommes du monde, en hommes qui tiennent compte d'autrui, des bavardages des clubs, d'un fonds commun d'idées, et du ridicule; toutes choses que G. K. Chesterton ignore complètement.</p>	<p>Os outros jornalistas de Londres o imitam e tratam de fazer melhor, e acreditam fazer melhor; mas eles o fazem como homens do mundo, como homens que levam em conta os outros, as tagarelices dos clubes, um fundo comum de ideias, e o ridículo; todas as coisas que G. K. Chesterton ignora por completo.</p>
<p>Je n'ai jamais rencontré quelqu'un de plus naïf, au sens absolu du mot.</p>	<p>Jamais encontrei alguém mais <i>ingênuo</i>, no sentido absoluto da palavra.</p>
<p>Oui, G. K. C... appartient à l'Église d'Angleterre, mais il est <i>High Church</i> et comme tous les <i>High Church people</i>, il se dit <i>catholic</i>, et repousse l'épithète de protestant</p>	<p>Sim, G. K. C... pertence à Igreja da Inglaterra, mas ele é <i>High Church</i>, e como todas as <i>High Church people</i>, ele se diz <i>católico</i>, e rejeita o epíteto de protestante.</p>
<p>Il admet la confession, la considère comme indispensable; prévoit une fusion de l'Église d'Angleterre et de l'Église romaine, mais ne croit pas qu'il soit nécessaire à un anglican d'abjurer rien pour entrer dans l'Église; il en</p>	<p>Ele admite a confissão, considera-a indispensável; prevê uma fusão da Igreja da Inglaterra e da Igreja romana, mas não crê que seja necessário a um anglicano abjurar nada para entrar na Igreja; ele faz parte dela.</p>

fait partie.	
Je n'ai pas eu ces détails de Chesterton lui-même, mais d'une dame que j'ai rencontrée chez lui et qui le connaît bien – et qui est elle-même <i>High Church</i> .	Não soube desses detalhes pelo próprio Chesterton, mas por uma senhora que encontrei em sua casa e que o conhece bem – e que é ela própria <i>High Church</i> .
La plupart des anglicans sont persuadés qu'ils ne sont pas sortis de l'orthodoxie, et que la succession des évêques primats n'a pas été interrompue depuis saint Augustin de Cantorbéry.	A maior parte dos anglicanos está persuadida de que não saiu da ortodoxia, e que a sucessão dos bispos – primais não foi interrompida desde santo Augustin de Cantorbéry.
(C'est ce que Coventry Patmore appelle: "Le mensonge dans la main droite".)	(Isso é o que Coventry chama de: "A mentira na mão direita".)
Pour moi je suis persuadé qu'il est impossible de modifier les opinions de Chesterton; il faut attendre le développement de sa pensée.	Quanto a mim, estou persuadido de que é impossível modificar as opiniões de Chesterton; deve-se esperar o desenvolvimento de seu pensamento.
Il fait beaucoup pour la cause de la vérité en faisant douter du sérieux des grandes idées modernes. Je dois le revoir: il m'a invité à dîner sans fixer de date.	Ele faz muito pela causa da verdade ao promover a dúvida em relação à seriedade das grandes ideias modernas. Devo voltar a vê-lo: ele me convidou para jantar sem marcar data.
Sa femme s'en souviendra pour lui; et alors je lui porterai un exemplaire de <i>L'Arbre</i> ou de <i>L'Otage</i> .	Sua mulher se lembrará disso por ele; e, então, levarei para ele um exemplar de <i>L'Arbre</i> ou de <i>L'Otage</i> .
Il n'écrit jamais de lettre, et je suis persuadé qu'il n'en peut pas écrire et que sa femme et sa secrétaire se chargent de tout le côté matériel de son existence de journaliste et d'écrivain.	Ele jamais escreve cartas, e estou persuadido de que ele não pode escrever e de que sua mulher e sua secretária se encarregam de todo o lado material de sua existência de jornalista e de escritor.
Voilà, monsieur, tout ce que je puis vous dire de G. K. Chesterton après une première entrevue de trois ou quatre heures	Eis então, Senhor, tudo o que posso lhe dizer de G. K. Chesterton após uma primeira entrevista de três ou quatro horas.
Si jamais je pénètre assez avant dans son	Se alguma vez eu vier a avançar na amizade

amitié, j'aborderai la question religieuse, et vous en parlerai.	dele, abordarei a questão religiosa, e lhe falarei dela.
Excusez la longueur de cette lettre. Je voulais vous parler de la première version de <i>Tête d'Or</i> !...	Desculpe-me a extensão desta carta. Gostaria de lhe falar da primeira versão de <i>Tête d'Or</i> !...
Je vous serre affectueusement la main.	Aperto-lhe afetuosamente a mão.
Valery Larbaud.	Valery Larbaud.
PC04	PC04
Chelsea, 14 juillet 1911.	Chelsea, 14 de julho de 1911.
Cher monsieur,	Caro Senhor,
En arrivant ici, vendredi dernier, Gide m'a appris que vous m'aviez envoyé une lettre à Peel.	Sexta-feira passada, ao chegar aqui, Gide informou-me que o Senhor me enviou uma carta para Peel.
Sachant par expérience combien la poste anglaise est mal faite, j'ai aussitôt mis tout en mouvement pour faire revenir cette lettre.	Sabendo por experiência quanto o correio inglês é mal organizado, coloquei logo tudo em movimento para que essa carta retornasse.
Mais bien inutilement: en temps dû, j'ai reçu une enveloppe du "Service de la Reine" me disant que la lettre était introuvable.	Foi inútil, porém: no devido tempo, recebi um envelope do "Serviço da Rainha" me dizendo que a carta não podia ser encontrada.
Je regrette beaucoup cette perte : et je vous en avertis, au cas où vous auriez fait quelque communication importante dans cette lettre.	Lamento muito essa perda: e eu o previno disso, no caso de o Senhor ter feito alguma comunicação importante nela.
Mon adresse fixe est, à Londres: 1, Lawrence Mansions, Cheyne Walk, Chelsea.	Meu endereço fixo é, em Londres: 1, Lawrence Mansions, Cheyne Walk, Chelsea.
J'avais donné un exemplaire de <i>L'Otage</i> à Mrs. Meynell. Elle m'a écrit à ce sujet une lettre enthousiaste.	Eu tinha dado um exemplar de <i>L'Otage</i> à senhora Meynell. Ela me escreveu a respeito uma carta entusiástica.
Elle m'écrit: "C'est la plus <i>tragique</i> tragédie que j'aie rencontrée, parce que c'est une tragédie de pure spiritualité. Auprès d'elle, tous les chagrins semblent mesquins."	Ela me escreveu: "Esta é a mais <i>trágica</i> tragédia que já conheci, porque é uma tragédia de pura espiritualidade. Perto dela, todos os pesares parecem mesquinhos."
Les douleurs de Sygne atteignent le comble	As dores de Sygne atingem o cúmulo do

de l'horreur et de la terreur... Je vais demander le reste de l'œuvre de ce nouveau Maître..."	horror e do terror... Pedirei o resto da obra desse novo Mestre..."
Elle me remercie de lui avoir fait connaître votre nom. Cela est une bonne chose, car Mrs. Meynell avait jusqu'ici un certain préjugé contre les lettres françaises contemporaines.	Ela me agradece por tê-la feito conhecer o nome do Senhor. Essa é uma boa coisa, pois a senhora Meynell tinha até aqui um certo preconceito contra as letras francesas contemporâneas.
Son approbation vous vaut trente ou quarante lecteurs ici, dans un milieu qui ne lisait que Bazin, et qui condamnait en bloc toute la littérature des vingt dernières années comme agnostique, immorale et inartistique.	Sua aprovação lhe vale trinta ou quarenta leitores aqui, num meio em que se lia apenas Bazin, e que condenava em bloco toda a literatura dos últimos vinte anos como agnóstica, imoral e inartística.
Grâce aux relations de Gide avec Edmund Gosse, ¹⁰⁹ j'ai pu faire la connaissance de ce grand ami de Coventry Patmore, et qui a publié aussi une bonne biographie de notre poète. Il m'a donné un billet de quatre lignes de sa main.	Graças às relações de Gide com Edmund Gosse, ¹¹⁰ pude conhecer esse grande amigo de Coventry Patmore, e que publicou também uma boa biografia de nosso poeta. Ele me deu um bilhete de quatro linhas de próprio punho.
Saviez-vous que C. P... était violemment anticléric (après sa conversion)?	O senhor sabia que C. P... era violentamente anticlerical (depois de sua conversão)?
Il ne manquait aucune occasion de dénoncer la cupidité des ordres religieux et accusait beaucoup de prêtres de manquer à leurs devoirs.	Ele não perdia nenhuma ocasião de denunciar a cupidez das ordens religiosas e acusava muito padres de faltar com seus deveres.
À mesure que j'avance dans cette étude biographique, je découvre un écheveau très embrouillé de difficultés.	À medida que avanço nesse estudo biográfico, descubro um novelo muito embaralhado de dificuldades.
Gide vous envoie ses amitiés. Quand vous	Gide lhe envia seus cumprimentos. Quando,

¹⁰⁹ Edmund Gosse (1849-1928). Critique littéraire anglais. Son autobiographie *Father and Son* (1907) est un ouvrage de référence quant à l'ère victorienne.

¹¹⁰ Edmund Gosse (1849-1928). Crítico literário inglês. Sua autobiografia *Father and Son* (1907) é uma obra de referência quanto à era vitoriana.

rencontrerai-je enfin.	enfim, nos encontraremos?
Je vous serre affectueusement la main.	Aperto-lhe afetuosamente as mãos.
Valery Larbaud.	Valery Larbaud.
À EMMANUEL LOCHAC	A EMMANUEL LOCHAC
EL01	EL01
71, rue du Cardinal-Lemoine, Ve.	71, rue du Cardinal-Lemoine, Ve.
15 décembre 1929.	15 de dezembro de 1929.
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
Je vous remercie de votre lettre, et d'avoir pris la peine de traduire ces articles russes. ¹¹¹	Agradeço-lhe por sua carta, e por ter traduzido esses artigos russos. ¹¹²
J'ai été content d'avoir de vos nouvelles et de savoir que vous travaillez.	Fiquei contente em receber suas notícias e em saber que você está trabalhando.
Ces <i>Frisés</i> seront un bel ensemble, encore.	Essas <i>Frisés</i> ainda serão um belo conjunto.
Je suis surpris de ne vous avoir jamais parlé de mon <i>Saint Jérôme</i> .	Estou surpreso por nunca não lhe ter falado de meu <i>São Jerônimo</i> .
Félicitez-vous: j'ai dû en embêter bien les gens, depuis 1920, date où l'idée de ce petit livre m'est venue. C'est un ouvrage sur l'art de traduire.	Congratule-se: devo ter aborrecido muito as pessoas, desde 1920, data em que a ideia desse pequeno livro me ocorreu. É uma obra sobre a arte de traduzir.
Je voudrais faire une chose qu'on pût comparer au livre de Lord Woodhouselee, <i>On the Principles of Translation</i> (1790).	Gostaria de fazer uma coisa que se pudesse comparar ao livro de Lord Woodhouselee, <i>On the Principles of Translations</i> (1790).
Il y aura trois chapitres; c'est le 1 ^{er} qui va sortir dans le numéro d'automne de <i>Commerce</i> .	Ele terá três capítulos; é o 1º que vai sair no número de outono de <i>Commerce</i> .
Jean Paulhan ne se sera certainement pas ému en voyant que vous ne lui donniez pas son titre, – si même il s'en est aperçu.	Jean Paulhan certamente não ficará comovido ao ver que você não lhe daria seu título –, se é que ele percebeu isso.

¹¹¹ Articles de presse parus en Union soviétique sur *Fermina Márquez* et sur *Allen*.

¹¹² Artigos de imprensa publicados na União Soviética sobre *Fermina Márquez* e sobre *Allen*.

<p>Il est l'homme le plus modeste qu'on puisse imaginer ; non parce qu'il ignore sa propre valeur, mais parce qu'il a l'esprit bien fait et le cœur bien placé. Je le considère comme un de mes meilleurs et de mes plus sûrs amis.</p>	<p>Ele é o homem mais modesto que se possa imaginar; não porque ignora o próprio valor, mas porque tem o espírito bem talhado e bom coração. Eu o considero um de meus melhores e fieis amigos.</p>
<p>Comment se fait-il que vous n'avez pas vu l'article de Pierre Guégen (ou Guéguen?) dans <i>Les Nouvelles Littéraires</i>, en réponse au mien?¹¹³ Si j'avais pu le penser, je vous aurais envoyé un exemplaire du journal, ou la coupure. Mais il n'était pas aussi terrible qu'on vous l'a représenté.</p>	<p>Como é possível que não tenha visto o artigo de Pierre Guégen (ou Guéguen?) em <i>Les Nouvelles Littéraires</i>, em resposta ao meu?¹¹⁴ Se tivesse imaginado, teria-lhe mandado um exemplar do jornal, ou o recorte. Mas ele não estava assim tão terrível como o pintaram para você.</p>
<p>Il disait à peu près ceci: "Je n'ai jamais aimé les vers de Lochac; l'article de Larbaud ne me fait pas changer d'avis; <i>cependant</i>, dans les vers qui y sont cités, il y en a un qui, à première vue, semble vraiment beau ('Où les élans silencieux...'); mais si on l'examine de près, on le trouve cacophonique; digression sur la poésie pure, l'abbé Brémond, Valéry et pour finir, quelque chose comme: il se peut que la poésie de Lochac aspire à cette "pureté", mais selon moi elle n'y atteint pas."</p>	<p>Ele dizia mais ou menos isto: "Nunca gostei dos versos de Lochac; o artigo de Larbaud não me faz mudar de opinião; <i>no entanto</i>, nos versos que são citados ali, há um que, à primeira vista, parece realmente belo ('Où les élans silencieux...'); mas se o examinamos de perto, parece-nos cacofônico; digressão sobre a poesia pura, o abade Brémond, Valéry e para terminar, alguma coisa como: pode ser que a poesia de Lochac aspire a essa "pureza", mas para mim ela não chega lá."</p>
<p>En ce qui me concerne, il donne à entendre que je me suis laissé "bourrer le crâne" par Jean Royère. Voilà tout.</p>	<p>No que me diz respeito, ele dá a entender que me deixei "encher a cabeça" por Jean Royère. Eis tudo.</p>
<p>Ce n'est ni bien méchant ni bien solide en tant qu'éreintement.</p>	<p>Não é nem muito cruel nem muito consistente enquanto execração.</p>
<p>Le résultat net est: que ce critique qui semblait vous avoir exécuté en un petit article</p>	<p>O resultado claro é que esse crítico que parecia havê-lo executado em um pequeno</p>

¹¹³ Paru le 2 novembre 1929.

¹¹⁴ Publicado em 2 de novembro de 1929.

(cet été, dans le même journal) a reparlé de vous; vous a donné un article entier; et enfin a atténué légèrement son premier éreintement.	artigo (neste verão, no mesmo jornal), voltou a falar de você; dedicou-lhe um artigo inteiro; e enfim atenuou ligeiramente sua primeira execração.
J'ai l'impression que des gens de son entourage, qui ont lu les citations de mon article, ont dû lui dire: "Tout de même, ça, et ça, et ça, n'est pas mal du tout, et le dernier morceau est indiscutablement d'un poète. »	Tenho a impressão de que pessoas do meio dele, que leram as citações de meu artigo, devem ter-lhe dito: "Apesar de tudo, isso e aquilo, e daquilo outro, não é totalmente ruim, e o último trecho é indiscutivelmente de um poeta."
Mais lui, qui prend la poésie par le côté « prosodie pure », et qui me semble éreinter systématiquement à peu près tout, n'a pas voulu, et ne pouvait pas, se déjuger.	Mas ele, que toma a poesia pelo lado da "prosódia pura", e que me parece execrar sistematicamente quase tudo, não quis, e não poderia desdizer-se.
Je parierais que votre prochain recueil sera mieux accueilli par lui. Mais, d'une manière générale, ne vous étonnez d'aucun éreintement.	Eu apostaria que sua próxima antologia será mais bem acolhida por ele. Mas, de uma maneira geral, não se espante com nenhuma execração.
Un livre qui nous manque, c'est une anthologie des éreintements que le jugement de la postérité rend, ou plutôt a rendus, ridicules.	Um livro que nos falta, é uma antologia das execrações que o julgamento da posteridade torna, ou antes, tornou ridículas.
On y trouverait même de grands critiques, des gens illustres et qui passaient pour s'y connaître en fait de qualité littéraire.	Encontraríamos nele até grandes críticos pessoas ilustres e que passavam por especialistas em termos de qualidade literária.
Je crois que tout critique a fait quelque gaffe énorme dans ce genre-là.	Creio que todo crítico cometeu alguma gafe enorme nesse gênero.
Ils ont renvoyé le jeune Chateaubriand à sa lande bretonne, comme écrivain <i>patoisant</i> (j'ai lu ça) et Hugo à l'étude de la grammaire élémentaire, etc.	Eles devolveram o jovem Chateaubriand para sua charneca bretã, como escritor <i>de acento ptovinciano</i> (eu li isso) e Hugo para o estudo da gramática elementar, etc.
– Proust et Giraudoux, à leurs débuts, ont été mis plus bas que terre, traités de crétins, de	– Proust e Giraudoux, em seus começos, foram postos abaixo do chão, tratados como

gâteaux, de fumistes, etc., et cela par des critiques qui, de leur côté, se sont maintenant fait un nom ou tout au moins une “situation”.	cretinos, como alienados, como embusteiros, etc., e isso por críticos que, de seu lado, agora fizeram um nome ou pelo menos construíram uma “situação”.
Je suppose qu’ils ont oublié leurs anciennes gaffes (enterrées, d’ailleurs, dans de vieilles publications où personne ne songe à les rechercher); ils ont dû les atténuer peu à peu à mesure que les noms de Proust et de Giraudoux grandissaient.	Suponho que eles esqueceram suas antigas gafes (enterradas, aliás, em velhas publicações nas quais ninguém sonha em procurá-las); eles devem tê-las atenuado pouco a pouco, na medida em que os nomes de Proust e de Giraudoux cresciam.
Je parie qu’on trouverait que l’un de ces éreinteurs, ou négateurs, de Proust et de Giraudoux, a écrit depuis: je l’avais bien dit; j’ai été des premiers à le dire.	Aposto que se acharia que um desses execradores, ou negadores, de Proust e de Giraudoux, escreveu depois: bem que eu já o havia dito; fui dos primeiros a dizê-lo.
Et cela, parce que dans son éreintement il aura fait une toute petite réserve en faveur de quelque paragraphe, d’une phrase, qui l’avait frappé. Donc, ne vous frappez pas (comme dirait votre critique, qui cultive le jeu de mots: “élans vers la poésie pure”).	E isso porque, em sua execração, ele terá feito uma pequeníssima reserva em favor de algum parágrafo, de uma frase, que o havia impressionado. Portanto, não se impressione (como lhe diria seu crítico, que cultiva o jogo de palavras: “impulsos para a poesia pura”).
Je vous dirai, pour ma part, que l’article qui m’a le plus vexé était un article très élogieux (vers 1912) qui suivait immédiatement un article (du même critique) très défavorable pour un livre de Giraudoux publié en même temps que le mien. ¹¹⁵	De minha parte, direi que o artigo que mais me aborreceu foi um muito elogioso (por volta de 1912), que seguia imediatamente um artigo (do mesmo crítico) muito desfavorável a um livro de Giraudoux publicado ao mesmo tempo que o meu. ¹¹⁶
J’ai pensé : Mon livre est donc si mauvais !	Eu pensei: Meu livro é, então, tão ruim!
Aujourd’hui je suis blasé; je ne les lis même plus, la plupart du temps; sauf lorsque c’est l’article d’un ami*, et alors c’est comme s’il	Hoje sou indiferente; nem mesmo os leio mais, a maior parte das vezes; exceto quando é o artigo de um amigo*, e, então, é como se

¹¹⁵ Il peut s’agir de *L’École des indifférents* pour la même année – 1911 – que *Fermina Márquez*.

¹¹⁶ Pode tratar-se de *L’École des indifférents* do mesmo ano – 1911 – que *Fermina Márquez*.

m'écrivait une lettre à propos de mon livre.	ele me escrevesse uma carta a respeito meu livro.
Oui, je serais content de causer avec vous un moment.	Sim, ficarei contente em conversar com você em algum momento.
Je dois aller passer les fêtes de Noël avec ma Mère, et si je reviens chez moi après, ce sera pour bien peu de jours avant le départ pour un Midi quelconque.	Deverei passar as festas de Natal com minha Mãe, e, se eu retornar para minha casa depois, será por bem poucos dias antes da partida para um Midi qualquer.
Pourriez-vous venir demain lundi, ou après-demain mardi, vers 2 1/2 p.m.? Je vous attendrai; ne demandez rien à la concierge.	Você poderia vir amanhã, segunda-feira, ou depois de amanhã, terça-feira, por volta de 2 1/2 p.m.? Vou esperá-lo; não pergunte nada à zeladora.
Bon courage, et bien amicalement à vous.	Boa coragem, e muito amigavelmente.
V. Larbaud.	V. Larbaud.
*Ou d'un étranger, – et surtout traduit par vous !	*Ou de um estrangeiro – e, sobretudo, traduzido por você!
EL02	EL02
Valbois par Saint-Pourçain-sur-Sioule (Allier).	Valbois por Saint-Pourçain-sur-Sioule (Allier).
3 juillet 1930.	3 de julho de 1930.
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
Je trouve enfin assez de loisir pour vous remercier de votre lettre, qui m'a fait un grand plaisir. Cette année, mal commencée pour moi, continue mal.	Encontro, enfim, bastante tempo livre para lhe agradecer por sua carta, que me deu um grande prazer. Este ano, que começou mal para mim, continua mal.
J'ai quitté ma Mère, rétablie, vers le 15 février, mais je n'ai pas osé m'éloigner beaucoup, parce qu'en passant une frontière j'aurais été plus loin des nouvelles, et que j'étais inquiet.	Deixei minha Mãe, recuperada, por volta de 15 de fevereiro, mas não ousei me afastar muito, porque, passando uma fronteira, eu teria ficado mais longe das notícias; e eu estava inquieto.
J'ai donc rôdé entre Montpellier et Marseille, d'où j'ai été rappelé d'urgence, le 2 mai; et	Vaguei, portanto, entre Montpellier e Marselha, de onde fui chamado com

voici bientôt neuf semaines que je suis immobilisé près de ma Mère qui a eu une rechute sérieuse, et dont l'état de santé ne me permet pas de m'éloigner d'elle.	urgência, em 2 de maio; e eis-me logo, há quase nove semanas, imobilizado junto de minha Mãe, que teve uma recaída séria, e cujo estado de saúde não me permite me afastar dela.
Ainsi donc j'ai renoncé à tout projet de voyages et même de déplacements.	Assim, portanto, desisti de todo projeto de viagens e até de deslocamentos.
Cela modifie beaucoup mes habitudes, et je me sens plus loin de chez moi que je ne l'étais l'an dernier à Rome ou à Parme, puisque je suis <i>obligé</i> de rester ici.	Isso altera muito meus hábitos, e me sinto mais distante de minha casa, mais que no ano passado quando estava em Roma ou em Parma, já que sou <i>obrigado</i> a permanecer aqui.
Il y a aussi la privation de toute conversation avec mes amis, l'éloignement qui les décourage, les correspondances qui graduellement se ralentissent, cessent enfin parce que "on aurait trop de choses à se dire".	Sinto também a falta de todo diálogo com meus amigos, bem como o afastamento que os desanima, as correspondências que gradualmente mingam, cessam, enfim, porque "haveria coisas demais a dizer".
Mais le plus pénible, dans ma situation présente, c'est que je manque de loisir.	Mas, o mais penoso, em minha situação presente, é que me falta tempo livre.
Mon travail et ma correspondance (que pourtant je tâche de ne pas interrompre) en souffrent.	Meu trabalho e minha correspondência (que, no entanto esforço-me para não interromper) sofrem com isso.
Voyez le temps que j'ai laissé passer avant de vous répondre. Et même pour lire je manque de temps. Mais voilà assez de plaintes comme cela, et j'aborde un sujet plus agréable.	Veja o tempo que deixei passar antes de lhe responder. E até para ler me falta tempo. Mas, aí vão bastantes queixas, mas basta de queixas como essa, e passo a um assunto mais agradável.
J'avais été déçu en ne voyant rien de vous dans l'avant-dernier <i>Manuscrit autographe</i> ; mais le dernier ¹¹⁷ m'a apporté une ample	Eu ficara decepcionado não vendo nada seu no penúltimo <i>Manuscrit autographe</i> ; mas o último ¹¹⁸ me trouxe uma ampla compensação.

¹¹⁷ *Dans* numéro 27, mai-juin 1930, *Frise*, poème par Emmanuel Lochac.

¹¹⁸ No número 27, maio-junho. de 1930, *Frise*, poema de Emmanuel Lochac.

compensation.	
Ces poèmes sont de l'excellent Emmanuel Lochac, à la fois ancien et nouveau; je veux dire qu'on y reconnaît ce ton impossible à confondre avec un autre, et qu'on y trouve pourtant quelque chose d'inattendu, et qui s'ajoute à la richesse déjà "mise de côté".	Esses poemas são do excelente Emmanuel Lochac, ao mesmo tempo antigo e novo; quero dizer que se reconhece neles aquele tom impossível de confundir com um outro, e que se encontra neles, no entanto, alguma coisa de inesperado, e que se acrescenta à riqueza já "posta de lado".
Je vois que vous suivez tout droit votre chemin, et qu'aucune force au monde ne pourra tirer de vous autre chose que du Lochac.	Vejo que você está prosseguindo seu caminho e que nenhuma força do mundo poderá tirar de você outra coisa que não seja puro Lochac.
Et je crois que c'est là le signe le plus certain, et de la vocation, et de la solidité de l'œuvre. – Et ce incapable de faire autre chose, et pourtant à chaque nouveau vers ajouter autre chose à cette masse indivisible.	E creio que está aí o sinal mais certo, tanto da vocação como da solidez da obra. – E isso incapaz de fazer outra coisa e, no entanto, a cada novo verso, acrescentar outra coisa a esta massa indivisível.
Après cela, peu importe l'accueil de la critique et du public. Et je suppose que cet accueil ne vous préoccupe guère.	Depois disso, pouco importa a recepção da crítica e do público. E suponho que essa recepção sequer o preocupa.
Et peut-être n'avez-vous aucun besoin des encouragements que je souhaite pour vous : quelqu'un qui, de loin en loin, vous fasse voir, par un signe, en passant, qu'il a compris, et qu'il sait qui vous êtes.	E talvez você não tenha nenhuma necessidade dos encorajamentos que lhe desejo: alguém que, de tempos em tempos, faça ver, por um sinal, efêmero, que compreendeu, e que sabe quem você é.
Je suis très content d'avoir écrit, dans <i>Ce vice impuni, la lecture...</i> (excusez-moi si je me cite moi-même) ² , que "en toute époque donnée les meilleurs écrivains ne sont pas les plus connus".	Estou muito contente por haver escrito, em <i>Ce vice impuni, la lecture...</i> (desculpe-me se cito a mim mesmo), que "em toda época dada, os melhores escritores não são os mais conhecidos".
Non seulement c'est vrai, et vérifiable dans tous les cas, quelle que soit l'époque que l'historien considère, mais c'est une formule	Não apenas isso é verdade e verificável em todos os casos, em qualquer época que o historiador considere, mas é uma fórmula de

d'exorcisme contre le découragement.	exorcismo contra o desânimo.
Charles-Louis Philippe, un jour que nous causions de ces choses, a exprimé la même idée un peu différemment: "Ce qu'il y a de plus pénible, c'est d'être confondu avec de mauvais écrivains." Il préférerait la "conspiration du silence".	Charles-Louis Philippe, um dia em que conversávamos sobre essas coisas, expressou a mesma ideia de maneira um pouco diferente: "O que há de mais penoso é ser confundido com maus escritores." Ele preferia a "conspiração do silêncio".
Il lui était moins désagréable de ne pas trouver son nom dans une énumération d' "écrivains distingués" que de lire quelque chose comme ceci: "Des romanciers de grand talent comme MM. X, Y, Z, Charles-Louis Philippe, etc."	Era-lhe menos desagradável não encontrar seu nome em uma enumeração de "escritores distintos" que ler alguma coisa como: "Romancistas de grande talento como MM. X, Y, Z, Charles-Louis Philippe, etc."
Et en effet, quand on considère les livres d'une époque quelconque, on est étonné de penser que pour les contemporains il n'y avait presque pas de différence entre les innombrables illisibles et le tout petit tas des excellents, qui ont survécu.	E, de fato, quando se consideram os livros de uma época qualquer, fica-se espantado ao pensar que para os contemporâneos não havia quase diferença entre os inumeráveis ilegíveis e a pequeníssima quantidade dos excelentes, que sobreviveram.
Mais cela, nous pouvons (quelques-uns d'entre nous; vous, sûrement) le constater aussi pour notre époque. Un livre qui me tombe des mains dès la seconde page, un livre qui est pour moi <i>déjà</i> illisible, je vois avec étonnement que des gens qui ne sont pas des sots ont pu le lire, et qu'ils lui trouvent des qualités et qu'ils le comparent à de bons livres.	Mas isso, nós podemos (qualquer um dentre nós; você, seguramente) constatar também para nossa época. Um livro que me cai das mãos desde a segunda página, um livro que é para mim <i>já</i> ilegível, eu vejo com espanto que pessoas que não são tolas conseguiram lê-lo, e que encontraram nele qualidades, e que o compararam a bons livros.
Je m'interroge: l'envie? ou veulent-ils me taquiner? Mais non, ils sont sincères, et je suis sûr que le livre ne vaut rien et que ceux qui en font cet éloge ne pourront plus le lire dans dix ans (ou même dans deux ans).	Eu me questiono: inveja? Ou elas querem me aporrinhar? Mas não, elas são sinceras, e tenho certeza de que o livro não vale nada e de que aqueles que lhe fizeram esse elogio não poderão mais lê-lo daqui a dez anos (ou

	mesmo em dois anos).
Mais c'est l'histoire des gens qu'on opposait à Racine. Ils nous paraissent insignifiants à présent, et il nous semble absurde et monstrueux qu'on ait pu même les comparer à Racine.	Mas esta é a história das pessoas que eram contrapostas a Racine. Elas nos parecem insignificantes atualmente, e achamos absurdo e monstruoso que fosse mesmo possível compará-las a Racine.
Aujourd'hui les cabales ont moins de force, parce que le public est beaucoup plus nombreux.	Hoje as cabalas têm menos força, porque o público é muito mais numeroso.
Et c'est grâce à la réclame des éditeurs, à la réclame personnelle (livres dédicacés dans les boutiques) et à la spéculation bibliophile, qu'il est plus nombreux.	E é graças à publicidade dos editores, à publicidade pessoal (livros autografados nas lojas) e à especulação bibliofílica, que ele é mais numeroso.
Tout le monde se pique d'être lecteur, se croit lecteur. Mais derrière cette masse une élite se reforme, qui est la même, comme nombre et comme qualité, qu'au temps du Symbolisme.	Todo mundo se presume leitor, se crê leitor. Mas, atrás dessa massa, uma elite se refaz, que é a mesma, em número e qualidade, do tempo do Simbolismo.
Cette élite connaissait Valéry bien avant qu'il eût publié <i>La Jeune Parque</i> , et Gide et Claudel étaient des classiques pour elle bien avant la campagne de Béraud et Co.	Essa elite conhecia Valéry bem antes que ele tivesse publicado <i>La Jeune Parque</i> , e Gide e Claudel eram clássicos para ela bem antes da campanha de Béraud e Cia.
Les recrues de cette élite, les jeunes, vont dans le même sens, et certainement pour quelques-uns d'entre eux, – que vous ne connaîtrez jamais, – votre droit au titre de Poète est indiscutable, si votre oeuvre, dans le détail et dans ses nouveaux développements, l'est encore.	Os novos membros dessa elite, os jovens, vão no mesmo sentido, e certamente para alguns deles – que você não conhecerá jamais –, seu direito ao título de Poeta é indiscutível, se sua obra, no detalhe e em seus novos desenvolvimentos, o for ainda.
Ce sont des gens sur lesquels ni la réclame ni les prix littéraires n'ont aucun pouvoir, et pour qui la bibliophilie n'a rien à voir avec la finance.	São pessoas sobre as quais nem a publicidade nem os prêmios literários têm qualquer poder, e para quem a bibliofilia não tem nada a ver com a finança.
Et je dis qu'ils ne sont pas plus nombreux	E eu digo que elas não são mais numerosas

qu'au temps du Symbolisme et de la grande obscurité de Mallarmé.	que no tempo do Simbolismo e da grande obscuridade de Mallarmé.
Ce qui a augmenté, c'est le public de troisième zone, un peu plus lettré et "avancé" que celui de quatrième zone qui, au temps du Symbolisme, mettait Armand Sylvestre et Sully-Prudhomme sur le même rang que Verlaine.	O que aumentou foi o público da terceira faixa, um pouco mais letrado e "avançado" que o da quarta faixa, que, no tempo do Simbolismo, punha Armand Sylvestre e Sully-Prudhomme na mesma categoria que Verlaine.
Je crois cette élite si juste et si libérée de préjugés que même la réclame ne l'éloigne pas d'un bon écrivain. Mais comme la réclame est inutile pour l'atteindre...	Acredito que esta elite é tão justa e tão liberada de preconceitos, que nem a publicidade a afaste de um bom escritor. Mas como a publicidade é inútil para atingi-la...
Tout cela, pour en revenir à cette idée qu'il ne faut pas nous inquiéter le moins du monde de l'accueil fait à nos ouvrages. S'ils valent quelque chose, cela se saura toujours, et quelques-uns le savent déjà.	Tudo isso, para voltar à ideia de que não é preciso nos inquietarmos de forma alguma com a recepção dada a nossas obras. Se elas valem alguma coisa, é algo a sempre se saber, e alguns já o sabem.
Au revoir, mon cher ami; excusez ce long bavardage, un peu confus.	Até logo, meu caro amigo; desculpe-me essa longa tagarelice, um pouco confusa.
Mais surtout ne manquez pas de me donner de vos nouvelles; dites-moi ce que vous préparez, ce que vous projetez et, – cela semble contredire tout le discours que je viens de vous faire, – ce que vous entendez dire de vous.	Mas, acima de tudo, não deixe de me dar notícias; diga-me o que está preparando, o que está projetando e – isso parece contradizer todo o discurso que acabo de lhe fazer –, o que tem ouvido dizer de você.
Ce n'est qu'en effet je voudrais tout de même savoir si nos contemporains sont tant soit peu accessibles à la poésie.)	É apenas que, de fato, eu gostaria mesmo assim de saber se nossos contemporâneos são minimamente acessíveis à poesia.
Je vous serre bien amicalement la main.	Um amigável aperto de mão.
V. Larbaud.	V. Larbaud.
EL03	EL03
38, avenue Victoria, Vichy.	38, avenue Victoria, Vichy.

14 septembre 1930.	14 de setembro de 1930.
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
C'est le désir de vous écrire longuement qui m'a empêché de vous écrire plus tôt.	Foi o desejo de escrever-lhe longamente que me impediu de fazê-lo mais cedo.
Disposant de peu de temps chaque jour j'ai répondu brièvement à des lettres pressées, à des lettres d'affaires, qui m'ennuyaient et dont je voulais me débarrasser, et j'ai toujours remis à plus tard un petit nombre de réponses que je considère comme un relâche, et qui a pour moi le charme d'une conversation amicale, libre, sans ordre.	Como disponho de pouco tempo, a cada dia respondi brevemente às cartas urgentes, às de negócios, que me aborreciam e de que eu queria me, e sempre adiei para mais tarde um pequeno número de respostas que considero como um repouso e que tem para mim o encanto de uma conversa amigável, livre, sem ordem.
C'est vous dire qu'il n'y a rien de changé dans ma situation; car si elle s'était modifiée, je ne serais pas ici, et j'aurais assez de temps pour travailler et pour écrire à mes amis.	Isso significa dizer que nada mudou em minha situação; pois se ela tivesse se alterado, eu não estaria aqui, e eu teria bastante tempo para trabalhar e para escrever a meus amigos.
J'ai bien considéré si je n'avais pas quelque moyen de me soustraire à cette obligation de rester ici, mais il n'y en a pas.	Considerarei muito se não eu não dispunha de algum meio para eu me subtrair a essa obrigação de permanecer aqui, mas não.
La liberté, bien limitée (être chez moi, r. du Card. Lemoine, ou dans le Midi français) que je prendrais maintenant, laissant ma Mère seule avec une infirmière et des domestiques, dans l'état où elle est, je la paierais trop chèrement plus tard, lorsque je souhaiterais qu'on agisse avec moi.	A liberdade, bem limitada (estar em casa, rua do Cardinal Lemoine, ou no Midi francês) que eu tomasse agora, deixando minha Mãe sozinha com uma enfermeira e domésticos, no estado em que ela está, eu a pagaria muito caro mais tarde, quando desejasse que agissem comigo.
Je veux, au contraire, pouvoir me dire que je l'ai traitée aussi bien qu'elle a droit de l'être ; et je vois bien, du reste, que ma seule présence, – en dehors de tout le travail d'administration et de surveillance que je fais à sa place, – contribue à lui donner la	Quero, ao contrário, poder dizer que a tratei tão bem quanto ela tem direito de ser tratada; e vejo bem, de resto, que minha presença apenas – além de todo o trabalho de administração e de vigilância que faço em seu lugar – contribui para lhe dar a tranquilidade

tranquillité d'esprit qui lui est nécessaire, et à la rassurer, – car elle ne se fait pas d'illusions.	de espírito que lhe é necessária, e tranqüiliza-la, – pois ela não se ilude.
Je vous expliquerais mieux dans une conversation les raisons de la résolution que j'ai prise de rester dès le moment où, les médecins m'ayant rappelé, j'ai vu clairement que ma présence était devenue indispensable.	Vou lhe explicar melhor numa conversa as razões da resolução que tomei de permanecer aqui desde o momento em que, tendo sido chamado pelos médicos, vi claramente que minha presença se tornara indispensável.
Je peux cependant vous dire que, de 18 à 21 ans, je me suis trouvé dans une situation telle que j'ai sérieusement songé à m'expatrier (en Amérique) et que j'ai pris des mesures pour cela.	Posso, entretanto, dizer-lhe que, dos 18 aos 21 anos, encontrei-me em uma situação tal que sonhei seriamente em me expatriar (na América) e que tomei medidas para isso.
Mais ces mesures mêmes ont montré qu'il était nécessaire de me mettre en possession d'un héritage qu'on me refusait, et j'ai renoncé à mon projet, tout en conservant le désir de faire de grands voyages et de longs séjours hors d'Europe.	Mas essas próprias medidas mostraram-me que era necessário tomar posse de uma herança que me era recusada, e renunciei a meu projeto, ao mesmo tempo em que continuei com desejo de fazer grandes viagens e longas estadias fora da Europa.
Je me suis donc contenté facilement de séjours européens, remettant à plus tard les vrais voyages.	Eu me contentei então facilmente com temporadas europeias, adiando as verdadeiras viagens.
Mais vers l'époque où je pensais les faire, l'âge atteint par ma Mère m'a mis dans l'impossibilité de m'éloigner beaucoup, – même pour peu de mois, – du Bourbonnais où elle s'est retirée en 1916.	Mas em torno da época em que pensei fazê-las, a idade atingida por minha Mãe me impossibilitou de me afastar muito – mesmo por poucos meses – da Burbônia, para onde ela se retirou em 1916.
Dès lors mes déplacements ont été de plus en plus limités, et mes séjours ici et à Valbois plus fréquents et plus longs.	Desde então, meus deslocamentos têm sido cada vez mais limitados, e minhas permanências aqui e em Valbois, mais frequentes e mais longas.
J'ai profité du temps où il m'était encore possible de n'être pas ici pour faire une excursion à Lisbonne, une autre à	Aproveitei o tempo em que me era ainda possível não estar aqui para fazer uma excursão a Lisboa, uma outra a Luxemburgo,

Luxembourg, passer un été en Italie et faire encore un séjour à Rome.	passar um verão na Itália e mais uma temporada em Roma.
L’hiver dernier je comptais aller en Espagne, mais le médecin de la famille, qui me donnait régulièrement des nouvelles, ne m’a pas rassuré suffisamment pour que j’aie osé franchir la frontière; et enfin, en mai, il m’a rappelé.	No inverno passado, eu contava ir à Espanha, mas o médico da família, que me dava regularmente notícias, não me tranquilizou o bastante para que eu ousasse atravessar a fronteira; e enfim, em maio, ele me chamou de volta.
Je pense que maintenant vous comprenez pourquoi je suis ici, et pourquoi j’y resterais même si je ne sentais pas que ma présence est moralement et matériellement indispensable.	Penso que agora você compreende por que estou aqui, e por que aqui permaneceria, mesmo se não sentisse que minha presença fosse moral e materialmente indispensável.
M’en aller, ce serait détruire, gâcher complètement, tout ce qu’a produit ce long ouvrage de patience.	Ir embora seria destruir, desperdiçar completamente tudo o que foi produzido por essa longa obra de paciência.
Les projets de séjours hors d’Europe tiennent toujours. Quatre, cinq, six ans peut-être hors d’Europe! C’est à quoi je pensais quand je vous ai dit que je n’écrirais pas toujours.	Os projetos de temporadas fora da Europa ainda estão vigentes. Quatro, cinco, seis anos talvez fora da Europa! Era nisso quando lhe disse que não escreveria sempre.
Je m’acquitterais des choses commencées ou promises, et puis je lâcherais le métier, je redeviendrais ce “riche sportman (<i>sic</i>) qui se mêle d’écrire” dont parlait un des premiers critiques de <i>A. O. Barnabooth</i> en 1908 ou 1909! Seulement, le “riche sportman” ne se mêlerait plus d’écrire.	Eu me desobrigaria das coisas começadas ou prometidas, e depois abandonaria a profissão, tornar-me-ia aquele “rico sportman (<i>sic</i>) que se mete a escrever” de que falava um dos primeiros críticos de <i>A. O. Barnabooth</i> em 1908 ou 1909! No obstante, esse “rico sportman” não se meteria a escrever.
Ce qu’il y aurait de fâcheux, c’est que ce grand trésor de liberté serait le fruit d’un deuil, d’une séparation pénible malgré tout, – je n’ai pas d’autre parent que ma Mère, – et que je serais privé de la vue de plusieurs amis, et que la “richesse”, aux prix où sont les traversées, ne serait qu’une bien modeste	O que haveria de aborrecido nisso é que esse grande tesouro de liberdade seria o fruto de um luto, de uma separação penosa apesar de tudo – não tenho outro parente além de minha Mãe – e que eu seria privado da vista de vários amigos, e que a “riqueza”, ao preço em que estão as travessias, seria apenas uma bem

médiocrité dorée, – titre-fixe.	modesta mediocridade dourada, título-fixo.
Je mets tout cela au conditionnel pour plusieurs raisons, dont la principale est que ma santé, qui n'a jamais été brillante, m'a donné, à partir de 1926, de très sérieuses inquiétudes.	Ponho tudo isso na condicional por várias razões, a principal delas é que minha saúde, que nunca foi brilhante, deu-me, a partir de 1926, sérias inquietações.
Un régime, des remèdes, les mois passés en Italie et dans le Midi, m'ont un peu remis, mais je suis obligé de me surveiller et de m'abstenir, aussi bien en ce qui concerne la nourriture qu'en ce qui touche au travail littéraire : malgré les crises d'insomnie, je ne passe plus de ces belles nuits de lectures et de travail qui ne se terminaient qu'au moment où, heureux et exténué, je m'apercevais, en éteignant les lumières et en ouvrant mes volets, qu'il était grand jour depuis longtemps déjà.	Um regime, remédios, os meses passados na Itália e no Midi, restabeleceram-me um pouco, mas sou obrigado a me vigiar e a me abster, tanto no que diz respeito à alimentação quanto no que toca ao trabalho literário: apesar das crises de insônia, não passo mais aquelas belas noites de leitura e de trabalho que terminavam apenas no momento em que, feliz e extenuado, apercebia-me, apagando as luzes e abrindo meus postigos, que era pleno dia já há muito tempo.
Je m'aperçois, ici, que j'ai oublié de vous demander si vous travaillez la nuit. Et je m'aperçois, encore, que je n'ai fait que vous parler de moi. C'est abuser de votre temps et de votre patience.	Dou-me conta, aqui, que me esqueci de lhe perguntar se você trabalha à noite. E percebo ainda que fiz apenas lhe falar de mim. É abusar de seu tempo e de sua paciência.
Ce que vous me dites au sujet de la lenteur avec laquelle les gens apprennent à vous connaître m'afflige, ne me surprend pas.	O que me diz a propósito da lentidão com a qual as pessoas aprendem a conhecê-lo me aflige, não me surpreende.
Ce qui n'est que "librairie" occupe tant de place et fait tant de bruit, que ce qui est littérature se trouve rejeté dans l'ombre et le silence.	O que é apenas "livraria" ocupa tanto lugar e faz tanto barulho, que o que é literatura encontra-se rejeitado na sombra e no silêncio.
Il faut bien écouler tout ce papier imprimé, et de tout temps la librairie s'est mieux vendue que la littérature.	É preciso escoar bem todo esse papel impresso, e desde sempre a livraria se vende melhor que a literatura.

<p>Et, de toute la littérature, la Poésie est ce qui chemine le plus lentement. Voyez Verlaine, Mallarmé, Valéry lui-même, <i>célèbre</i> dès 1898, mais <i>connu</i> à partir de 1920 seulement.</p>	<p>E, de toda a literatura, a Poesia é o que caminha mais lentamente. Veja Verlaine, Mallarmé, o próprio Valéry, <i>célebre</i> desde 1898, mas <i>conhecido</i> a partir de 1920.</p>
<p>Il n'y a aucun moyen, aucune recette pour forcer (ramme une plante) la renommée des poètes. Ils ont même moins que les autres écrivains la possibilité d'obtenir ce faux et trompeur succès qui vient des relations, des amitiés, de l'appui des groupes, des articles de complaisance, succès que le prestige de Paris porte quelquefois très loin pour un certain temps.</p>	<p>Não há nenhum meio, nenhuma receita para forçar (como uma planta) o renome dos poetas. Eles têm até, menos que os outros escritores, a possibilidade de obter esse falso e enganoso sucesso que vem das relações, das amizades, do apoio dos grupos, dos artigos de complacência, sucesso que o prestígio de Paris leva às vezes muito longe por um certo tempo.</p>
<p>Voyez L.-P. Fargue: un des hommes les plus répandus de Paris, le plus adonné (mais sans calcul d'ambition) à la culture des relations brillantes et illustres, célèbre dans l'élite des lettrés, – eh bien il est allé tous les jours pendant plus de vingt ans chez des gens qui l'estimaient comme causeur, comme convive aimable et boute-en-train, et qui ne savaient même pas <i>qui</i> il était. C'est seulement vers la cinquantaine qu'il a commencé à être question de lui, c'est-à-dire de son œuvre.</p>	<p>Veja L.-P Fargue: um dos homens mais conhecidos de Paris, o mais dedicado (mas sem cálculo de ambição) à cultura das relações brilhantes e ilustres, célebre na elite dos letrados, – pois bem, ele foi todos os dias durante mais de vinte anos à casa de pessoas que o estimavam como conversador, como conviva amável e folgazão, e que não sabiam sequer <i>quem</i> ele era. Foi apenas perto dos seus cinquenta anos que começaram a se ocupar dele, isto é, de sua obra.</p>
<p>Un arriviste, à sa place, aurait fait de la librairie, du roman de vente, ou du théâtre alimentaire, et, soutenu par ses immenses relations, aurait eu dès 35 ans cette gloire en papier doré qui ne compte pas – et dont il n'aurait pas voulu.</p>	<p>Um arrivista, em seu lugar, teria feito livraria, romance de venda, ou teatro de subsistência, e, sustentado por suas imensas relações, teria tido desde os 35 anos aquela glória em papel dourado que não conta – e de que ele não teria desejado.</p>
<p>Il est resté Poète, et lui-même, et tous ses leviers, toutes ses ressources sociales, ne l'ont pas fait avancer d'une ligne.</p>	<p>Ele permaneceu Poeta, e ele mesmo, e todas as suas alavancas, todas os seus recursos sociais não o fizeram avançar uma</p>

	linha.
L'omission du <i>Mercur de France</i> , c'est un bien petit mécompte. L'oubli de <i>La Revue Nouvelle</i> me surprend.	A omissão do <i>Mercur de France</i> é uma decepção bem pequena. O esquecimento de <i>La Revue Nouvelle</i> me surpreende.
Il y a peut-être quelque chose de changé dans la direction, le personnel ou l'orientation de cette publication. Il me semble qu'elle ne paraît plus régulièrement, que ses premiers directeurs ont cédé une partie de leurs places à de nouveaux noms.	Talvez alguma coisa tenha mudado na direção, no pessoal ou na orientação dessa publicação. Parece-me que ela não é mais publicada regularmente, que seus primeiros diretores cederam uma parte de seus lugares a novos nomes.
C'est du moins l'impression que m'ont laissée les derniers numéros, que j'ai parcourus hâtivement, faute de temps.	É ao menos a impressão que me deixaram os últimos números, que percorri apressadamente, por falta de tempo.
Il ne faut pas être trop nombreux à faire une revue de pure littérature.	Não se precisa de muita gente para fazer uma revista de pura literatura.
Le premier groupe était sympathique (Lélis, Petit, Amunatégui) et avait une vraie passion pour les lettres, – peut-être une vraie vocation.	O primeiro grupo era simpático (Lélis, Petit, Amunatégui) e tinha uma verdadeira paixão pelas letras – talvez uma verdadeira vocação.
Sans doute vous deviez, après l'accueil de Jean Paulhan, proposer votre livre à la <i>NRF</i> et cependant il me semble que vous deviez exiger une prompte réponse, en avertissant qu'au bout d'un temps limité, vous retirerez votre "candidature" et porteriez votre ouvrage ailleurs, même si vous n'aviez pas reçu de réponse.	Sem dúvida você devia, depois da acolhida de Jean Paulhan, propor seu livro à <i>NRF</i> e, entretanto, parece-me que você deveria exigir uma pronta resposta, prevenindo que, ao final de um tempo limitado, retiraria sua "candidatura" e levaria sua obra para outro editor, mesmo se não tivesse resposta.
La <i>NRF</i> (éditions) est devenue une grande administration, avec les lenteurs des administrations ; on y publie beaucoup, aussi, et il y a encombrement, embouteillement.	A <i>NRF</i> (edições) tornou-se uma grande administração, com o ritmo lento das administrações; publica-se muito lá também, e há embaraços, congestionamento.
J'y suis, j'y reste; je suis un des Vieux; j'ai dit "mon cher ami" à, – et j'ai flâné dans Paris avec, – Gaston Gallimard avant même qu'il	Eu estou lá, permaneço lá; sou um dos Velhos; eu disse "meu caro amigo" a – e flanei em Paris com – Gaston Gallimard antes

<p>songeât à se faire éditeur ; je n'ai guère à me plaindre que de petites négligences administratives, conséquences de l'accroissement matériel de la firme: fautes d'impressions; choses faites à mon insu; demandes de traducteurs laissées sans réponse; – mais je ne me vois guère m'occupant de ça; l'essentiel est que G. G. veille à ce que je sois traité d'une manière impeccable au point de vue droits d'auteur, et qu'il est fidèle à sa promesse de ne pas faire de réclame pour mes livres.</p>	<p>mesmo que sonhasse em ser editor; não tenho quase nada de que me lamentar a não ser de pequenas negligências administrativas, consequências do crescimento material da firma: erros de impressões; coisas feitas sem meu conhecimento; demandas de tradutores deixadas sem resposta –; mas não me ocupo quase nada disso; o essencial é que G. G. cuida para que eu seja tratado de uma maneira impecável do ponto de vista dos direitos autorais, e que ele é fiel a sua promessa de não fazer publicidade para meus livros.</p>
<p>Mais je sais bien que si j'en étais à mon premier livre, ou si j'étais le Poète que vous êtes, avec trois ou quatre très précieuses plaquettes comme bagage littéraire, je ne songerais pas à me mêler à la foule qui emplit les grandes maisons éditoriales.</p>	<p>Mas sei bem que se eu estivesse em meu primeiro livro, ou se eu fosse o Poeta que você é, com três ou quatro preciosíssimas plaquetes como bagagem literária, eu não pensaria em me misturar à multidão que enche as grandes editoras.</p>
<p>Je m'adresserais à un débutant, à un inconnu qui ne désire pas se lancer grandement, ni aller vite, et qui aime la poésie.</p>	<p>Eu me endereçaria a um editor principiante, a um desconhecido que não desejasse se lançar grandiosamente, nem ir rápido, e que amasse a poesia.</p>
<p>Il doit pourtant bien y en avoir encore, ne serait-ce que deux, qu'un seul, dans Paris !</p>	<p>Deve, no entanto, existir ainda gente assim, mesmo que apenas dois, um único que seja, em Paris!</p>
<p>En cherchant bien... e vous conseille de chercher.</p>	<p>Procurando bem... e aconselho-o a procurar.</p>
<p>Je vous y aiderais si j'étais à Paris, bien que, lié par mon traité avec G. Gallimard, je connaisse fort peu de monde et que j'aie souvent dû refuser des propositions qui m'auraient plu, me fermant par là quelques</p>	<p>Eu o ajudaria nisso se estivesse em Paris, embora, ligado por meu acordo com G. Gallimard, eu conheça muito pouca gente e, com frequência, eu tenha tido que recusar propostas que teriam agradado a mim,</p>

<p>portes, et peut-être indisposant (bien involontairement) des gens avec qui j'aurais pu m'entendre.</p>	<p>fechando-me assim algumas portas para mim, e talvez indispondo (muito involuntariamente) pessoas com quem eu poderia ter-me entendido.</p>
<p>Mais notre ami Royère peut vous donner des adresses, des renseignements précieux, peut-être? Vous êtes de ceux qui <i>fondent</i> la réputation d'un éditeur.</p>	<p>Mas será nosso amigo Royère não pode lhe dar endereços, informações preciosas, talvez. Você é daqueles que <i>fundam</i> a reputação de um editor.</p>
<p>Certainement je regrette que G. G. n'ait pas cru devoir vous accueillir; mais c'est pour lui que je le regrette.</p>	<p>Certamente lamento que G. G. não tenha acreditado dever acolher você; mas é por ele que lamento.</p>
<p>En tout cas, <i>travaillez</i> comme si vous n'aviez pas à vous préoccuper de voir votre dernier recueil imprimé.</p>	<p>Em todo caso, <i>trabalhe</i> como se não tivesse de se preocupar em ver sua última coletânea impressa.</p>
<p>Je suis impatient de voir ce que vous faites, et d'autres que moi, J.-L. Vaudoier par exemple, attendent.</p>	<p>Estou impaciente para ver o que você faz e, outros que não eu, J.-L. Vaudoier, por exemplo, esperam.</p>
<p>J'ai relu plusieurs fois votre lettre, ces derniers temps. Je ne savais pas que Chapelain eût si sévèrement qualifié la campagne bourbonnaise.</p>	<p>Reli várias vezes sua carta, nesses últimos tempos. Eu não sabia que Chapelain havia qualificado tão severamente os campos burbonenses.</p>
<p>Sterne, au contraire, a écrit, dans le <i>Voyage sentimental</i>, que c'était la "plus douce région de France".</p>	<p>Sterne, ao contrário, escreveu, em a <i>Voyage sentimental</i>, que aquela era a "mais doce região da França".</p>
<p>J'ai conseillé à un ami de mettre cette phrase en épigraphe à un roman qu'il avait écrit, et qui se passait dans l'arrondissement de Moulins je crois. Je ne sais plus s'il a suivi mon conseil. En tout cas il a dû citer la phrase de Sterne dans son livre.</p>	<p>Aconselhei a um amigo pôr essa frase como epígrafe em um romance que ele havia escrito, e que se passava no bairro de Moulins, creio eu. No entanto, não sei se ele seguiu meu conselho. Em todo caso, ele deve ter citado a frase de Sterne em seu livro.</p>
<p>Excusez cette lettre interminable, avec son désordre, ses confidences peut-être intempestives, et la mauvaise écriture.</p>	<p>Desculpe esta carta interminável, com sua desordem, suas confidências talvez intempestivas, e a má caligrafia.</p>

Je lâcherai à l'avenir d'être plus bref, mais aussi de rester moins longtemps muet.	Tentarei, no futuro, ser mais breve, mas também ficar menos tempo mudo.
Ne manquez pas de me donner de vos nouvelles et de me dire où vous en êtes de vos projets et de la composition des poèmes dont vous me parlez.	Não deixe de me dar notícias suas e de me dizer como está com seus projetos e a composição dos poemas de que você tem me falado.
Bien amicalement à vous.	Com amizade.
V. Larbaud.	V. Larbaud.
À CHARLES DU BOS	A CHARLES DU BOS
CD01	CD01
Valbois, par Saint-Pourçain-sur-Sioule (Allier).	Valbois, par Saint-Pourçain-sur-Sioule (Allier).
11 janvier 1926.	11 de janeiro de 1926.
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
J'ai reçu ici votre bonne lettre; mon départ est remis au 16.	Recebi aqui sua boa carta; minha partida foi adiada para o dia 16.
J'accepte avec plaisir votre proposition, bien que ce soit pour moi un surcroît de travail.	Aceito com prazer sua proposta, embora ela seja para mim um acréscimo de trabalho.
Mais vous savez que Samuel Butler a écrit sur les <i>Sonnets</i> de Shakespeare, et qu'il en a fait une édition commentée; c'est un livre très agréable.	Mas, você sabe, Samuel Butler escreveu sobre os <i>Sonetos</i> de Shakespeare e fez uma edição comentada deles; é um livro muito agradável.
Il commence par une analyse de chacune des grandes éditions qui ont précédé la sienne, et une critique des théories émises au sujet des <i>Sonnets</i> .	Ele começa por uma análise de cada uma das grandes edições que precederam a sua e uma crítica das teorias emitidas a respeito dos <i>Sonetos</i> .
Il passe en revue tous les problèmes que ce texte soulève ou a soulevés. Puis il expose sa propre théorie.	Passa em revista todos os problemas que esse texto levanta ou levantou. Depois, expõe sua própria teoria.
Enfin, il donne, à la suite, son édition des <i>Sonnets</i> , qu'il range dans l'ordre où il croit	Enfim, ele dá, em seguida, sua edição dos <i>Sonetos</i> , que arranja na ordem em que

<i>pouvoir affirmer qu'ils ont été composés. Cet arrangement illustre et complète sa théorie.</i>	<i>acredita poder afirmar que eles foram compostos. Esse arranjo ilustra e completa sua teoria.</i>
Sur le point principal, la question de l'inspiration pédérastique, il est affirmatif, et il va même jusqu'à proposer un "candidat", aux initiales W.H., et c'est son candidat bien à lui, dont il n'avait pas été question avant lui.	Sobre o ponto principal, a questão da inspiração pederástica, ele é afirmativo e chega mesmo a propor um "candidato" às iniciais de W. H., e tem realmente um candidato próprio, de que ninguém havia falado antes.
Même les notes mises au bas des <i>Sonnets</i> sont intéressantes.	Até mesmo as notas colocadas abaixo dos <i>Sonetos</i> são interessantes.
Or, ce livre de S.B. ne peut être traduit; du moins pas tant que <i>Ainsi va toute chair</i> ¹¹⁹ ne se sera pas vendu à 50 000 exemplaires. S. B. n'est pas encore assez connu en France pour qu'on puisse sans perte d'argent présenter au public un ouvrage aussi purement critique, d'érudition, que les <i>Shakespeare's Sonnets Re-considered</i> .	Ora, esse livro de S. B. não pode ser traduzido; pelo menos não enquanto <i>Ainsi va toute chair</i> ¹²⁰ não tiver vendido uns 50 000 exemplares. S. B. ainda não é conhecido o bastante na França para que se possa, sem perda de dinheiro, apresentar ao público uma obra tão inteiramente crítica, de erudição, quanto os <i>Shakespeare's Sonnets Re-considered</i> .
J'avais songé à en donner pourtant une analyse, sous forme d'un article, peut-être à <i>La Revue de Paris</i> ou à <i>La Revue de France</i> (je ne le vois guère dans une revue de littérature pure).	Eu havia pensado, entretanto, em fazer uma análise dele, sob forma de um artigo, talvez para <i>La Revue de Paris</i> ou <i>La Revue de France</i> (não o vejo muito numa revista de literatura pura).
Mais le projet dont vous me parlez me fournit une magnifique occasion d'exposer la théorie de Butler et d'analyser son livre !	Mas o projeto de que você me fala me proporciona uma magnífica ocasião de expor a teoria de Butler e de analisar seu livro!
Moi aussi, je suis convaincu que les <i>Sonnets</i> sont d'inspiration pédérastique, et j'y vois	Também estou convencido de que os <i>Sonetos</i> são de inspiração pederástica, e vou ao ponto

¹¹⁹ *La NRF*, mars 1921.

¹²⁰ *A NRF*, março de 1921.

<p>même une espèce d'éloge de la pédérastie. Mais il y a beaucoup d'autres choses dans les <i>Sonnets</i>.</p>	<p>de ver neles uma espécie de elogio à pederastia. Mas há muitas outras coisas nos <i>Sonetos</i>.</p>
<p>Donc, après avoir exposé la théorie de Butler, et analysé son livre, je ferais mes propres remarques. Sommes-nous d'accord?</p>	<p>Logo, depois de ter exposto a teoria de Butler e analisado seu livro, eu faria meus próprios comentários. Estamos de acordo?</p>
<p>Je pourrais faire tenir tout cela en une vingtaine de pages comme celle-ci; de 15 à 20 pages. Et dans ce cas: <i>pourquoi ne pas adopter l'arrangement de S. Butler</i> pour les <i>Sonnets</i>? Ce serait la première fois, depuis lui, que cela se ferait, et la première fois absolument en France.</p>	<p>Eu poderia fazer tudo isso em cerca de vinte páginas como esta; de 15 a 20 páginas. E, nesse caso, <i>por que não adotar o arranjo de S. Butler</i> para os <i>Sonetos</i>? Seria a primeira vez, depois dele, que isso seria feito, e a primeiríssima vez na França.</p>
<p>De plus cet arrangement (qui laisse subsister, entre crochets, les numéros des <i>Sonnets</i> dans l'édition de 1609) fait de l'ensemble, en quelque sorte, le journal <i>intime</i>, poétique, de la passion de Shakespeare pour "M. W. H.", les <i>Sonnets</i> qui n'ont rien à voir avec l'histoire de cette passion, et qui ont pu être intercalés par le premier éditeur, ou par Shakespeare (moins certain, cela) pour dépister le lecteur, ayant été placés par S. Butler en appendice.</p>	<p>Além disso, esse arranjo (que mantém, entre colchetes, os números dos <i>Sonetos</i> da edição de 1609) faz do conjunto, de alguma maneira, o diário <i>íntimo</i>, poético, da paixão de Shakespeare por "M. W. H.", já que os <i>Sonetos</i> que não têm nada a ver com a história dessa paixão, e que puderam ser intercalados pelo primeiro editor, ou por Shakespeare (menos certo, isso) para despistar o leitor, foram colocados por S. Butler em apêndice.</p>
<p>Que pensez-vous de cette idée, et qu'en dit le traducteur ?</p>	<p>O que você acha dessa ideia, e o que o tradutor diz dela?</p>
<p>S'il n'existait pas déjà plusieurs traductions des <i>Sonnets</i>, nous pourrions être arrêtés par notre respect pour l'ordre du texte original; mais, les choses étant comme elles sont, cela ne doit pas nous arrêter: j'avertirais surabondamment le lecteur que dans notre édition les <i>Sonnets</i> sont arrangés selon un</p>	<p>Se já não existissem várias traduções dos <i>Sonetos</i>, poderíamos ser detidos por nosso respeito à ordem do texto original; mas, sendo as coisas como são, isso não deve nos deter: eu advertiria fartamente o leitor de que, na nossa edição, os <i>Sonetos</i> estão arranjados segundo uma ordem diferente da que consta</p>

ordre différent de celui de l'édition originale et de toutes les éditions sauf celle de Samuel Butler.	na edição original e em todas as edições, exceto na de Samuel Butler.
Bien entendu, si nous ne sommes pas d'accord là-dessus, nous le restons en ce qui concerne mon acceptation d'écrire l'introduction.	Naturalmente, se não estivermos de acordo a esse respeito, concordamos no que diz respeito a meu aceite de escrever a introdução.
Pour le paiement, d'accord aussi, – à condition que le franc n'ait pas baissé encore. Disons donc: 1.000 francs, la livre étant à 127 francs; 1 100 si elle est à 137,1 200, si elle est à 147! Espérons que nous n'aurons pas à considérer cette hausse.	Quanto ao pagamento, de acordo também – desde que o franco não tenha baixado ainda mais. Digamos então: 1.000 francos, a libra estando cotada a 127 francos; 1.100 se estiver a 137, 1 200, se estiver a 147! Esperemos que não tenhamos que considerar essa alta.
Je suis content de savoir que <i>Gens de Dublin</i> ¹²¹ va enfin sortir. On l'attend impatientement, et on me l'a souvent demandé.	Estou contente em saber que <i>Dublinenses</i> ¹²² vai sair, enfim. Estamos esperando impacientemente, e as pessoas me têm perguntado muitas vezes por ele
Voulez-vous me renvoyer encore des épreuves, ou plutôt les bonnes feuilles de mon introduction? J'aurai peut-être quelques mots à y changer. En les adressant à Paris, elles me suivront en Portugal.	Você poderia me enviar novamente as provas ou, ou melhor, apenas as páginas de minha introdução? Terei talvez algumas palavras para trocar ali. Quando enviá-las a Paris, elas me alcançarão em Portugal.
Je vous remercie de ce que vous me dites au sujet de ma présentation du poème de Saint-John Perse pour l'édition russe. ¹²³	Agradeço pelo que me diz a propósito de minha apresentação do poema de Saint-John Perse para a edição russa. ¹²⁴
J'hésitais à la publier en France, car elle fera de la peine à quelques personnes; mais enfin, dans cette exécution que je fais de quelques poètes, je m'exécute moi-même.	Eu hesitava em publicá-la na França, pois ela desagradará a algumas pessoas; mas enfim, nessa execução que faço de alguns poetas, eu executo a mim mesmo.

¹²¹ Plon, 1926.

¹²² Plon, 1926.

¹²³ La préface parut dans *La NRF* de janvier 1926.

¹²⁴ O prefácio foi publicado na *NRF* de janeiro de 1926.

Au revoir, mon cher ami; prompte guérison, et bon voyage en Angleterre. De Porto, où je vais d’abord, je vous enverrai de mes nouvelles.	Até mais ver, meu caro amigo; pronta cura, e boa viagem à Inglaterra. Do Porto, aonde irei primeiro, darei notícias.
J’espère en avoir de vous de temps en temps.	Espero receber as suas de vez em quando.
Bien amicalement à vous.	Com amizade.
V. Larbaud.	V. Larbaud.
CD02	CD02
Valbois, 25 novembre 1926.	Valbois, 25 de novembro de 1926.
Cher ami,	Caro amigo,
Je vous remercie de votre aimable lettre.	Agradeço sua amável carta.
Je suis tout à fait d’accord avec vous, et je vous approuve d’adhérer tout à fait au sens du titre que vous avez choisi pour votre collection.	Concordo inteiramente com vovê, e aprovo completamente sua adesão, no sentido do título que você escolheu para sua coleção.
Je suis en effet partisan de la théorie la plus récente sur les <i>Sonnets</i> , celle de Tucker: il n’y a pas de “drame des Sonnets».	Sou, de fato, partidário da teoria mais recente sobre os <i>Sonetos</i> , a de Tucker: de que não há “drama dos Sonetos”.
Le livre (les deux livres) de Mme de Chambrun appartiennent entièrement à l’ancienne école et leur thèse est insoutenable.	O livro (os dois livros) de Mme de Chambrun pertencem inteiramente à antiga escola e a tese dela é insustentável.
(J’y ai fait une allusion sans la nommer; mais une partie de ses travaux est dans le sens de la critique moderne: celle qu’elle a présentée comme thèse en Sorbonne: l’importance de l’influence de Florio).	(Fiz uma alusão a ela sem nomeá-la; mas uma parte de seus trabalhos caminha no sentido da crítica moderna: a que ela apresentou como tese na Sorbonne: a importância da influência de Florio).
(Et à propos de la critique textuelle que j’indique, – j’avais adressé au <i>Times Literary Supplement</i> une lettre sur “Motley” – j’ai reçu une curieuse lettre de Havelock Ellis ¹²⁵).	(E a propósito da crítica textual que indico – eu tinha endereçado ao <i>Times Literary Supplement</i> uma carta sobre “Motley” –, recebi uma curiosa carta de Havelock

¹²⁵ Lettre dans laquelle Ellis souligne les affinités qui existent entre la Péninsule ibérique et l’Angleterre. Tout cela à propos de l’écrivain Eça de Queiroz.

	Ellis ¹²⁶).
Je suis venu travailler en Bourbonnais, mais je rentre le 3 décembre* et serai tout à votre disposition.	Vim trabalhar na Burbônia, mas volto em 3 de dezembro* e estarei inteiramente à sua disposição.
Bien amicalement à vous.	Com amizade.
V. Larbaud.	V. Larbaud.
* S'il y a des épreuves avant cette date, vous pouvez les faire envoyer à Paris, elles me suivront.	* Se houver provas antes dessa data, você poderá mandá-las a Paris, elas me alcançarão.
CD03	CD03
71, rue du Cardinal-Lemoine, Ve.	71, rue du Cardinal-Lemoine, Ve.
7 février 1927 (soir).	7 de fevereiro de 1927 (tardinha).
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
Je viens de relire, dans mon ms. et dans la copie dactylographiée, mon Introduction pour les <i>Sonnets</i> , et je la trouve satisfaisante, et capable d'affronter les critiques même spécialistes.	Acabei de reler, em meu manuscrito e na cópia datilografada, minha Introdução para os <i>Sonetos</i> , e achei-a satisfatória, e capaz de fazer face aos críticos, inclusive especialistas.
Je n'ai rien vu nulle part qui pût justifier M. Le Brun ¹²⁷ lorsqu'il parle d'un P majuscule, à moins que la dactylographe ne l'ait mis de sa propre autorité.	Não vi nada em nenhuma parte que pudesse justificar o Sr. Le Brun ¹²⁸ quando ele fala de um P maiúsculo, a menos que a datilógrafa o tenha posto por sua própria autoridade.
Je crois que l'objection de M. Le Brun est morale et générale.	Acredito que a objeção do Sr. Le Brun seja moral e geral.
Il aura mal, ou trop rapidement, lu ces pages, et aura cru voir, dans deux ou trois passages, un éloge, une apologie, de la pédérastie, faits par moi, parlant en mon nom.	Ele terá lido mal, ou rapidamente demais, lido essas páginas, e terá acreditado ver, em duas ou três passagens, um elogio, uma apologia, à pederastia, feitos por mim,

¹²⁶ Carta na qual Ellis sublinha as afinidades que existem entre a Península Ibérica e a Inglaterra. Tudo isso a propósito do escritor Eça de Queiroz.

¹²⁷ Émile Le Brun, le traducteur des *Sonnets*.

¹²⁸ Émile Le Brun, o tradutor dos *Sonetos*.

	falando em meu nome.
La suppression du mot “pédérastique” est possible, mais elle exigera quelques remaniements difficiles et dont l’effet sera disgracieux. Et les mots “inversion” et “inverti”, que faudra-t-il en faire?	A supressão da palavra “pederástico” é possível, mas exigirá algumas modificações complicadas e cujo efeito será desgracioso. E com as palavras “inversão” e “invertido”, o que fazer?
Du reste, supprimés, atténués ces mots, il n’en restera pas moins que les deux tiers de mon Introduction ont pour unique sujet l’amour éprouvé par le poète pour un jeune homme. Alors? Alors, l’objection de M. Le Brun équivaut au refus de mon Introduction.	De resto, uma vez suprimidas, atenuadas essas palavras, nem por isso dois terços de minha Introdução deixarão de ter por único tema o amor sentido pelo poeta por um rapaz. Então? Então, a objeção do Sr. Le Brun equivale à recusa de minha Introdução.
Je suis du reste prêt à la retirer pour la publier, sans bowdlérisation, dans <i>Commerce</i> .	Estou, de resto, pronto a retirá-la para publicá-la, sem <i>bowdlerização</i> na <i>Commerce</i> .
En lisant les deux Sonnets de la traduction donnés dans le prospectus, j’ai remarqué un vers de quinze pieds au milieu des alexandrins du premier. Est-ce une licence que le traducteur s’est permise tout le long de la traduction; est-ce une faute d’impression ?	Lendo os dois Sonetos da tradução lançados no prospecto, notei um verso de quinze pés no meio dos alexandrinos do primeiro. Será uma licença que o tradutor se permitiu ao longo de toda a tradução; será um erro de impressão?
Enfin, je vais voir les observations marginales de M. Le Brun, et, si elles ne portent que sur “pédérastique” et autres mots de ce genre, je ferai volontiers les modifications.	Enfim, vou ver as observações marginais do Sr. Le Brun e, se elas recaírem apenas sobre “pederástico” e outras palavras do gênero, farei de bom grado as modificações.
Si les objections portent sur l’ensemble, je démissionne comme Introduteur de cette traduction, car vraiment je ne peux présenter les <i>Sonnets</i> comme si c’étaient des poésies de Mme Amable Tastu (ou Tastut ?).	Se as objeções recaírem sobre o conjunto, demito-me como Introdutor dessa tradução, pois, realmente, não posso apresentar os <i>Sonetos</i> como se fossem poesias de Mme Amable Tastu (ou Tastut?).
Au revoir, mon cher ami, et bien amicalement à vous.	Adeus, meu caro amigo. Com amizade.
V. Larbaud.	V. Larbaud.

CD04	CD04
71, rue du Cardinal-Lemoine, Ve.	71, rue du Cardinal-Lemoine, Ve.
8 février 1927.	8 de fevereiro de 1927.
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
Ceci est un <i>post-scriptum</i> à ma lettre d’hier soir.	Isto é um <i>post-scriptum</i> à minha carta de ontem à noite.
Je viens de lire encore une fois mon Introduction pour la traduction des <i>Sonnets</i> de Shakespeare par M. Emile Le Brun, et assurément le “P majuscule” du mot “pédérastie” ne se trouve pas dans la copie que M. Le Brun a lue, puisque celle que j’ai, et qui en est le double, faite au papier-carbone, ne le contient pas.	Acabei de ler, uma vez mais, minha Introdução para a tradução dos <i>Sonetos</i> de Shakespeare por M. Émile Le Brun, e seguramente o “P maiúsculo” da palavra “pederastia” não se encontra na cópia que Le Brun leu, já que a que tenho, e que é a duplicata dela, feita com papel-carbono, não o contém.
Ce fait, ajouté au souvenir très précis que j’ai des propos tenus par M. Le Brun, me prouve qu’il s’agit d’une métaphore, comme de celle de “sainte pédérastie”, et que les paroles de M. Le Brun contenaient une série d’allusions et d’insinuations qui, bien considérées, signifiaient: “Il y a dans cette Introduction une apologie de la pédérastie, et par conséquent je ne peux l’accepter sans modifications comme Préface à ma traduction.”	Esse fato, acrescentado à lembrança muito precisa que tenho das posições sustentadas por M. Le Brun, prova-me que se trata de uma metáfora, como aquela de “santa pederastia”, e que as palavras de M. Le Brun continham uma série de alusões e de insinuações que, bem consideradas, significavam: “Há nesta Introdução uma apologia da pederastia, e conseqüentemente não posso aceitá-la, sem modificações como Prefácio à minha tradução.”
Or, cette Introduction, je n’ai pas besoin de vous le dire, ne contient rien de tel.	Ora, essa Introdução, não preciso dizê-lo a você, não contém nada de semelhante.
C’est un ouvrage sérieux, solide, sans fantaisie, bien documenté, et qui ajoute vraiment quelque chose à l’ensemble des Études shakespeariennes en France.	É uma obra séria, sólida, sem fantasia, bem documentada, e que acrescenta realmente alguma coisa ao conjunto dos Estudos shakespearianos na França.
Les spécialistes eux-mêmes, qui pourtant ne tiennent compte que des apports <i>matériels</i>	Os próprios especialistas, que, entretanto, levam em conta apenas contribuições

(faits, rapports établis), devront, dans une certaine mesure, en tenir compte ; et elle aura place dans toute bonne bibliographie des travaux français sur les <i>Sonnets</i> .	<i>materiais</i> (fatos, relações estabelecidas), deverão, em certa medida, levá-la em conta; e ela terá lugar em toda boa bibliografia dos trabalhos franceses sobre os <i>Sonetos</i> .
C'est parce que je suis persuadé de cela que je n'ai pas compris sur-le-champ les insinuations de M. Le Brun, et que j'ai pris au pied de la lettre – c'est le cas de le dire! – ce "P majuscule".	É por estar persuadido disso que não compreendi imediatamente as insinuações de M. Le Brun, e que tomei ao pé da letra – é o caso de dizê-lo! – esse "P maiúsculo".
Charitablement, je pense que M. Le Brun a mal lu ou mal compris mon Introduction, ou même qu'il a cru de bonne foi que tous les jeunes écrivains d'à présent sont prêts à faire l'éloge de la pédérastie.	Caridosamente, penso que M. Le Brun leu mal ou compreendeu mal minha Introdução, ou até que ele acreditou de boa-fé que todos os jovens escritores do presente estão prontos a fazer elogio à pederastia.
Sinon, cette affaire me rappellerait deux ou trois cas dans lesquels un littérateur âgé et aigri s'est empressé, l'occasion lui étant donnée, d'humilier un jeune confrère qui, pour une raison ou pour une autre (ma vanité d'auteur m'en souffle une), ne lui était pas sympathique.	Senão, esse acontecimento me lembraria dois ou três casos nos quais um literato idoso e amargo apressou-se, a ocasião lhe sendo dada, em humilhar um jovem colega que, por uma razão ou outra (minha vaidade de autor me sopra uma), não lhe era simpático.
Je crois donc que nous nous sommes trompés lorsque nous avons cru au "P majuscule", et à la pruderie du traducteur, et aux raisons qu'il invoquait pour nous prouver la nécessité de supprimer quelque mot prétendu (par lui) choquant. Simplement: il n'a pas osé parler franc.	Creio, portanto, que nós nos enganamos quando acreditamos no "P maiúsculo", e no puritanismo do tradutor, e nas razões que ele invocava para nos provar a necessidade de suprimir alguma palavra pretensamente (para ele) chocante. Simplesmente, ele não ousou falar francamente.
Mais, s'il s'agit de pruderie: ce ne serait pas trois ou quatre mots qu'il faudrait supprimer ou remplacer, c'est tout ce qui a trait au problème des <i>Sonnets</i> , c'est-à-dire les deux tiers de l'introduction, qui cesserait alors	Mas, se é de puritanismo que se trata: não seriam três ou quatro palavras que seria preciso suprimir ou substituir, é tudo o que se refere ao problema dos <i>Sonetos</i> , isto é, os dois terços da Introdução, que deixaria então

d'exister en tant que préface à une traduction des <i>Sonnets</i> .	de existir enquanto prefácio a uma tradução dos <i>Sonetos</i> .
Et assurément je ne voudrais pour rien au monde remplacer ce <i>bon</i> exposé, et cet essai de solution du problème shakespearien par de vagues paragraphes laudatifs, pleins de circonlocutions et d'hypocrisie.	E seguramente eu não gostaria, por nada neste mundo, de substituir essa <i>boa</i> exposição, e essa tentativa de solução do problema shakespeariano por vagos parágrafos laudativos, cheios de circunlocuções e de hipocrisia.
Les mots "choquants", sans doute, peuvent être "bowdlérisés"; mais justement parce qu'ils figurent dans un travail sérieux, destiné aux lettrés, ceux que je leur substituerais ("amour grec", "nature spéciale", etc.), prendraient un air plus ou moins humoristique, tout à fait déplacé dans le contexte, et par suite plus choquant que les mots exacts, techniques, eux-mêmes.	As palavras "chocantes", sem dúvida, podem ser "bowdlerizadas"; mas justamente por figurarem num trabalho sério, destinado aos letrados, aquelas pelas quais eu as substituiria ("amor grego", "natureza especial", etc), tomariam um ar mais ou menos humorístico, completamente deslocado no contexto, e, por conseguinte, mais chocante que as próprias palavras exatas, técnicas.
Je suis extrêmement occupé et pourrais vous prier de dire à M. Le Brun que je me refuse à changer une virgule à mon texte.	Estou extremamente ocupado e poderia rogar a você para dizer a Le Brun que me recuso a mudar uma vírgula em meu texto.
Mais je verrai ses observations marginales et je tâcherai d'en tenir compte dans la mesure où mon texte n'en sera pas défiguré.	Mas verei as observações marginais dele e tentarei levá-las em conta, na medida em que meu texto não fiquedesfigurado.
Cela, dans l'intérêt de votre édition bien entendu, et pour nulle autre raison.	Isso, no interesse de sua edição, naturalmente, e por nenhuma outra razão.
Mais si je ne peux, sans me trahir, me conformer à ces indications, je renoncerai à fournir une introduction à cette traduction, qui, du reste, à en juger par les deux échantillons que j'ai eus sous les yeux, ne m'a pas semblé valoir beaucoup mieux que celles qui l'ont précédée: exacte, probablement, puisqu'elle est en vers blancs; mais ce que j'ai	Mas se eu não puder, sem me trair, conformar-me a essas indicações, renunciarei a fornecer uma introdução a essa tradução, que, de resto, a julgá-la pelas duas amostras que tive sob os olhos, não me pareceu valer muito mais do que aquelas que a precederam: exata, provavelmente, já que é em versos brancos; mas o que vi não me pareceu mais

vu ne m'a pas semblé plus proche de l'esprit et de l'harmonie du texte que celle, par exemple, de Ch.-M. Garnier.	próximo do espírito e da harmonia do texto que, por exemplo, de Ch.- M. Garnier.
Mais pour me faire une opinion j'attends d'avoir lu soigneusement l'ensemble.	Mas, para ter uma opinião, esperarei ter lido cuidadosamente o conjunto.
En tout cas, dès à présent, je suis résolu à ne modifier mon Introduction que dans la mesure où son sens, sa substance n'en seront pas dénaturés.	Em todo caso, desde já, estou resolvido a modificar minha Introdução apenas na medida em que seu sentido, sua substância não sejam desnaturados.
Je vous demande pardon, mon cher ami, de vous entretenir si longuement de cette affaire, et avant même d'être en mesure de prendre une décision; mais c'est dans notre commun intérêt que je le fais.	Peço-lhe perdão, meu caro amigo, por ocupar-lhe tão longamente com esta questão, e antes mesmo de estar em condições de tomar uma decisão; mas é em nosso comum interesse que o faço.
Bien amicalement à vous.	Com amizade.
V. Larbaud.	V. Larbaud.
CD05	CD05
71, rue du Cardinal-Lemoine, Ve.	71, rue du Cardinal-Lemoine, Vo.
11 février 1927.	11 de fevereiro de 1927.
Mon cher ami,	Meu caro amigo,
C'est moi qui suis désolé de vous avoir ennuyé avec cet incident.	Sou eu que estou desolado por tê-lo aborrecido com esse incidente.
J'aurais dû attendre tranquillement les placards annotés par M. Le Brun, et alors discuter la chose avec lui, jusqu'à lui faire comprendre mon point de vue. Je devais vous épargner ces démarches. J'en suis bien fâché, croyez-le.	Eu deveria ter esperado tranquilamente as provas anotadas por M. Le Brun e, então, discutir a coisa com ele, até fazê-lo compreender meu ponto de vista. Eu devia poupar você desses trâmites. Estou muito desgostoso com isso, acredite.
À présent, grâce à votre efficace et rapide intervention, M. Le Brun renonce à ses objections. La lettre que sa femme m'a apportée ce matin me le prouve. Quel homme	Agora, graças à sua eficaz e rápida intervenção, M. Le Brun renuncia às objeções dele. A carta que sua mulher me trouxe esta manhã me prova isso. Que homem singular!

singulier!	
D'après ce qu'il me dit, je vois qu'il prend conseil de sa femme sur des questions de philologie et de critique littéraire. "Ma femme a reconnu qu'il était préférable d'aborder la question..."	Segundo o que ele me disse, vejo que se aconselhou com a mulher sobre questões de filologia e de crítica literária. "Minha mulher reconheceu que era preferível abordar a questão..."
Et maintenant je me demande si Mme Le Brun n'a pas été, en réalité, l'origine de l'incident. Peu importe, puisqu'il est réglé.	E agora me pergunto se a Senhora Le Brun não esteve, na realidade, na origem do incidente. Pouco importa, já que ele está resolvido.
Ce qui m'avait choqué, et irrité, c'était cette manière indirecte de me dire qu'on croyait que j'avais profité de l'occasion pour faire l'apologie de la pédérastie.	O que me chocara, e irritara, fora aquela maneira indireta de me dizer que achava que eu tinha me aproveitado da ocasião para fazer apologia da pederastia.
Je n'ai aucun préjugé là-dessus. Le mot "pédéraste" n'est pas pour moi une injure.Plusieurs "Corydons" sont mes amis.	Não tenho nenhum preconceito acerca disso. A palavra "pederasta" não é para mim uma injúria. Vários "Corydons" são meus amigos.
Je ne vois là qu'un jeu bizarre, un amusement triste, quand notre civilisation nous fournit "tant d'objets si doux et si charmants" pour nos passe-temps et quelquefois pour la satisfaction de nos plus secrètes aspirations vers le bonheur. Non, ce qui m'a choqué dans les propos de M. Le Brun, ç'a été de voir ma pensée à ce point méconnue. J'ai vu là de la malveillance, et une incompréhension voulue.	Vejo aí apenas um jogo bizarro, um divertimento triste, quando nossa civilização nos fornece "tantos objetos tão doces e tão encantadores" para nossos passatempos e algumas vezes para a satisfação de nossas mais secretas aspirações de felicidade. Não, o que me chocou nos propósitos de M. Le Brun, foi ver meu pensamento a tal ponto ignorado. Vi aí a malevolência, e uma incompreensão intencional.
Or tout simplement Mme Le Brun avait été scandalisée par l'audace de ma critique. Et M. Le Brun ne savait pas qu'aujourd'hui la critique, même en Angleterre, aborde et traite la partie pédérastique de l'œuvre de Shakespeare comme elle l'a toujours fait	Ora, simplesmente a Senhora Le Brun ficara escandalizada pela audácia de minha crítica. E M. Le Brun não sabia que hoje a crítica, mesmo na Inglaterra, aborda e trata a parte pederástica da obra de Shakespeare como sempre o fez quando se tratava dos Clássicos

lorsqu'il s'agissait des Classiques grecs et latins.	gregos e latinos.
Me voilà donc, et grâce à vous (encore une fois), dans les meilleurs termes avec M. (et Mme) Le Brun.	Aqui estou, pois, e graças a você (mais uma vez), nos melhores termos com o Senhor (e a Senhora) Le Brun.
Je corrigerai les secondes épreuves pendant mon séjour en Bourbonnais, et à mon retour je verrai le livre, – auquel je souhaite tout succès, – en vente.	Corrigirei as segundas provas durante minha estada na Burbônia, e em minha volta verei o livro – ao qual desejo todo sucesso – à venda.
J'avais déjà fait un plan, il y a près de deux ans, pour cette courte étude sur <i>A Group of Noble Dames</i> de Thomas-Hardy, dont Le Grix m'avait parlé. Mais j'ai laissé dormir cela; il me faut à présent relire le livre.	Eu já havia feito um projeto, há quase dois anos, para esse curto estudo sobre <i>A group of Noble Dames</i> de Thomas-Hardy, de que Le Grix me tinha falado. Mas deixei isso adormecido; preciso agora reler o livro.
Et j'ai une masse de petits écrits de circonstance en train : un "Louis Chadourne", un "L.-P.Fargue", un "Claudel", un "Salvador de Madariaga", sans parler d'une pile de mss ¹²⁹ à lire. Je vais pourtant essayer.	E tenho uma massa de pequenos escritos de circunstância em andamento: um "Louis Chadourne", um "L.-P. Fargue", um "Claudel", um "Salvador de Madariaga", sem falar de uma pilha de mss ¹³⁰ a ler. Vou, no entanto, tentar,.
Mais arriverai-je pour le 15 mars? Et pourtant je voudrais bien vous satisfaire.	Mas conseguirei para 15 de março? E, entretanto, gostaria muito de satisfazer a você
Mais vous savez, n'est-ce pas, que si je ne peux pas faire cet article, ce ne sera pas parce que je vous tiendrai rancune de l'incident avec M. Le Brun.	Mas, você sabe, não é?, se eu não puder fazer esse artigo, não será por que tenha ressentimento do incidente com M. Le Brun.
C'est moi, au contraire, qui me sens en faute dans cette affaire.	Sou eu, ao contrário, que me sinto em falta nesse assunto.
Au revoir, mon cher ami, et croyez-moi,	Até mais ver, meu caro amigo, e creia em mim,

¹²⁹ Abréviation de manuscrits.

¹³⁰ Abreviação de manuscritos.

Bien affectueusement à vous.	Muito afetuosamente.
V. Larbaud.	V. Larbaud.
Merci pour ce bel exemplaire de Boylesve. ¹³¹ Le passage sur “il ne casse rien” a son application dans cette affaire de mon Introduction. J’ai presque tout lu.	Obrigado por esse belo exemplar de Boylesve. ¹³² A passagem sobre “ele não quebra nada” tem sua aplicação nesse assunto de minha Introdução. Li quase tudo
Les portraits d’écrivains sont magnifiques (Rebell, Barres, Faguet, etc.). Et j’aime beaucoup votre Introduction.	Os retratos de escritores são magníficos (Rebell, Barrès, Faguet, etc). E gosto muito de sua Introdução.

¹³¹ Feuilles tombées, introduction de Charles Du Bos (Schiffrin).

¹³² Feuilles tombées, introdução de Charles Du Bos (Schiffrin).

CAPÍTULO 3

DAS CARTAS

Excusez cette lettre interminable, avec son désordre, ses confidences peut-être intempestives, et la mauvaise écriture. Je tâcherai à l'avenir d'être plus bref, mais aussi de rester moins longtemps muet (EL03 - Carta nº 3 a Emmanuel Lochac).¹³³

¹³³ “Desculpe esta carta interminável, com sua desordem, suas confidências talvez intempestivas, e a letra ruim. Tentarei, no futuro, ser mais breve, mas também ficar menos tempo mudo.”

Em todas as correspondências de Larbaud vamos encontrar traços bem característicos, independentemente de datas e de destinatários, o que sugere a ideia de que ele era um homem que prezava muito seus mínimos rituais. Aliás, seu apuro na vida pessoal era proverbial. De acordo com vários registros, o dandismo era um de seus traços. Em diversas passagens, por exemplo, vamos encontrá-lo lamentando não ter encontrado o papel de qualidade que desejava para escrever ou para a revisão de suas traduções. Certamente, algum eco da disciplina abastada de Isabelle des Étivaux.

De forma que encontramos, quase invariavelmente, na abertura de suas cartas, o endereço em que se encontra – rua, número, cidade. Talvez por seu nomadismo. Curiosamente, nossas dezoito cartas foram expedidas de seis endereços diferentes, com maior frequência de Paris, Vichy e Valbois, suas três residências oficiais. Os outros três são, coincidentemente, da Inglaterra: Perth, Peel e Chelsea, provavelmente de hotéis ocupados temporariamente. Foram escritas entre março de 1910 e setembro de 1930, quer dizer, num arco de tempo que se estende da juventude à maturidade de Larbaud. Todas elas foram trocadas com pessoas ativamente engajadas no meio literário, poetas, tradutores, editores, alguns deles no exercício de várias dessas atividades.

Por todas essas razões apresentadas, consideramos que essa correspondência é marcada por um caráter essencialmente literário, se levarmos em conta que todos os seus registros gravitam justamente em torno de questões literárias dos anos da vida ativa de Larbaud, e ocupando-se não apenas de relações mais imediatas, mas alcançando um amplo espectro das práticas de seu tempo, portando, assim, um destacado valor dentro da história da literatura, além de comprovar a extensa rede de nosso personagem.

Observamos que, em nossas notas, a partir daqui, adotaremos como referências às cartas, a retranca estabelecida no quadro das cartas que apresentamos no final de nossa Introdução.

3.2. *Estudo das cartas*

3.2.1. *Das cartas a Jacques Rivière e o “Romance de Aventura”*

As duas cartas a Jacques Rivière são de julho de 1913, ambas emitidas da Inglaterra, país que conheceu em 1902, em sua primeira visita a Londres. Afinal, como diz em alguma ocasião, não ficava bem para um “anglicista” não conhecer a Inglaterra. Depois daquele ano, esteve no país, de visita ou em curtas permanências, em diversas regiões, e com objetivos

variados, invariavelmente literários: pesquisar a vida de Walter Savage Landor, objeto de uma tese na Sorbonne; refazendo os caminhos de Coventry Patmore; em visita a G. K. Chesterton, sobre quem havia escrito para revistas literárias e trabalhava na revisão das traduções do autor feitas por Paul Claudel; visita a Joseph Conrad, em companhia de André Gide; Samuel Butler, que traduzia devotadamente; e à livraria Brentano, em Londres, para ele, “de mes dix-huit ans à mes vingt-et-un ans, elle a été mon principal lieu de plaisir” (MOUSLI, 2003, p. 70).¹³⁴

A temática central dessa correspondência é um estudo escrito por Jacques Rivière, publicado em *La NRF*, sobre o “Romance de Aventura”. A discussão gira em torno de uma série de artigos de Rivière, publicados em *La Nouvelle Revue Française*, assunto que aparentemente já vinha em discussão entre Rivière e Gide, envolvendo a questão da crise do romance francês naquela época. Esse ensaio de Rivière obteve grande repercussão. Nele, o autor localiza a fonte do “Romance de Aventura” nos autores russos, principalmente Dostoievski, a quem enaltece muito, e Tolstoi. Numa de Larbaud aqui apresentadas, veremos que este discorda vivamente da opinião de Rivière, de que o gênero em discussão tivesse origem estrangeira:

Je suis d'accord avec vous sur tous les points, sauf sur: je n'admets pas que le “Roman d'Aventure”, tel que vous le décrivez (et je crois fermement que c'est bien la forme qu'il prend maintenant pour être d'accord avec l'époque – avec l'état de choses, et les gens à peindre et à faire parler), – je n'admets pas qu'il soit une importation de l'étranger. Je crois que depuis Stendhal – depuis Lesage! – il a été préparé chez nous – comme ailleurs, mais que les circonstances en ont retardé l'éclosion (JR02).¹³⁵

Parece que no grande debate que se abre na França no começo do século XX sobre a definição do romance, do qual Jacques Rivière foi um dos protagonistas, junto com *La NRF*, além da questão da influência do romance russo na literatura francesa no entreguerras, Rivière, em seu ensaio, escrito a partir de uma conferência que este proferiu em 1913, “Le livre que nous attendons”, tematiza a orientação do romance também inventariando as ideias que davam corpo ao romance simbolista. Daí sua menção a Huysmans, por exemplo.

Muito embora não tenhamos tido acesso ao famoso ensaio de Jacques Rivière nem à

¹³⁴. “Dos meus dezoito aos meus vinte e um anos, ela foi meu principal lugar de prazer.”

¹³⁵ “Estou de acordo com você sobre todos os pontos, exceto sobre: não admito que o ‘Romance de Aventura’, tal qual você o descreve (e acredito firmemente que é bem essa forma que ele toma agora para estar de acordo com a época – com o estado de coisas, e as pessoas descrevem e fazem falar), – não admito que ele seja uma importação do estrangeiro. Creio que desde Stendhal – desde Lesage! – ele foi preparado entre nós – como alhures, mas que as circunstâncias retardaram sua eclosão.

correspondência completa entre ele e Larbaud, encontramos no ensaio de Bruno Curatolo, “Valery Larbaud et le ‘Roman d’aventure’”, que nos trouxe alguns subsídios preciosos para esta breve abordagem ao assunto. Desse texto, colhemos trecho de uma resposta de Rivière a Larbaud:

Ce qu’il y a de curieux dans la façon dont vous réagissez au contact de mon article, c’est que justement, dans toute cette dernière partie, j’ai pensé à vous et à la nouveauté que représente Barnabooth au milieu de la littérature française. [...] Tout ce que j’ai dit sur le roman psychologique d’aventure, sur la description de la formation des sentiments, et de ce tâtonnement de la vie intérieure, c’est vous qui me l’avez étroitement dicté (CURATOLO, 2010, p. 57-68).¹³⁶

Ficam patentes, aqui, a erudição, a atualidade e o amplo espectro de interesses literários de Larbaud, bem como sua competência crítica, reconhecidos pelo acolhimento de suas opiniões por um dos maiores editores franceses de sua época. Em seus comentários, Larbaud registra fartamente sua clareza de percepção quanto às questões de gêneros, estilos e de linguagem literários. Demonstra que seu conhecimento alcança tanto a literatura francesa quanto a estrangeira, e coloca seus argumentos em uma perspectiva histórica bem exemplificada nessas duas cartas.

Jacques Rivière (1886-1925), filósofo de formação, começa a trabalhar em *La Nouvelle Revue Française* em 1909, muito jovem, em que chega pelas mãos de Gide. Começa como colaborador, passa a secretário de redação em 1911, e, a partir de 1919, quando do ressurgimento da revista depois da guerra, até sua morte prematura, em fevereiro de 1925, será o todo-poderoso diretor. Seu encontro com Larbaud se dá em 1912, na *NRF*, onde este era também atuante colaborador, também por insistência de Gide. Rivière era, antes de tudo, crítico de arte e publicou artigos e notas críticas sobre pintores (Cézanne, Gauguin), músicos (Debussy), escritores (Baudelaire), que, acrescentados de seus estudos sobre Claudel e Gide (*La Grande Revue*, 25 de outubro, 10 de novembro de 1911), serão publicados sob o título *Études* em 1912 em edições da *NRF*, conforme informação encontrada em correspondência trocada entre Larbaud e Gide (GIDE, 1989, p. 260).

Sua correspondência com Larbaud é marcada pelo respeito profissional e ocorria muito em função das atividades de ambos na revista. Das cartas contidas no volume

¹³⁶ “O que há de curioso na maneira com que você reagiu ao contato com meu artigo, é que justamente, em toda essa última parte, pensei em você e na novidade que representa Barnabooth no meio da literatura francesa. [...] tudo o que eu disse sobre o romance psicológico de aventura, sobre a descrição da formação dos sentimentos, e desse tateamento da vida interior, foi você que estritamente mo ditou.”

organizado por Michel Bulteau, selecionamos duas que tratam da discussão em torno do “Romance de Aventura”, tema que absorveu a atenção dos dois autores. Naturalmente, esses textos estão recheados de referências que demandam muitas notas.

Na primeira das cartas, datada de 7 de julho de 1913, enviada de Perth, Inglaterra, Larbaud começa por indicar um endereço muito provisório, em Edimburgo, e faz referência à recente estadia em Londres, confirmando, em poucas linhas, sua fama de cosmopolita. Demonstra também, a propósito do recebimento da revista do mês em curso, que não negligencia o que se passa na República das Letras, de onde se ausenta apenas fisicamente.

Entre as dezesseis personagens aqui mencionadas, Schlumberger e Copeau são ligados à revista *La NRF*, integrantes do chamado primeiro grupo, quando da fundação da revista em 1909, um de seus mentores o próprio Gide. Jean Schlumberger (1877-1969), crítico, romancista, poeta e dramaturgo; Jacques Copeau (1879-1949), ator e diretor de teatro, foi também diretor de *La Nouvelle Revue Littéraire*. Por sua vez, Léon-Paul Fargue (1876-1947), poeta e grande amigo de Larbaud, com quem, juntamente com Paul Valéry, dirigem a revista literária *Commerce*, fundada em 1924.

Dos demais nomes, são todos escritores: Édouard Dolléans (1877-1954), historiador do movimento operário francês. A nota a que se refere Larbaud aqui deve ser sobre o livro de Dolléans, *Le chartisme*, publicado no começo de 1913, ano da carta, portanto. Os irmãos Goncourt, fundadores da Académie Goncourt, que concede anualmente o Prix Goncourt, são representantes da segunda metade do século XIX francês e pertenciam à corrente do Naturalismo. São Edmond de Goncourt (1822-1896) e Jules de Goncourt (1830-1870). Alphonse Daudet (1840-1897), escritor e dramaturgo francês. Jean de Tinan (1874-1898) foi cronista e romancista, ligado ao Decadentismo. Joris-Karl Huysmans (1848-1907), escritor francês e crítico de arte, associado aos naturalistas, de início, adotou a estética decadentista, posteriormente. Fiódor Dostoiévski (1821-1881), romancista russo. Charles Dickens (1812-1870), romancista inglês da era vitoriana. Pierre-Jules Renard (1864-1910), escritor francês, um dos fundadores da *Mercure de France*. Maurice Maeterlinck (1862-1949), poeta, dramaturgo e ensaísta belga, de língua francesa, ligado ao movimento simbolista.

Vale a pena dizer que Larbaud veio a conhecer a obra de Dostoiévski através de André Gide, em 1909, em tradução inglesa e francesa, uma vez que ele não lia o russo, apesar de haver visitado aquele país por um bom período em 1898. Aqui, ele se abstém de falar sobre o autor russo, dizendo que o conhece mal. Diga-se que a honestidade intelectual é um dos traços de Larbaud. Em carta a Gide, de 3 de outubro de 1910, ele comenta:

Sur votre conseil, je me suis mis à lire Fiodor Dostoïevski, dans les traductions anglaises et françaises. J'ai lu Le crime et le châtement. Quel travail compliqué, quel meuble chinois! Mais c'est en pleine vie, et très russe. Je commence Les frères Karamazov. Je n'ai pas pu trouver Krotkaïa, mais j'ai tout le reste (GIDE, 1989, p. 59).¹³⁷

Outro registro que merece nota nessa carta é a menção que Larbaud faz a duas obras, *En Rade*, de Huysmans, novela publicada em 1886, sem tradução para o português; *La guerre et la Paix* [Guerra e Paz], de Tolstoi; *Les Karamazov* [Os irmãos Karamazov], de Dostoievski; e *L'Étape*, de Paul Bourget (1852-1935), que inaugura um gênero novo, chamado “roman à thèse”, que o autor prefere denominar “roman d'idées”, considerado como uma literatura engajada, publicado em 1902, também sem tradução para o português.

Queremos sublinhar aqui também a questão da intertextualidade, muito presente nos escritos de Larbaud. No caso, aqui, ele se refere a um texto de Schlumberger (não localizado) sobre Maeterlinck, que tanto lhe agradou, que chegou a decorá-lo e, mais que isso, repetia-o enquanto caminhava pela rua. O trecho faz referência a Mme Georgette Leblanc (1869-1941), conhecida personagem da cena artística e intelectual francesa, companheira de Maeterlinck.

Há ainda que se mencionar a presença de dois personagens de *David Copperfield*, de Dickens, “Uriah Heep” e “Micawber”.

Sobre a referência que Larbaud faz a uma “lettre anglaise”, enviada por ele ao editor da *NRF*, a Copeau, trata-se de um trabalho que será publicado na revista, na edição de agosto daquele ano de 1913, uma nota sobre o poeta inglês Francis Thompson (1859-1907), e *Poems*, de Alice Meynell (1847-1922). A rubrica “Lettres anglaises” era usada por Larbaud nas revistas *La Phalange* e *La NRF* para divulgação de literatura de língua inglesa.

Por último, vale a pena assinalar o apuro editorial de Larbaud, quando comenta com Rivière “une des plus amusantes coquilles que j'ai vues: ‘des naïfs péguisements’”.¹³⁸ As gralhas são, no jargão tipográfico, erros, falhas de impressão. Para se ter uma ideia aproximada da inteira relação de Larbaud com o texto, da sua elaboração à sua publicação, basta que se leia “Lettre aux imprimeurs” (LARBAUD, 1997, p. 292). (Carta aos impressores), em *Sous l'invocation de saint Jérôme*.

Quanto ao termo *péguisements*, que os dicionários não registram (*Littré*, *Le Petit Robert*, *Porto*, etc), porque não existe e trata-se de um erro tipográfico, conforme explica

¹³⁷ “A seu conselho, comecei a ler Fiodor Dostoievski, nas traduções inglesas e francesas. Li *Crime e Castigo*. Que trabalho complicado, que móvel chinês! Mas é cheio de vida, e muito russo. Estou começando a ler *Os irmãos Karamazov*. Não encontrei *Krotkaïa*, mas já tenho todo o resto.”

¹³⁸ “umas das mais divertidas gralhas que já vi: ‘des naïfs péguisements’”.

Larbaud, a opção para uma correta grafia do termo seria certamente *déguisement*, traduzível por “disfarce”, “dissimulação”. Ou seja, houve uma troca do “d” pelo “p”. A mais, sabemos que em “pégusement”, pela nota de pé de página de Michel Bulteau, ocorre uma aproximação com o autor Péguy, de quem “Larbaud não era um admirador.” Charles Péguy (1873-1914), poeta, escritor, teatrólogo e ensaísta francês, publicou obras de inspiração mística, sobretudo sobre Joana D’Arc, de quem foi fervoroso devoto. Foi um autor socialista engajado, que militou na questão Dreyfus. Finalmente convertido ao catolicismo, tornou-se um conservador, que rejeitava a modernidade. Portanto, toda a ironia aqui, mesmo desconhecendo o contexto em que a expressão aparece, faz supor o conceito desfavorável em que Larbaud tem do autor Charles Péguy, uma vez que ele achou tão engraçado o trocadilho.

Na segunda carta, datada de 15 de julho de 1913, a discussão sobre o “Romance de Aventura” ainda é o assunto nuclear, acrescido de um agradecimento de Larbaud a algumas considerações tecidas por Rivière relacionando o tema à sua obra recém-publicada pela *NRF*, *La Poésie de A. O. Barnabooth*: “Ce que vous me dites m’a flatté beaucoup: que c’est en pensant à *Barnabooth* que vous avez décrit certaines qualités du Roman d’Aventure” (JR02)¹³⁹ Para Jacques Rivière, em *Barnabooth*, Larbaud se antecipa naquilo que ele admitia basicamente como característica do “Romance de Aventura”: “L’aventure c’est la forme de l’œuvre plutôt que sa matière.” A essa afirmação de Larbaud, ou por causa do contexto em torno dela, foi que Rivière escreveu a Larbaud em julho de 1913, “Dans toute cette dernière partie, je pense à vous et à la nouveauté que représente *Barnabooth* au milieu de la littérature française.

Há repetidas referências a Francis Thompson e Alice Meynell, sobre matéria que já comentamos na carta anterior, a tradução de seus poemas, desta vez, Larbaud fazendo uma aproximação entre a qualidade dessa poesia e de seu amigo Léon-Paul Fargue.

Os novos nomes que aparecem são os de Claudel (1868-1955), para quem Larbaud manda o endereço de Alice Meynell, para que se comuniquem sobre a tradução que Claudel faz de Coventry Patmore. Os outros dois são Stendhal (1783-1842) e Lesage (1668-1747). Repetidos, Daudet, os irmãos Goncourt e Huysmans.

Essa carta trata também de um episódio que ocupou muitas páginas na *NRF*, que foi o debate entre André Gide e Larbaud, em torno do estabelecimento definitivo da autoria do romance gótico *Vathek*. Assim, naquele ano de 1913, a *NRF* concedeu espaço para a

¹³⁹ “O que você me diz me lisonjeia muito: que foi pensando em *Barnabooth* que você descreveu algumas qualidades do Romance de Aventura.”

discussão da questão *Vathek*, o chamado “Dossier Vathek”, para dirimir dúvidas não só quanto à autoria, mas também sobre se o romance seria de origem francesa: em janeiro desse mesmo ano, Larbaud publicou nota sobre “The Episodes of Vathek”, traduzido por Frank T. Marzials; no mês de maio, o texto “Qui a écrit Vathek?”, resposta a Lucien Lavault; e, em junho, “Le dossier *Vathek*”, todos incluídos em *Domaine Anglais*. *Vathek* foi, na verdade, um romance escrito em francês, em 1786. As dúvidas que pairavam sobre sua autoria foram esclarecidas e confirmou-se que ele foi escrito pelo romancista e crítico de arte inglês William Thomas Beckford (1760-1844). Além do material reunido em *Domaine Anglais*, também são esclarecedoras algumas cartas e notas incluídas no *Cahiers Gide – Correspondance André Gide-Valery Larbaud, 1905-1938*, organizado por Françoise Lioure, publicado em 1989.

O trato mais extenso concedido a esses aspectos das cartas tem como fim confirmar a erudição e a dedicação constante de Larbaud à literatura, bem como evidenciar, com farto material, a importância que ele conferia à tradução e à crítica como modo de criação e expansão de um espaço literário mundial. Em todos os momentos aqui, ele participa como o passador de fronteiras, levando e trazendo a literatura, considerando sua renovação por esse tráfego ininterrupto uma realidade possível. E afirma:

*Et alors arrivent Les nourritures terrestres et Marie Donadieu. Alors la littérature française s'europeanise, mais tout en restant française; et de même que ce sont des provinciaux qui font la masse des Parisiens, de même ce sont des Anglais, des Russes, des Français, qui font les Européens. Il peut y avoir parenté d'allures entre eux, mais ils viennent de pays très différents.*¹⁴⁰

Les nourritures terrestres, de André Gide (1897), foi traduzido no Brasil como *Os frutos da terra* (1982, trad. Sérgio Milliet). Grande parte da obra gideana se encontra em português. *Marie Donadieu* (1904), romance de Charles-Louis Philippe (1874-1909), não está traduzido aqui. Do autor, em português, temos apenas o romance *Bubu de Montparnasse*, de 1962, pela Civilização Brasileira, com tradução de Newton Freitas, revisada e prefaciada por Sérgio Milliet.

3.1.2 Das cartas a Édouard Dujardin e do monólogo interior

Entre os anos de 1923 e 1931, Valery Larbaud trocou correspondência com Édouard

¹⁴⁰ JR02. “E então chegam *Os frutos da terra* e *Marie Donadieu*. Então a literatura francesa se europeiza, ao mesmo tempo que permanece francesa; e do mesmo modo que são os provincianos que fazem a maioria dos parisienses, são ingleses, russos, franceses, que fazem os europeus. Pode haver parentesco de feições aí entre eles, mas eles vêm de países muito diferentes.”

Dujardin, cartas cujo foco foi o romance *Les Lauriers sont coupés*, escrito por Dujardin em 1888, caído no esquecimento em que ficaram muitas obras do simbolismo francês à época. Por meio dessas correspondências, rico documento sobre importantes acontecimentos no meio literário francês, protagonizado por figuras como James Joyce, André Gide, Francis Jammes, Paul Valéry, Saint-John Perse, Paul Claudel, para citar alguns, podemos vislumbrar a importância de Valery Larbaud como articulador e atento divulgador da literatura em seu meio e seu tempo.

Como no caso das cartas precedentes, de Jacques Rivière, não dispomos das respostas completas de Dujardin a essas correspondências, uma vez que *Lettres d'un retiré* contempla apenas as cartas de Larbaud. Essas respostas, certamente, seriam muito bem-vindas para melhor tecer um fundo mais rico e variado desses acontecimentos tão importantes para a literatura moderna. Por isso, quando necessário, recorreremos a outros textos que, julgamos, enriquecerão este trabalho, encontrados nos livros *Œuvres* (1957), *Domaine français* (1968) e *Lettres à Adrienne Monnier et à Sylvia Beach* (1991). Do primeiro, *Œuvres*, retiramos fragmentos das respostas de Dujardin a Larbaud sobre o assunto *Les Lauriers* e o “monólogo interior”; em *Domaine français*, há um artigo publicado no jornal argentino *La Nación*, que representa quase que integralmente o prefácio escrito por Larbaud para a edição definitiva de *Les Lauriers*, de 1925; do terceiro livro, conhecemos pormenores que contribuíram muito para conceber com mais precisão esse quadro.

Quanto à questão do “monólogo interior” em si, tratada na carta de nº 2, ocorreu que Larbaud publicou, em 1921, a novela *Amants, heureux amants* [*Amantes, felizes amantes*], baseada nessa técnica, cuja edição é dedicada a James Joyce, tido por ele como o inventor daquele estilo literário. Larbaud e Joyce haviam-se encontrado em Paris no ano de 1920 e, anterior a esse encontro, Larbaud já havia dedicado alguns estudos a Joyce, a quem devotava muita admiração. Foi na ocasião de 1921, então, que Joyce desfez o engano e informou a Larbaud que havia descoberto aquela forma de narrativa e nela se inspirado no livro de Édouard Dujardin, *Les lauriers sont coupés*, de 1887.

Então, tendo assim conhecido a obra de Dujardin, em 1923, Larbaud escreve a seu autor (ver carta nº 1 - ED01), informando-o sobre sua intenção de lhe dedicar um artigo no jornal argentino *La Nación*, para o qual escrevia sobre literatura francesa, material que redundaria, anos mais tarde, no livro *Ce vice impuni, la lecture* (*Domaine français*). Na ocasião, Larbaud conta a Dujardin como tomou conhecimento de sua obra e mostra-se admirado por desconhecê-la até aquela data. Diante disso, Dujardin escreve a Larbaud em 17

de agosto de 1923:

Vous avez apporté une grande joie et un grand réconfort à mes cheveux blancs. Il est certain que si votre lettre m'était arrivée trent-cinq ans plus tôt, elle aurait eu une grande influence sur ma carrière littéraire. (LARBAUD, 1957, p. 1264).¹⁴¹

É assim, em torno do “monólogo interior” e *Les lauriers sont coupés*, que se tece a correspondência e a amizade entre os dois escritores. Quando Larbaud afirma a Dujardin a intenção de lhe dedicar sua novela *Mon plus secret conseil* [*Meu mais secreto conselho*], este lhe agradece também calorosamente: “La dédicace que vous m’offrez, cher Monsieur, m’honore autant qu’elle m’est agréable; je vous en remercie et j’accepte avec reconnaissance” (LARBAUD, 1957, p. 1264).¹⁴² Larbaud também interpela Dujardin por este não ter produzido mais nenhuma obra no formato literário do monólogo interior, ao que ele lhe responde que a razão está na recepção indiferente que *Les Lauriers* recebeu e em sua insignificante venda.

Larbaud toma a seu encargo o reconhecimento de Dujardin e de sua obra. Assim, em outra carta, conta a Dujardin sobre uma resenha que prepara para a *Revue Européenne* do livro do escritor americano Williams Carlos Williams, “redigé entièrement en monologue intérieur et dont l’auteur disait en avoir emprunté le procédé à James Joyce” (LARBAUD, 1957, p. 1264),¹⁴³ e informa-o de que, na mesma oportunidade, dedicará duas das oito páginas do artigo a *Les Lauriers sont coupés* e à verdadeira gênese do monólogo interior.

Em 1924 sai a edição considerada definitiva de *Les lauriers sont coupés*, pelas Éditions Messein, e esta já vem prefaciada por Valery Larbaud. Em carta de 25 de julho de 1924, Édouard Dujardin agradece a Larbaud: “J’ai bien reçu votre préface qui est parfaite de tous les points et dont je vous remercie de tout cœur” (LARBAUD, 1957, p. 1265).¹⁴⁴ Em outras duas cartas, Larbaud continua a trocar ideia com Dujardin sobre circunstâncias que tocam a obra deste e o “monólogo interior”.

¹⁴¹ “O Senhor trouxe uma grande alegria e um grande conforto a meus cabelos brancos. É certo que se sua carta me tivesse chegado trinta e cinco anos mais cedo, ela teria tido uma grande influência sobre minha carreira literária.”

¹⁴² “A dedicatória que me oferece, caro Senhor, tanto me honra quanto me é agradável. Eu agradeço e aceito com gratidão.”

¹⁴³ “Redigido inteiramente em monólogo interior e cujo autor dizia tê-la tomado de empréstimo a James Joyce.”

¹⁴⁴ “Recebi seu prefácio, que é perfeito em todos os pontos e pelo qual lhe agradeço de todo o coração.”

O resultado é que, enfim, todos esses movimentos registrados em torno de Édouard Dujardin, de *Les lauriers sont coupés* e do “monólogo interior”, geraram grande repercussão entre escritores e críticos, conforme noticia Larbaud em uma sua carta (carta nº 2 ED02):

La “résurrection” des Lauriers, si bien commencé par ma dédicace, ma Préface pour la nouvelle édition des Lauriers l’a parachevée. L’expression “monologue intérieur” est devenue presque “populaire” parmi les lettrés: j’ai écrit dans Le Manuscrit autographe que cette Préface avait eu “une certain retentissement”. J’aurais pu dire: un grand retentissement. (LARBAUD, 1992, p. 120).¹⁴⁵

3.1.2.1 Édouard Dujardin

Édouard Dujardin (1861-1949) foi uma das figuras centrais do simbolismo francês. Juntamente com Félix Fénéon fundou *La Revue Indépendante*, em 1886, que viria a ser espaço de encontro dos simbolistas. Romancista, poeta e crítico, ele escreveu também várias peças de teatro, em que adotou novas técnicas, a exemplo do que fez com a poesia. Mas foi com *Les lauriers sont coupés* que ele viria a ser reconhecido, mesmo que tardiamente, como o criador de um novo estilo literário, uma novidade que viria influenciar em profundidade a literatura contemporânea. Esse livro é de fato reconhecido como o primeiro livro escrito em “monólogo interior”, e tornar-se-ia uma das influências decisivas sobre Joyce, na escritura de seu *Ulysses*, influência que se estendeu a muitos outros autores, principalmente de língua inglesa, à época. Dentre alguns autores que escreveram sob essa influência, citam-se Virgínia Woolf, Faulkner, Nathalie Sarraute e Clarice Lispector, para mencionar apenas alguns.

Dujardin foi amigo e discípulo de Mallarmé. E foi justamente na ocasião da comemoração da morte de Mallarmé (Paris, 18 de março de 1842 - Valvins, 9 de setembro de 1898) que se deu seu primeiro encontro com Larbaud, em Valvins, em 1923.

Quanto ao título *Les lauriers sont coupés*, Dujardin adotou-o de um verso de uma canção popular, *une chanson pour enfant*, chamada “Nous n’irons plus au bois”, que fala sobre os loureiros cortados de um bosque.

A primeira edição de *Les lauriers*, desde o início dedicado a Racine (“En hommage au suprême romancier d’âmes, Racine”¹⁴⁶), saiu pela primeira vez justamente pela *Revue*

¹⁴⁵ “A ‘ressurreição’ dos *Loureiros*, tão bem começada por minha dedicatória, meu Prefácio para a nova edição dos *Lauriers*, deu-lhe acabamento. A expressão ‘monólogo interior’ tornou-se quase popular entre os letrados: escrevi em *Le Manuscrit autographe* que este Prefácio tivera ‘uma certa repercussão’. Eu poderia ter dito: uma grande repercussão.”

¹⁴⁶ Em homenagem ao supremo romancista de almas, Racine.

Indépendante, em 1887, e em seguida em livro, pela editora da mesma revista, e em uma reedição de 1899, por Les Éditions du Mercure de France, com algumas alterações.

O romance, com pouco mais de cem páginas, ocupa-se de apenas seis horas da vida de seu protagonista, Daniel Prince, jovem estudante de Direito, seus movimentos errantes por Paris e sua paixão por uma atriz de teatro, Léa, em que não há nenhuma ocorrência significativa a não ser o livre fluxo de sua personagem principal. De forma poética, Dujardin movimenta o leitor para dentro da consciência de sua personagem e de sua visão do mundo. Sua marca como monólogo interior se exprime pela redução no uso dos verbos, o uso de muitas frases nominais, curtas, entrecortadas, um pouco à maneira da livre-associação. Sua linguagem, que muito se aproxima da vertigem do pensamento, é muito evocativa de imagens. Nesse cenário, os acontecimentos não jogam um grande papel, como nos romances tradicionais.

No Brasil, foram publicadas duas traduções de *Les lauriers sont coupés*, a primeira delas pela editora Globo, em 1989, com tradução de Élide Valarini. Nessa edição, hoje esgotada, com o título *A canção dos loureiros* e contendo a tradução do prefácio de Valery Larbaud à edição de 1925 (na verdade, de 1924, de acordo com dados contidos em *Œuvres*, 1957, p. 1265), tem como subtítulo, entre parênteses, o título em francês. Apresenta ainda um posfácio da tradutora, com referências à (re)descoberta da obra por Joyce, comentários sobre o enredo do romance, sobre a dedicatória a Racine e mais sobre a canção “*Nous n’irons plus au bois, les lauriers sont coupés*”, que inspirou o título a Dujardin, como se viu. No final, inclui uma Nota Bibliográfica, datada de agosto de 1924. Nas duas orelhas, traz dados biográficos do autor e suas obras. Na outra edição, pouco encontrável, haja vista o desaparecimento da editora Brejo, que a publicou, o título foi traduzido literalmente, *Os loureiros estão cortados*, sem menção ao título em francês. Não apresenta o Prefácio de Larbaud, mas um texto do autor, crítico e tradutor Donald Schüler sobre o “monólogo interior” e um prefácio da tradutora, Hilda Pedrollo, sobre o romance, sua trajetória e suas influências. Aqui, a tradutora apresenta comentários sobre o título de Dujardin como fragmento da canção popular francesa e seu uso como metáfora no romance. Ambas as edições brasileiras apresentam traduções da dedicatória a Racine, com mínima variação: a primeira, “Em homenagem ao supremo romancista de almas, Racine”, e a segunda, “Em homenagem ao supremo romancista da alma, Racine”.

Pode-se inferir, pensamos, que o material dessas cartas se reveste de uma enorme importância no meio literário francês, pois trata-se do resgate da autoria do monólogo interior.

Como se viu, a forma aplicada no romancede Dujardin, cujo véu do esquecimento foi levantado por Joyce, em seu *Ulisses*, e finalmente em conversas com Larbaud, foi um fato inteiramente restabelecido por esse último, em artigos publicados em revistas francesas e no jornal argentino *La Nación*, em dedicatória feita no livro *Mon plus secret conseil* [*Meu mais secreto conselho*], além de eloquente prefácio à edição definitiva de *Les Lauriers*.

Nota-se uma mudança de tratamento entre a primeira carta e as outras três, de Senhor a você, acompanhada de evolução para um tom geral mais pessoal. O intervalo de tempo entre a primeira e a última é também considerável, de sete anos (1923-1930). As referências a outros textos são abundantes, a *Ulisses*, de Joyce, a dois livros do próprio Larbaud (*Meu mais secreto conselho*; *Amantes, felizes amantes*), René Lalou (*Histoire de la littérature française*), Italo Svevo [*A consciência de Zeno*].

Na carta de 13 de agosto de 1930 (ED04), Larbaud faz referência a um texto de Paul de Reul, sugerindo sua leitura a Dujardin, por certo, por referir-se à questão do envolvimento de Larbaud sobre o monólogo interior.

Paul de Reul (1871-1945) foi professor de literatura e filologia inglesas na Universidade de Bruxelas e tradutor do poeta inglês Robert Browning (1812-1889), que viveu anos na França e foi aí muito celebrado.

Para alcançarmos alguma clareza sobre esse ponto, foi preciso seguir um caminho bastante tortuoso, no tocante à presença de R. Browning no contexto dessas cartas (ED03 e ED04). Foi na correspondência trocada entre Larbaud e Gide em julho de 1923 que encontramos os melhores esclarecimentos. Em carta de 29 de julho daquele ano, Larbaud responde a Gide (carta de 18 de julho) (GIDE, 1989, p. 200-204) para confirmar a recepção de seu livro sobre Dostoiévski (Edições Plon, *Dostoïevsky d'après sa correspondance*) e para informá-lo de sua Nota para *La Revue Européenne* contendo sua retificação a propósito da criação do monólogo interior, que antes havia atribuído a Joyce (em artigo de 1922), e, agora, reconhecia de autoria de Dujardin. Ocorre que, numa das conferências de Gide publicadas no estudo sobre Dostoiévski, ele achava que Larbaud se precipitara ao dizer que Joyce era o pai do monólogo interior; que isso era desconhecer Dostoiévski e Browning, que já o teriam praticado, o primeiro em sua obra *Krotkaïa*, e Browning nos poemas “My last Duchess” e “The Ring and the Book”. Enfim, para responder a Gide, Larbaud discorre sobre as diferenças entre o monólogo de *Ulisses* e o monólogo dramático de R. Browning, em seus poemas narrativos, mesmo que bem próximas, com elementos em comum. E sua resposta pública a Gide sobre a questão Browning, Larbaud inclui no prefácio à edição de *Les Lauriers sont*

coupés, de 1924.

Mais uma questão ilustrativa dessas cartas é o episódio sobre Italo Svevo, constante da carta de 24 de julho de 1930 (ED02), em que Larbaud invoca como um paralelo com o caso Dujardin, junto a este, também envolvendo uma recomendação de leitura feita por Joyce a Larbaud. Aconteceu que, justamente após receber aquela informação, Larbaud a repassou a Benjamin Crémieux (1º de dezembro de 1888, em Narbonne/França – 14 de abril de 1944 no campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha), especialista em literatura italiana, crítico e tradutor na França. Pouco depois, Larbaud se encontra na Itália, em 1925, em uma de suas muitas estadias naquele país. Italo Svevo (1861-1928) não era conhecido na Itália. Larbaud, conforme dados dessa carta, chega a comprar exemplares de *A consciência de Zeno* e distribuí-los entre amigos italianos. Em seguida, publica, em *Le Navire D'Argent*, revista de Adrienne Monnier, um texto sobre Svevo. As informações em torno do nome do autor se ampliam, e eis que, a partir da França, Italo Svevo se torna conhecido em sua própria terra.

Esses dois últimos fatos são acrescentados aqui para acenar com a amplitude do conteúdo embutido nas correspondências de Larbaud, e que, para bem torná-las claras, item por item, seria necessário um estudo, em primeira mão, da literatura francesa, não só de seu tempo, mas de um tempo bem recuado, muitas vezes. Ao lado disso, como Larbaud era tradutor de língua inglesa e que, como os fatos demonstram, estudava aquela literatura a fundo, não é bastante conhecer sua contemporaneidade, nem num caso nem noutro. Pelo fato de que Larbaud também transitava intensamente entre Espanha e Itália, as literaturas desses países estão igualmente presentes, bem como referências a outras literaturas nacionais, haja vista suas múltiplas relações com escritores com amplos leques de relações.

Muitos caracteres formais também seriam suscetíveis de ser discutidos aqui, que, por si, poderiam alcançar um grande tratado. Podemos ainda citar brevemente as expressões em outras línguas, mantidas entre aspas (“Read it”, “A quo”, “the only begetter”) e algumas em francês, com sentido figurado (“emballé”, “résurrection”, “nouvelle” e “complot”, por exemplo). Outro dado que também surpreende é o grande número de veículos de publicação (editoras, revistas e jornais) mencionados: *La Nación*, *L'Eclair*, *La Nouvelle Revue Française*, *Le Manuscrit Autographe*, *La Revue des Deux Mondes*, *Messein*, *Le Navire d'Argent*.

3.1.3. Das cartas a Paul Claudel e suas traduções

Paul Claudel (1868-1955), poeta e dramaturgo francês, diplomata de 1893 a 1936. Nessa função, residiu em várias cidades do mundo: Nova York, Boston, Praga, Frankfurt am Main, Hamburgo. Foi cônsul na China, embaixador em Tóquio, Washington e Bruxelas; ministro em Copenhague e, como tal, esteve no Brasil, em 1916, em plena Guerra, para negociar e garantir o envio de alimentos da América do Sul para a França. À época, em nota de seu *Journal*, de 1º de janeiro de 1918, Larbaud registra sobre a visita de Claudel ao Rio de Janeiro:

Claudel avait été nommé consul de France au Brésil en novembre 1916 et avait gagné son poste en janvier 1917. [...] Il devait s'assurer que tout était en ordre pour permettre à la France de respecter le convenio signé avec le Brésil, aux termes duquel s'engageait à céder à la France trente bateaux allemands réfugiés dans ses ports pendant la guerre; en contrepartie la France promettait d'acheter au Brésil deux millions de sacs de café (LARBAUD, 2009, p. 791).¹⁴⁷

3.1.3.1 Aproximação pela tradução

Em 1908, Larbaud, que desde o início da década escrevia artigos sobre autores ingleses na revista *La Phalange*, publicou um primeiro artigo sobre G. K. Chesterton (1874-1936), “Notes sur G. K. Chesterton”, que, segundo Paule Moron, apresentadora do *Journal* (2009) de Larbaud, em nota à página 231 dessa obra, “c’est lui qui avait parlé pour la première fois en France de l’écrivain anglais dans un substantiel article” (LARBAUD, 2009, p. 231).¹⁴⁸ Em 1910, Larbaud publicou também no mesmo veículo uma “note de lecture”, “George Bernard Shaw par G. K. Chesterton”.

Em 1910, em atenção aos apelos de André Gide, Larbaud faz contatos com Paul Claudel, sobre algumas traduções de Chesterton, para as quais Larbaud seria o prefaciador, para publicação na *Nouvelle Revue Française*. Para Claudel, Gide participou, em carta de março daquele ano:

[...] Et eu égard à la morne ignorance du public, nous voudrions le faire précéder de quelques lignes de notice explicative, renseignant sur l’œuvre et la personne; [...] Valery Larbaud, grand admirateur et de vous et de

¹⁴⁷ “Claudel havia sido nomeado cônsul da França no Brasil em novembro de 1916 e assumira seu posto em janeiro de 1917. [...] Ele devia se assegurar de que tudo estava em ordem para permitir à França respeitar o *convênio* assinado com o Brasil, nos termos em que o Brasil se comprometia a ceder à França trinta barcos alemães refugiados em seus portos durante a guerra; em contrapartida a França prometia comprar do Brasil dois milhões de sacas de café.”

¹⁴⁸ “Foi ele quem falou na França, pela primeira vez, sobre o escritor inglês, em um substancial artigo.”

l'Orthodoxie [Ortodoxia] se charge de les écrire (il est admirablement instruit de toute la littérature anglaise (GIDE, 1989, p. 231).¹⁴⁹

Antes, em fevereiro de 1910, escrevera uma carta a Larbaud, sobre o mesmo assunto, encomendando-lhe a apresentação da tradução de Claudel, que saía em agosto, pela *NRF*. O título da apresentação de Larbaud será “Les Paradoxes du christianisme”. Eis um trecho da carta de Gide para Larbaud:

Claudel nous envoie une admirable traduction du chap. VI de l'Orthodoxie de Chesterton. Je voudrais pour apprivoiser le lecteur le faire précéder d'une courte notice qui situe en quelques mots et l'auteur en Angleterre et ce livre dans son œuvre; et vous êtes si particulièrement indiqué pour l'écrire!... (GIDE, 1989, p. 44).¹⁵⁰

Em 1911, André Gide mais uma vez recorre a Larbaud para prefaciar um outro trabalho de tradução de Claudel para a *NRF*, no caso, do poeta Coventry Patmore (1823-1896). Primeiro em uma carta de 7 de março, sem resposta; depois em outra de 9 do mesmo mês, em que Gide insiste junto a Larbaud para que este assumia aquela tarefa:

Vous ne m'avez point répondu au sujet de l'étude dont je vous proposais de préfacier les [mot barré] poèmes de Cov[entry] Patmore. Si je ne craignais de vous importuner, je vous redirais encore combien vivement je souhaite cette étude ; je pense qu'elle ferait de même un grand plaisir à P. C. (Vous lui avez envoyé Fermina, n'est-ce-pas?) (GIDE, 1989, p. 72).¹⁵¹

O agradecimento de Gide a Larbaud, por haver aceitado o encargo, é feito em carta datada de 11 de agosto daquele mesmo ano:

Votre étude sur Patmore dépasse en importance, en intérêt (et j'allais dire: en vertu) tout ce que j'osais espérer. Je me réjouis du profond plaisir qu'elle ne peut manquer de faire à Claudel, et je ne sais comment vous exprimer ma

¹⁴⁹ “E considerando a sombria ignorância do público, gostaríamos de precedê-lo de algumas linhas de nota explicativa, informando sobre a obra e a pessoa; [...] Valery Larbaud, grande admirador seu e de Ortodoxia se encarrega de escrevê-las (ele é admiravelmente instruído em toda a literatura inglesa [...])”

¹⁵⁰ “Claudel nos envia uma admirável tradução do cap. VI da *Ortodoxia* de Chesterton. Eu gostaria, para cativar o leitor, precedê-lo de uma curta nota que situasse em algumas palavras o autor na Inglaterra e esse livro em sua obra; e você é muito particularmente indicado para escrevê-la!”

¹⁵¹ Carta de 9 de março de 1911. “Você nada me respondeu a respeito do estudo para o qual lhe propus prefaciar os [palavra riscada] poemas de Cov[entry] Patmore. Se eu não temesse importuná-lo, eu lhe diria ainda o quão vivamente desejo esse estudo; penso que ele dará também um grande prazer a P. C. (Você enviou a ele *Fermina*, não é?)”

reconnaissance (GIDE, 1989, p. 101).¹⁵²

Larbaud, que muitas vezes viajava para trabalhar, e ele trabalhava invariavelmente enquanto viajava, em maio de 1911, escreve da Inglaterra a Claudel sobre a tradução que este fez de Patmore e sobre o projeto de Gide para que, novamente, fosse dele a apresentação do poeta:

Je suis en train de rassembler les matériaux nécessaires pour écrire une étude sur Coventry Patmore^a. C'est André Gide qui me l'a demandée; et elle paraîtrait dans le même numéro de La Nouvelle Revue Française où paraîtront vos traductions de ce poète.

*J'ai appris d'abord avec le plus grand plaisir que vous alliez traduire Patmore. Et ensuite quand j'ai vu vos traductions, j'ai été transporté de joie. Vous avez ajouté au texte de Patmore toute la dignité du langage français.*¹⁵³

Esse volume de *Poèmes*, traduzidos por Claudel, foi publicado em 1912, nos números de setembro e outubro da *NRF*, justamente encabeçado pelo estudo de Larbaud. Depois, esse estudo foi publicado em *Ce vice impuni, la lecture (Domaine Anglais)*, publicado por Albert Messein Éditeur em 1925, coleção La Phalange, mais tarde nas *Œuvres complètes*, tomo III (Gallimard, 1951) e, enfim, na edição mais recente de *Ce vice impuni, la lecture (Domaine Anglais), suivi de Pages retrouvées*, edição revista e aumentada por Béatrice Mousli, 1998, Gallimard, conforme informação contida no *Journal* de Larbaud (LARBAUD, 2009, p. 44). Para a publicação do estudo em *Domaine Anglais*, Larbaud fez algumas adequações ao texto, conforme *Post-scriptum* encontrado na edição Gallimard de 1949: “P.S. – *Cette étude (ici légèrement corrigée et modifiée)*, a servi d'introduction à neuf poèmes de “l'Eros inconnu”, traduits par Paul Claudel (éd. de la Nouvelle Revue Française, 1912), ouvrage aujourd'hui épuisé” (LARBAUD, 1949, p. 73).¹⁵⁴

A recorrente parceria com Gide acabará por tornar Larbaud o responsável regular pelas “Lettres anglaises” na *NRF*, com suas resenhas e seus prefácios, geralmente se o objeto

¹⁵² Carta 67. “Seu estudo sobre Patmore ultrapassa em importância, em interesse (e eu ia dizer: em virtude) tudo aquilo que eu ousava esperar. Alegro-me com o profundo prazer que seu estudo não pode deixar de causar a Claudel, e não sei como exprimir-lhe meu reconhecimento.”

¹⁵³ PC02. “Estou juntando os materiais necessários para escrever um estudo sobre Coventry Patmore. Foi André Gide que mo solicitou. Ele seria publicado no mesmo número de *La Nouvelle Revue Française* em que seriam publicadas suas traduções desse poeta. Antes, descobri com o maior prazer que o Senhor tinha traduzido Patmore. Em seguida, quando vi suas traduções, fui transportado de alegria. O Senhor acrescentou ao texto de Patmore toda a dignidade da linguagem francesa.”

¹⁵⁴ “P.S. – Este estudo (aqui levemente corrigido e modificado), serviu de introdução a nove poemas, de “l'Eros inconnu”, traduzidos por Paul Claudel (Ed. de La Nouvelle Revue Française, 1912), obra hoje esgotada.” [faltou traduzir]

dos textos for algum autor de língua inglesa. E esses pequenos fatos, às vezes tão prosaicos, vão constituindo uma ideia da atmosfera que cerca todos esses eventos, que marcaram um tempo de muita troca entre as literaturas francesa e inglesa, e que, com certeza, contribuem para uma melhor avaliação dos resultados desses esforços.

Historicamente, há, aqui nessas cartas de Larbaud, interessantes aspectos que marcaram mais de uma geração que se influenciavam mutuamente entre França e Inglaterra. Por exemplo, vários autores que partilhavam alguma convivência passaram por uma onda de conversão ao catolicismo, ou uma prática sua bem carregada de ortodoxia, que, em nosso caso presente, atinge principalmente Claudel, que, inclusive, pelo que se sabe, chegou a declinar da participação em uma publicação sobre Walt Whitman porque o homossexualismo deste era assunto banido dentro do catolicismo, em suas aparências moralistas. De Chesterton, Larbaud detalha a nada convencional posição religiosa, uma vez que pertence a uma igreja protestante (*High Church*), mas se diz católico; adota alguns ritos desta e despreza outros. Quanto a Coventry Patmore, podemos inferir pela leitura da última das quatro cartas (PC04) que ele é mais um católico convertido, contudo, “violentamente anticlerical”. Enfim, nessas últimas duas cartas a Claudel, Larbaud acha importante oferecer-lhe informações do caráter religioso das personagens, pois o assunto tocava a todos de perto. Podemos considerar que entre os dois correspondentes havia um forte elo entre a prática católica de um, Claudel, e a ilustre e surpreendente conversão de Larbaud à mesma prática.

Ainda é notável, na terceira das quatro cartas (PC03), a reportagem de Larbaud sobre as efemérides do mundo londrino, por ocasião da coroação do rei Jaime V, ocorrida em 22 de junho de 1911, sua fuga de Londres para evitar o tumulto e a descrição que faz das regiões em que habitam Alice Meynell e G. K. Chesterton, sem negligenciar os detalhes literários:

*J'ai fui la foule et le bruit intolérables d'un couronnement et je suis venu passer cette semaine dans l'antique Mona qui est une des plus belles îles du monde. [...] G. K. Chesterton [...] habite à Beaconsfield, à quarante minutes de Londres. Le village est un très vieux village anglais (Edmund Waller, le poète – ami de La Fontaine – est enterré dans l'église) (PC03).*¹⁵⁵

¹⁵⁵ Evitei a multidão e o barulho intoleráveis de uma coroação e vim passar esta semana na antiga Mona, que é uma das mais belas ilhas do mundo. G. K. Chesterton [...] mora em Beaconsfield, a quarenta minutos de Londres. O povoado é um povoado inglês muito velho (Edmund Waller, o poeta – amigo de La Fontaine – está enterrado na igreja).

3.3.2. Comentários relativos às traduções

Após esse primeiro inventário circunstancial, passemos aos aspectos presentes nas cartas que contemplam comentários pertinentes à tradução. Na primeira delas (PC01), presenciamos uma preocupação com o sentido das palavras, por parte de Larbaud, que, com cuidado, faz notar a Claudel um possível engano na tradução da palavra *Mercia* em Chesterton, e seu esforço para um correto estabelecimento do texto, exercendo, assim, uma revisão cuidadosa da tradução. Senão, vejamos:

J'ai lu votre traduction en la comparant au texte, que je connaissais déjà bien. (J'ai publié déjà trois articles, dans La Phalange, sur Chesterton, le premier en décembre 1908.) À la page 149 de mon édition (John Lane, 1909), à la ligne 8, j'ai le mot Mercia, je crois que vous avez traduit par Murcie. Est-ce une faute d'impression de votre texte, ou bien avez-vous voulu seulement simplifier le texte? Le mot à mot est: "Si un homme trouve le Christianisme vrai à Birmingham, il a certainement de plus claires raisons de croire que s'il l'avait trouvé vrai dans la Mercie (l'ancienne province où est Birmingham – comme on opposerait Paris à Lutèce)." Ainsi, la traduction serait tout à fait conforme au texte et à l'intention de G. K. Chesterton. Il faudrait alors modifier ainsi la fin de votre phrase: "Si un homme trouve le Christianisme vrai à Birmingham, il a de sa foi des raisons plus claires que s'il l'avait trouvé vrai autrefois dans la Mercie" (PC01).¹⁵⁶

O demonstrável empenho profissional de Larbaud e seus incansáveis cuidados com as traduções, não só nos aspectos textuais como também em sua apresentação, como já tivemos oportunidade de ver em carta a Jacques Rivière, podem ser comprovados, mais uma vez, no trecho abaixo, desta vez o foco sendo as traduções do poeta Coventry Patmore:

J'ai lu l'autre jour à Alice Meynell Le Départ. Elle a trouvé la traduction remarquable et digne du texte. Elle demande seulement que vous traduisiez lash exactement. Mais les "cils pathétiques" ne valent rien où "pathétiques paupières" va si bien. Voulez-vous que je vous renvoie votre manuscrit pour revoir ce passage? (PC02).¹⁵⁷

¹⁵⁶ “Li sua tradução comparando-a com o texto, que eu já conhecia bem. (Já publiquei três artigos, em *La Phalange*, sobre Chesterton, o primeiro em dezembro de 1908). Na página 149 de minha edição (John Lane, 1909), na linha oito, temos a palavra *Mercia*, que, creio o Senhor traduziu por *Murcie*. Seria um erro de impressão de seu texto, ou o Senhor quis apenas simplificá-lo? Ao pé da letra é: ‘Se um homem acha o Cristianismo verdadeiro em Birmingham, ele tem certamente mais claras razões para crer que se ele o tivesse achado em *Mercie* (a antiga província onde fica Birmingham – assim como se oporia Paris a Lutécia).’ Assim, a tradução estaria completamente em conformidade com o texto e a intenção de G. K. Chesterton. Seria preciso, então, modificar o fim de sua frase: ‘Se um homem acha o Cristianismo verdadeiro em Birmingham, ele tem de sua fé razões mais claras que se o houvesse achado verdadeiro outrora em *Mercie*.’”

¹⁵⁷ “Li outro dia para Alice Meynell *Le Départ*. Ela achou a tradução notável e digna do texto. Ela pediu apenas que o Senhor traduzisse *lash* exatamente. Mas os ‘cílios patéticos’ não fica tão bom

Enfim, mais que nas cartas anteriores, exceção à primeira das escritas a Dujardin, notam-se aqui nas cartas a Paul Claudel a adoção de uma linguagem formal e sutilezas no trato com o correspondente, bem como as já mencionadas preocupações com o formalismo da obra. No mais, a correspondência, como todas as outras, rica em referências, solicita verificações cuidadosas em torno de datas, nomes de autores, revistas, editoras e títulos, o que gera abundante quantidade de notas de rodapé, explicativas do complexo universo literário em que Larbaud transitava.

Confirma-se, ainda, nessas trocas, a profunda imersão de Larbaud na cultura da Inglaterra, o que corresponde à sua autodefinição como “anglicista”, e, francamente, o histórico e intenso contato entre as literaturas dos dois países separados pelo Canal da Mancha e a condição muito favorável à prática da tradução. Alguns excertos dessas cartas escritas por Larbaud, que não perdia tempo em tecer contatos, reforçam esse ponto de vista:

J'ai justement ici des amis qui ont beaucoup connu Patmore: surtout Alice Meynell¹⁵⁸ qui fut la meilleure amie de ses dernières années et à qui il a légué les manuscrits de The Angel in the House et The Unknown Eros.

J'avais donné un exemplaire de L'Otage à Mrs. Meynell. Elle m'a écrit à ce sujet une lettre enthousiaste. Elle m'écrit: "C'est la plus tragique tragédie que j'aie rencontrée, parce que c'est une tragédie de pure spiritualité. Après d'elle, tous les chagrins semblent mesquins. [...] Je vais demander le reste de l'œuvre de ce nouveau Maître..." [...] Son approbation vous vaut trente ou quarante lecteurs ici (PC02).¹⁵⁹

Pensamos que não seja exagero recortar aqui as impressões descritas por Larbaud quando de seu encontro com Chesterton, em 1911, de quem esboçou um famoso retrato para Claudel, em sua carta de 22 de junho:

Je ne croyais pas que Chesterton s'était peint lui-même dans le personnage principal de son roman allégorique The Man who was Thursday [O homem que era quinta-feira]; c'est pourtant la vérité; au premier abord, il est repoussant ; son obésité est une réelle infirmité et lui donne l'apparence

onde ‘patéticas pálpebras’ vai bem melhor. O Senhor quer que eu lhe mande seu manuscrito para rever essa passagem?”

¹⁵⁸ Alice Meynell (1847-1922), poeta, editora e crítica inglesa, convertida ao catolicismo.

¹⁵⁹ “Precisamente, tenho amigos aqui que conheceram muito Patmore: sobretudo Alice Meynell, que foi a melhor amiga de seus últimos anos e a quem ele legou os manuscritos de *The Angel in the House* e *The Unknown Eros*.

Eu tinha dado um exemplar de *L'Otage* à senhora Meynell. Ela me escreveu sobre isso uma carta entusiástica. A esse respeito, ela me escreveu: ‘Esta é a mais trágica tragédia que eu tenha conhecido, porque essa é uma tragédia de pura espiritualidade. Perto dela, todos os pesares parecem mesquinhos. [...] Pedirei o resto da obra desse novo Mestre...’ [...] Sua aprovação vale ao Senhor trinta ou quarenta leitores aqui.”

*d'un glouton et d'un crétin. Sa figure ressemble à la fraise la plus grosse et la plus difforme du panier. Les journalistes anglais qui n'ont vu que son ventre et sa masse le comparent au Dr Samuel Johnson; en réalité, il a le front de Thackeray, mais avec trois couches de graisse superposées. Enfin, au fond de ces bourrelets et de ces cornes, on trouve deux bons yeux bleus intelligents et dès lors tout va bien (PC03).*¹⁶⁰

Ademais, não é exagerado dizer que muito se poderia ainda desdobrar a partir dessas cartas, tão fartas em referências a autores, obras e aspectos da literatura e da época. Seria “um conto de nunca acabar”, se fôssemos pensar no abismo que figuras como o Dr. Samuel Johnson (1709-1784) e Thackeray (1811-1863), por exemplo, abririam diante de nós. Mas isso tudo estava ali, bem à frente de Larbaud, de Claudel e de seu tempo, provavelmente.

Finalmente, parecem-nos muito relevantes algumas colocações sobre a tradução de Claudel e sua recepção por Larbaud. Trataremos de assinalar aqui apenas as opiniões constantes das cartas. No caso das traduções de Chesterton, na primeira carta (PC01), Larbaud, ao comentar a intenção de Claudel de assinar seu trabalho apenas com as iniciais de seu nome, lamenta: “Ce serait dommage, car elle est très belle et ajoute à la pensée de G. K. Chesterton toute la noblesse de notre langue” (PC01).¹⁶¹ Contudo, essa apreciação tão favorável, não impede Larbaud de fazer sugestões para corrigir algum detalhe, segundo seus critérios tradutórios. Vemos, pois, nessa mesma carta, sua recomendação ao tradutor: “ainsi, la traduction serait tout à fait conforme au texte et l'intention de G. K. Chesterton” (PC03).¹⁶² quando opina sobre a tradução da palavra *Mercia* por *Mercie*, e não *Murcie*.

No caso da tradução dos poemas de Coventry Patmore, Larbaud também não se eximirá de emitir suas sugestões e opiniões, bem como as observações de Alice Meynell.

Contudo, nesse caso, de Patmore, a tradução de Claudel enfrentará críticas desfavoráveis públicas, às quais Larbaud será o defensor. Henri Davray (1873-1944), tradutor de H. G. Wells e Joseph Conrad, também crítico e articulista do jornal *Mercur de France*, publica uma crítica, nas palavras de Larbaud, muito severa. O episódio cria um intenso debate

¹⁶⁰ “Eu não acreditava que Chesterton representasse a si mesmo no personagem principal de seu romance alegórico *O homem que era Quinta Feira*; é verdade, entretanto; à primeira vista, ele é repulsivo; sua obesidade é uma verdadeira enfermidade e lhe dá uma aparência de um glutão e de um idiota. Sua figura se assemelha a um morango, o maior e o mais disforme do cesto. Os jornalistas ingleses que viram apenas seu ventre e sua pança o comparam ao Dr. Samuel Johnson; realmente, ele tem a testa de Thackeray, mas com três camadas de banha superpostas. Enfim, no fundo de suas pregas de gordura e daqueles cornos, encontramos dois bons olhos azuis inteligentes e daí então tudo vai bem.”

¹⁶¹ “Seria uma pena, pois ela está belíssima e acrescenta ao pensamento de Chesterton toda a nobreza de nossa língua.”

¹⁶² “Assim, a tradução estará completamente conforme o texto e a intenção de G. K. Chesterton.”

entre os da *NRF*. e o autor da crítica, com farta troca de correspondências entre Larbaud, Claudel, Gide, amigos de Larbaud e até o filho de Patmore, Francis Patmore, que deporá em total defesa da tradução de Claudel. Vale a pena, para bem esclarecer esse fato, citar trechos de algumas dessas correspondências:

De Larbaud ao amigo Marcel Ray, em 15 de novembro de 1911:

Je vais répondre à une critique violente de Devray, dans l'avant-dernier Mercure, contre les traductions de C. Patmore par Claudel; je lui oppose simplement une appréciation favorable du fils de Coventry Patmore, Francis P[atmore], dans une lettre qu'il m'a écrite tout récemment. Vous, que pensez-vous de ces traductions? Évidemment, au point de vue de l'exactitude il y a à redire – il y a même des omissions – mais cette interprétation passionnée et faite d'enthousiasme vaut mieux qu'une simple traduction exacte et plate. (PC01).¹⁶³

Enfim, tudo parece se acomodar com o espaço que *Le Mercure de France* cederá para a defesa feita por Larbaud.

Em todo caso, as opiniões aqui expressas não são suficientes para subsidiar maiores inferências, uma vez que não se conhecem os textos em questão, e mesmo, por mais que se busque, a maioria dos fatos envolvidos se encontram fragmentados. Fica claro, contudo, o envolvimento total de Larbaud no caso dessas traduções. Mais que isso, ele se posiciona francamente em favor de uma concepção de tradução criativa.

3.1.4. Das cartas a Emmanuel Lochac e da poesia

O ensaio “Le Fait du Prince” (LARBAUD, 1997, p. 171-175), publicado em *Sous l'invocation de saint Jérôme*, Larbaud dedica a Jean Paulhan (1884-1968), com quem mantinha estreitos laços de trabalho e amizade. Nesse texto, uma espécie de carta, Larbaud dá conta da criação de mais um de seus heterônimos, Charles-Marie Bonsignor, personagem da narrativa *Le vaisseau de Thésée*, do final de 1931, publicado pela primeira vez na revista *Commerce*, em 1932, depois incluído em *Aux couleurs de Rome* (LARBAUD, 1957, p. 1079-1105).

Agradecendo a simpatia que Paulhan demonstrara pelo personagem, Larbaud

¹⁶³ “Responderei a uma crítica violenta de Devray, no penúltimo *Mercure*, contra as traduções de C. Patmore por Claudel; opono-lhe simplesmente uma apreciação favorável do filho de Coventry Patmore, Francis P[atmore], numa carta que ele me escreveu agora. O que você acha dessas traduções? Evidentemente, do ponto de vista da exatidão há o que reparar – há mesmo omissões – mas essa interpretação apaixonada e feita de entusiasmo vale mais que uma simples tradução exata e chata.”

confessa-lhe que “mon personnage est aussi, à ses très rares moments perdus, poète” (LARBAUD, 1997, p. 171).¹⁶⁴ E em torno do poema que inclui na carta, “Pour le Jazz-Band de L’Hôtel Excelsior” [Para a banda de jazz do Hotel Excelsior], Larbaud traça uma gênese de seus versos, procurando responder à pergunta “Où avez-vous pris ça?”, pois, para ele, “[...] “Il n’y a pas un seul de ces seize vers qui soit tout à fait de M. Bonsignor, – ni de moi” (LARBAUD, 1997, p. 172).¹⁶⁵ A partir daqui, nosso autor trata de definir o que seja, na literatura, “forme commune” [forma comum], como uma prática presente em seu poeta: “C’est l’expression qui, sans être un véritable cliché, a été si souvent mis en œuvre par tant de poètes qu’on peut dire qu’elle n’appartient à personne” (LARBAUD, 1997, p. 172).¹⁶⁶ E assim, como havia declarado ao amigo a ausência de autêntica autoria em seu Bonsignor, Larbaud faz, verso a verso, o inventário de suas influências, que distam de vários séculos e fontes (Salmos, Dante, Boileau, Antoine Héroët, entre outras), até seu amigo Emmanuel Lochac, no verso 15, “Au bord neigeux de ce dernier pays” (LARBAUD, 1997, p. 172).¹⁶⁷

“Le Fait du Prince”, nesse ponto, ficará como sugestão ao leitor atento, pois justamente passaremos à pessoa do poeta Emmanuel Lochac, mencionado tão de passagem aqui, porém tido em alta estima por Larbaud e o destinatário das cartas que passaremos a estudar.

Emmanuel Lochac (1886-1956) foi poeta, prosador e tradutor. De origem judaica, nascido em Kiev, Ucrânia, migrou com a família, ainda criança, para a França. Participou de alguns grupos de poetas em Paris e, quando da ocupação da França em 1940, entrou na clandestinidade, pois vivia sem documentos e negou-se a usar a estrela amarela a que eram obrigados os judeus à época. Entre suas obras poéticas, citamos *L’Oiseau sur la pyramide* (1924), com prefácio de Jean Royère, e *Le Promenoir d’Élégies* (1929), ambos publicados por Albert Meissein, na coleção “La Phalange”; *Monostiches* (1936) e *Le Tribut à Mélusine* (1938), na revista *Marsyas*, publicação bilingue provençal-francês, na qual Lochac contribuiu com muita frequência, entre os anos de 1946 a 1956. De sua prosa, Valery Larbaud prefaciou *Le Secret du Belvédère* (1927), publicação de *les Écrivains réunis*, Paris.

Na correspondência com o editor da *NRF.*, Jean Paulhan, Larbaud não economiza na

¹⁶⁴ “Meu personagem é também, em seus raríssimos momentos perdidos, poeta.”

¹⁶⁵ “De onde você tirou isso? [...] desses dezesseis versos não há um único que seja do senhor Bonsignor, – nem meu.”

¹⁶⁶ “É a expressão que, sem ser exatamente um clichê, foi usada tão frequentemente por tantos poetas que, pode-se dizer, não pertence a ninguém.”

¹⁶⁷ “À borda nevada deste último país.”

intimidade com o amigo em benefício da divulgação da obra de Emmanuel Lochac, fazendo gestões para que sua poesia seja descoberta e apreciada. Em muitas cartas trocadas com Paulhan entre os anos de 1929 e 1935, data bem próxima de seu grave acidente vascular, Larbaud obtém, finalmente, o reconhecimento do valor poético de seu protegido. Nessas cartas também se evidencia uma crítica à práxis das grandes editoras, que podem consagrar um autor da noite para o dia e que se lê e opina sobre tudo o que elas publicam. Paulhan, em carta de outubro de 1929, escreve a Larbaud: “Avez-vous reçu la *NRF* d’octobre [...] L’on me dit de Lochac tantôt grand bien, et tantôt grand mal. Mais tout le monde l’a lu” (LARBAUD, 2010, p. 153)¹⁶⁸

Lochac adotou notavelmente os gêneros aforismo e monóstico, poema epigramático de um único verso, normalmente sem título. Totalmente nesse estilo, ele publicou o livro epônimo, *Monostiques*, em 1936, livro que figura na antologia do haikai europeu. Utilizado por diversos poetas, principalmente entre os surrealistas, o monóstico, com Emmanuel Lochac, foi considerado um gênero poético à parte e adquiriu a forma de verso octassílabo, encurtada a partir do alexandrino, que chamará *mícrones*.¹⁶⁹

Apresentamos, nas próximas páginas, três cartas de Larbaud endereçadas a Emmanuel Lochac, escritas entre os anos de 1929 e 1930, em que a tônica se centra na vocação literária de Lochac e na crítica, com ostensivo apoio de Larbaud ao poeta. Desse Larbaud já maduro e reconhecido, Emmanuel Lochac recebe observações e conselhos prodigalizados sobre a relação do escritor com o meio editorial parisiense e o público leitor. Particularmente sobre a crítica, Larbaud reproduz parte de um texto publicado na revista *Les Nouvelles Littéraires* sobre a poesia lochaquiana:

Comment se fait-il que vous n’ayez pas vu l’article de Pierre Guéguen¹⁷⁰ (ou Guéguen?) dans Les Nouvelles Littéraires, en réponse au mien?¹⁷¹ [...] Il disait à peu près ceci: “Je n’ai jamais aimé les vers de Lochac; l’article de Larbaud ne me fait pas changer d’avis; cependant, dans les vers qui y sont cités, il y en a un qui, à première vue, semble vraiment beau (“Où les élans silencieux...”); mais si on l’examine de près, on le trouve cacophonique; digression sur la poésie pure, l’abbé Brémond, Valéry et pour finir, quelque chose comme: il se peut que la poésie de Lochac aspire à cette “pureté”,

¹⁶⁸ “Você recebeu a *NRF* de outubro... fala-se ora muito bem ora muito mal de Lochac. Mas todo mundo o leu.”

¹⁶⁹ Disponível em: <<http://googlefr/plasticites-sciences-art.org/...Friedenkraft2.pdf>>. “style et esprit des haïkous en français”, Georges Friedenkraft. Acesso em: 22 ago. 2013.

¹⁷⁰ Pierre Guéguen (1889-1965) – poeta e crítico francês.

¹⁷¹ Publicado em 2 de novembro de 1929.

*mais selon moi elle n'y atteint pas (EL01).*¹⁷²

Dizendo-se já indiferente às críticas, que não lê, exceto a dos amigos, Larbaud diz a Lochac que “un livre qui nous manque, c’est une anthologie des éreintements que le jugement de la postérité rend, ou plutôt a rendus, ridicules. On y trouverait même de grands critiques, des gens illustres et qui passaient pour s’y connaître en fait de qualité littéraire” (EL01).¹⁷³ E prossegue tecendo comentários sobre veleidades que considera inerentes à crítica e diz acreditar que, em algum momento, todo crítico comete suas falhas:

*Ils ont renvoyé le jeune Chateaubriand à sa lande bretonne, comme écrivain patoisant (j’ai lu ça) et Hugo à l’étude de la grammaire élémentaire, etc. - Proust et Giraudoux, à leurs débuts, ont été mis plus bas que terre, traités de crétiens, de gâteaux, de fumistes, etc., et cela par des critiques qui, de leur côté, se sont maintenant fait un nom ou tout au moins une “situation” (EL01).*¹⁷⁴

Principalmente na segunda carta, Labaud procura confirmar Lochac em sua vocação de escritor, da maneira generosa característica que o notabilizou. São conselhos dispensados por um escritor e crítico de quase 50 anos, vivido, e que se sente bem no papel de orientar quem se encontre em situações que talvez lhe sejam já familiares:

Je vois que vous suivez tout droit votre chemin, et qu’aucune force au monde ne pourra tirer de vous autre chose que du Lochac. Et je crois que c’est là le signe le plus certain, et de la vocation, et de la solidité de l’œuvre. – Et ce incapable de faire autre chose, et pourtant à chaque nouveau vers ajouter autre chose à cette masse indivisible.

Après cela, peu importe l’accueil de la critique et du public. Et je suppose que cet accueil ne vous préoccupe guère. Et peut-être n’avez-vous aucun besoin des encouragements que je souhaite pour vous: quelqu’un qui, de loin en loin, vous fasse voir, par un signe, en passant, qu’il a compris, et

¹⁷² Como é possível que você não tenha visto o artigo de Pierre Guégen (ou Guéguen?) em *Les Nouvelles littéraires*, em resposta ao meu. [...] Ele dizia praticamente isto: “Eu jamais gostei dos versos de Lochac; o artigo de Larbaud não me faz mudar de opinião; *no entanto*, nos versos que são citados aqui, há um deles que, à primeira vista, parece verdadeiramente belo (“Où les élans silencieux...”); mas se o examinamos de perto, achamo-lo cacofônico; digressão sobre a poesia pura, o abade Brémond, Valéry e para terminar, alguma coisa como: pode ser que a poesia de Lochac aspire a essa “pureza”, mas para mim ela não chega lá.”

¹⁷³ Um livro que nos falta é uma antologia das severidades que o julgamento da posteridade torne, ou de preferência tornou, ridículas. Encontraríamos nele mesmo grandes críticos, pessoas ilustres e que passariam por se conhecer aí de fato de qualidade literária.

¹⁷⁴ Eles devolveram o jovem Chateaubriand para sua charneca bretã, como escritor *provinciano* (eu li isso) e Hugo ao estudo da gramática elementar, etc. – Proust e Giraudoux, em seus começos, foram colocados mais baixo que o chão, tratados como cretinos, como estúpidos, como trapaceiros, etc., e isso pelos críticos que, no mínimo, agora conseguiram para si um nome ou no mínimo uma “situação”.

qu'il sait qui vous êtes (EL02).¹⁷⁵

Modestamente, Larbaud se desculpa com Lochac, por citar a si mesmo sobre a realidade vivenciada por grandes escritores, quando retorna a um texto que escreveu para a revista *Commerce* em 1924, sobre os hábitos da leitura que, depois, em 1925, encabeçará o volume *Ce vice impuni, la lecture (Domaine anglais)*: (LARBAUD, 1949, p. 15).

*Je suis très content d'avoir écrit, dans Ce vice impuni, la lecture... (excusez-moi si je me cite moi-même) que "en toute époque donnée les meilleurs écrivains ne sont pas les plus connus". Non seulement c'est vrai, et vérifiable dans tous les cas [...] Charles-Louis Philippe, un jour que nous causions de ces choses, a exprimé la même idée un peu différemment: "Ce qu'il y a de plus pénible, c'est d'être confondu avec de mauvais écrivains." Il préférerait la "conspiration du silence".*¹⁷⁶

Conhecedor mestre do mundo da leitura em seu país, portanto, Larbaud tem firmadas opiniões sobre a publicação e a recepção, de crítica e de público, distinguindo bem os vários tipos de leitores, dando destaque para uma “elite” que, apesar de reformada em seu tempo, ainda “é a mesma, como número e como qualidade, do tempo do Simbolismo [...] e da grande obscuridade de Mallarmé” (EL02). Para Larbaud, essa elite é formada de “pessoas sobre as quais nem a publicidade nem os prêmios literários têm qualquer poder, e para quem a bibliofilia não tem nada a ver com a finança.

Ce sont des gens sur lesquels ni la réclame ni les prix littéraires n'ont aucun pouvoir, et pour qui la bibliophilie n'a rien à voir avec la finance. Et je dis qu'ils ne sont pas plus nombreux qu'au temps du Symbolisme et de la grande obscurité de Mallarmé (EL02).¹⁷⁷

¹⁷⁵. Vejo que você seguiu diretamente seu caminho e que nenhuma força do mundo poderá tirar de você que não Lochac. E creio que está aí o sinal mais certo, tanto da vocação, quanto da solidez da obra. – E isso incapaz de fazer outra coisa e, no entanto, a cada novo verso acrescentar outra coisa a esta massa indivisível.

Depois disso, pouco importa a recepção da crítica e do público. E suponho que essa recepção sequer o preocupe. E talvez você não tenha nenhuma necessidade dos encorajamentos que lhe desejo: alguém que, cada vez mais à distância, faça vê-lo, por um sinal, de passagem, que compreendeu, e que sabe quem você é.

¹⁷⁶ EL03. Estou muito contente por haver escrito, em *Ce vice impuni, la lecture...* (excuse-me se cito a mim mesmo) que “em toda época dada os melhores escritores não são os mais conhecidos”. Não apenas isso é verdade, e verificável em todos os casos [...] Charles-Louis Philippe, um dia em que conversávamos sobre essas coisas, expressou a mesma ideia um pouco diferentemente: “O que há de mais penoso, é ser confundido com maus escritores”. Ele preferia a “conspiração do silêncio”.

¹⁷⁷ Essas são pessoas sobre as quais nem o anúncio nem os preços literais não têm nenhum poder, e para quem a bibliofilia não tem nada a ver com a finança. E digo que elas não são mais numerosas que no tempo do Simbolismo e da grande obscuridade de Mallarmé.

A integridade profissional e intelectual de Larbaud se comprova, mais uma vez, em seu arremate a essa discussão que ele desenvolve na carta a propósito da posição do escritor diante das circunstâncias externas a sua obra:

Tout cela, pour en revenir à cette idée qu'il ne faut pas nous inquiéter le moins du monde de l'accueil fait à nos ouvrages. S'ils valent quelque chose, cela se saura toujours, et quelques-uns le savent déjà (EL03).¹⁷⁸

Da terceira e última carta selecionada, pinçamos outras palavras de Larbaud sobre as vicissitudes por que passa principalmente o poeta e como lidar honestamente com elas. Esse texto é testemunha do rigor que marca também a postura de Larbaud enquanto escritor. Como exemplo, ele toma seu amigo Léon-Paul Fargue, grande poeta, igualmente célebre e prestigiado animador de reuniões literárias em Paris, mas que não se utilizava de expedientes escusos para se. Ao contrário, os amigos é que faziam gestões junto a ele para que reunisse e publicasse sua brilhante poesia. Sobre Fargue, a esse respeito, Larbaud comenta:

Un arriviste, à sa place, aurait fait de la librairie, du roman de vente, ou du théâtre alimentaire, et, soutenu par ses immenses relations, aurait eu dès 35 ans cette gloire en papier doré qui ne compte pas – et dont il n'aurait pas voulu. Il est resté Poète, et lui-même, et tous ses leviers, toutes ses ressources sociales, ne l'ont pas fait avancer d'une ligne (EL03).¹⁷⁹

Sobre a favorável apreciação que Larbaud tinha pela obra poética de Lochac, que considerava além do mais muito original, pode-se acompanhar por uma nota que ele dá em seu *Journal*, do dia 19 de setembro de 1931, no capítulo “D’Annecy à Corfou”, neste tom:

J'aime la façon à la fois sérieuse et détachée dont il prend son travail. Je pense qu'il est “sûr de son affaire”, avec raison, et malgré l'opposition qui lui est faite. Par exemple: il est sûr de ne pas céder, quoi qu'il arrive, à la tentation d'écrire partout; un roman, s'il l'écrit, sera “difficile”, ne le fera pas avancer d'un pas vers le grand public; il est sûr de ne pas écrire pour le théâtre (LARBAUD, 2009, p. 843).¹⁸⁰

¹⁷⁸. Tudo isso, para regressar a essa ideia que devemos nos inquietar de forma alguma pela recepção feita a nossas obras. Se elas valem alguma coisa, isso sempre se saberá, e alguns já o sabem.

¹⁷⁹. Um arrivista, em seu lugar, teria feito da livraria, do romance de venda, ou do teatro alimentar, e, sustentado por suas imensas relações, teria tido desde os 35 anos essa glória em papel dourado que não conta – e de que ele não teria querido. Ele permaneceu Poeta, e ele mesmo, e todas as suas alavancas, todos os seus expedientes sociais, não o fizeram avançar uma linha sequer.

¹⁸⁰ “Gosto da maneira a um só tempo séria e despreendida com a qual ele assume seu trabalho. Penso que ele está ‘seguro de seu afazer’, com razão, e apesar da oposição que lhe é feita. Por exemplo: ele está certo em não ceder, aconteça o que acontecer, à tentação de escrever por toda parte; um romance, se ele o escrever, será ‘difícil’, não o fará avançar um passo em direção ao grande público; ele está certo em não escrever para o teatro.”

Mais uma vez quanto à necessidade de uma firmeza diante da poesia, ainda na carta anterior, Larbaud diz insistindo com Lochac:

Et, de toute la littérature, la Poésie est ce qui chemine le plus lentement. Voyez Verlaine, Mallarmé, Valéry lui-même, célèbre dès 1898, mais connu à partir de 1920 seulement. Il n'y a aucun moyen, aucune recette pour forcer (comme une plante) la renommée des poètes. Ils ont même moins que les autres écrivains la possibilité d'obtenir ce faux et trompeur succès qui vient des relations, des amitiés, de l'appui des groupes, des articles de complaisance, succès que le prestige de Paris porte quelquefois très loin pour un certain temps (EL03).¹⁸¹

E, ainda como última recomendação, ele fala a Lochac: “En tout cas, travaillez comme si vous n'aviez pas à vous préoccuper de voir votre dernier recueil imprimé” (EL03).¹⁸²

Haverá ainda algumas observações a proceder dentro dessa correspondência. Na primeira carta, Larbaud se refere à supresa que lhe causa um provável desconhecimento de seu trabalho *Sous l'invocation de saint Jérôme* por parte de Lochac, pois é sabido de todos que, no intervalo de 1929 a 1935, Larbaud trabalhou com afinco nessa obra, que, no entanto, só terá uma publicação reunida em 1946. Aqui, tal como em seu ensaio a que nos referimos quando escrevemos “Et qui en 1946 connaissait Tytler?”, Larbaud se repete: “je voudrais faire une chose qu'on pût comparer au livre de Lord Woodhouselee, *On the Principles of Translation* (1790)” (EL03).¹⁸³

Achamos digna de nota também a severa crítica que Larbaud faz ao meio literário, e como, em decorrência disso, muitos autores se sentem desencorajados dentro do mercado editorial. Cita o escritor Charles-Louis Philippe, que preferia a “conspiração do silêncio” a figurar entre os autores da moda. Lembra também o ostracismo de pelo menos duas décadas a que foram submetidos os simbolistas na França. Ressalva, entretanto, que há uma “elite” de leitores, para quem os clássicos já são de antemão reconhecidos, mesmo que não sejam “mais numerosos que no tempo do Simbolismo e da grande obscuridade de Mallarmé”.

Por último, notemos que nas duas últimas cartas, de julho e setembro de 1930, escritas

¹⁸¹ “E, de toda a literatura, a Poesia é o que caminha mais lentamente. Vide Verlaine, Mallarmé, o próprio Valéry, *célèbre* desde 1898, mas *conhecido* a partir de 1920 somente. Não há nenhum meio, nenhuma receita para impelir (como uma planta) o renome dos poetas. Eles têm mesmo, menos que os outros escritores, a possibilidade de obter esse falso e enganoso sucesso que vem das relações, das amizades, do apoio dos grupos, dos artigos de complacência, sucesso que o prestígio de Paris conduz às vezes muito longe para um certo tempo.”

¹⁸² “Em todo caso, *trabalha* como se não tivesses de te preocupar em ver tua última antologia impressa.”

¹⁸³ “Gostaria de fazer uma coisa que se possa comparar com o livro de Lord Woodhouselee, *On the Principles of Translation* (1790).”

de Valbois e Vichy, respectivamente, há um forte conteúdo biográfico sobre o próprio remetente. Note-se que foi justamente em outubro daquele ano que se deu a morte de Isabelle des Étivaux, mãe de Larbaud. Sua longa prostração reteve o filho junto a si, de que ele se lamenta muito o fato de estar preso à região, distante dos amigos e de seus afazeres literários. Larbaud faz uma longa confissão a Lochac, sobre como sonhou por toda a vida fazer a longa viagem para a América, sair da Europa, e como foi disso impedido, e de como teve de contentar-se com frequentes viagens pela Europa, sem se distanciar muito de casa. Quando jovem, por falta de autonomia financeira, pois, apesar de milionário, vivia sob tutela da mãe; mais tarde, sua própria saúde, que, sempre foi precária, torna-se mais e mais frágil; finalmente, há a mãe solitária, a quem não podia deixar na França. A América torna-se o sonho adiado para sempre:

*Quatre, cinq, six ans peut-être hors d'Europe! C'est à quoi je pensais quand je vous ai dit que je n'écrirais pas toujours. Je m'acquitterais des choses commencées ou promises, et puis je lâcherais les métiers, je redeviendrais ce "riche sportman (sic) qui se mêle d'écrire" dont parlait un des premiers critiques de A. O. Barnabooth en 1908 ou 1909!*¹⁸⁴

Essas confidências foram feitas a cinco anos apenas da imobilidade em que Larbaud mergulharia em 1935, que duraria por 22 anos, até 1957.

3.1.5. Das cartas a Charles Du Bos e o prefácio aos Sonetos

Nosso maior conjunto de cartas é este, com cinco cartas dirigidas a Charles Du Bos (1882-1939), escritor, tradutor e crítico francês, que, entre os anos de 1920 e 1930, se desempenhou como importante editor, participando das Edições de La Pléiade, junto com Jacques Schiffrin (1892-1950), criador dessas célebres edições e da famosa Bibliothèque de la Pléiade, mais tarde encampadas pelas Edições Gallimard, em 1933. Du Bos exercia também muitas outras atividades e circulava por todo o meio intelectual de seu tempo, publicava em várias revistas literárias, entre estas, *La NRF*.

Essas cinco cartas foram escritas de janeiro de 1926 a fevereiro de 1927 e se ocupam, fundamentalmente, das questões pertinentes a uma introdução solicitada a Larbaud por Du Bos para apresentar uma tradução dos *Sonetos* de Shakespeare feita por Émile Le Brun, para publicação na “Collection classique des Éditions de la Pléiade”, em 1927. Anos depois, esse

¹⁸⁴ EL03. “Quatro, cinco, seis anos fora da Europa! Era no que eu pensava quando disse a você que eu não escreveria sempre. Eu me desobrigaria das coisas começadas ou prometidas, e depois eu deixaria a ocupação, tornar-me-ia esse ‘rico *sportman* (sic) que se ocupa de escrever’ de que falava um dos primeiros críticos de A. O. Barnabooth em 1908 ou 1909!”

texto de Larbaud será incluído em apêndice de *Domaine anglais*, com o título “Les sonnets de Shakespeare”.

De uma forma resumida, pode-se dizer que a questão nuclear das cartas se firma sobre desentendimentos entre o prefaciador e o tradutor, em alguns detalhes sobre a concepção dos *Sonetos*, a quem eles teriam sido dedicados pelo poeta, coisas de há muito conhecidas, mas apresentadas por Larbaud de uma forma que esbarrou, aparentemente, nos preconceitos de Le Brun.

Desde o início, Larbaud acena para Charles Du Bos com a possibilidade de trazer ao público leitor da França um trabalho sobre Shakespeare, escrito por Samuel Butler, ainda não traduzido para o francês. Lembremos que Larbaud já havia traduzido quase toda a obra de Butler, sem grande repercussão. Por isso, na primeira carta, ele apresenta razões a seu interlocutor:

Or, ce livre de S. Butler ne peut être traduit; du moins pas tant que Ainsi va toute chair ne sera pas vendu à 50 000 exemplaires. S. B. n'est pas encore assez connu en France pour qu'on puisse sans perte d'argent présenter au public un ouvrage aussi purement critique, d'érudition, que les Shakespeares's Sonnets Re-considered (CD01).¹⁸⁵

Na verdade, Larbaud, que já estudara toda a obra de Butler e conhecia bem o que ele escrevera sobre os *Sonetos*, conforme conteúdo da carta, e na impossibilidade de traduzi-lo para publicação imediata, pensava fazer um artigo sobre a visão de Butler da obra shakespeariana, para ele com um enfoque tão diferente dos demais já publicados na França. Esse foi um dos fortes motivos que fizeram Larbaud aceitar prontamente a tarefa de prefaciá-la a tradução de Le Brun.

O que importa muito na discussão das cartas, entretanto, não é o estabelecimento de certas verdades a respeito dos *Sonetos*, muito embora os desentendimentos iniciais tenham tido como foco a dedicatória de Shakespeare para um outro homem. Um grande mal-entendido se forma em torno da insinuação que Le Brun faz de que Larbaud, em sua Introdução, fazia apologia à “pederastia”, ideia que Larbaud recusou veementemente, ameaçando, inclusive, desistir do contratado, caso fossem feitas determinadas alterações em seu texto. Mesmo reconhecendo que nos *Sonetos* há uma “inspiração pederástica”, Larbaud está interessado apenas em seu valor literário, e não moral ou ideológico. Assim se expressa

¹⁸⁵. “Ora, esse livro de S. B. não pode ser traduzido; pelo menos não enquanto *Ainsi va toute chair* (NRF, 1921) não tiver vendido 50.000 exemplares. S. B. ainda não é bastante conhecido na França para que se possa, sem perda de dinheiro, apresentar ao público uma obra tão puramente crítica, de erudição, quanto os *Shakespeare's Sonnets Re-considered*.”

na última das cartas, em fevereiro de 1927:

Ce qui m'avait choqué, et irrité, c'était cette manière indirecte de me dire qu'on croyait que j'avais profité de l'occasion pour faire l'apologie de la pédérastie. Je n'ai aucun préjugé là-dessus. Le mot "pédéraste" n'est pas pour moi une injure. Plusieurs "Corydons" sont mes amis (CDO5).¹⁸⁶

Enfim, entre idas e vindas, Le Brun e Larbaud entraram em acordo. Mas ficaram aqui muitas questões expostas: a dificuldade em estabelecer ordem de datas, dedicatória e até autoria quanto à obra de Shakespeare, que se torna discutida dentro de uma ordem que extrapola muito a literária, e gera, algumas vezes, muitas dificuldades, e por isso, suscita muitas interpretações, infinitas “publicações”. No bojo das discussões, também comparecem os obstáculos para a publicação de autores pouco conhecidos ou de caráter muito erudito, para o que falta público que justifique investimentos editoriais; a necessidade de superar as complexas relações entre prefaciadores, autores, tradutores, editores, que demandam ajustes, por vezes, delicados, envolvendo posicionamentos que se situam em concepções muito gerais e pessoais, fora da questão literária. De maneira original e com humor, no que se tornou o famoso estudo *Les sonnets de Shakespeare*, Larbaud receita: “Sûrement la lecture de Shakespeare doit être souveraine contre une quantité de ‘refoulements’. Ordonnance: lire deux comédies de Shakespeare par semaine, et un sonnet chaque soir avant de se coucher” (LARBAUD, 1998a, p. 623).¹⁸⁷

Um detalhe ainda curioso, de ordem muito objetiva, é a negociação financeira de Larbaud em torno de seus honorários pelo trabalho a realizar para Du Bos, fechado o recebimento em francos, mas de acordo com a flutuação do valor da libra. Nas correspondências tomadas como *corpus* deste trabalho, apenas na segunda carta a Jacques Rivière ele se refere a pagamento, no caso do trabalho sobre *Vathek*, para *La Nouvelle Revue Française*.

Por partes, podemos noticiar mais algumas referências dessas cartas:

1. *Gens de Dublin [Dublinenses]*, de James Joyce, publicado na França em 1926, prefaciado por Valery Larbaud, tradução de Iva Fernandez, Hélène du Pasquier e

¹⁸⁶ “O que me chocara, e irritara, fora aquela maneira indireta de me dizer que se acreditava que eu teria aproveitado da ocasião para fazer apologia da pederastia. Não tenho nenhum preconceito acerca disso. A palavra ‘pederasta’ não é para mim uma injúria. Vários ‘Corydons’ são meus amigos.”

¹⁸⁷ “Seguramente a leitura de Shakespeare deve ser soberana contra uma quantidade enorme de ‘recalcamentos’. Prescrição: ler duas comédias de Shakespeare por semana, e um soneto toda noite antes de deitar-se.”

- Jacques-Paul Reynaud, pela Plon-Nourrit et cie éditeurs, na coleção de autores estrangeiros, dirigida por Charles Du Bos;
2. Portugal/Porto – Larbaud se refere aqui à viagem que fez a Portugal, entre janeiro e março de 1926, para conferenciar sobre autores franceses em terras portuguesas. Dessa viagem, ele produziu três textos antológicos: “Lettre de Lisbonne à un groupe d’amis”, “Divertissements philologiques” e “Écrit dans une cabine du Sud-Express”, que integram o livro *Jaune Bleu Blanc*.
 3. Saint-John Perse: trata-se de uma edição russa de *Anabase* [*Anábase*], do poeta e amigo de Larbaud, prefaciado por este, texto publicado pela *NRF* em janeiro de 1926, também reproduzido na edição *Gallimard/NRF* de 1948.
 4. Ainda com respeito ao centro da questão “Shakespeare”, encontramos as seguintes referências: Tucker (Thomas George Tucker, 1859-1946), conferencista, erudito especialista em Shakespeare, sobre quem escreveu vários livros, tradutor de Ésquilo, Sófocles, Aristóteles e Platão, entre outros; Mme de Chambrun (Clara Longworth de Cahambrun, 1873-1954), norte-americana, estudou na Sorbonne, fez traduções e adaptações de Shakespeare para o francês, foi influenciada pelo pensamento de Florio; Florio (Giovanni Florio, 1553-1625), contemporâneo e amigo de Shakespeare, a quem alguns atribuem a obra shakspeariana, pelo profundo conhecimento que o autor tinha da história e da geografia italianas. Florio foi tradutor de Montaigne na Inglaterra e biografado por Frances Yates, com o livro *A vida de um italiano na Inglaterra de Shakespeare*; Mme Amable Tastu (Sabine Casimire Amable Voiart, 1798-1885), poeta da época do Romantismo, foi colaboradora da *Mercure de France*, louvada nas obras de figuras como Victor Hugo, Chateaubriand, Sainte-Beuve e Lamartine.
 5. Larbaud menciona, em CD02, de novembro de 1926, uma carta que endereçara ao *Times Literary Supplement* demandando alguma explicação sobre o termo “Motley”, em um verso de Shakespeare. Essa carta está publicada em *Domaine anglais suivi de Pages Retrouvées*, p. 615-616, e argumenta uma tradução diferente para a palavra, em confronto com a do Comentário do “Professor T. G. Tucker’s”, que desconhecemos. Entretanto, dado o contexto, parece que o verso shakspeariano, do CX Soneto, “And made myself a motley to the view”, sugere alguma ligação da ordem da homossexualidade. O *Dicionário Larousse* de Inglês sugere um significado pejorativo de “heterogêneo” para “motley”. Por outro lado, causa espécie a Larbaud a resposta que recebe de Havelock Ellis (1859-1939), como ele mesmo diz, “une curieuse lettre”

[uma curiosa carta]. Não sabemos por que justamente o respostante foi Havelock Ellis. Mas, curiosamente, consta que este foi, além de escritor, médico, psicólogo e o primeiro a usar o termo “homossexual” e, além do mais, em sua época, estudou os transgêneros, chegando a escrever livros sobre a homossexualidade.

6. Larbaud faz referência em duas ocasiões a amenizações de termos requeridas por Le Brun em sua Introdução, usando as palavras “bowdlérisation” (CD03) e “bowdlérisés” (CD04). Esses vocábulos são derivados do nome do médico inglês Thomas Bowdler (1754-1825), também escritor, que adaptou Shakespeare para crianças (“Family Shakespeare”), cujo lema era expurgar do texto tudo o que fosse ofensivo à moral religiosa e à virtude. Um dos comentários de Larbaud a propósito é: “Alors, l’objection de M. Le Brun équivaut au refus de mon Introduction. Je suis de reste prêt à le retirer pour la publier, sans bowdlérisation, dans *Commerce*” (CD03).¹⁸⁸. Traduzimos os termos por “bowdlerização” e “bowdlerizadas”.
7. “Plusieurs ‘Corydons’ sont mes amis” (CD05): É evidente que Larbaud se refere a homossexuais, numa clara referência ao livro de ensaios de André Gide, *Corydons* (1920), que adota como título de sua obra, que investiga o papel da homossexualidade dentro de diversas civilizações, de um personagem das *Bucólicas* de Virgílio.
8. No final da carta (CD05), Larbaud agradece a Du Bos “pour ce bel exemplaire de Boylesve”. Trata-se do escritor francês René Boylesve (1867-1926), e da publicação de sua obra póstuma *Feuilles Tombées (Écrits intimes)*, com introdução de Charles Du Bos, pelas Éditions de La Pléiade, pouco tempo após o falecimento do autor.
9. Sobre alguns aspectos formais das cartas, como endereçamento, cumprimentos, tratamentos e datação, os termos presentes nessas cinco cartas são quase invariáveis, sendo que duas delas foram escritas da residência de Valbois (Allier), as cartas CD01 e 02, justamente as de 1926; as outras três têm endereço de Paris, da Rue Cardinal-Lemoine, V^e, e são datadas de 1927. Detalhe para a marcação do tempo na carta CD03, logo após a data, com o termo “soir”. O tratamento varia brevemente entre “Cher ami” e “Mon cher ami”. O cumprimento final fica entre “Bien amicalement/affectueusement à vous”.

Certamente os elementos que aparecem nessas cinco cartas estão longe de serem esgotados aqui. Contudo, achamos demonstrativos esses exemplos que pesquisamos

¹⁸⁸. “Então, a objeção do senhor Le Brun equivale à recusa de minha Introdução. Estou, de resto, pronto a retirá-la para publicá-la na *Commerce*.”

brevemente. Esse trabalho nos deu uma ideia de quão vasto é o universo contido nas cartas, podemos dizer, literárias, de Valery Larbaud, em que incontáveis informações estão dispersas entre o aparentemente inteligível e, por isso, se furtam a uma compreensão mais completa quando não se está familiarizado com o mundo literário em que ele transitou. A mesma afirmativa podemos fazer em relação a todas as outras cartas que apresentamos, e a eleição dos aspectos a comentar sempre foi orientada para uma maior compreensão do texto larbaldiano e dos contextos em que os fatos são apresentados.

Foi, lastreados pela diversidade contida nessas 18 cartas, que procuramos, antes de tudo, dar relevo a algumas características de Valery Larbaud em suas múltiplas facetas: o homem desejoso do mundo, o incentivador de escritores, incansável crítico e tradutor, pensador da tradução, com seu *Sous l'invocation* e nos incontáveis trabalhos de tradução que prefaciou, e até aspectos de sua vida privada, talvez alguma sombra, que ele preferisse resguardada da luz, como o diria Michel Déon.

3.2. *Sobre a tradução das cartas*

No decorrer deste trabalho, não só como objeto de estudo, mas também como fonte de orientação e saber, temos nos nutrido da obra de Larbaud, de forma que construímos não apenas um itinerário que atravessa sua vida e sua obra, mas uma vasta teia que encontra em sua própria substância sua sustentação. Nessa altura, para falar sobre a tradução de suas cartas, buscamos, mais uma vez nele mesmo, um eixo capaz de direcionar nossos comentários. Mais uma vez, *Sous l'invocation de saint Jérôme* vem nos abastecer, como um bom mestre.

Em seu ensaio “Joies et profits du traducteur”, comentando sobre o vivo prazer de traduzir, para nós muitas vezes mesclado de inseguranças, Larbaud argumenta que “traduire un ouvrage qui nous a plu, c’est pénétrer en lui plus profondément que nous ne pouvons le faire par la simple lecture, c’est le posséder plus complètement, c’est en quelque sorte nous l’approprier” (LARBAUD, 1997, 69).¹⁸⁹

Essas palavras de Larbaud adquirem uma imediata importância no contexto de avaliação de nossa tradução das cartas, pois elas apresentam a primeira dificuldade do tradutor, que é esse apossamento do texto mediado pela leitura, tão essencial à tradução. Ou, como explicita o texto, é preciso mais que uma “simples leitura”. E foi justamente nessa

¹⁸⁹ “Traduzir uma obra que nos agradou é penetrar nela o mais profundamente que possamos fazê-lo pela simples leitura, é possuí-la mais completamente, de alguma forma nos apropriarmos dela.”

atividade preambular da tradução, a leitura, que enfrentamos muitas dificuldades. A primeira delas, por tentar a decifração de um texto que se encontra, de certa forma, pela metade, uma vez que a contraparte das cartas, quer dizer, outra “perna” dessa correspondência não está a nosso alcance. De maneira que, em incontáveis momentos de nossa tradução, nos deparamos com lacunas difíceis de formar uma conclusão e tomar uma decisão segura quanto à tradução.

Por outro lado, a extensa rede de informações em que se move nosso autor, a farta quantidade de referências a obras, a autores, a eventos, tudo isso demandou intensas buscas, que privilegiamos em detrimento de um projeto de tradução que se ocupasse de repetir aqui considerações sobre o gênero epistolar, sobre soluções do tipo “traduzir-não traduzir” títulos de obras, a doção de um tipo de tratamento ou mesmo computar frequência desse ou daquele modo de expressão.

Em poucas palavras, o mérito que se possa atribuir a nossas traduções muito se deverá à dedicação à leitura, a esse exercício que, muitas vezes, parecia desdobrar-se infinitamente, votado a uma verdadeira “apropriação” do rico conteúdo dessas cartas, tão plenas de labirintos de informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

L'ange littéraire, comme les autres anges, est chargé d'une mission conforme à l'étymologie du mot qui le désigne: il porte la nouvelle; il est un messenger. Silencieusement, ou à voix très basse, il dit son message au poète; [...] Et chacun attend patiemment son poète (LARBAUD, 1998b, p. 297).¹⁹⁰

¹⁹⁰ “O anjo literário, como os outros anjos, é encarregado de uma missão conforme a etimologia da palavra que o designa: ele é portador da nova; ele é um mensageiro. Silenciosamente, ou em voz muito baixa, ele diz sua mensagem ao poeta; [...] E cada um espera pacientemente seu poeta.”

O primeiro artigo escrito por Valery Larbaud, no início do ano de 1903, antes dos 22 anos de idade, portanto, nunca se pode dizer com rigor se foi fruto da leitura momentânea de um livro, da presença na cidade de Nápoles, ou da companheira que o seguia pela Itália. Talvez seja prudente recuar de qualquer razão taxativa. Certamente, aonde se for, toda uma atmosfera de vivências estará presente e em comunicação. Se ele estava preparado, a ideia lhe veio por gravidade. Ele pôde reconhecer ali a presença do anjo. Foi justamente em Nápoles, meditando sobre a metáfora do anjo literário de George Meredith, do romance *The Egoist* [*O egoísta*], que Larbaud escreveu o artigo “Les Anges de la littérature”, publicado em 1904.

Poderia tratar-se de um artigo sobre qualquer tema, sobre alguma atividade, alguma crítica, algum poema, alguma tradução, algo que, mesmo que trouxesse o cunho de Larbaud, da seriedade com que sempre arcou com todos os seus trabalhos. Não. Nada tangencial ou mesmo carnal. Trata-se de algo visceral. De destino.

Deixemos em suspensão janeiro de 1903. Avancemos vinte anos na vida de Larbaud. Já que visitamos tanto seu passado em busca de construir esse personagem cujo destino consideramos absorvido na literatura, e transgredindo as regras de uma boa dissertação, mas em benefício de um texto que fale, baixaremos aqui uma carta de Isabelle Bureau des Étivaux, sua mãe:

Valbois, septembre 1922

Monsieur Crémieux,

Je vous remercie de l'honneur que vous faites à une octogénaire en lui demandant quelques pages sur son fils, qui est avec ma sœur jumelle, toute ma famille et toute mon affection.

J'ai connu Valery Larbaud le 29 août 1881. C'était un bien petit personnage, qui ne pesait pas très lourd: deux livres et demie, mais il avait un joli teint beurre frais et grands yeux clairs. Mais il savait déjà imposer gentiment sa volonté aux personnes qui avaient affaire à lui, sa nourrice en savait quelque chose.

Quand il a fallu le sevrer je m'occupai seule de cette difficile besogne. Comme j'étais triste de la mort récente de ma mère, et que je ne pouvais pas chanter pour l'endormir, alors pour le calmer je lui récitais tous les vers que je savais encore par coeur. Lamartine, Victor Hugo, Musset, Vigny; et puis le théâtre classique, Athalie [Athália], Esther [Esther], Andromaque [Andrômaca], Phèdre [Fedra], tout cela passe, et puis les Promessi Sposi [Os noivos]¹⁹¹ et des pages du Télémaque [Telêmaco] en italien que j'ai appris à quinze ans et que je n'ai pas encore tout oblié.

Il semblait être sensible à la belle prosodie de ces poèmes et quand je m'arrêtais, fatiguée, il m'en demandait encore. Alors j'allais chercher des livres de Victor Hugo et je les lui lisais, surtout les vers d'exil qui me

¹⁹¹ Romance histórico (1827) do escritor italiano Alessandro Manzoni (1785-1873).

rappelaient ma jeunesse à Genève, en exil; et ceux que Étienne Arago¹⁹² avait composés pour ma soeur et pour moi, intitulés Les Filles du Proscrit. Étienne Arago était très gentil, mais il nous scandalisait, à la maison, parce qu'il disait qu'il faisait le sentiment mieux que Victor Hugo. Valery, qui lit ce que j'écris, me dit qu'il n'avait peut-être pas tort, et je lui répons qu'il ferait mieux de relire Victor Hugo, Lamartine et les poètes de mon temps.

Recevez, Monsieur Crémieux, l'assurance de ma sympathie et de ma reconnaissance pour l'amitié que vous témoignez à mon fils.

Isabelle Bureau des Étivaux (LARBAUD, 1992a, p. 281).¹⁹³

Essa carta foi endereçada a Benjamin Crémieux (1888-1944), crítico e tradutor francês, especialista em literatura italiana, por Isabelle, em agradecimento à atenção que ele dedicaria a um artigo que seria publicado, em setembro de 1922, em *Nouvelles Littéraires* sobre *Barnabooth*, a obra poética de Larbaud. Isabelle costumava trocar correspondências, eventualmente, com alguns amigos do filho, como André Gide, Paul Claudel e Léon-Paul Fargue, e, muito frequentemente, com Marcel Ray.

Deixemos agora Isabelle Bureau des Étivaux e voltemos ao anjo literário. Embora seja importante conhecer as fontes onde vão beber nossos autores, nesse caso, não é indispensável

¹⁹² Étienne Vincent Arago (1802-1892), dramaturgo e homem político francês, tornou-se prefeito de Paris em 1870.

¹⁹³ Valbois, setembro de 1922.

Senhor Crémieux,

Agradeço-lhe pela honra que o Senhor presta a uma octogenária, pedindo-lhe algumas páginas sobre seu filho, que é, com minha irmã, toda a minha família e todo o meu afeto.

Conheci Valery Larbaud em 29 de agosto de 1881. Ele era um muito pequeno personagem, que não pesava muito: duas libras e meia, mas ele tinha uma linda tez de manteiga fresca e grandes olhos claros. Mas ele já sabia impor gentilmente sua vontade às pessoas que se ocupavam dele, sua ama de leite sabia alguma coisa disso.

Quando foi preciso desmamá-lo, eu me ocupava sozinha dessa difícil tarefa. Como eu estava triste pela morte recente de minha mãe, e como eu não podia cantar para fazê-lo dormir, então, para acalmá-lo, eu lhe recitava todos os versos que ainda sabia de cor. Lamartine, Victor Hugo, Musset, Vigny; e depois o teatro clássico, *Athália*, *Esther*, *Andrômaca*, *Fedra*, tudo isso passa, e depois *Os Noivos* e páginas de *Telêmaco* em italiano, que aprendi aos quinze anos e que ainda não havia esquecido.

Ele parecia ser sensível à bela prosódia daqueles poemas e quando eu parava, afadigada, ele me pedia ainda. Então, eu procurava os livros de Victor Hugo e os lia para ele, sobretudo os versos de exílio, que me lembravam minha juventude em Genebra, no exílio; e aqueles que Étienne Arago compusera para minha irmã e para mim, intitulados *Les Filles du Proscrit*. Étienne Arago era muito gentil, mas nos escandalizava, em casa, porque dizia que expressava o sentimento melhor que Victor Hugo. Valery, que lê o que escrevo, me diz que ele talvez não estivesse errado, e respondo-lhe que ele faria melhor ir reler Victor Hugo, Lamartine e os poetas demeu tempo.

Receba, Senhor Crémieux, a segurança de minha simpatia e de meu reconhecimento pela amizade que testemunha a meu filho.

Isabelle Bureau des Étivaux

ter lido o livro que inspirou Larbaud para compreendermos a extensão do sentimento que se apossou dele ao contato com a obra de Meredith. O texto que ele produziu fala por si; apenas ele é bastante para nos imbuirmos de uma verdade ali contida: “Les Anges de la Littérature” nos alcança com a compreensão que nos basta, a da certeza de que atingiu Larbaud quanto a seu destino, na forma de quem reconhece um território já visitado, já todo o sempre habitado. O texto fala dos atributos das coisas, do poético de que elas são portadoras e de como acenam, através do anjo literário, para serem captadas e expressas, imersas nas aventuras mais prosaicas. Mas quantas vezes o anjo permanece invisível, e as coisas, aqueles arrebatamentos, restam perdidos, desperdiçados para quem é desatento? E em todos os lugares eles nos acenam, fazem seus sinais, desejam fazer suas revelações. Nem mesmo assim, muitas das vezes, somos capazes de reconhecer aqueles que nos são destinados, segundo Larbaud.

Alguns lugares seriam privilegiados pelas presenças abundantes desses anjos literários e em alguns desses sítios eleitos, são esperados os poetas para quem eles acenarão e esperam realizar contatos: monumentos, cidades, túmulos de poetas.

Isso nos recorda um texto lido em um encarte especial do jornal *El País*, no já distante abril de 2006. Na Catalunha, em 23 de abril, Dia de São Jorge, é uma tradição também a comemoração do Dia do Livro, desde 1926. A data revive o aniversário de morte de dois gigantes da literatura universal, Miguel de Cervantes e William Shakespeare, mortos em mesmo dia e mês do ano de 1616. Segundo a tradição, quem compra um livro ganha uma rosa de presente.

Como dizíamos, por caminhos bem tortuosos, um anjo nos acenou com esse encarte de 23 de abril, totalmente dedicado ao livro e... à rosa, como não podia deixar de ser. Recheado de textos incrivelmente lindos. Entre eles, “La rosa nòmada”.¹⁹⁴ O jornal, como se pode calcular, está velho, amarelado, se apartando nas dobras. Falamos de “La rosa nòmada” a várias pessoas. Ela não podia ser descartada, simplesmente ir para o destino dos velhos jornais lidos. Nunca se ausentou de nossa lembrança. Hoje, oito anos depois, ela encontra seu lugar, ao lado de um poeta, Valery Larbaud.

Mas, saíamos do circunstancial para o substancial: o autor Rafael Argullol (Barcelona, 1949) conta a estupenda história vivida pelo poeta sérvio Miroslav Mandic (Saravejo, 1955). Esse poeta planejara andar 20 quilômetros por dia, até atingir sessenta mil quilômetros em sua caminhada. Soaria apenas como a história de um caminhante, de um peregrino, tão só pitoresca, mesmo que extraordinária. O mais impressionante e sugestivo está por vir: a trilha

¹⁹⁴ “La rosa nòmada”, Rafael Argullol, em *El País*, Extra San Jordi, p. 2, 21 fév. 2006.

marcada por seus passos formaria uma rosa virtual, cujos contornos passariam pelos túmulos dos grandes poetas da Europa, começando pela tumba de William Blake, em Moorgate. Depois, Rimbaud, em Charleville; Hölderlin, em Tübingen. E assim desabrocharia a “Rosa dels Caminants”, da qual Argullol desconhecia o resto do percurso e até mesmo se este chegou a se consumir. Mas consideramos que essas dúvidas são irrelevantes. Para cada ano percorrido, Mandic planejava um livro de poemas. Argullol também não sabe se Mandic conseguiu terminar seu poema. Diríamos que isso também é irrelevante. Não porque a poesia seja irrelevante, mas porque a ideia de “La rosa nòmada” é, em si, em sua gênese, um vasto e irrevogável poema.

A “Rosa dels Caminants” nos leva de volta ao anjo literário de Larbaud, que o via, conforme seu texto, no Coliseu, na Acrópole, nas Pirâmides e em volta do túmulo de Virgílio. Mais ainda, Larbaud achava que “Nápoles estava plena deles”. Assim como Mandic e seu desenho da rosa intangível e virtual, concebida em peregrinação pelas tumbas dos poetas, Larbaud viajou pelo mundo, pelas cidades, e não importa em quantas ele não pôde pôr os pés, quantas ficaram na imaginação, nos versos de *Barnabooth*; em todas elas, anjos literários lhe acenaram e ele os atendeu. Basta pensar em “Hiéronymopolis”, em “la Cité hiéronymienne”, tão amplamente percorrida em seu *saint Jérôme*, tendo a sabedoria e a arte do Santo como guia para o saber e o labor literário. Jerônimo, de quem Larbaud se achava da mesma família espiritual-literária. Nessa infinita cidade, ele conhecia todos os becos, todos os altares, as tonalidades das luzes, a textura dos assentos. Um anjo lhe acenava em cada vão. Então, sobre as viagens de Larbaud não precisamos estar certos, da mesma forma que Rafael Argullol não o estava da conclusão da de Miroslav Mandic. Nem por isso deixou de narrá-la. Literariamente falando, aos anjos da literatura, nos dois casos, já haviam acontecido suas epifanias. A obra *Barnabooth* de Larbaud atesta essa potência. E, com toda certeza, o crítico Crémieux teve suas razões no louvor que lhe prestou. E o que dizer dos relatos de Isabelle Bureau des Étivaux, que, impedida de cantar pela tristeza, lia poemas para seu filho pequeno. De Valéry Larbaud se podem dizer objetivamente muitas coisas, que viemos dizendo ao longo destas páginas: que foi uma criança doentia, filho único, órfão de pai aos 8 anos de idade, criado por duas mulheres assombradas com o mundo e temerosas diante de suas enormes riquezas materiais; “un propre à rien”, que escandalizava a burguesia da cidade de Vichy com sua falta de vocação para os negócios familiares; um dândi, um solitário, um tradutor, um poeta, um romancista, um crítico literário, um cosmopolita. Em vista de tantos dados, que caminho tomar para sintetizar uma vida como a de Larbaud? A carta de Isabelle desperta mais

mistérios que informa. É cheia de penumbras, de presenças. Ou, ainda repetindo Michel Déon, de sombras.

Talvez, dos fatos descritos sobre a vida de Larbaud, haja um que nos parece emblemático e, por isso, mereça ser repetido, quem sabe na tentativa de obter novas luzes: com a idade de 15 anos incompletos, no Liceu em Paris, Larbaud presenciou de longe o cortejo fúnebre de Verlaine, de quem, anos antes, precocemente havia descoberto a poesia e se extasiado com ela. De seu lugar recolhido, ele não era um mero observador: seguindo atento o cortejo com os olhos, vislumbrou figuras famosas do meio literário e, diz-se, pressentiu, dentro da grandeza daquele momento, o significado da glória.

E, antes que voltemos ao anjo literário, um mergulho na obra de Larbaud justificará sua profunda crença no poder desse chamado, desde suas primeiras tentativas poéticas, das traduções “balbuciantes” da *Balada do Velho Marinheiro*, de suas viagens, suas novelas, seu *Barnabooth*, suas críticas, seus prefácios, sua *Thebaïde*, seus enfrentamentos, tudo, todo Larbaud foi uma aquiescência ao anjo. Assim ele se expressa em seu artigo: “cette fable nous apprend clairement quelle est notre mission et quel est notre devoir; c’est une mission difficile et un devoir charmant, c’est: *découvrir des Anges*” (LARBAUD, 1998a, p. 297).¹⁹⁵

Podemos finalizar nosso trabalho dizendo que as três páginas de “Les Anges de la littérature” são exíguas, comparadas a seu simbolismo. Mas onde há maior poder que num símbolo? Aqui, em um espaço comprimido, esboçou-se o destino-missão de Larbaud: a Literatura.

¹⁹⁵ Esta fábula nos ensina claramente qual é nossa missão e qual é nosso dever; é uma missão difícil e um dever fascinante: *descobrir Anjos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBRY, G -Jean. *Valery Larbaud, sa vie et son œuvre – la jeunesse (1881-1920)*. Mônaco: Éditions du Rocher, 1949.

AUBRY, G -Jean. *Correspondance avec G. Jean-Aubry (1920-1935)*. Introduction et notes de Frida Weissman. Paris: Gallimard, 1971.

DICIONÁRIO DE FRANCÊS-PORTUGUÊS. Porto: Porto Editora, 1999.

LE ROBERT MICRO, DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE. Paris, 2006.

CAHIERS DES AMIS DE VALERY LARBAUD:

Nº 5: *Dernière Tentation de Valery Larbaud: Le Brésil*. Dossier établi par Pierre Rivas, 2005.

Nº 45: *Valery Larbaud, écrivain critique*. Études réunies et présentées para Anne Chevalier, 2008.

Nº 46: *Valery Larbaud, écrivain critique (2)*. Études réunies et présentées par Françoise Lioure, 2010.

CHEVALIER, Anne. L'écriture sans frontières. Disponível em: <<http://www.cndp.fr/presence.../lecriture-sans-frontieres.html>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

BACHELARD, Gaston. *O Direito de Sonhar*. 4. ed. Trad. José Américo Motta Pessanha *et al.* Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1994,.

BALLARD, Michel. *De Ciceron à Benjamin*. Traducteurs, traductions, réflexions. Lille: Presses Universitaires de Lille, 2007.

BALLARD, Michel. Valery Larbaud, traducteur zélé, théoricien dilettante. In. DELISLE, Jean (Dir.). *Portraits de traducteurs*. Canadá: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1999.

BEACH, Sylvia. *Shakespeare and Company, uma livraria na Paris do entre-guerras*. Trad. Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: 1996.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres *et al.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 20. ed. Trad. Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*; trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.

CURATOLO, Bruno. Valery Larbaud et le "Roman d'aventure". In: _____. *Valery Larbaud, écrivain critique (2)*, Études réunies et présentées par Françoise Lioure. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2010.

D'ARCOS, Joaquim Paço. *Valery Larbaud e Portugal*. Lisboa: Guimarães e Editores, 1974.

- DÉON, Michel. Autour de Valery Larbaud. In: _____. *Dernière tentative de Valery Larbaud: Le Brésil*. Vichy: Cahier des amis de Valery Larbaud, 2005. p. 149-151.
- DERRIDA, Jacques. *Papel-Máquina*. Trad. Evandro Nascimento. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2004a.
- DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004b.
- DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar de Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Ed. Escuta, 2003.
- DUJARDIN, Édouard. *Canção dos Loureiros, A (Les lauriers sont coupés)*. Trad. Élide Valarini. São Paulo: Globo, 1989.
- DUJARDIN, Édouard. *Os loureiros estão cortados*. Trad. Hilda Pedrollo. Porto Alegre: Brejo Editora, 2005.
- GIDE, André. *Cahiers André Gide, 14, Correspondance André Gide- Valery Larbaud, 1905-1938*. Edição estabelecida e anotada por Françoise Lioure. Paris: Gallimard, 1989.
- LARBAUD, Valery. *Ce vice impuni, la lecture (Domaine Anglais)*. Paris: Gallimard, 1949.
- LARBAUD, Valery. *Ce vice impuni, la lecture. Domaine Français*. 6. ed. Paris: Gallimard, 1949. Impressão 2010.
- LARBAUD, Valery. *Biographie de M. Barnabooth*. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1951.
- LARBAUD, Valery. *Œuvres complètes*. Édition de G. Jean-Aubry et Robert Mallet. Préface de Marcel Arland. Paris: Gallimard, 1957. (“Bibliothèque de la Pléiade”, n. 126)
- LARBAUD, Valery. *Les Poésies de A. O. Barnabooth*. Paris: Gallimard, 1966.
- LARBAUD, Valery. *Antologia do conto moderno*. Trad. Luís Amado. Editora Atlântida. Coimbra, 1967.
- LARBAUD, Valery - Marcel Ray, *Correspondance*, t. I. Paris: Gallimard, 1979.
- LARBAUD, Valery - Marcel Ray, *Correspondance*, t. II. Paris: Gallimard, 1980a
- LARBAUD, Valery - Marcel Ray. *Correspondance*, t. III. Paris: Gallimard, 1980b.
- LARBAUD, Valery. *De la traduction*. Arles: Actes Sud/Hubert Nyssen, Editeur, 1984.
- LARBAUD, Valery. *Amantes, felizes amantes*. Trad. Tizziana Giorgini. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- LARBAUD, Valery. *Amantes, felizes amantes*. Trad. Tizziana Giorgini. São Paulo: Círculo do Livro/Editora Guanabara. 1989.
- LARBAUD, Valery. *Lettres à Adrienne Monnier et à Sylvia Beach (1919-1933)*. Correspondance établie et annotée par Maurice SAILLET. Éditions IMEC, 1991.
- LARBAUD, Valery. *Cahier L’Herne Valery Larbaud*. Paris: Éditions de L’Herne, 1992a.
- LARBAUD, Valery. *Lettres d’un retiré*. Édition établie et préfacée par Michel Bulteau. Paris: La Table Ronde, 1992b.
- LARBAUD, Valery. De la traduction. *Cahier l’Herne*, n. 61, Paris, Éditions de l’Herne, 1992c
- LARBAUD, Valery. *Sous l’invocation de Saint Jérôme*. Paris: Gallimard, 1997.

- LARBAUD, Valery. *Domaine Anglais suivi de Pages retrouvées*. Édition revue et complétée par Béatrice Mousli. Paris: Gallimard, 1998a.
- LARBAUD, Valery. Les anges de la littérature. In: _____. *Ce vice impuni, la lecture (Domaine Anglais suivi de Pages retrouvées)*. Édition revue et complétée par Béatrice Mousli. Paris: Gallimard, 1998b.
- LARBAUD, Valery. *Ce vice impuni, la lecture. Domaine Anglais, suivi de Pages retrouvées*. Édition revue et complétée par Béatrice Mousli. Paris: Gallimard, 1998.
- LARBAUD, Valery. *Sob a invocação de São Jerônimo*. Ensaios sobre a arte e técnicas de tradução. Trad. Joana Angélica d'Ávila Melo. São Paulo: Madarim, 2001.
- LARBAUD, Valery. *Notes pour servir à ma biographie*. Paris: Éditions Claire Paulhan, 2006.
- LARBAUD, Valery. *Journal*. Édition définitive. Texte établi, préfacé et annoté par Paule Moron. Paris: Gallimard, 2009.
- LARBAUD, Valery - PAULHAN, Jean. *Correspondance 1920-1957*. Paris: Gallimard, 2010.
- LARBAUD, V. Nuit dans le port. In: _____. *Les Poésies de A. O. Barnabooth*. Paris: Gallimard, 1966.
- LARBAUD, Valery. *Fermina Márquez*. Lisboa: [s. d.]. v. 64. (Coleção Miniatura; Edição "Livros do Brasil")
- LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. *Hermes e seus filhos*. Trad. Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Paulus, 1999.
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MOUSLI, Béatrice. *Valery Larbaud*. Paris: Flammarion, 1998. (col. Grandes Biografias)
- NOVALIS. *Os Hinos à noite*. 2. ed. Trad. Fiama Hasse Pais Brandão. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- ORTEGA Y GASSET, J. Miseria y esplendor de la traducción. In: _____. *Obras completas*. Madrid, Revista de Occidente, 1961. p. 433-452. Tomo V.
- PAZ, Octavio. *Cuadrivio*; serie del volador. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1972.
- PESSOA, Fernando. O Conde D. Henrique. In: _____. *Mensagem*. São Paulo: Ed. Hedra, 2006, p. 46.
- PIERSEN, Michel. *Le polylogue poétique de Valéry Larbaud*. Journal: Études françaises, v. 24, issue 3, p. 57-67, l' hiver 1988. Acesso em: 21 jun. 2013. OK
- STEINER, George. *Depois de Babel, Questões de linguagem e tradução*. Trad. Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

APÊNDICE

“Os Anjos da literatura”

“The Literary Angels”... é uma das mil metáforas de que é feito o sublime – sublime como um poema lírico –, o gigantesco romance de George Meredith, sua obra-prima: *O egoísta*. Há muitas metáforas banais ou medíocres. Em geral, o que é uma metáfora? Uma mão que segura um objeto e o mostra. Há uma metáfora no gesto do vendedor que desdobra um tecido diante do cliente, no volteio hábil de uma mão que apresenta um artigo e o faz valer. Mas esta é uma boa metáfora, pois, sob a imagem, não se pode colocar nenhum nome concreto; a imagem não poderia ter sido substituída por uma realidade: a mão faz corpo com o objeto que ela mostra.

“Os anjos literários”, esse é um traço de gênio entre muitos outros. George Meredith expõe o tema de seu livro: o estudo atencioso de um egoísta em si mesmo e em seu meio; um egoísta benfeito, o Egoísta típico. Uma longa sequência de ancestrais o preparou; nele floresce a velha árvore genealógica, e aí está ele agora, tão completo, tão bem acabado, que é digno de ser um modelo para o romancista, de entrar totalmente vivo na literatura inglesa do século XIX. “*Os anjos literários* se ligaram há muito tempo” a essa família que o egoísta coroa de modo lógico; eles sabiam que, um dia, esta grande sequência de grandes proprietários de terras aculminaria no desabrochamento de um caráter singularmente próprio a ser estudado por um artista, um assunto precioso para o psicólogo.

Assim, quando o egoísta nasceu, enfim, *os Anjos literários* se alegraram; depois, em seu primeiro ato característico (ele quebrou toda relação com um parente honorável, mas pobre e de franzina aparência), “eles aproximaram-se e juntaram-se em volta dele”.

Aí está, portanto, essa metáfora explicada e situada. Mas, como analisá-la? Ainda uma vez, que palavra, mesmo que abstrata, pôr sob essa imagem? Nosso espírito não se preocupa com metáforas supérfluas; o que fizemos foi pensar rapidamente em “vidraça” onde lemos “conselheiro das graças”. Mas aqui, qual equivalente sensível dar à metáfora de Meredith? Qual meio de ser mais preciso que ele? Sem dúvida, é vão admitir a existência individual desses anjos. E, entretanto, não é? Nós sentimos uma realidade sob essa ficção, e, malgrado sua perfeição, nossa razão busca uma expressão que lhe convenha, uma expressão de realidade.

Existe uma dela; mas ela é bem sutil ainda, e mostra como Meredith soube falar literariamente de uma questão literária; os “Anjos da Literatura”, isso pode se traduzir por: “as aptidões das coisas (ou das pessoas) em serem transformadas em matéria literária pelo escritor”. Quando essas aptidões se tornam visíveis para o artista, é como se um espírito o

advertisse de que aí jaz um motivo, um tipo, uma série de detalhes em perfeita harmonia com seu gênio próprio e que ele pode utilizar. No ordinário da vida das pessoas, seguramente essas aptidões são sensíveis, e poder-se-ia dizer que um Anjo da Literatura acaba de passar quando se ouve esta frase: “Há uma romance a fazer sobre as aventuras da Sra...”

Como alguns lugares do mundo são, mais que outros, “matéria de literatura”, pode-se acreditar que esses anjos estão aí em maior número que alhures; o Coliseu deve estar pleno deles: um deles acenou para Chateaubriand, e um outro, para Lamartine; e mil outros, sem dúvida, por aí esperam mil outros poetas aos quais eles acenarão e advertirão. Há sem dúvida muitos deles nas ruínas da Acrópole, nas Pirâmides, em volta do túmulo de Virgílio: Nápoles está cheia deles.

O anjo literário, como os outros anjos, é encarregado de uma missão conforme a etimologia da palavra que o designa: ele é portador da nova; é um mensageiro. Silenciosamente, ou a voz muito baixa, ele diz sua mensagem ao poeta; é toda a sua função. E é porque certamente não os há mais no Coliseu ou nos lugares históricos do que por toda a parte na Natureza; a Natureza está plena deles, a Charneca de Lunebourg formiga deles! Há bilhões deles; há um deles para cada detalhe! E cada um espera pacientemente seu poeta, sabendo, por mais humilde anjinho que ele seja, que um dia ele o verá vir. Quantos, entretanto, devem ter ficado decepcionados, quantos devem ter acenado em vão! Aqueles da Germânia, pensando bem, estiveram ainda mais ocupados que outros nos desertos da Ásia, que esperam sua vez. E seu número é infinito, já que O. I. Bierbaum¹⁹⁶ ainda os descobre. Há os eternos; há deles que vivem pouco tempo; outros nascem, e isso é porque, mesmo na Itália, encontram-se tantos deles que não murmuraram ainda sua nova...

Assim, anjos nos esperam por toda a parte e por toda a parte nos acenam; um nos designa um grande e complexo caráter, um outro nos mostra um fio de musgo ressecado. E, todavia, não os percebemos todos; mas nem mesmo sabemos reconhecer aqueles que nos são destinados. Desse defeito de vista vêm todos os nossos erros e todas as nossas obscuridades. Pois, como se pode chamar isso, não ver um anjo que nos acena, senão: não nos deixarmos desassossegar a cada instante de nossa vida?

Mas essa fábula nos ensina claramente qual é nossa missão e qual é nosso dever; é uma missão difícil e um dever fascinante, é: *descobrir Anjos*.

¹⁹⁶ Otto Julis Bierbaum (1865-1910, Dresden). Escritor alemão que, embora funcionário de carreira consular, dedicou-se à literatura em primeiro lugar.

“A rosa nômade”

A rosa literária da qual lhes vou falar não foi escrita com as mãos, mas com os pés. É uma história que ouvi há algum tempo e seu protagonista é o poeta sérvio Miroslav Mandic. Em 1991, Mandic concebeu a ideia de desenhar uma rosa na geografia da Europa a partir de suas próprias caminhadas de um extremo a outro do Continente. O poeta previa caminhar 20 quilômetros por dia ao longo de dez anos, o que representava uns 60.000 quilômetros no total. Mandic pensava publicar um livro de poemas no final da década. A aventura da rosa virtual tinha até mesmo uma data de início, 9 de setembro de 1991, e um lugar de partida: a tumba de William Blake.

Esta última referência não era, em absoluto, arbitrária, já que Mandic, em uma experiência anterior, havia visitado a tumba de Blake, para uni-la, além do Canal da Mancha, à de Rimbaud, em Charleville, e à de Hölderlin, em Tübingen. Talvez para isso, embora não tivesse mais informação sobre a futura construção da Rosa dos Caminhantes, imaginei que o método que Mandic usaria para desenhar a sua flor telúrica seria unir as tumbas dos poetas europeus. Não sei se realmente esta era a sua intenção, porém eu me inclinava a pensar que sim.

Durante muito tempo não tive notícias sobre o desenho da rosa nômade. Mas soube recentemente que, de fato, dez anos depois de começá-lo, Miroslav Mandic conseguiu acabar o seu poema.

Larbaud: Bibliografia

Em português, contamos, além do consagrado *Sob a invocação de São Jerônimo*, com apenas dois títulos seus traduzidos, *Amantes, felizes amantes*, publicado pelo Círculo do Livro em 1951 e reeditado nos anos de 1990, e pela Guanabara em 1986, aqui no Brasil, e, em Portugal, o romance *Fermina Marquez*, pela Livros do Brasil, todos esgotados e fora de catálogo, encontráveis apenas em sebos. Encontramos também uma antologia de contos, em *Antologia do conto moderno, Valery Larbaud*, publicada em Coimbra em 1967, editora Atlântida.

Quanto às edições de Larbaud em francês, não tivemos a pretensão de apresentar uma lista, porque muitos documentos vêm surgindo constantemente e sendo publicados pela Biblioteca Larbaud de Vichy. A Gallimard tem também sucessivamente republicado toda a sua obra.

Obras de Larbaud

Œuvres complètes, 10 tomes, Paris, Gallimard, 1950-1955.

Œuvres, préface de Marcel Arland; notes par Georges Jean-Aubry et Robert Mallet, Paris, Gallimard, “Bibliothèque de la Pléiade”, 1958.

Lettre aux imprimeurs, Paris, Éditions des Cendres, 1984.

La Modernisation de l'orthographe des textes anciens, Paris, Éditions des Cendres, 1984.

Mon Itinéraire: août 1881-septembre 1926: établi en septembre 1926 à la demande d'Alexandre Stols, Paris, Éditions des Cendres, 1986.

La Question du Latin, Paris, Éditions des Cendres, 1987.

Les Portiques, Paris, Éditions des Cendres, 1994.

Les Archontes ou la liberté religieuse, Paris, Éditions des Cendres, 1994.

La Force et l'outil, Paris, Éditions des Cendres, 1994.

Lettres de Paris, traduit de l'anglais par Jean-Louis Chevalier, introduction et notes d'Anne Chevalier, Paris, Gallimard, 2001.

Du Navire d'Argent, chroniques traduites de l'espagnol par Martine et Bernard Fouques, introduction et notes d'Anne Chevalier, Paris, Gallimard, 2003.

Notes pour servir à ma biographie (an uneventful one), notes et postface de Françoise Lioure, Paris, Éditions Claire Paulhan, 2006.

Journaux

Journal, 1912-1935, préface et notes de Robert Mallet, Paris, Gallimard, 1955.

Pages arrachées à un journal de route: Venise-Trieste-Marseille, Paris, Le Promeneur, 1990.

Pages de Journal (Londres 1919), Paris, Éditions des Cendres, 1994.

D'Annecy à Corfou, Journal 1931-1932, Paris, Éditions Claire Paulhan/Éditions du Limon, 1998.

Valbois Berg-op-Zoom Montagne Sainte-Geneviève, Journal 1934-1935, Paris, Éditions Claire Paulhan/Éditions du Limon, 1999.

Correspondências

Francis Jammes et Valery Larbaud. Lettres inédites, introduction et notes de Georges Jean-Aubry, Paris, La Haye, A. A. M. Stols, 1947.

Lettres à André Gide, introduction et notes de Georges Jean-Aubry, Paris, La Haye, A. A. M. Stols, 1948.

Correspondance avec Léon-Paul Fargue, 1910-1946, Paris, Gallimard, 1971.

Correspondance avec Georges Jean-Aubry, 1920-1935, introduction et notes de Frida Weissman, Paris, Gallimard, 1971.

Correspondance avec Alfonso Reyes, 1923-1952, Paris, Didier, 1972.

Correspondance avec Marcel Ray, 1899-1937, 3 vol., édition de Françoise Lioure, Paris, Gallimard, 1979.

Correspondance avec A. A. M. Stols, 1925-1951, 2 vol., édition établie par Christiane et Marc Kopylov, introduction de Pierre Mahillon, Paris, Éditions des Cendres, 1986.

Correspondance André Gide-Valery Larbaud, 1905-1938, édition de Françoise Lioure, Paris, Gallimard, 1989.

Lettres à Adrienne Monnier et Sylvia Beach, 1919-1933, Paris, IMEC, 1991.

Lettres d'un retiré, édition établie et préfacée par Michel Bulteau, Paris, La Table Ronde, 1992.

Correspondance avec André Spire, édition établie et présentée par Bernard Delvaille, Paris, Éditions des Cendres, 1992.

Correspondance avec Jacques Rivière, 1912-1924, présentée par Françoise Lioure, Paris, Éditions Claire Paulhan, 2006.

Traduções

COLERIDGE, Samuel Taylor. *La Chanson du vieux marin*. Paris: Léon Vanier, 1901.

LANDOR, Walter Savage. *Hautes et basses classes en Italie*. Paris: Beaumont, 1911.

BUTLER, Samuel. *Erewhon ou De l'autre coté des montagnes*. Paris: Gallimard, 1920.

BUTLER, Samuel. *Ainsi va toute chair*. Paris: Gallimard, 1921.

BUTLER, Samuel. *La Vie et l'habitude*. Paris: Gallimard, 1922.

BUTLER, Samuel. *Nouveaux voyages en Erewhon*. Paris: Gallimard, 1924.

BUTLER, Samuel. *Carnets*. Paris: Gallimard, 1936.

Alguns estudos consagrados a Valery Larbaud:

Georges Jean-Aubry: *Valery Larbaud, sa vie et son œuvre*, Monaco, Éditions du Rocher, 1949. Só o tomo I (La Jeunesse, 1881-1920) foi publicado.

Hommage à Valery Larbaud, numéro spécial de la *Nouvelle Revue Française*, Paris, Gallimard, 1957.

Bernard Delvaille: *Essai sur Valery Larbaud*, Paris, Éditions Seghers, 1963.

Cahiers de l'Herne, n. 61 consacré à Valery Larbaud, 1992.

Béatrice Mousli: *Valery Larbaud*, Paris, Flammarion, 1998.

Béatrice Mousli: *Valery Larbaud, Le vagabond Sédentaire, La Quinzaine Littéraire*, Collection Voyager avec..., 2003.

Frida Weissman: *L'exotisme de Valery Larbaud*. Éditions Nizet, 1966.

Th.Alajouanine: *Valery Larbaud sous divers visages*. Éditions Gallimard, 1973.

Cahiers Valery Larbaud, Association Internationale des Amis de Valery Larbaud, 37 numéros édités par l'association depuis 1967 (numéro 37, 2000). Nouvelle série, Éditions des Cendres, 4 numéros depuis 2001.